

Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Linguística

Tese de Doutoramento

**PARA UM ESTUDO DOS QUIMBUNDISMOS NO
PORTUGUÊS EM ANGOLA: CONTRIBUIÇÕES
LEXICOLÓGICAS E LEXICOGRÁFICAS**

Domingos Carlos Manuel Pascoal

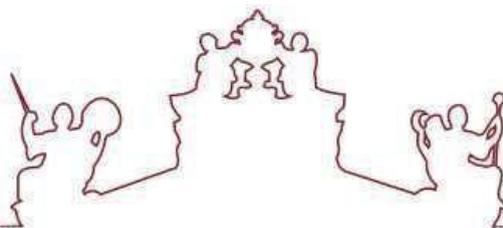
Orientador (es) | Maria Filomena Gonçalves

José Domingos Pedro

Évora 2025

Esta tese de doutoramento não inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri.





Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Linguística

Tese de Doutoramento

**PARA UM ESTUDO DOS QUIMBUNDISMOS NO
PORTUGUÊS EM ANGOLA: CONTRIBUIÇÕES
LEXICOLÓGICAS E LEXICOGRÁFICAS**

Domingos Carlos Manuel Pascoal

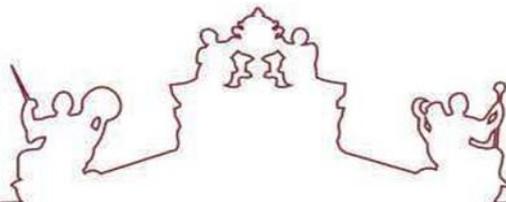
Orientador (es) | Maria Filomena Gonçalves

José Domingos Pedro

Évora 2025

Esta tese de doutoramento não inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri.





A tese de doutoramento foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor do Instituto de Investigação e Formação Avançada:

Presidente | Maria do Céu Fonseca (Universidade de Évora)

Vogais | Ana Paula Banza (Universidade de Évora)
Isabel Margarida Ribeiro de Oliveira Duarte (Universidade do Porto)
Liliana Cristina Coragem Inverno (Universidade de Coimbra - Faculdade de Letras)
Maria Filomena Gonçalves (Universidade de Évora) (Orientador)
Márcio Edu da Silva Undolo (Universidade Lueji A'Nkonde)

Évora 2025

Esta tese de doutoramento não inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri.



DEDICATÓRIA

À minha querida mãe, Fátima Manuel António; à minha querida esposa, Henriqueta da Cruz Martins Pascoal, que me incentivou nos momentos difíceis e compreendeu a minha ausência enquanto me dedicava à formação e à realização desta tese. À minha querida tia, Francisca Sentimento Domingos, pelo carinho e pelos cuidados prestados desde a minha infância. Aos meus filhos, Erica Ercília Pascoal, Eliezer Laércio Pascoal, Uziel Aldaír Pascoal e Rael Alcídio Pascoal, pelo carinho e paciência consentidos no cumprimento desta tão ingente tarefa científica.

AGRADECIMENTOS

Para a concretização desta tese foi necessário consentir sacrifícios de várias ordens, desde viagens para o exterior, estar distante da família, suportar as condições climatéricas adversas, viagens de escalas longas, enfim; mas a vontade de ver concluída uma formação que pudesse trazer algum contributo para os estudos de línguas em contacto deu-me coragem e força para continuar e concluir esta tese. Assim, começo, e com todo o mérito, agradecer a Deus, Jeová, pela dádiva da vida, por me ter concedido energia e benefícios para ultrapassar as dificuldades e obstáculos encontrados ao longo da frequência e conclusão deste curso.

Um especial agradecimento à Professora Maria Filomena Candeias Gonçalves, por ter aceite a orientação desta tese, e pelos conhecimentos transmitidos ao longo dos quatro anos de formação. Ao Professor José Domingos Pedro, aqui ficam os meus sinceros agradecimentos pelos conhecimentos transmitidos no domínio do kimbundu.

O meu mais profundo e especial agradecimento ao Instituto Camões, I.P, por me ter concedido a bolsa de estudo, pois, sem esse apoio, a frequência e a conclusão do curso não teriam sido possíveis. À Comissão do Curso de Doutoramento em Linguística da Universidade de Évora, pelo apoio.

À Direção da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica de Angola, pelo incentivo. Um especial agradecimento aos colegas Manuel da Silva Domingos, Pedro Zua Pereira e Célio Samuel Armindo, pelo suporte técnico prestado para a concretização desta tese. Aos Drs. José Gabriel Ganga, Pedro Sebastião, Agnaldo Jaka Tchivinda, João Domingos Quixico, Armindo Victoriano, Isaac Agostinho e Adriano André Faria, pelo apoio e carinho. À Direção do Complexo Escolar Primário e I Ciclo nº 3022, na pessoa do seu Diretor, Horácio Manuel Muhongo Félix e António Alexandre T. Gaspar. Um especial agradecimento aos colegas que auxiliaram na aplicação dos inquéritos.

Aos meus sogros, Francisco da Costa, Joana da Cruz e Damião Costa António. Às minhas cunhadas, Violante Rafael, Raquel Martins, Manuela António e Cesaltina Martins. Aos tios, Domingos Manuel António, João Adão Manuel e António Cangumba, ao primo Agostinho Rodrigues. Aos estudantes do 1º e 2º anos da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica de Angola, pelo empenho na aplicação dos inquéritos.

Ao Carlos Pereira e a Jesus Pereira, os meus agradecimentos pelo apoio e acolhimento

em Évora, Portugal. A todos, os meus mais sinceros agradecimentos!

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar um estudo sobre os “quimbundismos” assimilados pela variedade angolana do português, tema que se justifica pelo facto de na variedade do Português falado em Angola ser evidente a incorporação de unidades lexicais com origem no kimbundu. Assim, por um lado, procedeu-se, ao levantamento desse léxico já assimilado e “normalizado” no Português de Angola, e, por outro, procedeu-se à descrição do processo de incorporação que esses vocábulos registam, com vista à sua descrição e à elaboração de um glossário que possa contribuir para um futuro dicionário. A investigação circunscreveu-se a Luanda, capital do país, por ser a cidade que tem uma maior heterogeneidade de pessoas e influências. O corpus contempla “quimbundismos” recolhidos mediante o método de inquérito, mas também os colhidos na literatura linguística, em conversas do quotidiano, rádio, televisão. O tema situa-se no domínio da Lexicologia - uma das ciências do léxico -, que trata das unidades vocabulares (palavras e lexemas) como subsistema da língua, o que implica recorrer a conceitos e instrumentos de áreas tão distintas como a Semântica, a Morfologia, a Fonética/Fonologia e, inclusive, a Sintaxe e a História da Língua, já que o léxico, em virtude da sua natureza, se situa num ponto de convergência das referidas áreas.

Palavras-chave: Léxico; Lexicologia; Português; Kimbundu; Angola.

ABSTRACT

FOR A STUDY OF QUIMBUNDISMS IN THE ANGOLAN PORTUGUESE: LEXICOLOGICAL AND LEXICOGRAPHIC CONTRIBUTIONS

The present work aims to present a study on the “quimbundismos” assimilated by the Angolan variety of Portuguese, a subject that is justified by the fact that in the variety of Portuguese spoken in Angola the incorporation of lexical units from the kimbundu is evident. Thus, on the one hand, we proceeded to the survey of this lexicon already assimilated and “normalized” in the Portuguese of Angola, and, on the other hand, we proceeded to the description of the processes of incorporation that these words record, with a view to the elaboration of a glossary that can contribute to a future dictionary. The research was limited to Luanda, the country's capital, as it is the city with the greatest heterogeneity of people and influences. The corpus includes “quimbundismos” collected through the survey method, but also those collected in the linguistic literature, in everyday conversations, radio, television. The subject is located in the specialized field of Lexicology – one of the so-called "lexical sciences" – , which deals with vocabulary units (words and lexemes) as a subsystem of language, which implies using concepts and instruments from areas as diverse as Semantics, Morphology, Phonetics/Phonology and even Syntax and History of Language, since the lexicon, due to its nature, is located at a point of convergence of these areas.

Keyword: Lexicon; Lexicology; Portuguese; Kimbundu; Angola.

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	I
AGRADECIMENTOS	II
RESUMO	IV
ABSTRACT.....	V
ÍNDICE DE FIGURAS	X
ÍNDICE DE QUADROS.....	XI
ÍNDICE DE GRÁFICOS	XII
ÍNDICE DE TABELAS	XIII
SIGLAS E ABREVIATURAS	XIV
INTRODUÇÃO	1

CAPÍTULO I - FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1.Linguística Histórica e Comparada	5
1.2. O método histórico-comparativo	7
1.3. Os conceitos de Léxico, Lexicologia e Lexicografia	9
1.3.1. O léxico	9
1.3.2. A Lexicologia	10
1.3.3. A Lexicografia.....	12
1.4. O contacto linguístico	13
1.4.1. Fenómenos de contacto.....	15

1.4.1.1. Empréstimo lexical	15
1.4.1.2. Aportuguesamento.....	15
1.4.1.3 Quimbundismo	16
1.5. Norma e variação linguística.....	17
1.5.1. Norma	17
1.5.2. Variação linguística	19
1.5.2.1. Tipos de variação linguística.....	19
1.5.2.1.1. Variação geográfica	20
1.5.2.1.2. Variação social.....	20
1.5.2.1.3. Variação estilística.....	21
1.6. Interferências linguísticas.....	21
1.6.1. Mudanças linguísticas	24
1.6.2. Mudanças fonéticas.....	25

CAPÍTULO II - CONTEXTO LINGUÍSTICO ANGOLANO

2.1. A República de Angola.....	27
2.1.1. Angola: situação linguística	28
2.2. Primeiros contactos do português com as línguas africanas.....	35
2.2.1. As línguas africanas: primeiras descrições em língua portuguesa.....	36
2.2.2. Primeiras obras em línguas africanas	37
2.2.3. Estudos sobre as línguas bantu: breve resenha histórica	40
2.3. África: situação linguística.....	41
2.3.1. Origem das línguas bantu.....	43
2.3.2. Línguas bantu: sua localização geográfica.....	45
2.3.3. Características dos nomes nas línguas bantu	45
2.4. Línguas africanas de origem bantu e a sua classificação.....	47
2.5. Famílias Linguísticas	50
2.6. Classe dos prefixos: estudo hipotético do universo linguístico bantu.....	53
2.6.1. A tonicidade nas línguas bantu: fator de diferenciação	55
2.7. Línguas angolanas de origem africana.....	57
2.8. Situação da língua portuguesa em Angola: visão histórica e atual.....	59
2.9. A transição de Angola para o português	61
2.9.1. Política linguística pós-independência	63

2.10. As línguas angolanas de origem africana: a sua expressão	67
--	----

CAPÍTULO III- DESCRIÇÃO DA LÍNGUA KIMBUNDU

3.1.O kimbundu no contexto das línguas bantu	76
3.1.1.A região Ambundu: o grupo etnolinguístico Ambundu	77
3.1.2. A língua kimbundu: sua descrição	79
3.1.3. Sistema fonológico da língua kimbundu	80
3.1.3.1. As consoantes	80
3.1.3.2. Característica das vogais.....	82
3.1.3.3. Características das consoantes	84
3.1.3.4. As vogais	85
3.1.3.5. A silabização.....	86
3.1.3.6. Pronúncia	87
3.2.Nomes substantivos	91
3.3.Adjetivos.....	95
3.4.O género em kimbundu.....	99
3.5.O verbo	100
3.6.Características Morfossintáticas.....	100
3.7. Prefixos Concordantes	103
3.7.1. O procedimento da concordância	106
3.7.1.1. Tipos de concordância	107
3.7.1.2. Concordância quanto ao tempo.....	107
3.7.1.3. Concordância quanto ao número.....	107
3.7.1.4. Concordância quanto ao sujeito composto.....	108
3.7.1.5. Concordância Nominal	108
3.7.1.6. Concordância dos pronomes pessoais com os possessivos.....	109
3.8. Características semânticas.....	109
3. 8.1. Nomes de origem verbal	110
3.8.2. Formação do género.....	112
3.9. Locativos	113

CAPÍTULO IV- LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA APLICADA AOS QUIMBUNDISMOS NO PORTUGUÊS

4.1.Léxico e gramática: duas perspectivas	115
4.2. Os quimbundismos no português: perspectiva lexicológica e lexicográfica	116
4.2.1.Lexicalização dos quimbundismos	118
4.3. Metodologia da recolha.....	120
4.4. O Inquérito.....	121
4.5. Apresentação do corpus	138
4.6. Glossário.....	165
CONCLUSÃO	178
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	180
ANEXOS 1	190

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Mapa do antigo Reino do Congo.....	36
Figura 2 Mapa das línguas Níger-Congo.....	42
Figura 3 Mapa de localização das línguas bantu	45
Figura 4 Mapa das Zonas e Grupos Linguísticos	50
Figura 5 Mapa da Família de Línguas da África	52
Figura 6 Trapézio de divisão das línguas de África.....	53
Figura 7 Mapa das Línguas Grassfield bantu	56
Figura 8 Mapa das Línguas de Angola	59
Figura 9 Mapa etnolinguístico de Angola	70
Figura 10 Mapa dos Grupos étnicos de Angola.....	72
Figura 11 Mapa com a toponímia colonial em Angola	74
Figura 12 Mapa da região Ambundu	79

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº 1 Portuguesismos no kimbundu.....	43
Quadro nº 2 Classificação fonética das vogais e consoantes do kimbundu e português	81
Quadro nº 3 Representação fonológica das consoantes.....	82
Quadro nº 4 Fonética das vogais do kimbundu	84
Quadro nº 5 Classificação fonológica das vogais	85
Quadro nº 6 Traços tonais em kimbundu.....	87
Quadro nº 7 Prefixos nominais do kimbundu	89
Quadro nº 8 Prefixos Nominais na visão do autor desta tese	90
Quadro nº 9 Prefixação diminutiva do kimbundu	95
Quadro nº 10 Vocábulo adjectivais e substantivais em kimbundu	98
Quadro nº 11 Pronomes pessoais do kimbundu.....	102
Quadro nº 12 Prefixos concordantes de substantivos com substantivos	104
Quadro nº 13 Prefixos concordantes de substantivos com adjectivos.....	105
Quadro nº 14 Lexicalização verbal kimbundu em português	119

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico nº 1 Síntese dos dados do inquérito	125
Gráfico nº 2 Língua Materna dos inquiridos	126
Gráfico nº 3 Dados referentes ao género	127
Gráfico nº 4 Síntese dos dados gerais	128
Gráfico nº 5 Dados do inquérito por género na província de Luanda	129
Gráfico nº 6 Dados do inquérito por género dos naturais da província do Cuanza Norte.....	130
Gráfico nº 7 Dados do inquérito por género dos naturais da província de Malanje	131
Gráfico nº 8 Dados de outras províncias por género	132
Gráfico nº 9 Representativo dos dados por idades (província de Luanda)	133
Gráfico nº 10 Dados do inquérito por idades (província do Cuanza - Norte)	134
Gráfico nº 11 Dados do inquérito por idades (província de Malanje)	135
Gráfico nº 12 Dados do inquérito por idades (outras províncias).....	136
Gráfico nº 13 Dados representativos do inquérito por variantes de resposta	137

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela nº 1 Grupos etnolinguísticos em Angola	71
Tabela nº 2 População inquirida	124
Tabela nº 3 Síntese dos dados do inquérito	124
Tabela nº 4 Dados do inquérito segundo a Língua Materna.....	125
Tabela nº 5 Dados do inquérito segundo o género	126
Tabela nº 6 Síntese dos dados gerais do inquérito.....	127
Tabela nº 7 Dados do inquérito por género na província de Luanda.....	128
Tabela nº 8 Dados do inquérito por género dos naturais da província do Cuanza Norte	129
Tabela nº 9 Representação dos dados por género dos naturais da província de Malanje.....	130
Tabela nº 10 Representação dos dados de outras províncias por género.....	131
Tabela nº 11 Quadro representativo dos dados por idades (província de Luanda).....	132
Tabela nº 12 Quadro representativo de dados do inquérito por idades (província do Cuanza - Norte)	133
Tabela nº 13 Dados do inquérito por idades (província de Malanje)	134
Tabela nº 14 Dados do inquérito por idades (outras províncias).....	135
Tabela nº 15 Dados representativos do inquérito por variantes de resposta.....	137

SIGLAS E ABREVIATURAS

ACAdj.....	Afixo de Correspondência Adjetival
Adj.-----	Adjetivo
Dg.-----	Dígrafo
Dp.-----	Desinência do português
EDP-----	Extra-Prefixo de Dependência
EES.....	Estudantes do Ensino Superior
Gs.-----	Grafema de substituição
Índ. Suj.....	Índice do Sujeito
MF.....	Morfema Flexional
TN-----	Tema Nominal
LK-----	Língua Kimbundu
Loc.....	Locativo
LP-----	Língua Portuguesa
P/M-----	Ponto e Modo de Articulação
Padj-----	Prefixo Adjetival
PN-----	Prefixo Nominal
PPC-----	Pré Prefixo de Concordância
PS-----	Prefixo de Substituição
PRef.....	Pronome Reflexivo
PV-----	Prefixo Verbal
Qb-----	Quimbundismo
RN-----	Radical Nominal
RV-----	Radical Verbal

SAp.	Sufixo Aplicativo
SSP	Sílaba de Substituição Prefixal
Sub.	Substantivo
TV	Tema Verbal
VA	Vogal de Assimilação
DP	Determinante possessivo
Pd-Prefixo diminutivo
Pret.Pretérito
PPD-Pré Prefixo de Dependência
PEnf.	Pronome Enfático
V	Verbo

INTRODUÇÃO

Angola é um país multilingue, motivo por que o fenómeno de interferência linguística é evidente na variedade do português, resultante do contacto com as línguas bantu, nomeadamente o kimbundu, língua falada na região de Luanda, nas províncias de Malanje, Cuanza Norte, Bengo, nas zonas fronteiriças e ao Sul das províncias do Uíge e do Zaire, assim como ao Norte do país. Em Angola, o português é a língua mais falada, com 71,1% de falantes, seguida pela língua umbundu 23%, kikongo 8,2%, kimbundu 7,8%, conforme os dados definitivos do Censo de 2014. A respeito da situação linguística de Angola, “muito se tem falado acerca do contágio interferencial das línguas bantu na língua portuguesa” (Costa, 2006: 23). E de acordo com Nzau *et. al.* (2012: 164), “o kimbundu constitui, no universo das línguas de origem africana, aquela que mais influência tem exercido no português”.

As interferências do kimbundu no português têm sido vistas e definidas de diferentes maneiras pelos linguistas. Assim, para uns, a “interferência linguística é a utilização desadequada de estruturas e elementos linguísticos da língua de partida, na língua de chegada” (veja-se [https://www. Sprachewandler.de](https://www.Sprachewandler.de)); para outros, é designada como “aportuguesamento”, que é, sem mais, o efeito de aportuguesar (Costa *et. al.*, 1999: 134). De acordo com Mingas (2000: 59-60), devido ao analfabetismo quase generalizado em Angola, estruturas das línguas bantu foram transferidas para o português. O mesmo se nota em relação ao léxico, conforme exemplifica a mesma autora: “*dikamba* – camba (amigo); *kuxinga*- chingar (insultar); *dikota*-cota (alguém mais velho), “*zungar* (passear) bazar (ir)”.

Ora, o propósito fundamental desta tese é, por um lado, o estudo e descrição dos “quimbundismos” no português em Angola e, por outro, a constituição de um glossário, tendo em conta que se trata de uma variedade cuja norma ainda está em processo de elaboração. É para esse processo que procuramos contribuir.

O problema que se levanta é: Identificar os traços distintivos desse léxico respondendo às seguintes perguntas:

I Como se integrou esse léxico no português?

II Quais as consequências linguísticas dessa transferência lexical de uma língua bantu para uma língua românica?

Na tentativa de responder, enunciamos as seguintes hipóteses específicas:

H1: No que diz respeito à incorporação de unidades lexicais com origem no kimbundu,

existem diferenças entre o português falado e o português escrito em Angola;

H2: O contacto entre o kimbundu e o português contribui para a criação de um padrão linguístico angolano;

H3: A população menos escolarizada demonstra uma maior incidência na utilização do léxico kimbundu no português;

H4: A população jovem (estudantil) usa o léxico kimbundu de forma consciente ou inconsciente;

H5: O Português “luandense” atesta uma elevada incidência de quimbundismos.

Com vista à confirmação destas hipóteses, faremos um “estado da questão” que será confrontado com uma recolha dos “quimbundismos” usados na oralidade e na escrita, alguns dos quais já identificados pela literatura linguística. Trata-se, pois, de constituir um corpus de palavras com origem no kimbundu incorporadas ao português, e descrever as características desse léxico, bem como a constituição de num glossário contendo a explicação dessas palavras em contacto com o português, a língua oficial e em expansão no território nas últimas décadas.

Em paralelo ao estudo do léxico kimbundu presente no português falado em Angola, a tese apresenta um estudo, numa ótica contrastiva, das duas línguas em contacto, comparando as respetivas estruturas, mas também as variações e mudanças que resultam desse contacto entre línguas que pertencem a famílias muito diferentes, já que a segunda é língua românica, da família Indo-Europeia, e a primeira, uma língua africana do Grupo H20, sendo que uma e outra se distinguem por estruturas fonológicas, fonéticas, morfológicas e lexicais.

Para alcançar os objetivos atrás mencionados, procedemos a um estudo dos dois sistemas, por forma a serem identificadas as alterações fonético-fonológicas verificadas nos quimbundismos, e, do ponto de vista morfossintático, pretendeu-se identificar as mudanças resultantes do contacto entre as duas línguas, descrevendo as variações na disposição dos constituintes frásicos.

Para lá dos objetivos estritamente linguísticos deste trabalho, também temos em vista contribuir para um ensino bilíngue ou multilingue em Angola, auxiliando investigadores, estudantes e as autoridades do Estado Angolano na promoção das Línguas Nacionais, já que essas são, para uma percentagem significativa da população angolana, as suas línguas maternas. É de realçar que esta tese é desenvolvida num momento em que em Angola, se dão passos para a introdução das Língua Nacionais no Sistema de Ensino,

havendo necessidade de formar especialistas com preparação para o ensino das línguas nacionais. Pretendemos que este trabalho venha a constituir uma ferramenta para professores e investigadores no domínio da Linguística Portuguesa e Bantu, promovendo o aprofundamento dos conhecimentos sobre os problemas inerentes com o contacto entre línguas tão distintas quanto o português e o kimbundu. Assim, aos objetivos científicos e didáticos atrás expostos, junta-se um objetivo social e cívico, uma vez que este estudo, conforme esperamos, servirá de auxílio para os responsáveis pelas políticas linguísticas em Angola.

Em termos metodológicos, para alcançar os objetivos e os resultados pretendidos, aptamos pelos métodos Qualitativo e Quantitativo. Um dos métodos consistiu na recolha bibliográfica, a constituição de um corpus extraído de conversas informais, rádio, televisão, jornais e redes sociais, dados que foram completados com os reunidos mediante inquérito preparado para esse efeito. O inquérito foi dirigido a pessoas de várias faixas sociais, repartidas por três grandes grupos de informantes: Grupo A (jornalistas); Grupo B (professores do Complexo Escolar Primário e I Ciclo do Ensino Secundário nº 3022) e do Liceu Público 3012; Grupo C (Estudantes da 9ª e 10ª Classes do I e II Ciclos do Ensino Secundário dos Colégios Estoril e Luzia Mateus, e Estudantes do 1º e 2º Ano da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica de Angola). Os estudantes distribuíram-se por 2 grupos etários: para o I Ciclo, alunos dos 14 aos 17 anos e dos 18 aos 30. Para estudantes universitários, seleccionámos alunos dos 20 aos 30 e 31 aos 40 anos. O questionário destinou-se a 442 indivíduos, sendo 231 alunos e 80 professores do Ensino Geral; 89 estudantes do Ensino Superior e 42 jornalistas. O inquérito compreendeu perguntas que levaram em consideração a faixa etária, o grau de instrução e o sexo. A percentagem de respondentes do sexo masculino e feminino refletiu a demografia de Angola e, em concreto, da cidade de Luanda.

O trabalho organiza-se em 4 Capítulos:

O Capítulo I trata da “Fundamentação Teórica”, no qual destacamos alguns conceitos de áreas relevantes para o escopo do nosso estudo; o Capítulo II expõe-se o “Contexto Linguístico Angolano”, vale dizer, uma explanação sobre as línguas africanas em geral e as angolanas, em particular; o Capítulo III apresenta uma “Descrição da Língua kimbundu”, a língua nacional em contacto com o Português; o Capítulo IV oferece uma descrição dos termos kimbundu incorporados no português, a constituição de um Glossário e, por sua vez, o Tratamento e a Análise dos Dados resultantes do Inquérito.

Nas conclusões são apresentados os principais resultados desta tese.

CAPÍTULO I - FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1.Linguística Histórica e Comparada

Quando se pensa quão natural e vantajoso é para o homem identificar a sua língua e a realidade, facilmente se descobre a que grau de sofisticação ele teve de esconder para as dissociar e fazer de cada um objeto de estudo (Martinet, 1970: 3).

É bem sabido que a Linguística é o estudo científico da linguagem humana, estudo esse que implica observação dos factos das línguas naturais, donde se deduz que «científico» se opõe a «prescritivo». No caso da Linguística, tal como salienta Martinet (1970:11), importa especialmente sublinhar o carácter científico e não prescritivo da investigação, já que o objeto de estudo desta ciência constitui uma atividade humana, motivo por que é grande a tentação de abandonar o domínio da observação imparcial para recomendar determinado comportamento, de deixar de notar o que realmente se diz para passar a recomendar o que deve dizer-se.

Para se chegar à Linguística como ciência, houve um longo percurso. De acordo com a História da Linguística, os estudos linguísticos têm um marco inicial em 1816, com Franz Bopp e a sua *gramática comparada*, tendo-se desenvolvido a Linguística durante meio século, quase como um monopólio da ciência alemã. O pensamento francês de então, alimentado ainda pela filosofia da linguagem procedente da “gramaire générale et raisonnée de Port-Royal” (1803), resiste durante muito tempo à nova corrente, na pessoa dos seus grandes filólogos. A primeira cadeira de gramática comparada no Colégio de França viria a ser criada apenas meio-século mais tarde, em 1866, por Michel Bréal (1831-1915), mais de trinta anos após aquela que marcara, desde o triunfo do comparativismo, em 1831, o advento de literatura comparada, com Claude Feureal (Mounin, 1997: 9).

Na verdade, este primeiro atraso é compensado nos anos 1875-1880 graças ao ensino de Bréal, e sobretudo ao do seu sucessor, Antoine Meillet. Esse forma praticamente todos os linguistas franceses durante mais de quarenta anos. Mas por um segundo revés histórico, a forte personalidade de Meillet, com o génio que tinha para a planificação autoritária da investigação e com a sua preocupação em dirigir a elaboração de teses de doutoramento até ao pormenor, imobiliza a produção francesa na gramática comparada, justamente na altura em que esta é ultrapassada por novas tendências: exatamente aquelas que vão chamar-se saussurianismo, e, mais tarde, estruturalismo. Entretanto, é reservado praticamente a Antoine Meillet, linguista francês, a construção de uma linguística geral que elabora, na base de um sociologismo durkheimiano, demasiado

estreito, mesmo para explicar as relações fundamentais entre linguagem e sociedade (Mounin, 1997: 9-109). O interesse pela aprendizagem da língua remonta à existência do homem, mas a importância da língua materna parece hoje inquestionável (Casanova, 2006: 11).

A Linguística contrastiva deve muito ao linguista Robert Labo, que em 1957 defendeu a importância do papel da língua materna na aquisição ou aprendizagem da língua estrangeira. De facto, segundo Casanova (2006), foi com esse pesquisador que a ciência linguística começou a sentir a necessidade de fazer contrastar sistematicamente duas línguas diferentes: a língua materna e a língua estrangeira, sobre a qual a autora refere o seguinte:

“E se a Linguística contrastiva teve como primeira aplicação a aprendizagem de línguas estrangeiras, convém lembrar que não se limita a esse objeto.” (Casanova, 2006).

Para Casanova (2006), uma tarefa dos estudos contrastivos aplicados será a identificação de prováveis áreas de dificuldades na aquisição ou aprendizagem de uma língua estrangeira. A análise contrastiva apresenta, pois, um carácter “profilático” ao propor uma consciencialização das semelhanças e diferenças entre as línguas.

A Linguística Histórica foi o primeiro ramo da Linguística a estabelecer-se com bases sólidas, pois surge com vigor no final do século XVIII e início do século XIX. Para os neogramáticos (fins do século XIX), aquela disciplina refere-se ao estudo das mudanças linguísticas e de suas consequências, explicando-as para assim compreender como ocorrem os processos envolvidos naquelas mudanças. Para isso, utilizaram os fundamentos pré-estabelecidos nos princípios universais. A Linguística Histórica centra-se na diacronia das línguas, na explicação do desenvolvimento histórico que ocorre nas línguas naturais, sempre fazendo, porém, um paralelo com a sincronia, que estuda a língua em um determinado momento no tempo (Santiago, 2013: 49).

A Linguística Comparada funda-se quando, em 1816, o linguista alemão Franz Bopp publica *Sobre o sistema de conjugação do sânscrito em comparação com o do grego, latim, persa e germânico*, obra cujo objetivo principal era identificar a origem das línguas aparentadas a partir de um conjunto de cognatos¹.

¹ Diz-se da palavra que partilha a mesma raiz etimológica de outra palavra (Costa & Melo, 1952: 375).

Já a segunda geração dos comparativistas partiu do princípio de que a língua era um órgão vivo e que, por isso, estava sempre em processo de mudança. Nessa fase, destaca-se Schleicher que refina a metodologia da linguística comparada proposta por Boop.

Foi com base nessas teorias que se constituiu a Linguística Histórico-Comparativa, que trata de investigar e interpretar mudanças fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais que ocorrem nas línguas à medida que o tempo passa, através do método comparativo. O seu principal objetivo é estabelecer o parentesco entre as línguas, partindo do princípio de que elas não constituem realidades estáticas, por isso se transformam, ou seja, as estruturas e palavras que existiam antes não deixam de ocorrer ou estão a deixar de ocorrer. Ou então, ocorrem modificadas em sua forma, função e significado (Santiago, 2013: 49). Segundo esse investigador, este aspeto que é fundamentado em regras e princípios, procura-se:

Estudar as línguas atuais e delas abstrair a natureza da mudança (fundamentadas em regras fonética/fonológicas);

Investigar os mecanismos das mudanças;

Desvendar os princípios gerais dos movimentos históricos das línguas;

Descrever e explicar as mudanças observadas nas línguas naturais;

Reconstruir uma língua partindo de sua protobantu, utilizando a Linguística Comparada;

Criar uma teoria da mudança, que explique esses fenómenos linguísticos.

1.2. O método histórico-comparativo

O método comparativo foi desenvolvido no século XIX, como referido anteriormente, e as principais contribuições foram feitas pelos estudiosos dinamarqueses Rasmus Rask e Kars Verner e o estudioso alemão Jacob Grimm. Esse método estuda o desenvolvimento das línguas através de uma comparação de duas ou mais línguas com a descendência comum, em oposição ao método de reconstrução interna, que analisa a evolução interna de uma linguagem única ao longo do tempo. Geralmente, ambos os métodos são utilizados em conjunto para reconstruir as fases pré-históricas das línguas, tanto para preencher as lacunas do conhecimento sobre o processo histórico de uma língua

como para descobrir o desenvolvimento fonológico, morfológico, ou outros sistemas linguísticos, e também para confirmar ou refutar a hipótese de relações entre as línguas (Santiago, 2013: 48).

Sobre estes métodos, Siena (2008 *apud* Santiago, 2013: 52) assevera que:

“O principal foco no método histórico está no estudo de factos ou instituições do passado, constatando sua atuação no presente, tendo em vista que a importância de estudar suas raízes com vista à aceção de sua constituição e finalidade. Entretanto, este método é aplicado em estudo qualitativo. Ao passo que o método comparativo é utilizado no estudo de parentesco e dissemelhança entre os vários tipos, que podem ser: grupos, sociedade, organização, etc., com vista a confirmar-se a paridade e apresentar diferenças. Assim, este método permite o conhecimento de numerosos grupos sociais, divididos pelo espaço e tempo”.

Entretanto, essas duas teorias enformam o método histórico-comparativo que segue o princípio básico de que as palavras com significados parecidos em línguas suspeitas de serem descendentes de uma mesma protolíngua apresentam correspondências sistemáticas e permitem reconstruir a língua ancestral comum a essas línguas, valendo-se de regras fonético-fonológicas. De acordo com Santiago (2013), o método é utilizado quando se pretende reconstruir uma protolíngua. E, portanto, ao serem reconstruídas as formas, reconstroem-se também os seus significados. Assim, o método procede da seguinte maneira:

“Analisa palavras com significados parecidos em línguas suspeitas de serem descendentes de uma protolíngua e a partir daí encontra correspondências de sons que permitam reconstruir a língua ancestral comum a essas línguas;

Procura explicar semelhanças óbvias entre palavras pertencentes a diferentes línguas ou dialetos admitindo que essas línguas são selecionadas entre si;

Procura reconstruir a protolíngua pela suposição de que as mudanças de sons são regulares;

Presume que cada som de um dado dialeto mudará para cada ocorrência em circunstâncias semelhantes” (Santiago, 2013: 53).

E, com base nesse estudo, Santiago (2013) afirma que “qualquer parte da língua pode mudar, desde aspetos da pronúncia até os aspetos da estrutura”.

1.3. Os conceitos de Léxico, Lexicologia e Lexicografia

1.3.1. O léxico

A língua e a cultura são indissociáveis, como é bem sabido, sendo que a língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Por isso, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história de quem a utiliza (Abbade, 2011: 1332). Isso explica que o léxico seja objeto não de uma mas de várias ciências da linguagem que, graças aos seus interfaces, permitem compreender a natureza e o funcionamento do léxico numa língua (Villalva & Silvestre, 2014: 12).

Desse modo, o léxico pode ser considerado como o saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constituindo-se como acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico e cultural. Na medida em que o léxico se configura como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode observar o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, transformações socioeconómicas e políticas. Assim, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como os seus integrantes organizam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Na medida em que o léxico recorta a realidade do mundo, ele também define factos de cultura (Oliveira & Isqueiro, 2001: 9).

São três os ramos do saber que se ocupam do estudo do léxico: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia – as chamadas “ciências do léxico” (Oliveira & Isquero, 2001) – que, sendo embora complementares entre si, porque todas visam o estudo do léxico, têm, no entanto, objetos de estudo específicos, bem como metodologias e pressupostos teóricos distintos. Enquanto a primeira se ocupa dos problemas teóricos em que assenta o estudo científico do léxico, a segunda volta-se para as técnicas de elaboração dos dicionários, e a terceira centra-se no “termo”, unidade lexical especializada, própria das chamadas linguagens de especialidade (Oliveira & Isqueiro, 2001). De acordo com Oliveira e Isquero (2001: 11), “o léxico se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade”.

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, “identificando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem estrutura o mundo, rotulando as entidades discriminadas” (Oliveira & Isqueiro, 2001:13). Por um lado, ao nomear, o indivíduo apropria-se do real como simbolicamente se afirma a respeito da criação do mundo na Bíblia, em que “Deus incumbiu o homem de dar nomes a toda a criação”; portanto, a geração do léxico processou-se através de “atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência em signos linguísticos: as palavras” (Oliveira & Isqueiro, 2001: 13).

Os conceitos são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência que, através de um processo criativo de estruturação, recebem categorização linguística: o léxico de cada língua natural (Oliveira e Isqueiro, 2001), pois o homem desenvolveu uma estratégia curiosa ao associar palavras a conceitos, que simbolizam os referentes, pelo que os signos linguísticos remetem para o universo referencial. A conceptualização da realidade configura-se, na língua, em modelos de categorias arbitrárias, sendo que estas não são coincidentes, nem equivalentes. As taxonomias que estão na base dos modelos de categorização são elaborações específicas de cada cultura, embora se admita que as línguas naturais têm tipos de semânticas compreensíveis universalmente. No entanto, o léxico de uma língua é um património vocabular de uma comunidade linguística, quer dizer, um tesouro cultural abstrato que comporta modelos para gerar novas palavras. Por tudo isto, o léxico é um sistema aberto, contrariamente a outros sistemas da língua (Oliveira e Isqueiro, 2001).

1.3.2. A Lexicologia

A Lexicologia tem como objeto básico de estudo e análise a “palavra”, a categorização lexical e a estruturação do léxico (Oliveira & Isqueiro, 2001:16), três problemas teóricos que têm merecido pouca atenção dos linguistas. A definição e a identificação da unidade lexical é uma questão teórica complexa, com efeitos em outros domínios, especialmente na prática da Lexicografia, já que esta é uma disciplina aplicada. O problema das classes de palavras, ou seja, da categorização léxico-gramatical também não tem sido suficientemente estudado, salvo pelos gramáticos. Embora o estudo das palavras remonte à Antiguidade Clássica, na história da linguística os estudos lexicais

permaneceram em segundo plano, já que apenas a Lexicografia tinha uma função definida até ao século XIX. Nos finais desse século, com a emergência da onomasiologia², o interesse da investigação transfere-se, pouco a pouco, da fonética para os problemas lexicais, mas só no século XX, no *VII Congresso Internacional de Linguística*, em 1952, são definidos os conceitos fundamentais da lexicologia (Abbade, 2011).

Entre esses conceitos contam-se, ainda hoje, *palavra*, *vocábulo* e *lexia*, muitas vezes tomados como sinónimos: palavra é um termo genérico, tradicionalmente utilizado na língua, fazendo parte do vocabulário de todos os falantes, donde se deduz que vocábulo e palavra são equivalentes (Abbade, 2011). Quanto à *lexia*, Abbade (2011) define-a como a “unidade significativa do léxico de uma língua, ou seja, é uma palavra que tem significado social”. Para esta autora, a *lexia* tem significação interna, ou seja, apenas lexicológica, sendo que na sua referência pode corresponder a coisas concretas ou abstratas; por sua vez, a *palavra* é uma unidade significativa, mas a sua significação não é apenas lexicológica, podendo ser também morfológica, isto é, gramatical.

Segundo Abbade (2011), em “a escola é velha” temos quatro palavras, porém apenas duas *lexias* – *escola* e *velha* –, pois têm função apenas referencial ou lexical. Essas *lexias* também são palavras, assim como o artigo *a* e o verbo de ligação *ser*, que têm função gramatical além da função referencial. Os artigos, as preposições e as conjunções são exemplos de palavras que existem em número limitado e se estudam na gramática, ao passo que as *lexias* constituem a maior parte do léxico de uma língua e têm um número indeterminado, encontrando-se repertoriadas em dicionários (Abbade, 2011: 1334). Dada a importância da Lexicologia nos estudos linguísticos, Abbade (2011) chama a atenção para a necessidade de se realizar um estudo estrutural do léxico, visto que a lexicologia tradicional não adota uma perspectiva estrutural ou funcional. Segundo Coseriu (1977 *apud* Abbade, 2011), a razão para esse défice de conhecimento estrutural deve-se ao facto de se identificar o significado linguístico com a realidade extralinguística, sem se destringir entre o *conteúdo linguístico e a realidade extralinguística*, o que leva à indistinção entre *palavra* e *coisa*.

Por conseguinte, o léxico passa a ser visto como uma nomenclatura de palavras que nomeiam coisas, muito embora nem sempre exista uma única palavra para cada referente. A isto acresce o facto de que, contrariamente à gramática, que estuda

² O estudo das expressões de que dispõe uma língua para traduzir determinada noção, e que parte, pois, do significado (Ferreira, 1975).

separadamente as *expressões* e os *conteúdos*, no léxico comum não haver essa distinção, o que tem favorecido o entendimento deste como nomenclatura (Abbade, 2011:1335).

Ora, a Lexicologia estuda as relações do léxico com os outros sistemas da língua, e, sobretudo as relações internas de palavras, a etimologia, a lexicogênese, a morfologia, a sintaxe e, em particular, a semântica (Abbade, 2011). As unidades do léxico constituem os chamados *campos lexicais*, que apresentam uma estrutura, um todo articulado, onde há relação de coordenação e hierarquia entre as palavras que têm formas de dependência, isto é, o significado de cada palavra vai depender do significado das que lhe são próximas em termos conceptuais, pois só têm sentido como parte de um todo, e é no contexto deste que adquirem uma significação (Abbade, 2011).

1.3.3. A Lexicografia

Na história das civilizações a palavra foi sempre mensageira de valores pessoais e sociais que traduzem a cosmovisão do homem enquanto ser social, pois, servindo-se dela, nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce poder sobre o universo natural e antropocultural, regista e perpetua a cultura. Assim, o léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no decurso da história, razão por que estudar o léxico implica também resgatar a cultura. Segundo Isqueiro e Krieger (2004:11-12), a palavra favorece a transfiguração da experiência num universo de discurso e, conseqüentemente, em função da natureza desse discurso, assume diferentes dimensões.

Todavia, de acordo com aquelas autoras, a Lexicografia pode ser definida como sendo a “disciplina que estuda as problemáticas inerentes aos dicionários, centrando-se nas técnicas do labor dicionarístico”. Importa salientar que a Lexicografia nasceu como tradição textual e não como produto de uma reflexão prévia sobre a matéria dos dicionários. Hoje em dia, temos manuais de referência que tratam dos métodos de elaboração de dicionários; porém, nas suas origens, os métodos foram sendo desenvolvidos em função da necessidade de responder aos leitores de dicionários.

Contudo, a Lexicografia não deve ser vista apenas como uma teoria (Isqueiro & Krieger, 2004), mas sim como uma metodologia, pois o seu objeto de trabalho é um fenómeno que deve ser elucidado, um fenómeno cuja natureza é distinta de uma oração, um texto ou um dicionário. Assim, o dicionário é o resultado da aplicação desses métodos,

sendo a relação entre a Lexicografia e o dicionário, seu produto, comparável à relação entre a harmonia, o contraponto e a composição - matéria de estudo dos músicos - e as obras musicais que se compõem à orientação destas áreas (Isqueiro & Krieger, 2011).

Ainda segundo estas autoras, existem dois tipos de Lexicografia: a que atende a necessidades da taxonomia linguística, que é a Lexicografia descritiva, e cujo produto é o dicionário (linguístico), e a *lexicografia social*. Para estas autoras, nos dias de hoje, uma boa lexicografia social não deveria ignorar os ensinamentos da linguística, ou seja, a lexicografia descritiva é útil para lexicografia social.

1.4. O contacto linguístico

O contacto linguístico é um fenómeno que ocorre quando indivíduos de línguas diferentes convivem no mesmo espaço geográfico. Entretanto, para que haja esse contacto, são necessárias pelo menos duas línguas, uma língua e um dialeto ou dois dialetos, e o resultado do contacto entre elas depende fundamentalmente do tipo de relação que as respetivas comunidades estabelecem e do tempo durante o qual a mantêm (Faria *et. al.* 1996: 509). Os falantes de várias línguas adquirem e mantêm pelo menos uma língua durante a infância, a chamada língua materna ou primeira língua (L1). A língua materna é adquirida sem educação formal, por mecanismos sobre os quais não existe total consenso. As crianças que adquirem duas línguas, nativamente, desde os primeiros anos são chamadas de *bilíngues simultâneos*, sendo comum que os jovens bilíngues simultâneos sejam mais proficientes numa língua do que noutra. No entanto, quando falantes de línguas diferentes interagem de modo próximo, é natural que as suas línguas se influenciem mutuamente. O efeito mais comum desse contacto é o empréstimo lexical.

O contacto entre línguas é especialmente relevante em territórios colonizados, em que comunidades e línguas que viram ser traçadas fronteiras num mapa, de maneira totalmente arbitrária ou artificial. É o caso do continente africano, onde se verificou a atuação de colonização de povos europeus que se confrontaram com línguas muito distintas das suas, num mesmo território. De acordo com Petter (2016: 208), são vários os motivos que levam ao contacto entre línguas: problemas políticos, migrações de falantes que buscam ambientes mais sustentáveis economicamente ou necessidade de ampliar as oportunidades. Esse contacto linguístico pode ocorrer em zonas de fronteiras

linguísticas, entre línguas de prestígio semelhante ou como resultado de migrações.

Em África, os primeiros contactos entre línguas são muito antigos, e as migrações para regiões distantes fizeram com que quatro troncos linguísticos se diversificassem em famílias e os seus falantes se espalhassem pela África. Esses contactos levaram ao desaparecimento de algumas línguas, pela absorção ou eliminação de falantes pelos conquistadores. Hoje os povos africanos tendem a movimentar-se individualmente e as migrações de grupos inteiros tornaram-se mais raras, embora algumas áreas de conflito tenham levado a migrações importantes, nomeadamente em países como Serra Leoa, Libéria, Guiné, Somália, Angola, República Democrática do Congo, Sudão, Ruanda e Burundi (Petter: 2016). Com o advento do poder colonial, as línguas africanas entraram em contacto com as línguas europeias, que se sobrepuseram numa situação que já antes era complexa. Além do contacto linguístico, houve o contacto cultural, que causou, em muitos casos, a formação de estereótipos responsáveis pelo domínio de alguma língua e pela formação de atitudes linguísticas e manifestações de lealdades a outras (Petter, 2016). Ainda de acordo com a estudiosa brasileira (Petter, 2016), o contacto motivou a formação de novas variedades linguísticas, que foram identificadas como “pidgins” e “crioulos”.

A expansão do grupo bantu é, talvez, a migração mais relevante da história linguística de África (Lipou, 1997 *apud* Petter, 2016), tendo como resultado o desaparecimento de muitas línguas e o surgimento de outras. É de salientar que serão poucos os casos em que os invasores perderam línguas respetivas. Do ponto de vista estritamente linguístico, este contacto explica situações em que as línguas adquiriram traços que não são partilhados por outras do mesmo grupo ou família (Petter, 2016).

O contacto entre línguas e falantes leva a uma outra consequência: a mudança linguística. Como todas as línguas do mundo, as línguas africanas também mudaram com o decorrer do tempo, alterando-se nos diferentes espaços em que são faladas (Petter: 2016). Este fenómeno, verifica-se, por exemplo, em Angola, em especial na província de Luanda, que acolhe pessoas oriundas de todas as regiões do país.

1.4.1. Fenómenos de contacto

1.4.1.1. Empréstimo lexical

De acordo com a breve definição oferecida no *Dicionário Terminológico* (<https://dt.dge.mec.pt/>), adotado em Portugal nos ensinos básico e secundário, o empréstimo define-se como um processo irregular de formação de palavras. Com a expressão “empréstimo” denomina-se a incorporação ao léxico de uma língua a palavra pertencente a outra língua, seja mediante a reprodução sem alteração de pronúncia e da grafia, seja mediante adaptação fonética e gráfica, conquanto a unidade emprestada mantenha, na língua de acolhimento, o sentido da língua de origem. Há que distinguir entre o empréstimo e o neologismo que, por sua vez, no referido *Dicionário Terminológico*, vem definido como “palavra cujo significante ou cuja relação significante-significado era inexistente num estágio de língua anterior ao da sua atestação”. É de realçar que em todas as suas fases uma língua acolhe(u) empréstimos e neologismos, pois estes são meios de renovação lexical, fenómeno inerente à dinâmica da língua, já que corresponde a necessidades comunicativas da sociedade no seu processo de mudança. Uns e outros integram-se, portanto, no processo de variação e mudança vocabular de qualquer língua, processo esse que pode ser favorecido por situações de contacto em que uma língua assume, por motivos de várias ordens, um papel destacado no plano comunitário, nacional ou internacional. Veja-se o exemplo do inglês e do seu papel como língua internacional e, em muitos casos, língua veicular da ciência.

1.4.1.2. Aportuguesamento

Em sentido lato, o aportuguesamento pode ser entendido como sendo a adaptação gráfica de uma palavra estrangeira, seguindo os padrões fonéticos e morfológicos da língua portuguesa. De acordo com o *Dicionário da Língua Portuguesa* (2013: 139), o aportuguesamento designa o ato ou efeito de aportuguesar, ou seja, acomodar ao gosto ou uso português. Exemplos clássicos são as palavras *football* (da língua inglesa), que foi nativizada como “futebol”, com formas fonética e gráfica adaptadas aos padrões do português, e *spaghetti* (da língua italiana), adaptado como “espaguete”. O processo de aportuguesamento pode ser rápido ou lento, aceite ou contestado. Quando já integrada na língua portuguesa, a nova palavra pode ser classificada como “estrangeirismo”.

O processo de adaptação – fonética, ortográfica e morfológicamente – à língua portuguesa é muito antigo, tendo-se registado em todos os períodos da sua história enriquecimento lexical.

A Variedade Angolana do Português, cuja norma se encontra em processo de elaboração, não é uma exceção à regra, visto que esta variedade regista a incorporação de unidades lexicais com origem nas línguas nacionais, tanto mais que o território de Angola é multilingue e que, por conseguinte, o português coexiste com estas línguas estruturalmente muito distintas dele.

Qualquer falante do português pode fazer um aportuguesamento, independentemente de essa inovação poder vir a ser consagrada ou ser efémera. Contudo, os critérios que motivam o aportuguesamento de uma palavra estrangeira são simultaneamente concretos e vagos, deixando espaço para interpretações variadas e até contraditórias. É claro que aportuguesamento deve ir ao encontro de usos consagrados e generalizados, evitando novas formas que dificultem o reconhecimento do termo inicial e prejudiquem a comunicação entre as pessoas. Contudo, a história da língua mostra que, em muitos casos, houve uma resistência inicial ao aportuguesamento, tendo a palavra passado por um período de transição, uma espécie de “limbo”. São muitos os casos em que a palavra estrangeira, não sendo possível encontrar um equivalente português nem fabricar um aportuguesamento, se mantém, ainda que muitos falantes, por desconhecerem a língua de origem, tenham dificuldade em pronunciá-la ou em escrevê-la.

Devido a fatores históricos e culturais, a língua portuguesa registou e conserva, até hoje, empréstimos do castelhano (castelhanismos), do francês (francesismos ou galicismos), do inglês (anglicismos), do italiano (italianismos), muitos deles aportuguesados no decorrer no tempo de uso em língua portuguesa.

1.4.1.3 Quimbundismo

A África é um continente onde tudo é plural e nunca singular, na expressão de Mendonça (2014: 1-13). Neste espaço pluricultural, a língua não poderia ser diferente. Nesse grandioso continente existem cerca de duas mil línguas. Abaixo da linha do Equador estão algumas das línguas que mais influenciaram a língua portuguesa, as do grupo bantu, que são faladas em todo território subsaariano, com exceção da parte do deserto de Kalahari, onde se encontram os Khoisan, que falam línguas de clique

(Mendonça, 2014: 1-13).

Como referido atrás, o português falado em Angola integra, na sua estrutura, unidades lexicais com origem no kimbundu, os chamados “quimbundismos”³. Assim, estas são as palavras do kimbundu incorporadas ao léxico do português falado e escrito em Angola, ou o emprego delas em frases do português, resultando assim em novas unidades lexicais com sentido igual ou diferente ao que tinham originalmente em kimbundu. Entretanto, na perspetiva de Mendonça (2014), “quando duas línguas entram em contacto durante um período considerável, acabam influenciando-se mutuamente, através do aparecimento de traços de uma língua no discurso de falantes da outra língua”.

Porém, de acordo com Ngunga (2010 *apud* Mendonça, *op. cit.*), se o traço de uma língua que aparece na outra for generalizado, estamos em presença de um “empréstimo”. Se este for esporádico, denomina-se “interferência”, sendo esta o fenómeno que resulta da interação entre duas ou mais línguas, na qual os traços característicos de uma são transferidos integral ou parcialmente para a outra. De acordo com Mendonça (2014: 1-13), a “interferência” ocorre em situações de contacto de línguas, sobretudo na fase inicial da aquisição de uma língua não materna que possui estruturas fonéticas, semânticas e morfossintáticas divergentes da materna (Mendonça, 2014: 1-13).

1.5. Norma e variação linguística

1.5.1. Norma

Uma norma é uma variedade linguística normalmente associada aos usos das classes sociais mais cultas e aos centros urbanos de maior influência, que se impõe como variedade de prestígio, e que é instituída como modelo a seguir em situações de uso mais institucional e formal da língua. Do ponto de vista linguístico, como nenhuma variedade é “melhor” do que outra, qualquer variedade poderia ser norma, desde que as condições sociais, históricas, políticas, sociais e culturais assim o determinassem. Por isso, a norma muda com o tempo: aquilo que é considerado erro ou desvio em determinada época pode deixar de o ser. A norma é meramente convencional, isto é, ela muda acompanhando as mudanças sociais; portanto, a norma adota as formas linguísticas consideradas mais

³ Note-se que no nome da língua optámos pela grafia que ela recebe atualmente em Angola, ao passo que em “quimbundismo”, fenómenos de introdução de palavras com aquela origem no português, se optou pelo aportuguesamento.

prestigiadas numa determinada comunidade, num determinado tempo.

Segundo Faraco (2007: 75), a “norma-padrão” é a construção abstrata e idealizada de uma determinada língua, encontrada nas gramáticas tradicionais (derivando-se daí regras a serem seguidas), com o objetivo de servir de referência a “projetos políticos de uniformização linguística”. Do ponto de vista linguístico, a norma (linguística) é o uso padrão, relativamente estabilizada, tradicional ou socialmente, que se faz de uma determinada língua dentro de uma comunidade. Quando se fala em *norma-padrão*, é preciso compreender os diferentes significados que *norma* comporta, em termos linguísticos e sociais.

No âmbito sociolinguístico, a *norma* pode ser definida como um conjunto de padrões sociais de fala aprendidos nos meios em que os falantes circulam. Consiste num conjunto de regras sociais e psicológicas adquiridas pelo falante e que são partilhadas de formas diferentes nos seus diferentes grupos sociais. É da diversidade destas normas e da competição entre elas que surge a variação, e, por generalização de certas variantes, se verifica a mudança linguística. Mas o termo *norma* também remete para a forma falada maioritariamente no seio de uma comunidade de fala. Assim, norma pode significar igualmente a forma predominante num universo de variantes, enquanto que as variedades ou variantes linguísticas são as diferentes formas de falar numa mesma comunidade, em função das condições sociais, culturais, regionais e históricas dos falantes.

Quando se fala em *norma-padrão*, geralmente referimo-nos a padrões gramaticais expectáveis na escrita, pelo que aquela expressão se reveste de um sentido prescritivo (prescrição de regras) que devem ser seguidas, sob pena de haver violação.

Com a *norma-padrão* também se relacionam várias outras denominações, muitas vezes imprecisas, preconceituosas e/ou equivocadas, como *norma culta*, *língua culta*, *língua padrão*, entre outras. O problema que envolve a expressão *norma culta* é que esta supõe a ausência de cultura em todas as outras normas faladas e/ou escritas. Por sua vez, o termo *língua padrão* é impreciso, pois não corresponde, de facto, a uma língua ou variedade linguística observável numa comunidade.

O sistema linguístico apresenta diversos desafios, na medida em que a língua utilizada pelos falantes não transmite apenas as ideias destes mas também um conjunto de informações sobre aqueles. Certas palavras e construções revelam a região de nascimento do falante, o seu nível social e escolar.

1.5.2. Variação linguística

A variação linguística pode ser entendida como um fenômeno natural que ocorre pela diversificação dos sistemas de uma língua em relação às possibilidades de mudança de seus elementos (pronúncia, vocabulário, morfologia, sintaxe). Ela existe porque as línguas são dinâmicas e sensíveis a fatores como a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social do falante e o grau de formalidade do contexto da comunicação. Em qualquer língua, existe variação histórica, regional, social e de registo, variação essa que pode verificar-se em diferentes áreas da gramática (léxico, sintaxe, fonética/fonologia), sendo consideradas variações históricas a mudanças ocorridas na língua com o decorrer do tempo. Segundo Faraco (2007), um clássico exemplo da língua portuguesa é a forma de tratamento “você”: no português arcaico, a forma usual desse pronome de tratamento era “vossa mercê”, que, devido a variações inicialmente sociais, passou a ser mais usado frequentemente como “vosmecê”. Com o passar dos séculos, essa expressão reduziu-se ao atual “você”, a forma incorporada pela norma-padrão (visto que a língua se adapta ao uso de seus falantes) e aceita pelas regras gramaticais. Em contextos informais, no Português do Brasil, é comum ainda o uso da abreviação “cê” ou, na escrita informal, “vc” (lembrando que estas últimas formas não foram incorporadas pela norma-padrão, então não são utilizadas na linguagem formal).

A língua é a nossa expressão básica, e, por isso, ela muda de acordo com a cultura, a região, a época, o contexto, as experiências e as necessidades do indivíduo e do grupo que se expressa. É de salientar que a variação linguística responde às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, pelo que nenhuma forma de variação deveria ser objeto de juízos de valor e, portanto, de “preconceito linguístico” (Bagno, 2009).

1.5.2.1. Tipos de variação linguística

A partir de então a Sociolinguística concedeu uma importância especial às realidades constituídas pela variação e pelas variedades linguísticas. A atividade linguística de uma comunidade pode ser unicamente caracterizada pela variação intralinguística, aquela que se manifesta nos usos e nas estruturas de um mesmo sistema. Esta atividade também se caracteriza pela variação interlinguística que existe entre os próprios sistemas. Neste último caso, a atividade linguística da comunidade é marcada

não só pela utilização de dois ou mais sistemas, geneticamente aparentadas ou não, mas também pelo facto de cada um dos sistemas em presença, sem deixarem de conservar as suas próprias possibilidades de variação, ver os outros matizar-se em consequência do próprio contacto entre as línguas (Garmadi, 1983: 28).

1.5.2.1.1. Variação geográfica

As variações geográficas dizem respeito às diferenças de linguagem devido à tradição regional adquirida pelos falantes. Essas diferenças tornam-se óbvias quando ouvimos um falante brasileiro, um angolano e um português conversando: nos três países fala-se português, mas há enormes diferenças entre a língua praticada por cada um daqueles falantes. No entanto, importa realçar que no seio de uma mesma variedade nacional se observam variações geográficas, pelo que em nenhum dos três países os falantes das várias regiões praticam a língua comum da mesma maneira, existindo, pois, variedades regionais ou dialetais. No caso do Português Europeu e do Português Brasileiro, essas variedades já estão bem estudadas. Pelo contrário, no caso de Angola, cuja norma – entendida aqui como conjunto de traços característicos do português falado em Angola – ainda não está consolidada, é natural que ainda não sejam identificáveis variedades regionais do Português angolano, muito embora sejam reconhecíveis, por exemplo, de região para região, diferenças no uso lexical. Por ser inerente a qualquer língua, o português em Angola não deixará certamente de manifestar esse tipo de variação.

1.5.2.1.2. Variação social

A diminuição da convivência e da intimidade dos contactos entre dois segmentos da população arrasta consigo um processo de diferenciação linguística (Martinet, 1970 *apud* Garmadi, 1983).

Assim, a variação social é o uso que se relaciona com o grupo social do falante. No âmbito desta variação, destaca-se em particular o caso das gírias, que também conhecem variação histórica e geográfica, associadas à faixa etária do falante, como se observa nas chamadas gírias juvenis.

Há, ainda, expressões informais ligadas a grupos sociais específicos, como os médicos, os informáticos ou, inclusive, os futebolistas. A profissão é, pois, um dos fatores sociais

que tem repercussão nas variações sociais que envolvem o uso de termos técnicos.

1.5.2.1.3. Variação estilística

As variações estilísticas remetem para o contexto que exige a adaptação da fala ou do estilo dela. Aqui entra a oposição entre linguagem formal e linguagem informal, ou a adequação à norma-padrão. Assim, o uso de expressões menos frequentes e o respeito pelas normas do idioma apontam para uma variedade culta, que se opõe à linguagem coloquial e familiar. Assim, o contexto relacional dos interlocutores determina o vocabulário e a maneira de falar, que não serão os mesmos numa entrevista de emprego ou numa conversa entre amigos. As variações estilísticas dizem respeito à situação da interação social e à posição dos interlocutores em determinada comunidade.

1.6. Interferências linguísticas

Num mundo linguisticamente diversificado e heterogêneo, as interferências de línguas são inevitáveis, na medida em que o homem sempre procurou ir ao encontro de novas oportunidades fruto das suas necessidades. Ora, nos continentes e territórios que sofreram um longo período de colonização esse fenómeno é muito mais evidente. África não foge à regra, já que sofreu uma colonização em quase todos os aspetos, afetando inclusivamente as suas culturas e línguas. Sobre as interferências linguísticas, Rocha e Robles (2017) salientam o seguinte:

“Este termo [interferência linguística] baseia-se na teoria behaviorista. Esta teoria pressupõe que os indivíduos não possuem habilidades inatas, mas sim propensões para responder aos estímulos aos quais estão expostos, Assim, com a resposta de cada estímulo se desenvolveriam comportamentos”.

No entanto, Witson (2013 *apud* Rocha & Robles, 2017) postulou que cada resposta a um estímulo pode ser reforçada de maneira positiva ou negativa. Para esse investigador, o reforço positivo acontece quando uma resposta tem como resultado um benefício, enquanto que o reforço negativo acontece quando aquela resposta não contribui para qualquer benefício.

Com efeito, a teoria behaviorista entende o fenômeno da transferência linguística como um elemento da aprendizagem (Sousa, 2002 *apud* Rocha & Robles, 2017), que é afetado pela semelhança entre o conhecimento prévio e o subsequente. Nessa teoria estabelecem-se dois tipos de transferências linguísticas no âmbito de aprendizagem: a transferência linguística positiva e a transferência linguística negativa.

A interpretação das interferências linguísticas faz-se sob a ótica de dois elementos que se alteram como consequência do contacto linguístico.

Weinreich (1953 *apud* Rocha e Robles, 2017) estabelece duas importantes fases: a interferência na fala, que afeta os indivíduos bilingues e se produz no momento da situação comunicativa, e a interferência na língua, aquela que se integra no sistema e não faz parte unicamente da fala dos bilingues, mas também foi incorporada pelos indivíduos monolingues. Segundo referem Rocha e Robles (2017), Weinreich, ao tratar a interferência linguística como resultado e não como processo, propõe uma análise de cada uma das formas “interferidas” em relação à estrutura “interferente”. Esse linguista estabelece casos unicamente para a interferência fonológica, aos quais ele chama de “hiperdiferenciação” de fonemas e “reinterpretação” de distinções de fonemas. Por sua vez, Payrotá (1985 *apud* Rocha & Robbles, 2017) aplica este esquema aos níveis gramatical e lexical, adicionando-lhe os fenômenos de *importação* e *perda*.

Overbeke (1976 *apud* Rocha & Robbles, *op.cit.*) oferece uma classificação da interferência linguística a partir de diferentes pontos de vista, estabelecendo dez relações binárias, que os divide da seguinte forma:

Interferências como processo/interferência como resultado;
interferência proativa/interferência retroativa; interferência que afeta o código/interferência que afeta os comportamentos sociolinguísticos;
interferência de forma livre/interferência de forma obrigatória;
interferência segmentar/interferência suprasegmental; interferência na primeira articulação/interferência na segunda articulação; interferência gramatical/lexical, morfológica, sintática, interlinguística, denotativa e conotativa.

De acordo com a visão de Rocha e Robles (2017) sobre as interferências linguísticas, não existe uma classificação uniforme para a classificação destas, o que se justificará provavelmente pelo fenômeno no qual estão envolvidos muitos fatores

mencionados anteriormente, aceitando embora que, direta ou indiretamente, estão relacionados com a divisão metodológica própria do sistema da língua nos quatro níveis básicos: fonológico, lexical, morfológico e sintático. Entretanto, aquelas autoras aceitam igualmente que os níveis linguísticos não são compartimentos estanques, tanto mais que língua é dinâmica e, por conseguinte, fenómenos linguísticos como a interferência atravessam as fronteiras desses compartimentos, o que impossibilita o trabalho com apenas um nível linguístico, pois existem, na maioria dos casos, implicações da interferência em mais do que um nível, sendo que, a fronteira entre morfologia, sintaxe e léxico não é uniforme e, às vezes, as interferências só podem ser explicadas cruzando as bases entre distintos níveis da análise linguística (Baetens (1986 *apud* Rocha & Robles, 2017). Contudo, a interferência linguística refere-se aos casos de desvio da norma de qualquer das línguas de uma comunidade bilingue devido ao contacto linguístico. Por isso mesmo, a norma é vista não só como algo que provém das instituições que têm um papel de regulação da língua, mas também do uso habitual da língua (Rocha & Robles, 2017: 642-67).

Em relação às línguas africanas não poderia ser diferente. No início da colonização de África, a comunicação entre os colonizadores e os colonizados, e até mesmo entre os escravos que possuíam línguas maternas diferentes, foi quase nula, devido aos divergentes diassistemas⁴ entre línguas (Mendonça, 2014). Na perspetiva deste autor, quando duas línguas entram em contacto durante um período considerável, como é o caso das dos colonizadores europeus e as dos escravizados negro africanos, influenciam-se mutuamente, aparecendo traços de uma língua no discurso de falantes de outra língua.

A interferência linguística é, assim, o resultado da interação entre duas ou mais línguas, situação em que os traços característicos de uma são transferidos integral ou parcialmente para outra. Essa interferência pode ocorrer entre falantes de línguas tipologicamente semelhantes, ou entre falantes de línguas similares em situação de aprendizagem de uma língua segunda ou estrangeira, conforme esclarece Mendonça (2014: 1-13). Ora, na época da colonização, a língua portuguesa era vista como veículo de opressão, pois foi imposta pelo colonizador aos negros africanos. Após a independência, todos os países subsaarianos, adotaram o português como língua oficial, que hoje é usada como veículo de comunicação de unidade nacional, em países como

⁴ Conjunto de sistemas ou sistemas que integram a estrutura de uma língua histórica (Costa & Melo, 1952).

Angola, Moçambique e outros da chamada África portuguesa, passando assim a ser um património comum, uma língua de interação internacional.

1.6.1. Mudanças linguísticas

Desde que o estudo das línguas passou a ser encarado como ciência, na segunda metade do século XIX, a “evolução” ficou no centro das preocupações dos estudiosos de língua (Santiago, 2013), acreditando-se então que a língua evoluía gradualmente para atingir uma fase de auge linguístico. Com a Linguística do século XX, o conceito de evolução passou a ser objeto de discussão, já que a mudança não parecia ser casual nem desconexa. Entre as várias motivações da mudança refira-se a relação que se estabelece entre língua e cultura, visto que a dinâmica desse processo de deriva está condicionada por condições históricas e sociais. À luz destes fatores, mais ainda importa observar a língua como um diassistemas⁵, abordando todas as suas variedades, tendo em atenção que as mudanças podem ser estudadas em sentido *strictu* – as Linguísticas Histórica Sócio histórica – e em sentido *lato* – Linguística Diacrónica ou Social (Santiago, 2013: 50).

A isto acresce o facto de as mudanças poderem ser parciais (nos níveis fonético, sintático, morfológico, semântico, lexical e pragmático), ou seja, qualquer parte da língua pode mudar, e essas mudanças quase sempre são impercetíveis para os falantes. O nível fonética-fonológico é o mais estudado, ao passo que as outras mudanças (mórfica, sintática) são em geral menos exploradas.

De acordo com Faraco (1991: 13 *apud* Santiago, 2013: 51), analisar uma língua diacrónica e sincronicamente é apresentá-la em todas as suas formas de variação:

Nem toda variação implica mudanças, mas toda mudança pressupõe variações, o que significa, em outros termos, que a língua é uma realidade heterogénea, multifacetada e que as mudanças emergem dessa heterogeneidade, embora nem todo fato heterogéneo resulte necessariamente em mudança.

Assim, para o estudo da mudança e da variação levar-se-á em conta não só a fatores

⁵ Termo da dialetologia que define um sistema virtual que existe na base estrutural de duas ou mais línguas com alto grau de intangibilidade (Michaelis & Vasconcelos, 2001)

linguísticos como também aspetos sociais, culturais, vale dizer, os fatores intralinguísticos e extralinguísticos, sempre partindo do princípio básico de que as línguas mudam simplesmente porque nada é imutável, e que as mudanças são sempre estruturadas em regras (Santiago, 2013).

1.6.2. Mudanças fonéticas

As mudanças fonéticas consistem numa alteração da pronúncia de certos segmentos em determinados ambientes da palavra, que são explicadas pelas chamadas “leis fonéticas”, podendo ser ou não condicionadas. As mudanças fonéticas traduzem-se em: acréscimo de sons (prótese, epêntese e paragoge); supressão de sons (aférese, sincope, apócope); transposição de sons (metátese e hiperbibasmo); transformação de sons (sonorização, ensurdecimento, vocalização, palatização, despalatização, nasalização, desnasalização, assimilação e dissimilação). A respeito destes fenómenos, na situação de contacto entre línguas bantu e o português, Daniel Mutondo (2008 *apud* Santiago, 2013: 52) refere-se nestes termos à assimilação e à dissimilação:

Eles têm em comum a modificação articulatória dos elementos vizinhos ou que estão em contacto. O fenómeno de assimilação aproxima os elementos vizinhos ou em contacto. A dissimilação ou distância. Isso ocorre para evitar uma repetição incómoda entre dois elementos idênticos no terreno das línguas Bantu, a assimilação teve como consequência a redução do sistema vocálico passando de sete vogais da protolíngua para o sistema de cinco vogais na maioria das línguas.

Com este capítulo procurámos, fundamentalmente, chamar à colação alguns conceitos relevantes para o nosso estudo, oferecendo uma breve abordagem sobre o desenvolvimento da Linguística e os seus precursores e apresentando as variações linguísticas que poderão estar envolvidas no contacto entre o Português e uma língua bantu, no caso, o kimbundu.

CAPÍTULO II - CONTEXTO LINGÜÍSTICO ANGOLANO

2.1. A República de Angola

A República de Angola é, em área e em número de habitantes, o segundo maior país de língua oficial portuguesa. Situada na costa ocidental africana, Angola tem Luanda como capital, sendo o país delimitado a oeste pelo oceano Atlântico, a norte pela República Democrática do Congo, a leste pela Zâmbia e a sul pela Namíbia. Angola ocupa uma área total de 1.246.700 km² e divide-se, para fins administrativos, em 18 províncias: Bengo, Benguela, Bié, Cabinda, Cuando Cubango, Cuanza Norte, Cuanza Sul, Cunene, Huambo, Huíla, Luanda, Lunda Norte, Lunda Sul, Malanje, Moxico, Namibe, Uíge e Zaire.

Os *Resultados Definitivos do Censo 2014* indicam que, em 16 de maio de 2014, a população residente em Angola era de 25.789.024 indivíduos, dos quais 12.499.041 são do sexo masculino (48% da população total residente) e 13.289.983 do sexo feminino (52% da população total residente), estando 71,8% concentrados em apenas sete províncias das regiões do litoral sul do país: Luanda (26,6%), Huíla (9,77%), Benguela (8,7%), Huambo (9,7%), Cuanza Sul (7,3%), Uíge (5,8%), e Bié (5,6%). As zonas de maior densidade populacional são as províncias de Luanda, Benguela e Huambo, que se situam no extremo oposto às províncias do Cuando Cubango e Moxico (INE, 2014: 15).

De acordo com o INE (2014 *apud* Inverno, 2018), “Angola é o 7º maior país de África e o 23º maior do mundo, com uma população maioritariamente jovem, já que 47,9% tem menos 15 anos, a idade média situa-se nos 20,6 anos, sendo 51,5% do sexo feminino. 62,6% da população é urbana e ainda pouco escolarizada, pois 47,9% da população com mais de 18 anos de idade não concluiu nenhum ano de escolaridade ou não concluiu a escolaridade obrigatória (6ª classe do ensino primário) e 22% da população na faixa etária dos 5 aos 18 encontra-se fora do sistema de ensino, sendo que apenas 2,5% da população com mais de 24 anos concluiu o ensino superior”.

Segundo Inverno (2018: 82), Angola é historicamente um país multilingue, palco de inúmeros contactos entre falantes de línguas tipológica e genealogicamente distintas, sendo habitada por povos bantu e khoisan. Para essa investigadora, “o atual território que constitui a República de Angola resulta de antigos reinos africanos, reunidos em fronteiras não naturais, criadas e ratificadas pela Conferência de Berlim (1885)”. Como resultado dessa Conferência, Angola foi reconhecida como uma colónia portuguesa.

Contudo, forçados pelas decisões finais da Conferência de Berlim a respeito da ocupação territorial para o reconhecimento do direito à colônia, os portugueses desencadearam as célebres “Guerras de Ocupação” que foram, na prática, verdadeiros massacres. O maior grau de desenvolvimento social e tecnológico dos colonizadores permitiu-lhes imporem-se às populações locais, ainda que só em 1926 tenham conseguido dominar totalmente o território de Angola. No entanto, em virtude de uma consciência nacional emergente no século XX, a 4 de Fevereiro de 1961, os angolanos empreenderam a luta de Libertação nacional, que veio a culminar com a Independência, declarada no dia 11 de Novembro de 1975.

2.1.1. Angola: situação linguística

Relativamente à situação linguística, Angola é “um país multilingue, pelo fato de integrar línguas estruturalmente muito diferentes uma das outras” (Mingas, 2000: 29). Com efeito, existem, em Angola, línguas pertencentes ao grupo linguístico Bantu como o umbundu, o kimbundu, o cokwe, o kikongo, o helelo, o oxindonga, o oxiwambo, o ngangela e o nhaneka, e línguas não bantu como o khoisan e o vatwa. A estas línguas, junta-se, a partir do século XVI, o português, que atualmente é a língua oficial em Angola (Mingas, 2000).

É de realçar que, dada a especificidade do processo colonial, as diferentes línguas locais desenvolveram-se separadamente porque, durante aquele período, era proibido aos “assimilados” e respetivas famílias falar outra língua que não fosse o português. Na verdade, o bom conhecimento da língua portuguesa era a condição mais importante para aceder a qualquer posição de destaque na sociedade colonial. E “falar bem português” significava dominar a sua estrutura, de modo a estar à vontade nela, a fim de evitar interferências das línguas nativas. De acordo com Mingas (2000: 32), o estudo descritivo das línguas locais representava uma ameaça para o governo colonialista português, porquanto ele poderia contribuir para uma ação conjunta dos colonizados.

Assim se pode compreender o motivo da promulgação de leis e artigos como os que seguem:

“...Artigo 2º- ... nas escolas católicas, é proibido ensinar as línguas indígenas

Artigo 3º-...a atualização das línguas indígenas no catecismo não é permitida a não ser como auxiliar” (Mingas, 2000: 32).

O que hoje é Angola resulta, pois, de pacto de colonização interno – entre o colonizador e o colonizado, entre o vencedor e o vencido, entre o ocupante e o ocupado –, depois da partilha de África pelas potências europeias. Criada a partir do século XIX e mantida até hoje, a unidade territorial não assentava em nenhuma língua sua, embora tivesse “sublínguas”, com a mesma raiz, um pouco como as línguas europeias neolatinas, que têm uma origem comum. As principais línguas eram as seguintes: kikongo, kimbundu, umbundu, cokwe e kwanyama, todas elas consideradas dialetos pelos portugueses. A língua portuguesa foi-se impondo como língua comum ao território angolano, refletindo que o colonizador visava sobrevalorizar a sua língua e, ao mesmo tempo, desvalorizar as “sublínguas” locais.

A expansão do português como língua colonial levou à exclusão das línguas locais do ensino e a um processo de “assimilação” que consistia em não reconhecer os colonizados como cidadãos portugueses, motivo pelo qual não tinham direito a bilhete de identidade. O que os tornava “legais” era: 1. o cartão de trabalho assinado diariamente pelo patrão; 2. o imposto indígena reconhecidamente pago. Caso contrário, eram presos nas rusgas diárias e encaminhados para obras públicas (estradas) ou serviços domésticos (os colonizadores tinham o direito de ir à prisão da esquadra policial escolher um “rapaz” não nascido em Luanda ou Malanje – os destas regiões eram considerados falsos nas suas relações com os colonizadores. Os do “sul” eram considerados “pretos fiéis” e, por isso, com muita procura para os trabalhos domésticos. Os colonizados não podiam por isso casar, mas “amigar-se”, ficando o casamento reservado aos “mestiços”, a quem os colonizadores chamavam “africanos”: uma senhora “africana” era, portanto, uma mulher mestiça.

Para se tornarem “cidadãos portugueses” tinham de prestar provas: ser católico praticante, dormir numa cama, ter o exame da quarta classe, falar bem português, ter só uma mulher, comer com garfo e faca, isto é, ter costumes “europeus exemplares”, vale dizer, o que para um qualquer branco era adquirido por nascimento, para o colonizado era adquirido depois de difíceis provas, em que, muito provavelmente, muitos europeus reprovariam. Assim, se impôs a língua portuguesa, através de redes de pequenos colonizadores, nas cidades e nos campos.

A língua portuguesa não se misturava com as línguas locais, consideradas inferiores. Se houve alguns portugueses que conseguiram, pela sua prática de comerciantes, falar corretamente a língua local, a grande maioria utilizava apenas expressões muito pejorativas dessas línguas. Assim, a língua portuguesa impôs-se não

pela convivência, não pela procura de uma língua de mistura (ou crioula), mas pela exclusão forçada das línguas locais.

Das línguas faladas no mundo, África detém quase um terço do total, somando cerca de duas mil línguas divididas em quatro grandes troncos: o nigerocongolês, o afroasiático, o nilo-saariano e o khoisan (Heine & Nurse, 2000: 2). No caso de Angola, as línguas autóctones faladas no país estão maioritariamente incluídas no grupo linguístico bantu (tronco nigerocongolês, família benue congoleza, subfamília bantoide). O grupo linguístico bantu constitui o grande contingente populacional de Angola e reparte-se por grupos linguísticos que variam em expressões numéricas, que se destacam na existência de relações entre etnia, língua e cultura. A distribuição dos grupos étnicos no país delimita os agrupamentos etnolinguísticos e explicita a diversidade linguística angolana (Redinha, 1969: 18-19).

De entre as línguas autóctones maioritárias, o governo atribuiu o estatuto de Línguas Nacionais às línguas umbundu (a mais falada no país), kimbundu (a segunda mais falada), kikongo (a terceira mais falada) Cokwe, Ngangela, Kwanyama (Resolução nº 3/87 do Conselho de Ministros, publicada em Maio de 1987; Mingas, 2000: 55). Porém, em Angola, a língua portuguesa é a única com estatuto de Língua Oficial, sendo utilizada pelos órgãos oficiais do Estado, na administração e no ambiente escolar. Conforme mencionado anteriormente, na secção 1, a presença da língua portuguesa está diretamente relacionada com a chegada dos portugueses em território africano e ao processo de colonização empreendido entre os séculos XV e XX. Com efeito, desde a chegada dos portugueses ao Reino do Congo houve o contacto da língua portuguesa com as línguas faladas pelos povos africanos distribuídos pelo território angolano.

No princípio, esse contacto não diminuiu o uso dessas línguas, como mostra o facto de, entre 1620 e 1750, o kimbundu, por exemplo, aparecer como a língua mais usada em Luanda devido ao “estabelecimento de uma elite afro-portuguesa que viria a ocupar os principais cargos da administração pública nos centros urbanos” (Venâncio, 1996: 51 *apud* Inverno, 2009: 89). Os portugueses procuraram impedir a “africanização” cultural e linguística da elite afro-portuguesa e impuseram medidas legislativas a favor da língua e culturas portuguesas (Nzau, 2011: 94), resultando no decreto de 1765 do governador Sousa Coutinho, que visava diminuir o uso das línguas africanas entre os filhos dessa elite emergente.

No século XX, a língua portuguesa torna-se a mais falada em Angola devido ao aumento do número de portugueses no território e, também, graças ao desenvolvimento

dos centros urbanos angolanos, resultado do cenário que já se desenhava no século XIX com o plano de dominação e colonização efetiva do interior do território. É a partir da segunda metade do século XX, contudo, que temos a generalização da língua portuguesa em Angola, pois, na visão do governo colonial, as línguas locais africanas, “devido à sua multiplicidade, constituíam um sério obstáculo à unidade, enquanto que o português era a língua da cultura e da tecnologia” (Miguel, 2003: 26).

A generalização da língua portuguesa em Angola resulta de uma decisão das autoridades angolanas. Uma das formas de imposição da língua portuguesa aos angolanos consistiu em dividi-los em dois subgrupos: os “assimilados” e os “indígenas”. Os primeiros tinham certo domínio da leitura e da escrita em português e convertiam-se ao catolicismo e era-lhes dado o direito de frequentarem a escola junto às crianças portuguesas e de obterem a nacionalidade portuguesa. A condição de “indígena”, por sua vez, não era definitiva. Os indivíduos desse grupo podiam adquirir o estatuto de “assimilados”, após a realização de um exame que constituía uma ferramenta para que o angolano demonstrasse “falar corretamente a língua portuguesa e [...] que tinha adquirido, no mínimo, a ilustração e os hábitos individuais e sociais dos cidadãos portugueses, em especial, comer à mesa” (Mingas, 2000: 47).

Em relação à política portuguesa de ensino, “assistia-se igualmente à uniformização dos programas e métodos de ensino na “metrópole e nos territórios colonizados, justificando-se esta medida como um princípio de igualdade de direitos e de oportunidades” (Miguel, 2004: 26). Contudo, este suposto princípio colocava em lados opostos a língua portuguesa e as línguas autóctones, pois no ambiente escolar formal havia um público que aprendia a língua do colono pela alfabetização direta em português, interrompendo os seus hábitos e tradições linguísticos. A língua portuguesa era ensinada desde a escola primária até o ensino secundário, juntamente com o ensino de línguas estrangeiras, como o francês, o inglês e o alemão. Ressalta-se, no entanto, que o ensino não era nem gratuito nem obrigatório, dificultando o acesso da maioria da população à educação e evidenciando “como os Angolanos tinham a possibilidade de mais facilmente conhecer uma língua estrangeira do que uma local” (Mingas, 2000: 49).

Há que ter em conta também a presença de o elevado número de colonos portugueses, espalhados por todo o território, bem como os sucessivos contingentes militares portugueses que, durante o longo período da Guerra Colonial, se fixaram no interior do país. Apesar de ser um processo impositivo, a adoção do português como língua de comunicação corrente em Angola facilitou a veiculação de ideias de

emancipação em certos setores da sociedade angolana e a comunicação entre pessoas de diferentes origens étnicas. O período da guerra colonial foi o momento fundamental da expansão da consciência nacional angolana, já que, de instrumento de dominação e clivagem entre colonizador e colonizado, o português adquiriu um carácter unificador entre os diferentes povos de Angola.

Com a independência em 1975, o alastramento da guerra civil teve também um efeito de expansão da língua portuguesa, nomeadamente pela fuga de populações rurais para as cidades – particularmente Luanda –, levando ao seu desenraizamento cultural e forçando a rápida adoção do português. A implantação do novo estado nacional reforçou a presença do português, usado no exército, no sistema administrativo e no ensino. Não obstante declarar defender as línguas nacionais, na prática, o governo angolano tendeu sempre a valorizar exclusivamente aspetos que contribuíssem para a unificação do país – o português como a única língua unificadora –, em detrimento de tudo o que pudesse contribuir para a diferenciação dos grupos e a tribalização, vale dizer, a diversidade de línguas e dialetos regionais e étnicos. Embora as línguas nacionais sejam as línguas maternas da maioria da população, o português é já a primeira língua de 30% da população angolana – proporção que é muito superior na capital do país – e 60% dos angolanos afirmam usá-la como primeira ou segunda língua, sendo claramente um fator de unificação e integração social. O português expandiu-se, de facto, após a independência, transformando-se em apenas 25 anos na segunda língua materna de Angola, logo a seguir ao umbundu, e muito antes do kimbundu e do kikongo, com mais de 40% de falantes (Aqualusa, 2002: 99).

No período pós-independência inicia-se o debate acerca da valorização das línguas nacionais e de uma política linguística para o país. Com efeito, o governo começa a implementar medidas normativas para as línguas locais (Miguel, 2008: 38), em paralelo ao reconhecimento, a partir de 1975, da importância da Língua Portuguesa, como fator agregador das populações falantes de várias línguas. Com uma situação sociocultural complexa, caracterizada por uma multiplicidade linguística, o país encontrou, nessa medida, uma via para garantir uma unidade básica, aceitando-se, assim, o português como única língua que, de facto, abrangia todo o território angolano, assumindo-se, assim, as dificuldades da aplicação de uma política linguística que contemplasse as seis línguas nacionais, conforme referido anteriormente. O discurso político do Presidente Agostinho Neto traduz a importância da língua portuguesa em Angola, sem deixar de apontar reflexões sobre o uso das línguas nacionais e os efeitos do contacto entre essas línguas e

o português:

“O uso exclusivo da língua portuguesa, como oficial, veicular e utilizável na nossa literatura, não resolve os nossos problemas. E tanto no ensino primário, como provavelmente no método será preciso utilizar as nossas línguas. E dada a sua diversidade no país, mais cedo devemos tender para a aglutinação de alguns dialetos para facilitar o contacto”⁶.

De acordo com Miguel (2008: 41 *apud* Santos, 2003: 33), a língua portuguesa é adotada como veículo de ensino e a ela são atribuídos “papéis transcendentais como o de ser língua oficial e língua de escolaridade, o que a catapultou para uma posição privilegiada, pois a extensão do seu uso fez/faz suplantá-la, em todos os domínios, sobretudo os públicos, o uso das outras línguas angolanas”. A situação da língua portuguesa em Angola caracterizava-se por um cenário de uso “marginal” em relação ao padrão do Português Europeu (Santos, 2008: 33), situação que se vê corroborada em quatro aspetos:

1. Convívio do português com numerosas línguas africanas angolanas;
2. Aquisição do português como língua segunda, em muitos casos, em situação informal, através da imersão no meio linguístico;
3. Deficiente preparação dos professores que, em sua maioria, não detinham o domínio da norma padrão;
4. Escolaridade feita em língua portuguesa desde os primeiros anos, mesmo que os alunos não falassem esta língua ao ingressar na escola.

Na perspectiva de Santos (2018: 33), esse uso marginal não deve ser visto como um fator de deslegitimação ou corrupção da norma europeia; pelo contrário, as especificidades do cenário plurilíngue angolano e o contacto entre as diversas línguas com o português faz surgir uma identidade própria que começa a traçar um perfil sociolinguístico geral do país, que se explica por uma história particular.

Assim, para se responder aos desafios que a política e o planeamento do ensino

⁶ Trecho do discurso sobre a “Literatura Angolana” proferido por António Agostinho Neto por ocasião da tomada de posse.

colocam em Angola, importa conhecer quer o contexto do contacto interlinguístico no país, quer a estrutura da variedade do português angolano. Segundo refere Miguel (2008: 40), “a adoção do português como língua oficial foi tomada como elemento de identidade do povo e da nação angolana. Além disso, ao ser obrigatória para todas as ações próprias da relação dos cidadãos com o Estado e vice-versa, ela torna-se a língua segunda para muitos angolanos, sendo já materna de tantos outros”. Não se tratará, por conseguinte, de uma língua estrangeira, pois a apropriação implica, naturalmente, adaptação à mundividência angolana, visto ser sujeita às necessidades comunicacionais próprias dos angolanos, em consonância com a sua idiossincrasia, isto é, com a sua “angolanidade”.

Angola é, sem dúvida, país plurilingue, pois um grande número de angolanos possui a competência individual de falar uma língua local; é um país multilingue, no contexto social, por integrar várias línguas nacionais com as suas variantes, além do português como língua oficial, estruturalmente diferente umas das outras (Costa, 2013: 17). Contudo, nos últimos anos, nota-se uma alteração no retrato acima, sobretudo no litoral e especificamente em Luanda, onde, por um lado, existe a maior implantação da língua portuguesa, pautada pelo Português Europeu, e, por outro lado, se regista uma maior assimilação do léxico do kimbundu pelo português.

Angola é, pela sua extensão, o segundo maior país de língua oficial portuguesa. Só na primeira década do século XXI foi possível começar a conhecer a realidade sociolinguística do país e as complexas questões de política e planificação linguísticas que a diversidade de línguas e dos seus usos suscitam. Contudo, em Angola, ainda existem regiões em que as populações, sobretudo as da terceira idade, desconhecem totalmente a língua portuguesa.

Após quase cinquenta anos desde que o país ascendeu à Independência, a real situação do português em Angola e a dimensão exata dos efeitos do prolongado contacto linguístico, com várias línguas, em simultâneo, continuam a ser pouco conhecidas, em grande parte devido à falta de estudos sistemáticos (Banza, 2014). Neste contexto, em poucas décadas, a situação da língua portuguesa face às línguas africanas, em Angola, alterou-se radicalmente, tendo a língua portuguesa passado a ser a língua materna de um número progressivamente crescente de jovens angolanos, o que permite perspetivar, em mais algumas décadas, uma situação de predomínio do português como língua materna dos angolanos (Banza, 2014: 31).

Assim, ultrapassada a situação da língua portuguesa como língua estrangeira, ela perfila-se hoje como língua oficial mas também como língua materna de um número

progressivamente crescente de angolanos.

2.2. Primeiros contactos do português com as línguas africanas

As primeiras descrições das línguas africanas em língua portuguesa começaram com o início das relações comerciais entre Portugal e o rei do Congo (ou manicongo/mwenecongo)⁷, ainda no século XV, logo depois de o navegador Diogo Cão (ca. 1440-ca.1486) ter atingido o rio Zaire (atualmente rio Congo), em 1482. Apenas nove anos depois, em 1491, o rei Nzinga-a-Kuwa (ca. 1450-1509) foi batizado com o nome de João, sua esposa, Ne Mbamba, com o nome de Leonor, e o seu filho mais velho, Nzinga Mvemba, com o nome de Afonso, em homenagem à família real portuguesa (Levi, 2009: 370 *apud* Fernandes, 2015: 44-66). O nome da capital do país foi alterado de Congo para São Salvador do Congo, pertencente atualmente à República de Angola, tendo o Governo retomado o anterior nome Mbanza Congo e mantendo aquele nome para a sede da capital da província do Zaire. O comércio desenvolveu-se muito rapidamente e o tráfico de escravos dominou quase por completo os negócios por vários séculos, em especial por necessidade dos colonos do Brasil (Thorton, 1998: 118 *apud* Fernandes, 2015). Juntamente com os navegadores iam também padres seculares e regulares, dominicanos, franciscanos e jesuítas.

Os primeiros missionários que se estabeleceram no Congo foram os cónegos seculares de São João Evangelista, em 1491, e o primeiro grupo de quatro jesuítas chegou em 1548, mas a Sociedade de Jesus foi gradualmente substituída, a partir de 1557, pelos franciscanos. Vem a propósito lembrar que Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido como Marquês de Pombal (1699-1782), decretou o fim da Companhia de Jesus em Portugal em 1759 e expulsou os jesuítas de todas as colónias portuguesas, e que, em 1834, o governo português suprimiu as ordens religiosas, em Portugal e em todos os territórios colonizados, que apenas aí puderam voltar a instalar-se a partir de 1866. Em 1910, põe-se novamente em vigor o decreto da abolição das ordens religiosas de 1834, e apenas em 1940, graças à assinatura, no Vaticano, Concordata e Acordo Missionário, o Estado Português reconhece a personalidade Jurídica da Igreja Católica.

⁷ Que pertence ao Congo ou filho de Congo.

2.2.2. Primeiras obras em línguas africanas

A primeira referência em Português a uma língua africana – o kikongo⁸ – ocorre cerca de 1556, por frei Gaspar da Conceição, denominando-se “Cartilha da Doutrina Cristã em Língua Congo”. Infelizmente, não existem outras referências a essa língua senão a contida no relato de António Pinheiro sobre uma ordem do rei D. João III (1502-1557), que mandara escrever duas cartas – uma ao bispo de São Tomé e outra ao rei do Congo –, solicitando que recebessem favoravelmente os freis Gaspar da Conceição e Estêvão de Lagos, da sua ordem de S. Francisco da Província da Piedade, e referindo que com eles seguiam vários exemplares da referida cartilha, que passamos a transcrever:

Manda el Rey Senhor que se faça carta pera o bispo se são Thomé en que lhe encomenda que fauoreã os padres frei Gaspar da Conceição e frey Estevaõ de Lagos da orde de saõ Francisco da obseruãcia da prouincia da piedade, que Vaão ao Regno de Congo, e companhia do ebaixador de sua alteza e dos do Dito Rey de Congo: e lhe roga que cõ eles se eforme das cousas do Regno de Egola e do aparelho que auerã para que cõuuerão do dito Regno de Egola; Assi tome deles eformação do que lhe parecer da cõversação dos padres que Ora uão a Cõgo, pera ver se ás algus que naõ cõvenha passarê ao dito Regno; E assi os fauoreça no modo do jnsino e doutrina chrstã que cá fazeaõ jmprimir Em lingoa da terra, pera ser mays comunicauel; e que veja se são tâbe as ditas Cartilhas necessarias pera o jnsino doa escravos das fazendas da dita Ilha, que não sabe a lingoa portuguesa e enten deraõ muytos deles a en que as ditas Cartilhas vaõ jmpmidas, que hê a do Regno de Congo // è Lixboa, 12 doctubro de 1556.

Como se pode constatar no trecho, os objetivos da cartilha eram o ensino da doutrina católica, quer aos escravos das roças de São Tomé, que falavam o Português e eram oriundos daquela parte do continente africano, quer naturais ou gente comum do reino do Congo, quer novos missionários (“moços”, presumivelmente locais), em novas “casas de recolhimento” ou “conventos”, por forma a, no futuro, poderem evangelizar no território. Entretanto, consta que o primeiro livro conhecido numa língua africana é o catecismo de Marcos Jorge (1524-1571) e Inácio Martins (1531-1598), traduzido em kikongo por Mateus Cardoso (1584-1625), impresso em Lisboa, em 1624, com o título *Doutrina Christã*, e traduzido novamente *na língoa do Reyno de Congo*. Contudo,

⁸ Grafia conforme o alfabeto das línguas bantu.

Mateus Cardoso assume-se como o principal tradutor com a ajuda de alguns falantes nativos congolese, como se vê na carta ao Reino do Congo (Fernandes, 2015).

Embora os autores não façam qualquer análise linguística, Clement Martyn Doke (1893-1880 *apud* Fernandes, 2015), extraiu do catecismo algumas informações linguísticas importantes que apresentamos transcritas:

The ortography employed is tipycally Portuguese, with **eu** for **ku**, **qui** for **ki** the difficulty encountered by using **u** with the semi-vowel value of **w** is wellin such word as **acubôbayacuuutûla**, the later portion standing for **kuwat**. The constant use of the circumflex accent upon penultimate vowel indicate the recognition of the stress. But perhaps the most remarkable thing about Cardoso's work is that his work-division seems almost perfectly conjuntive. Despite the fact that the Kongo is written interlineally beneath the Portuguese, Cardoso's word-division is practically unaffected by that of the Portuguese – unconsciously he has recodded the words as they were spoken (Doke, 1961: 9 *apud* Fernandes, 2015).

De acordo com o trabalho de Doke, é possível depreender o interesse recíproco da cooperação linguística entre a Europa e a África, com vista a facilitar a atividade económica, e não só. As marcas das línguas africanas patentes no trabalho de Cardoso são uma demonstração clara de que o interesse pelos estudos das línguas bantu remonta há séculos, o que mostra a importância dessas línguas naquele contexto histórico.

Francesco Pacconio (1589-1641), um missionário jesuíta italiano ao serviço do padroado português nos reinos de Ngola e Ndongo, deixou, igualmente, a primeira obra (Catecismo), embora modesta, descrição do Cahenda-Mbaca em kimbundu (Fernandes, 2015) e uma língua africana nas primeiras páginas do catecismo *Gentio de Angola sufficientemente instruído nos mysterios de nossa sancta Fé* (Lisboa, 1642).

Depois do prólogo, Pacconio e Couto escreverem seis páginas sobre as *Advertências para se ler a língua de Angola* (p. [XIV] - [XIX]). Eles sistematizam 10 regras sobre como ler e pronunciar essa língua. Importa salientar que, como demonstrou Carlota Rosa (2013: 32-34 *apud* Fernandes & Ntongo, 2015: 48), o nome “Angola” não corresponde ao termo contemporâneo geopolítico da atual República de Angola. Para a autora, as fronteiras atuais de Angola foram fixadas, *mutatis mutandi*, depois da

Conferência de Berlim (1884-1885), mas “Angola”, no século XVII, significava a parte noroeste da atual República de Angola e a parte Sudoeste da República Democrática do Congo, isto é, o Reino dos Ngola, que era habitado pelos Ambundu e falavam kimbundu, conforme demonstra aquela autora, em síntese, a partir do trabalho de Pacconio e Couto:

Nunca termina consoante, exceto alguns advérbios interrogativos;
Não tem vogal seguida de consoante oclusiva e líquida;
Não duplica o “r”, quer no princípio quer no meio da palavra;
Nos nomes e verbos que começam pelas consoantes B, D, G, V e Z precede ordinariamente o grafema “n”.

Nos nomes e verbos que dobram grafemas em qualquer sílaba, estas devem pronunciar-se como dois grafemas sentidos, como, por exemplo “njila” (julgamos que “njila” se refere simplesmente a pássaro, e não a um tipo específico de pássaro) e “njila” (caminho); “Mu njila ngajibi njila imoxi”⁹ (no caminho matei um pássaro); nos nomes e verbos, o grafema <v> antes de vogal pronuncia-se sempre como consoante, como em “atu ávula” (muita gente), exceto quando estiver no princípio ou final ou no meio do nome ou do verbo com diérese (trema colocado por cima do grafema), que se pronuncia como vogal;

1. As sílabas com “ge, gi, que” pronunciam-se como em português como consoantes velares (/g/ e /k/); algumas vezes é permitida a sinalefa¹⁰, fundindo numa sílaba duas vogais sucessivas, como “makambami” em vez de “makamba ami” (meus amigos);
2. A “letra” <i> é muitas vezes a consoante palatal sonora /ʒ/, como em “jawaba” (bonito);
3. Finalmente, o acento tem função distintiva, isto é, o acento é um fonema, uma vez que, às vezes, o significado da palavra varia conforme a localização do acento, como por exemplo: “múcuá” (designativo do fruto do embondeiro)¹¹, e “mukwá” (pertença ou assunção de alguma coisa, e lugar de nascimento) (Rosa, 2013: 32-34 *apud*

⁹ A grafia das palavras foi alterada por julgarmos estar em contradição com a escrita na língua kimbundu, isto é, em *ngila* e *mo-*, sendo escritas *njila* e *mu-*, respetivamente.

¹⁰ Reunião de duas sílabas numa só, por sínérese, crase ou elisão (Costa & Melo, 1999: 1511).

¹¹ Árvore considerada património nacional, que se encontra em algumas regiões de Angola, sobretudo nas províncias de Luanda, Bengo, Cuanza Norte e Malanje.

Fernandes & Ntongo, 2015: 48).

2.2.3. Estudos sobre as línguas bantu: breve resenha histórica

A necessidade de estabelecer o contacto com os africanos fez os exploradores constatarem as diferenças entre os idiomas falados nos locais onde aportavam e obrigou-os à utilização de estratégias diversas para comunicarem com os nativos. Dessa forma, empiricamente, foi descoberta a grande diversidade linguística do continente africano. Atualmente, o estudo das línguas africanas está bastante avançado e encontra-se consolidado numa área de investigação específica, a Linguística Africana (Petter, 2016: 13).

Os estudos das línguas bantu iniciam-se com publicação da *Comparative of South African Languages*, de Bleek (1891), considerado o fundador da linguística bantuista, publicada entre 1862 e 1969, onde o termo “bantu” apareceu pela primeira vez em sentido linguístico. O referido autor foi o primeiro a reconhecer que as línguas bantu tinham uma relação de proximidade com as línguas da Família Níger-Congo Kordofaniana. Com base nesses estudos comparativos, em relação às várias línguas do Sul da África, identificaram-se características relevantes das línguas bantu, mostrando Bleek (1891), que há um grupo de línguas que apresentam características comuns e que elas têm relações entre si. Assim, ele comprovou que nessas línguas existe um abrangente sistema de classe, com um certo número de pares singular/plural, e, com base nesse estudo, determinou esse grupo de línguas como sendo “bantu” (Santiago, 2013: 1-311).

Também Meinhof, linguista alemão, trabalhou igualmente com as línguas bantu. Dentre os seus trabalhos, o mais notável foi a obra *Comparative Phonology*, publicado em 1899. Meinhof tratou de determinar semelhanças e diferenças entre as línguas bantu e reconstruir a morfologia dessas línguas, baseando-se nos princípios aplicados ao indo-europeu.

Este bantuista analisou também outras línguas africanas e, assim, desenvolveu um abrangente sistema de classificação das línguas africanas. A sua classificação, que serviu de modelo durante muitos anos, veio depois a ser substituída pelas propostas de Joseph Greenberg.

A contribuição de Malcom Guthrie, linguista da London School of African Studies, para a classificação das línguas bantu foi e continua ser essencial nos dias de hoje. Dos seus trabalhos, o mais notável foi a obra *The Classification of the Bantu Languages* (Guthrie, 1948), em que desenvolveu um conjunto de apurados critérios para classificar

as línguas bantu. O seu modelo de classificação tipológica é ainda muito utilizado nos dias de hoje, embora algumas zonas linguísticas tenham sido revistas pelo Museu de Tervuren.

Achille E. Meeussen, professor de Linguística e Fundador do Departamento de Linguística do Museu Real da África Central – Tervuren, Bélgica, deu grandes contribuições para a “bantuística”, pois nas suas obras trabalhou a questão da tonicidade nas línguas africanas, devendo-se-lhe a chamada “Regra Meeussen”, que consiste em designar um caso especial de “tom”. A alternância de tons que ele descreveu é a redução em alguns contextos do último tom de um padrão de dois tons adjacentes (HH), resultando no modelo (HL). Esse fenómeno recebeu o seu nome, visto ter sido o primeiro a observar essa questão em relação a algumas palavras, fenómenos que, em fonologia, pode ser visto como um caso especial do “Princípio de Contorno Obrigatório”. Das suas obras, destacam-se: *Bantu grammatical reconstitutions* (1967) e *Bantu lexical reconstitutions* (1969).

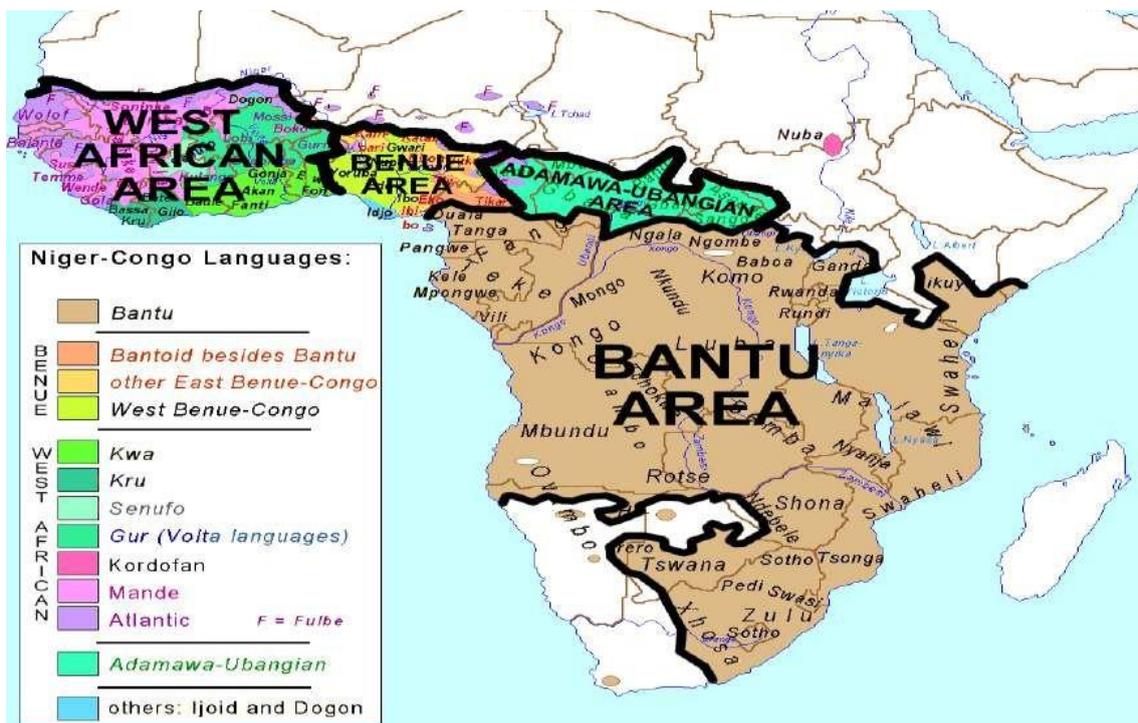
Joseph Greenberg, na obra *Languages of Africa*, publicada em 1963, faz a divisão das línguas africanas em “famílias maiores”, baseadas na sua proposta de classificação genética (interna), que é fundamental sobretudo para os estudos genéticos das línguas africanas.

2.3. África: situação linguística

Estima-se que em África haverá mais ou menos 1250 línguas distintas, sem levar em conta o aspeto dialetal de cada uma delas, e dentro delas temos as famílias linguísticas, das quais faz parte o grupo “bantu”, que ocupam mais ou menos 3/5 de todo continente africano, sendo a maior família de línguas da África, tanto quanto ao número de falantes quanto à área geográfica. Com vista a identificar os limites das línguas Nigero-Cordofanianas, a classificação genealógica de Joseph Greenberg (1963), que foi tomada como base para trabalhos posteriores, dividiu as línguas de África em quatro Famílias maiores, nomeadamente a Família Níger-Congolesa, a Família Nilo- Sahariana, Família Afro-Asiática e Família Khoisan (Santiago, 2013).

Ora, de acordo com Greenberg (1963: 9) essas línguas provêm do tronco Benue – Congo do filo Níger-Congo. São línguas muito ricas, além de terem algumas características próprias como, por exemplo, os prefixos classificadores e o papel pertinente dos tons (Santiago, 2013).

Figura 2 Mapa das línguas Níger-Congo



Fonte: <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c4/Niger Congo map with delimitation.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c4/Niger_Congo_map_with_delimitation.png)> [Acesso a 23/07/2021].

Contudo, as línguas bantu merecem uma atenção especial, não só por causa das suas particularidades mas, sobretudo, porque os estudos linguísticos já comprovaram que essas línguas influenciaram quer o português quer muitas outras línguas, o que explica os africanismos atestados em vários países que tiveram contacto com os negros provenientes de várias partes da África, no período de escravatura. A par da influência que as línguas bantu exerceram no contacto com outras línguas não bantu, essas línguas também sofreram influências, principalmente na época da colonização, o que explica o caso particular de algumas não serem tonais, ou seja, algumas línguas perderem os seus tons devido à influência de outros grupos étnicos no período de colonização europeia.

Essa influência fez com que os empréstimos linguísticos fossem recíprocos, entre as línguas locais e as línguas europeias, como o português. Para além de incorporar vocábulos do kimbundu, este, por sua vez, também incorpora palavras do português, com vista a cobrir algumas expressões que não constavam dessa língua bantu, como ilustra o quadro:

Quadro nº 1 Portuguesismos no kimbundu

Portuguesismo em kimbundu	Português
aviá	avião
dibesá	bênção
dikàlu	carro
dívulù	livro
fòkò	faca
kalasá	calça
mbìnza	camisa
ngelèja	igreja
xikolá	escola

Fonte: Autor desta tese.

Em Angola, o contacto do português com o kimbundu fez com que vocábulos daquela língua fossem assimilados por esta. Assim, falantes de kimbundu tiveram de adaptá-las, em dado momento, ao seu contexto linguístico, face às necessidades de comunicação. Assim, devido à longa convivência entre os dois sistemas linguísticos, palavras como as da tabela passaram a constar do vocabulário do kimbundu, permanecendo em uso até os dias de hoje.

Os exemplos a seguir ilustram alguns enunciados em que se evidencia a utilização destes vocábulos.

(1)

- | | |
|---|---|
| a) Mbinza yami yaxidi. | “a minha <i>camisa</i> está suja.” |
| b) Nga sukula o <i>kalasà</i> yami. | “lavei a minha <i>calça</i> .” |
| c) Ngala mu <i>ngeleja</i> nyi ndandu yami. | “Estou na <i>igreja</i> com a família.” |

Em (1b), a palavra *kalasà* é antecedida de um grafema que se assemelha ao artigo, mas, na verdade, este não existe em kimbundu, que recorre a prefixos nominais (Baião, 1948: 28).

2.3.1. Origem das línguas bantu

Tal como se pode observar a respeito de outros povos e línguas, também se afirmar que o termo “bantu” (que significa “povo”) se refere a um grupo de cerca de 600 línguas e aos seus falantes, contando hoje com cerca de 90 milhões de pessoas. Os estudos especializados apontam que essas línguas provêm do “Proto-bantu”, uma língua hipotética, considerada uma possível mãe das atuais línguas bantu faladas na África Central, na região dos Camarões e da Nigéria oriental moderna, há aproximadamente

3000 anos (Santiago, 2013).

Aquela hipótese genética para as línguas bantu atuais veio da suposição de que, entre o Proto-bantu e as línguas hoje existentes, teriam existido as línguas bantu comuns, que se dividiam em “bantu oriental” (zonas D, E, F, G, N, P, S, J) e “bantu ocidental” (zonas A, B, C, H, K, L, R), além das línguas K, L, e R, que oscilam entre os dois grupos. Embora existam várias hipóteses para as origens e a expansão bantu, a mais difundida, sobretudo entre os “bantuista”, é a de que elas provêm de uma região que hoje ficaria entre a Nigéria e os Camarões (Santiago, 2013: 34). Para Guthrie (1951 *apud* Santiago, 2013), a protolíngua teria saído da parte equatorial, entre a costa oriental e ocidental de África, mais precisamente a região do Katanga e os arredores do Kamina. Uma outra suposição partiu de Greenberg (2001 *apud* Santiago, *op. cit.*), quando defende que essa protolíngua teria saído do norte da selva equatorial entre os rios Ubangi e Chari, onde houve dois movimentos: um para o lado oeste (região das savanas) e outro para o sul.

Segundo Santiago (2013), a dispersão bantu teve duas fases, a primeira dos falantes da zona A, B e C, e a segunda, a expansão dos outros grupos bantu. As rotas de expansão seguem duas hipóteses: a de Jan Vansina e a de Bernd Heine. De acordo com o primeiro, a expansão bantu teria vindo da selva, seguindo os rios em direção ao Zambeze, onde houve a dispersão de um grupo ao norte e outro ao sul. Bernd Heine, por sua vez, propõe três hipóteses:

- 1ª. Uns grupos tinham saído do norte dos Camarões e os outros idos em direção ao leste para chegar a noroeste da República Democrática do Congo na região dos grandes lagos a leste;
- 2ª. Outros tinham saído da confluência dos rios Congo e Ubangi de onde saíram sete grupos Alto – Kongo, Teke mbetê, Kikongo, Boma, Yanzi e Luzazi – Cokwe.
- 3ª. Haviam saído da região do Kasayi de onde saíram as línguas dos grupos orientais (D, E, F, G, M, N, P, J) (Santiago, *op. cit.*).

Segundo refere Santiago (2013), “o processo de expansão ocorreu porque os falantes buscavam melhor qualidade de vida e queriam ganhar território, uma vez que havia uma concatenação de dialetos, e por isso não foi um processo de migração em massa”.

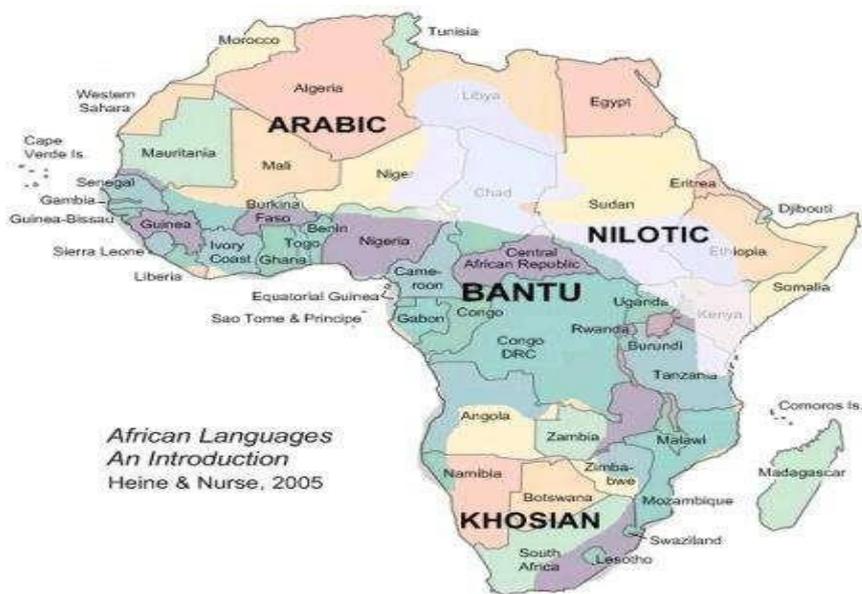
Apesar da variedade de hipóteses, pode afirmar-se que a maioria não passa de hipóteses baseadas em aspetos históricos e linguísticos das línguas bantu atuais, pelo que

parecem estar condenadas a não passar disso mesmo: hipóteses.

2.3.2. Línguas bantu: sua localização geográfica

As línguas bantu localizam-se numa região que vai do sul da Nigéria e se estende até a República dos Camarões, atravessando a República Centro Africana, a República Democrática do Congo, o Uganda e o Quênia, até ao sul da Somália, no leste do continente africano, da República dos Camarões até oceano Índico, e da floresta equatorial até à África do Sul. Em bom rigor, não se sabe o número total de línguas bantu, havendo linguistas que apontam 400, outros que calculam 552. Maho (2003) fala em 600 e Menet *et. al.* (1967) refere 680. Segundo Okudowa (*apud* Santiago, 2013), “de um total de cerca de 726 milhões de africanos (*Times Atlas*, 1999), a mais recente publicação (Lewis, 2009) relata a existência de cerca de 382 milhões de falantes de línguas da grande família Nigero – Congolesa, dos quais cerca de 240 são falantes de línguas bantu, sendo que de cada três africanos, um é falante de (ou várias) língua (s) dessa família”, o que demonstra a grande diversidade linguística de África, conforme ilustra o mapa a seguir.

Figura 3 Mapa de localização das línguas bantu



Fonte: Heine e Nurse (2005 *apud* Santiago, 2013)

2.3.3. Características dos nomes nas línguas bantu

A característica mais marcante das línguas bantu é terem prefixos classificatórios e serem línguas tonais. Cada substantivo pertence a uma classe, e cada língua tem diversas

classes que se emparelham para formar o singular e o plural, ou seja, o número é marcado por meio de prefixos, divididos em pares. Quanto às palavras, nas línguas bantu, elas são compostas tipicamente por sílabas do tipo CV (Consoante-Vogal), sendo o nome formado, geralmente, por um pré-radical e um tema (Santiago, 2013). Segundo este autor, as classes nominais do dialeto “kibala-ngoya”, um falar bantu não documentado, o pré-nominal compõe-se dos seguintes morfemas:

Um eventual índice de caso tonal, que indica determinada função sintática do nome (predicado, sujeito, objeto, etc.);

Um aumento vocálico que na classe 10 é seguido por um segundo aumento de estrutura fonotática CV-, (que ocorrem por ex.: em kimbundu/umbundu. O aumento é ausente nas classes locativas 16, 17 e 18 mas também é desativado em certos contextos.

Um ou dois prefixos sucessivos (seguidos, raramente, por um terceiro de classe 9), sendo que só o primeiro prefixo rege a concordância dos prefixos adjetivais, pronominais e verbais, ao passo que o segundo é inerte.

No que respeita aos aumentativos, Santiago (2013) refere que 1 e 2 são optativos, na medida em que há línguas que os apresentam e outras não; mesmo assim, eles são encontrados num bom número de línguas. Esses aumentativos geralmente precedem o PN (Prefixo Nominal) e constituem uma categoria lexical relevante, embora sem significado próprio; eles podem ser considerados elementos anafóricos, estando sempre em concordância com o nome que acompanham. Esses aumentos prefixais podem sofrer processos evolutivos de uma língua para outra em todos os níveis linguísticos.

Existe um grande número de línguas em que os aumentos prefixais desapareceram, deixando embora vestígios visíveis; em contrapartida, há línguas em que os aumentos têm uma estrutura simplificada a uma vogal, e ainda há aquelas que têm dois ou mais aumentos, como é o caso das línguas Nyanga, Lala, Zulu, etc., conquanto o seu número seja mais reduzido. A justificação para o facto de o aumento não acontecer em todas as línguas bantu estará, no entanto, em que “alguns prefixos perdem o seu papel semântico, o que os enfraquece, transformando-os somente num constituinte sem uma função significativa” (Santiago, 2013).

2.4. Línguas africanas de origem bantu e a sua classificação

À luz dos estudos da reconstrução dos étimos do Protobantu, mais precisamente da classificação genealógica e tipológica de Guthrie (1967: 11), há dois critérios principais que até hoje são referência para diferenciar as línguas bantu das não bantu. Esses critérios são basicamente os seguintes (Santiago, 2013):

1º Critério genealógico: com este critério observou-se a presença de cognatos¹² entre as línguas que Guthrie classificou como bantu e também as semelhanças fonéticas e fonológicas, utilizando nessas análises sempre o método comparativo. Essa classificação genética não é uma classificação geral das línguas bantu, sendo que a classificação geral é sempre tipológica.

Guthrie repartiu as línguas bantu em 16 zonas tipológicas (incluindo a zona J, refeita posteriormente pelo Museu Real de Tervuren/Bélgica), que estão divididas em grupos:

Zona A (9 grupos): Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, Congo- Brazzaville;

Zona B (8 grupos): Gabão, Congo-Brazzaville, Congo Kinshasa;

Zona C (9 grupos): Congo Brazzaville, Congo-Kinshasa;

Zona D (6 grupos): Congo-Kinshasa;

Zona E (7 grupos): Quênia, Tanzânia;

Zona F (3 grupos): Tanzânia;

Zona G (6 grupos): Tanzânia, Quênia; Somália, Comores;

Zona H (4 grupos): Congo-Brazzaville, Congo-Kinshasa, Angola;

Zona J (6 grupos): Congo – Kinshasa, Ruanda, Burundi, Uganda, Quênia, Tanzânia;

Zona K (5 grupos): Congo-Kinshasa, Angola; Zâmbia, Namíbia;

Zona L (6 grupos): Congo-kinshasa, Zâmbia;

Zona M (6 grupos): Congo-Kinshasa, Zâmbia, Zimbabwe, Tanzânia;

Zona N (4 grupos): Zâmbia, Botswana, Moçambique, Malawi, Tanzânia;

Zona P (3 grupos): Tanzânia, Moçambique, Malawi;

Zona R (4 grupos): Angola, Namíbia, Botswana;

Zona S (6 grupos): Zimbabwe, Botswana, Moçambique, África do Sul, Swazilândia, Lesoto.

¹² Designação das palavras que apresentam o mesmo radical, mas com funções diferentes (Costa & Mello, 1991).

As zonas tipologicamente agrupadas em 5 áreas maiores são:

A área do Noroeste (NW) com as 3 zonas: A, B e C;

A área do Sudoeste (SW) com as zonas: H, K e R;

A área do centro (Ce) com as 4 zonas: D, L, M e N;

A área do Nordeste (NE) com as 4 zonas: J, E, F e G;

A área do Sudeste (SE) com as 2 zonas: P e S.

2º Critério tipológico: consiste na classificação interna das línguas bantu. Este critério tem em conta os prefixos e cognatos, para classificar as línguas bantu, observando a estrutura interna de cada língua, as suas estruturas gramaticais, morfológicas, fonotáticas, lexicais, fonéticas e tonais, isto é, os agrupamentos de fonemas e de tons.

À semelhança de outras tipologias linguísticas, as línguas africanas apresentam, igualmente, uma tipologia própria. Para se reconstruir uma Protolíngua é necessário antes de tudo conhecer a estrutura interna da língua, como os constituintes que se juntam para compor as frases, pois estruturalmente as línguas são agrupadas de acordo com a presença ou ausência de certos traços fonéticos, fonológicos, morfológicos ou sintáticos. E foi com base na utilização desses critérios que surgiram as primeiras propostas de classificação tipológica das línguas bantu.

Os primeiros estudos acerca das classificações estruturais e tipológicas tiveram início com os estudos de Adam Smith (1761) e só adquiriram consistência depois do século XIX, em especial na Alemanha. Esses estudos estruturais procuraram descrever vários tipos linguísticos encontrados nas línguas, a partir de um único modelo estrutural.

A partir desse estudo, concluiu-se que cada língua tem sua estrutura interna e características morfológicas relevantes. Assim sendo, elas estão divididas por tipos e sendo que nenhuma língua é, em estado puro, uma coisa ou outra, embora exista uma dominante, que pode inclusive mudar no decorrer da história de uma língua, como se observa nas línguas germânicas, flexionais, mas em que o inglês não é flexional, pois foi perdendo quase todas essas as suas flexões (Santiago, 2013).

De acordo com Faria *at. al.* (1996: 505), é ainda possível classificar as línguas segundo critérios que se fundam na comparação das semelhanças e diferenças formais existentes entre elas. Segundo essa pesquisadora, as primeiras tipologias datam igualmente, destacando-se o nome de Schlegel dentre os seus fundadores. E baseando-se principalmente na morfologia, distinguiram três tipos de línguas: as *isolantes*, cujas unidades morfológicas são invariantes e não-analisáveis (como o Mandarim ou

Vietnamita; as *flexionais*, de morfologia complexa, que são caracterizadas pela combinação de radicais e de afixos, distintos entre si e com informação própria, morfemas esses que podem tomar formas diferenciadas de acordo com o modo, tempo ou a pessoa (verbos) ou o género e número (nome), como por exemplo, o Latim ou o Português; finalmente as línguas *aglutinantes*, caracterizadas pelo facto de radicais e afixos se sucederem sem que a sua justificação implique alterações dos morfemas (como o Finlandês ou o Turco), encontrando-se a meio caminho entre dois tipos precedentes.

Este método de classificação alargou-se posteriormente à sintaxe, ao léxico e à fonologia e continua a ter seguidores (Faria *at.al.* 1996: 507). Contudo, muitos problemas se levantam, relativamente ao estabelecimento de tipologias visto que determinado conjunto de línguas pode partilhar características num certo domínio da sua gramática (por exemplo, na morfologia) e conhecer divergências importantes num outro domínio, como por exemplo, na sintaxe (Faria *at. al. op. cit.*).

Figura 4 Mapa das Zonas e Grupos Linguísticos



Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Bantu_languages/> [Acesso em 24/07/2021]

O mapa acima representa, como Guthrie (1967) apontou uma série de critérios principais (como determinar as línguas por zonas e por um sistema de classes que apresentavam características entre si) e critérios subsidiários (estruturas-padrão de um radical que formam palavras através de um processo aglutinativo).

2.5.Famílias Linguísticas

À semelhança de outras línguas vivas, as línguas africanas encontram-se divididas em famílias linguísticas, e estas, por sua vez, em grandes grupos. De acordo com a classificação proposta por Greenberg (1955: 1 *apud* Ngunga, 2004), feita com base no reconhecimento de senso comum de que certas semelhanças entre as línguas africanas só podem ser explicadas com base em hipóteses de relação genética (Ngunga, 2004: 26).

Greenberg apresenta a classificação das línguas africanas em quatro grandes

famílias, identificando, em cada uma delas, as subfamílias que podem variar de acordo com o número de famílias (Ngunga, 2004). Eis as famílias apresentadas por Greenberg:

Família Congo-Kordofaniana (subfamílias: Níger-Congo e Kordofaniana); é a que inclui numerosos grupos predominantes no sul do Sahara, da qual se destaca o grupo Bantu;

Família Nilo-Sahariana (subfamília: Songhai, Sahariana, Maban, Fuz, Chari-Nilo, Koma, que compreende as línguas que se encontram ao redor do Rio Nilo e do deserto do Sahara (constituído pelo Sahariano e Songhai);

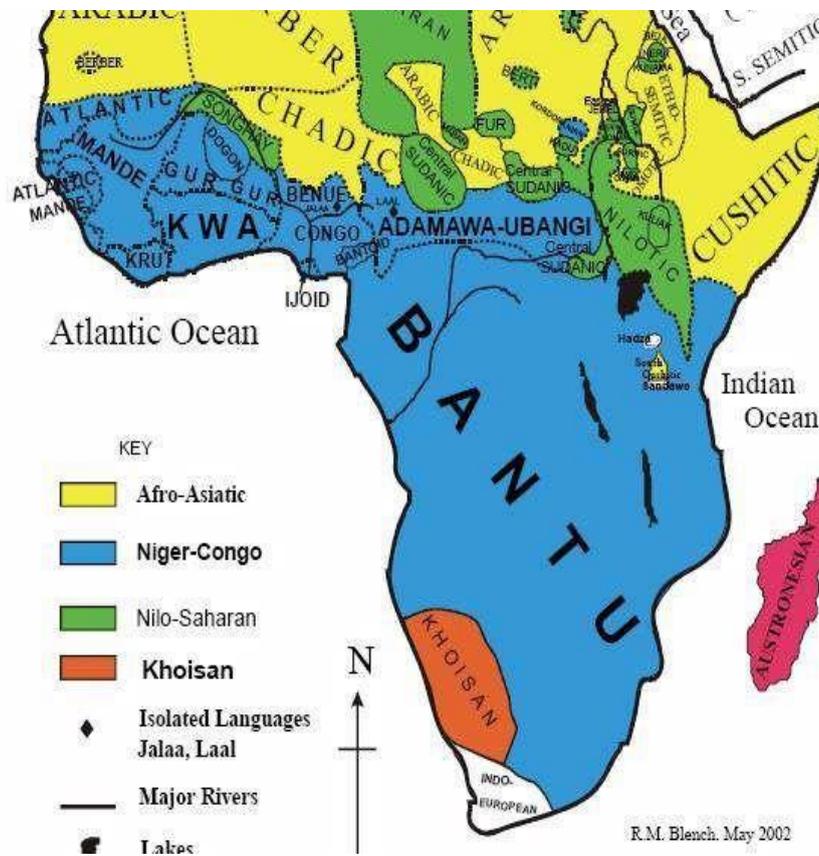
Família Afro-asiática: (subfamília: Semítica, Egípcia, Berbere, Chádica), compreende as línguas que se encontram ao mesmo tempo entre África e Ásia (incluindo as línguas berberes do Norte da África, as Cuxitas da Etiópia e da Somália e, ainda, as semitas, abrangendo o hebreu, o árabe e o aramaico);

Família Khoisan: (subfamília: khoi, San, Sandawe, Iraqw, Hata ou Hadza), inclui as línguas que se estendem ao sul da África do Sul. São línguas que têm, entre as suas particularidades, os chamados “cliques”, dotados de uma função fonológica (são línguas dos Pigmeus da floresta tropical do Congo Democrático e faladas pelos povos Kung, vulgarmente conhecidos como Hotentotes, em Angola designados Mucancalas (Ngunga, 2004: 26, 27).

A Família Khoisan resulta da fusão de dois grandes grupos, nomeadamente o Khoi, que constitui uma comunidade que habita na Namíbia e Botswana, tem como principal atividade a agricultura; a comunidade San, que habita no Sul de Angola, mais concretamente nas províncias do Cunene e Cuando Cubango, tendo como atividade principal a caça e, devido a essa atividade, é considerada nómada. No nosso entender, as condições climáticas, associada à procura de água para dar de beber o gado faz dela uma comunidade nómada.

O mapa a seguir ilustra a divisão das famílias linguísticas em África.

Figura 5 Mapa da Família de Línguas da África



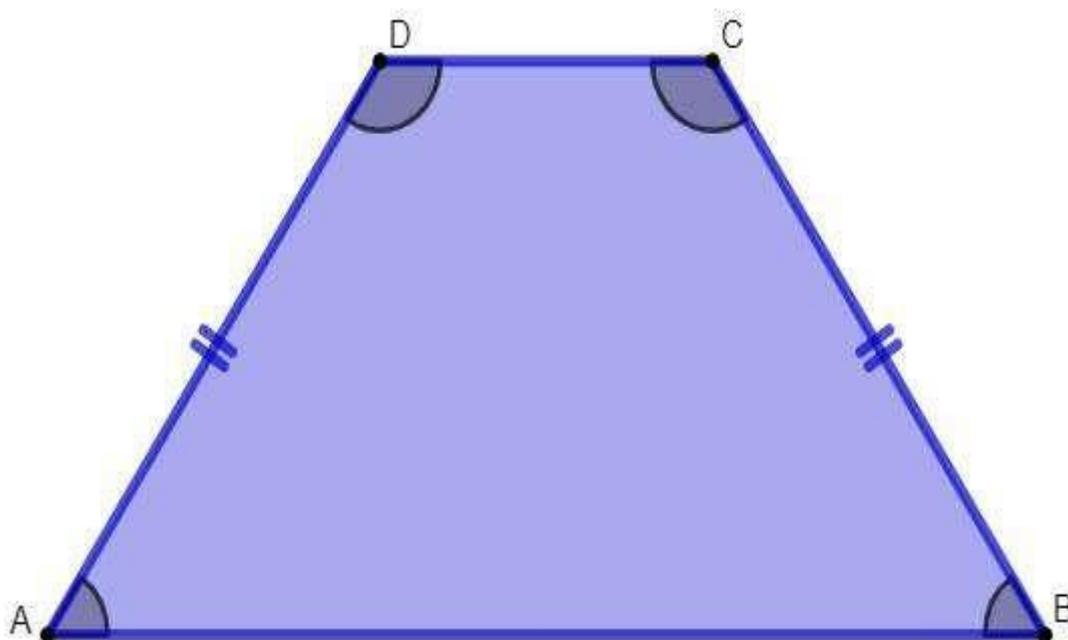
Fonte: Santiago (2013)

Tendo em conta a divisão das famílias linguísticas feita por Greenberg, pode dizer-se que as línguas bantu são um tronco numericamente importante no interior da subfamília Níger-Congo, estendendo-se o seu território mais precisamente do oeste até ao leste, e do norte ao sul abaixo do deserto do Sahara.

Um outro tipo de classificação genérica das línguas africanas foi proposto por Mutondo (2008 *apud* Santiago, 2013), que esquematiza a situação linguística na África, num trapézio (vide fig. 6), em cuja base estão as Línguas Indígenas (autóctones), as não reconhecidas nacionalmente, e, por isso, muitas vezes sem tradição escrita, as línguas Veiculares (que se usam fora das fronteiras étnicas, onde cada língua tem seu espaço dentro de um país ou de uma região) e as Línguas Vernáculas (cada grupo étnico tem a sua língua). Na parte superior do trapézio estão as Línguas Metropolitanas, que são o espanhol, o francês, o italiano, o português, o neerlandês e o inglês, línguas que são

uma herança da colonização e hoje são “línguas oficiais” em países africanos. Na parte central ficam as Línguas Mistas resultantes do encontro entre as línguas autóctones e as metropolitanas, o que explica a presença das línguas crioulas e dos pidgins.

Figura 6 Trapézio de divisão das línguas de África



Fonte: Daniel Mutondo (2008, *apud* Santiago, 2013)

Essas duas classificações permitem evidenciar não só a grande diversidade linguística existente no continente africano como também a sobreposição de uma língua em relação a outra.

No trapézio que esquematiza a posição dessas línguas observou-se que as que ficam na parte superior deste são as consideradas línguas de “prestígio” (faladas pela minoria da população), ao passo que as línguas não reconhecidas nacionalmente, pese embora terem a maioria dos falantes, ocupam a base desse trapézio no contexto sociolinguístico.

2.6. Classe dos prefixos: estudo hipotético do universo linguístico bantu

Nas línguas bantu, os prefixos constituem a categoria básica na qual as formas se encontram flexionadas (Santiago, 2013). Numa língua bantu cada substantivo situa-se dentro de uma série juntamente com os outros substantivos que partilham o mesmo

classificador, que é um prefixo nominal (PN), eventualmente precedido por um aumento, e que rege a concordância das palavras dependentes (adjetivos, pronomes, verbos) através da repetição do classificador sob a forma de prefixo adjetival (PA) ou infixos (IN). Santiago (2013) salienta, ainda, que as classes se agrupam duas a duas para expressar o singular sem esquecer a existência de outros sistemas (substantivos monoclassicos e pluriclassicos, etc.). Relativamente ao número de classes, estas variam entre 10 a 20 segundo as línguas africanas, referindo que algumas têm 10 classes, outras 18 (ex.: Cilubà), variando de uma língua para outra, ainda que, normalmente, são 20 as classes reconstruídas do Proto-bantu que foram reduzidas devido às evoluções das línguas.

O género existe nessas línguas, mas traduz-se em prefixos. Entretanto, na língua de referência para este estudo – o kimbundu – mostramos como esse processo se desencadeia: (filho “mona wa dyala”; filha “mona wa muhatu”).

Em rigor, nas línguas africanas constata-se apenas 19 classes, uma vez que a classe 20 raramente ocorre e, por ser irrelevante, julga-se desnecessário especificá-la. Contudo, aquele número de classes não se manteve em todas as línguas atuais, tendo sido frequentemente reduzido ao longo de séculos de evolução. Essas classes de prefixos geralmente indicam:

Classes 1 e 2: nomes que designam seres humanos e alguns outros seres animados.

Classes 3 e 4: nomes de árvores, plantas e outras coisas inanimadas; Classes 5 e 6: nomes de partes do corpo que formam pares;

Classes 7 e 8: nomes de objetos;

Classes 9 e 10: nomes de animais;

Classes 11 e 10: nomes de objetos finos e alongados;

Classes 12 / 13 e 19: nomes que podem ter função diminutiva;

Classe 14: pode ter função abstrata (ex.: naturalidade, qualidade, estado);

Classe 15: é usada para indicar o infinitivo dos verbos.

Esses prefixos dividem-se em:

-Prefixos primários, porque têm a função de fornecer as formas nominais, isto é, função gramatical, pois formam substantivos que entram em classes determinadas e regem a concordância das palavras que se relacionam com eles.

-Prefixos secundários: têm duas funções diferentes, quando ocorrem impõem sempre a concordância em relação aos outros prefixos ou substituem o prefixo primário. Estes prefixos têm o seu sentido próprio e interferem no tema substantival modificando- o semanticamente, o que varia de uma língua para outra.

-Prefixos locativos: geralmente são de classe 15, 17 ou 18 e, normalmente, têm funções locativas, e cada um tem o seu sentido.

Como se pode constatar, todas estas características, e outras não mencionadas aqui, (léxico, etc.) constituem um conjunto de elementos distintivos que permitem diferenciar as línguas bantu de outras línguas não bantu (Santiago, 2013).

2.6.1. A tonicidade nas línguas bantu: fator de diferenciação

Quase todas as línguas bantu são tonais, o que é um fator relevante para diferenciar essas línguas de outras línguas africanas. Os tons funcionam como elemento fonológico, lexical, semântico e fonémico, permitindo diferenciar vocábulos, tanto a nível lexical quanto gramatical. Esses tons podem ser: simples, intermédios e complexos. Os tons de base ou simples são o tom Alto e o Baixo, o intermédio e o médio e os complexos são os ascendentes, descendentes, além dos tons supra-alto e infra-baixo. Na maioria das línguas tonais o sistema habitual geralmente tem dois tons, que podem afetar a estrutura silábica de uma palavra, embora em algumas línguas os morfemas gramaticais não tenham tom nenhum. Mesmo com a evolução das línguas, a maioria delas preservam o tom do Protobantu, exceto em algumas zonas, como é o caso das línguas da zona L, que correspondem às línguas do grupo Luba, como o Cilubà, língua pertencente à zona L31, Kanyok L32.

Segundo Santos (2018), “quando temos em Protobantu um tom alto, em L30 temos o inverso. Os tons são totalmente ou particularmente invertidos, mas isso depende da posição da sílaba, e varia conforme os dialetos”.

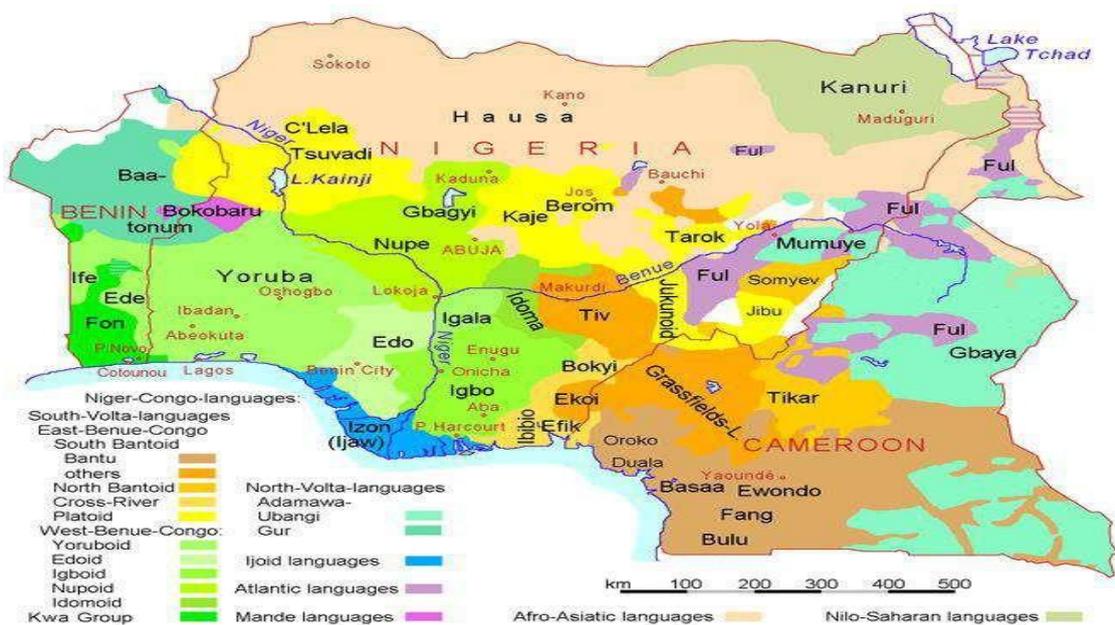
Oliveira (2005b, 95-99 *apud* Santiago, 2013) sublinha precisamente as mudanças devidas aos tons:

“Em línguas bantu, o tom ocasiona mudanças lexicais de significação e diferenças gramaticais. Ou seja, uma mesma composição de segmentos pode ter significados lexicais e gramaticais distintos realizados por meio de tons distintos”.

Assim, nas línguas bantu os tons permitem distinguir categorias de morfemas tanto nos verbos quanto nos nomes, principalmente quando se referem aos reflexos do Proto-bantu (Santiago, 2013). Além disso, os sistemas tonais estão sujeitos a processos de sândi¹⁷, ou seja, sofrem algumas modificações após a aplicação de regras, nomeadamente a da “assimilação” e da “dissimilação”.

Existem, igualmente, línguas bantu *stricto sensu*, que correspondem às línguas que Guthrie chamou de bantu e, também, o chamado grupo das línguas bantu *lato sensu*, línguas conhecidas como “bantóides”, que pertencem também ao ramo da subfamília Benue- Congo do filo Níger-Congolesa, e apresentam semelhanças no vocabulário com as línguas bantu. Williamson (1989 *apud* Santiago, 2013) propôs uma divisão dessas línguas em “bantóides setentrional e meridional”, mas, de acordo com Blench (2000 *apud* Santiago, 2013), as línguas “bantóides sul” dividem-se em várias línguas bantu – Narrow, Jarawan, Tivoid, Beboid, Mande, Grassfield e as famílias Ekoid – que ascendem mais ou menos a 150 línguas, localizadas entre a República dos Camarões e a Nigéria.

Figura 7 Mapa das Línguas Grassfield bantu



Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_bant%C3%B3ides> [Consultado em 25/7/2021]

2.7. Línguas angolanas de origem africana

No âmbito do estudo das línguas africanas do grupo bantu, importa referir que “bantu” é palavra formada por *ba* (prefixo nominal de classe 2) e *ntu*, que significa “pessoa” ou “humanos”. Versões dessa palavra ocorrem em todas línguas bantu, como por exemplo: “watu”, em suaíli; “muntu”, em kikongo; “batu”, em lingala; “batu”, em duala; “abantu”, em Gusii; “andu”, em quicuio; “abantu”, em zulu, “quitara”, em ganda; “vanhu”, em xona; “batho”, em sesoto; “vandu”, em alguns dialetos luia; “mbaityo”, em Tive; e “vhathu”, em vemba.

O grupo Bantu é provavelmente originário dos Camarões e do sudoeste da Nigéria. Por volta de 2000 a.C., começou a expandir-se na floresta equatorial da África central. Mais tarde, por volta do ano 1000, ocorreu uma segunda fase de expansão mais rápida, para o leste, e finalmente, uma terceira fase, em direção ao sul do continente, quando os “bantu” se miscigenaram, misturando-se então com grupos autóctones, e constituíram novas sociedades.

Assim, os bantu distribuem-se, no continente africano, no sentido oeste-leste, desde os Camarões e o Gabão às ilhas Comores; no sentido norte-sul, do Sudão à África do Sul, cobrindo toda a parte meridional da África, onde somente os bosquímanos e os hotentotes têm línguas de origem diferentes. Enquanto os bosquímanos e hotentotes eram nómadas caçadores-coletores e pastores, os bantu eram agricultores sedentários e já conheciam o uso do ferro. Esses avanços permitiram-lhes colonizar um amplo território, ao longo de aproximadamente quatro mil anos, forçando o recuo dos povos nómades. No entanto, o grupo Bantu absorveu das línguas khoisan, alguns fenómenos linguísticos típicos, como é o caso do clique.

Embora não existam informações precisas, o subgrupo etnolinguístico bantu mais numeroso parece ser o zulu. A língua zulu é a mais falada na África do Sul, onde é uma das 11 línguas oficiais, sendo que mais de metade dos 50 milhões de habitantes da África do Sul é capaz de compreendê-la, mais de nove milhões de pessoas têm o zulu como língua materna, e mais de 15 milhões falam zulu fluentemente.

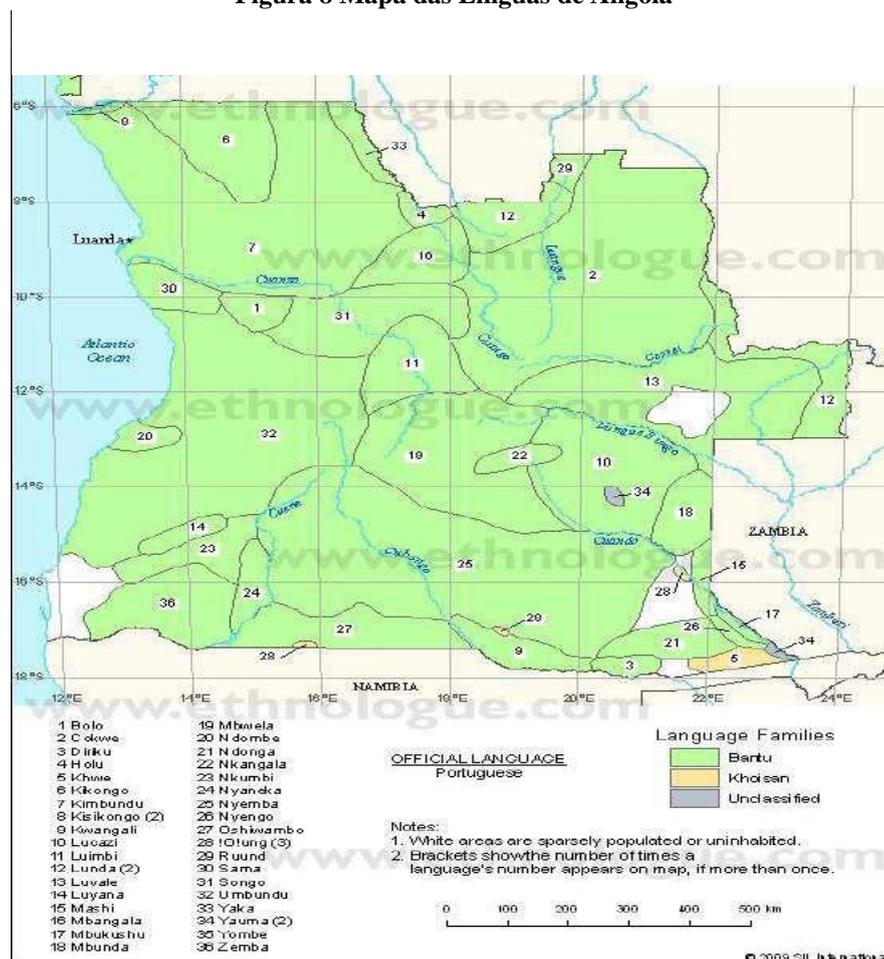
Angola é um país que se encontra situado na parte subsaariana do continente africano, e é dominado pelas línguas da família Níger-Congo, como se referiu em secção anterior. Estas línguas ocupam um terço do continente e têm perto de 200 milhões de falantes, representando o conjunto de línguas mais importantes da África Negra do ponto

de vista geográfico e demográfico.

Atualmente, 95% da população angolana – cerca de 32 milhões de habitantes (dados de 2019) – é composta por africanos bantu, pertencentes a uma diversidade de etnias. Entre estas, a maior é a dos Ovimbundu que representa mais de um terço da população, seguidos dos Ambundu, com cerca de um quarto, e os Bakongo com mais de 10%. Menor peso demográfico têm os Lunda-Cokwe, os Ovambo, os Nyaneka-Nkhumbi, os Ngengela e os Xindongo. Existem ainda pequenos grupos residuais de Khoisan – por vezes designados como bosquímanos ou hotentotes –, habitantes originais do território da Angola de hoje (e, portanto, pré-bantu).

Tal como existia no fim do período colonial, o *habitat* destas etnias continua inalterado no essencial. No entanto, durante a segunda metade do século XX, houve um fluxo permanente de habitantes das áreas rurais para as cidades. Graças ao trabalho realizado pelo Instituto Nacional de Línguas, reconheceu-se a existência, maioritariamente, de sete línguas bantu. Estas línguas tinham, segundo os peritos, sofrido um processo de “dialetização” muito grande. Havendo necessidade de estudar essas línguas, os investigadores do Instituto Nacional de Línguas fizeram a descrição científica de algumas línguas maioritárias pertencentes ao grupo bantu, trabalho que permitiu a apresentação de propostas de alfabetos para seis das dez línguas locais maioritárias. Esses alfabetos foram, provisoriamente, aprovados pela resolução Nº 3/87 do Conselho de Ministro, publicado no “Diário da República” de maio de 1987. Após a apreciação do relatório dos peritos, o Governo Angolano decidiu atribuir o estatuto de “Línguas Nacionais” às línguas africanas faladas no país, e ao português, o de “Língua Oficial” (Mingas, 2000: 55), conceitos que já foram abordados em secção anterior.

Figura 8 Mapa das Línguas de Angola



Fonte: Fonseca (2012)

2.8. Situação da língua portuguesa em Angola: visão histórica e atual

Após a independência, a 11 de novembro de 1975, levantou-se ao novo país um dos problemas mais cruciais das recentes nações africanas: o das suas línguas nativas que, por terem sido e continuarem a ser tão pouco cultivadas, por um lado, e pela sua diversidade, por outro, não foram escolhidas como meio comum de comunicação, já que seria impossível impor uma delas (Haugen, 1974: 107 *apud* Ferreira & Osório, 2018: 281-407). Na perspectiva de Ferreira e Osório, a diversidade linguística não constitui barreira para a união na diversidade, pois há contextos linguísticos (veja-se o exemplo da Índia, com catorze línguas oficiais), em que a diversidade não leva à subvalorização das línguas locais. Ferreira e Osório (2018) referem que outro exemplo típico é o caso da África do Sul, que adotou 11 línguas oficiais, embora essa decisão tenha sido um tanto forçada. Pelos motivos acima apontados, em Angola, a língua portuguesa não perdeu, no período

pós-independência, o estatuto que tinha quando o território estava sob domínio colonial. Antes pelo contrário, no período pós-colonial teve início um importante processo de difusão e valorização da língua portuguesa, porquanto a mesma continuou a ser vista como língua de prestígio e de ascensão social.

A difusão e valorização do português, assim como a pluralidade etnolinguística de Angola favoreceu o estatuto diferenciado da língua portuguesa, por causa da sua operacionalidade, conforme refere Ganhão (1979 *apud* Raposo, 2013: 157). Desse modo, a língua portuguesa é tida como elemento unificador entre os vários grupos etnolinguísticos que compõem o mosaico cultural angolano, sendo a língua que garante a unidade e permite, de forma mais eficaz do que as outras línguas locais, as relações internacionais e a transmissão do conhecimento científico (Ferreira & Osório, 2018).

Veja-se o conceito de Língua Nacional apresentado por Mwata Ngalasso, citado por Mingas (2000: 55-56) nos seguintes termos:

[...] O conceito de Língua Nacional, contrariamente ao que se pensa e afirma em África, não se opõe ao de língua oficial, mas ao de língua estrangeira. A primeira pertence ao património cultural de uma nação, nação-etnia ou nação-estado mas a segunda não.

[...] A língua nacional designa toda a língua de origem autóctone qualquer que seja a sua importância geográfica ou demográfica, que seja maioritária ou não, e língua oficial, toda a língua nacional ou não, à qual é conferido o privilégio de servir de meio de comunicação nas instituições do Estado.

É evidente que uma descrição da língua portuguesa em Angola não deixará de se ter em conta o quadro geral dos contactos em que esta língua se encontra inserida, visão com a qual concordamos, na medida em que o prolongado contacto das línguas nacionais com o português incorporou nesta língua elementos que poderão/podem dar lugar a uma variante angolana do português (Costa, 2006). Com efeito, o português em Angola denota na sua estrutura marcas e traços linguísticos característicos das línguas bantu, o que explica o surgimento de uma componente lexical distinta da europeia. Os traços fonéticos, os traços prosódicos, o ritmo e a entoação, por exemplo, devem ser observados como fenómenos de interferência de natureza lógico-gramatical, assim como as interferências no léxico, que constituem o nosso foco.

Este tipo de influência é o que, nos contactos interlinguísticos, menos afeta a estrutura interna e a identidade de uma língua (Costa, 2006). Com efeito, essas interferências enriquecem-na, ao contrário das interferências de natureza lógico-gramatical, que causam ruturas, algumas das quais profundas na estrutura interna, que é característica do sistema linguístico angolano.

O “português angolano” é a variedade da língua portuguesa falada em Angola. Dos países africanos de língua oficial portuguesa, Angola é o país onde se regista a maior percentagem de falantes de português como primeira língua: em todo o país, cerca de 71,15 % dos quase 33 milhões de habitantes falam português em casa, de acordo com os últimos dados do INE em 2019¹³, sendo o segundo país com maior número de pessoas lusófonas, atrás apenas do Brasil.

Apesar do elevado grau de variação interna que este português regista, devido à grande fragmentação sociolinguística existente, nota-se uma tendência para a homogeneidade, e é em torno dessa tendência que poderá surgir uma variante de referência para Angola, que sirva para a comunicação social, a documentação oficial, a escolarização e todos os contextos de comunicação formal (Costa, 2006: 49). No entanto, até agora é o Português Europeu que dita o padrão para as situações e contextos de comunicação formal, oral e escrita, em virtude do seu prestígio, paralelamente à natural elaboração de uma variedade angolana que resultará da acomodação da língua portuguesa às condições linguísticas, sociais e culturais dos angolanos.

2.9. A transição de Angola para o português

Como é sabido, em 1576, com a fundação da cidade de São Paulo de Luanda, na foz do rio Kwanza (atual Luanda), foram lançadas as bases do que, muito depois, viria a ser a colónia portuguesa na região atualmente ocupada por Angola (Wood, 1998-2000: 243 *apud* Inverno, 2008:120). Esta região era o novo entreposto comercial dos portugueses na costa ocidental de África, existindo já um pequeno núcleo populacional de europeus e africanos, vindos de São Tomé, para se dedicarem ao comércio de escravos. São Paulo de Luanda foi o núcleo da nova colónia de Angola, cujo primeiro governador foi Paulo Dias de Novais, a quem a carta régia concedia o território entre os rios Kwanza e Dande, incluindo 35 léguas a sul deste último (Costa *et. al.*, 1999: 1403).

¹³ Anuário de Estatísticas Sociais, 2015 – 2019 (INE, 2021).

Dos 2340 portugueses enviados para a colónia entre 1575 e 1592, Santos (1998: 85 *apud* Inverno, 2008) salienta que “apenas 300 restavam em Luanda em 1592, uma vez que 450 tinham morrido nas guerras, e os restantes, de malária, ou teriam fugido para o interior, onde adotaram as línguas e costumes africanos”. De acordo com Boxer (1977: 28-35), citado por Inverno (2008), o número de mulheres brancas na colónia era ainda mais baixo que noutras partes das colónias. Assim, os filhos dos colonos, educados em casa pelas suas mães africanas domésticas, aprendiam uma língua como primeira língua nativa (Vansina, 2001: 269 *apud* Inverno, 2008:20).

Este contexto social parece sustentar a hipótese de que desde a fundação de Luanda até 1600, conforme refere Boxer (1977), “o kikongo e mais tarde o kimbundu terão sido as línguas mais faladas na colónia, a qual, em 1589, data da morte do governador Paulo Novais, se restringia a Luanda, a alguns fortes no interior ao longo do rio Kwanza e à cidade de Benguela”. Vansina (2001 *apud* Inverno, 2008) acrescenta ainda que, “os colonos portugueses não eram capazes de aumentar o recurso ao português entre africanos e a restante comunidade”. Mas, se no interior o português se difundia como *língua franca* no século XVII, nos arredores de Luanda o kimbundu era a língua mais falada em quase todo o lado (Birmingham, 2002: 148 *apud* Inverno, 2008: 121).

De acordo com Venâncio (1996: 53 *apud* Inverno, 2008: 122), os afro- portugueses eram o segundo maior grupo social em Luanda. Segundo esse investigador, existiam em menor número no centro, onde ocupavam a maioria dos cargos públicos, provavelmente devido ao facto de se dedicarem essencialmente ao tráfico de escravos e, como tal, permanecerem junto aos escravos que aguardavam embarque para a América na periferia da cidade. Para esses africanos, presume-se que a sua língua materna terá sido provavelmente o kimbundu. No século XVIII aconteceram tentativas de controlo da parte sul da colónia, especialmente da região de Benguela; porém, sem resultados.

Nessa altura, ainda era pouca a população branca em Luanda. Sabe-se que no colégio dos Jesuítas se difundia o kimbundu, pois a aprendizagem das línguas nativas fazia parte da estratégia missionária destes religiosos; porém, em 1760, o referido colégio foi encerrado, na sequência da política pombalina que ditou a expulsão dos Jesuítas.

Em 1765, o governador Sousa Coutinho emitiu um decreto que obrigava os pais a utilizarem o português em casa, na educação dos seus filhos, e no contacto com os escravos. Não obstante serem poucos os portugueses, apenas no século XIX o português começou gradualmente a ser mais falado na colónia (Vansina, 2001: 274-275 *apud*

Inverno, 2008), à medida que se alargavam os territórios de povoamento com novos contingentes de portugueses.

Entre a população negra (Alexandre & Dias, 1998: 446; Atkins, 1955 *apud* Inverno 2018) teriam surgido línguas mistas (ex.: olumbali), fruto do contacto entre línguas que, aparentemente, não vieram a desenvolver-se ou a consolidar-se.

Segundo Vansina (2001: 277 *apud* Inverno, 2008), estes fatores sociais levaram à aquisição do português e ao desenvolvimento de competências bilingues entre a população do território angolano, se bem que com distribuição irregular, pois, de acordo com Inverno (2008:124), “mesmo em Luanda e áreas vizinhas, o kimbundu era a língua mais falada, pelo que, coexistiam as duas línguas, e assim continuariam, em situação de “diglossia”¹⁴, que se prolonga até aos dias de hoje”.

Tal diglossia, vale dizer, o contacto entre o kimbundu e o português, línguas com papéis sociais distintos, terá desencadeado interferências mútuas (Schuchardt, 1888: 230 *apud* Inverno, 2008: 124).

Quanto à política colonial relativa aos africanos, no início do século XX duas primeiras décadas do século XX mantinha-se a distinção entre portugueses, brancos, e “indígenas” (afro-portugueses inclusive), distinção que está patente em documentos como a *Carta Orgânica de Angola* (1917), o *Estatuto Político. Civil e Criminal dos Indígenas de Angola e Moçambique* (1926) e o *Código de Trabalho dos Indígenas das Colónias Portuguesas* (1928).

O mapa que se segue ilustra a designação das cidades na era colonial, com os respetivos grupos étnicos, representados por uma cor distinta.

2.9.1. Política linguística pós-independência

À política linguística subjazem ideologias linguísticas, porque regular o uso de uma língua implica crenças e ideias sobre a própria língua, relacionadas com grupos, estatutos, papéis, funções, normas e normalização, tanto reais como projetados (Ferreira & Pfeifer, 2018: 240). De acordo com Johnson (2013 *apud* Ferreira & Pfeifer, 2018), “a política linguística não é apenas um resultado mas também um processo, incluindo, a par de regulamentos oficiais e de discursos políticos, ações não oficiais e discursos implícitos

¹⁴ Forma de bilinguismo, num indivíduo ou numa comunidade, em que as duas línguas (ou dialetos) se utilizam com objetivos ou em contextos diferentes (Costa & Melo, 1952).

que também jogam um papel na regulação da língua” (Johnson, 2013 *apud* Ferreira & Pfeifer, 2018). Segundo Ferreira e Pfeiffer (2018), por política linguística entende-se “a atividade e o produto da intervenção e regulação do uso das línguas, no que se refere ao seu estatuto e à sua distribuição, com forte componente de intervenção a nível da educação”. A política de língua traduz-se, pois num conjunto de medidas, explícitas ou implícitas, destinadas a definir o estatuto, as formas de aprendizagem e o prestígio das línguas ou variedades linguísticas existentes num país.

Em Angola, após a conquista da Independência nacional, o Governo tratou de traçar uma política orientada para a valorização da língua portuguesa, como fator de unificação nacional. Com efeito, a opção política foi, desde a Independência, transformar a Língua Portuguesa em instrumento de unidade nacional, impondo-a como obrigatória em setores vitais: no sistema educativo (como veículo de transmissão e como matéria de ensino), na informação, no sistema judicial e jurídico, na administração pública em geral. Esta decisão refletia a realidade do povo angolano: a multiplicidade de línguas nativas justificava a adoção de uma língua comum ou, pelo menos, de uma língua de maior cobertura territorial, ao contrário das outras línguas angolanas, cuja distribuição era mais local ou regional (Miguel, 2004: 28). É claro que esta opção não decorre de aspetos linguísticos, pois todas as línguas têm, intrinsecamente, o mesmo valor; não têm é as mesmas condições para responder a certos tipos de requisitos sociais (tradição escrita, tradição descritiva, normalização, elaboração histórica e norma, por exemplo).

Dada a complexidade linguística, cultural e étnica de Angola, país plurilingue, pluricultural e pluriétnico, a “questão linguística” tem sido alvo de discussão no plano estatal e jurídico, pois trata-se de construir uma unidade nacional paralelamente ao respeito e promoção da diversidade natural do território (Severo, 2015: 7).

O primeiro presidente de Angola, António Agostinho Neto (1922-1979), líder do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e renomado escritor angolano, ao tomar posse como primeiro presidente da fundação da União dos Escritores Angolanos em 1977, reafirmava a importância da defesa do multilinguismo e das línguas africanas em Angola. Em termos jurídicos, a Constituição da República de Angola (2010), prevê no Artigo 19º. a seguinte política linguística do Estado Nacional:

1. “A Língua Oficial da República de Angola é o Português;
2. O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de

Angola bem como das principais línguas de comunicação internacional”.

Um ano depois, foi aprovada a Lei do Estatuto das Línguas Nacionais de Origem Africana (2011) com vista a regular a situação linguística de Angola em contextos administrativos, educacionais e mediáticos. Dentre as línguas consideradas nacionais contam-se as seguintes: umbundu, kimbundu, kikongo, cokwe, kwanyama e ngangela. Tais línguas pertencem a dois grupos linguísticos diferentes: bantu (englobando a maioria das línguas angolanas) e khoisan (uma minoria que tem como traço marcante o uso de cliques). Além das línguas nacionais, há também centenas de dialetos falados em Angola. Em termos estatísticos, a língua portuguesa é maioritária na capital do país, Luanda, e nos centros urbanos, sendo a mais falada em Angola. As línguas angolanas são usadas sobretudo em regiões rurais, mas uma parte dos angolanos é bilingue ou multilingue. A distribuição estatística das línguas angolanas foi, precisamente, um dos objetivos do primeiro Censo Geral, realizado em 2014.

De acordo com os dados recolhidos nesse Censo, as línguas angolanas são faladas por diferentes grupos etnolinguísticos distribuídos geograficamente pelo país. Segundo Sassuco (2019), a situação etnolinguística de Angola pode ser resumida da seguinte maneira: a língua umbundu é falada pelo povo Ovimbundu; a língua kimbundu é falada pelo povo Ambundu; o grupo Bakonko fala a língua kikongo; os Tucokwe falam cokwe; e a língua kwanyama é falada pelo grupo Vakwanyama. Esta última é falada na região do Cunene. O grupo Vangangela fala a língua ngangela.

Ora, como referido anteriormente, esta diversidade possibilitou que em Angola se desse uma intensa disseminação do português entre a população angolana, a ponto de uma boa percentagem da população ter hoje o português como única língua, fenómeno que chama a atenção dos investigadores, e que se explica por circunstâncias históricas, umas mais antigas, outras mais recentes.

Entre 1575 e 1592 estima-se que tenham desembarcado em Angola 2340 portugueses: destes, 450 foram vítimas de guerras e doenças; 300 radicaram-se em Luanda e os restantes no interior, onde assimilaram as línguas e culturas africanas. O número de mulheres europeias na colónia era reduzido, pelo que a maioria dos filhos dos colonos eram mestiços, educados por mulheres africanas que lhes ensinavam as suas línguas. Entre 1620 e 1750, o kimbundu afirmou-se como a língua mais usada em Luanda, situação que contribuiu para a existência de uma afro-elite portuguesa que ocupava os

principais cargos da administração pública e estava envolvida no tráfico de escravos. Embora tivesse um bom conhecimento de português, essa elite era falante nativa de kimbundu ou kikongo. No interior dos territórios controlados pelos portugueses, o português era usado como *língua franca* entre chefes e comerciantes, mas a maioria da população expressava-se exclusivamente em kimbundu. Independentemente da sua origem, os escravos exportados a partir de Luanda aprendiam kimbundu. Entre 1750 e 1822, os portugueses tentaram evitar a africanização da elite afro-portuguesa de Angola, conforme mostra o decreto de 1765 do governador Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, no qual o uso de línguas africanas na educação das crianças era desaconselhado.

De acordo com Inverno (2008), os testemunhos da época colonial apontam para a utilização de variedades reestruturadas do português entre as camadas mais pobres das cidades costeiras e arredores. Em 1894, ao referir-se ao kimbundu falado em Luanda, o folclorista e filólogo americano Héli Chatelain apresenta-o já como uma mistura de elementos portugueses, enumerando 90 empréstimos do português ao kimbundu, entre os quais empréstimos lexicais (ex.: *palaia*, praia), mas também gramaticais (ex.: *poji*, pois, conjunção), assim como exemplos de palavras portuguesas adaptadas à morfologia do kimbundu (ex.: *njanena*, janela; *jinjanena*, janelas).

Como o contexto colonial era desfavorável ao uso das línguas angolanas, no século XX o português passou a ser a língua mais usada nas zonas urbanas de Angola, situação que se deve ao aumento do número de colonos portugueses, que preferiam fixar-se nos centros do litoral. Mas apenas na década de 1950 se deu a extensão do português a todo o território, porquanto é nesse período que, devido a vários fatores, a população precisou de dominar a língua. Durante o Estado Novo, como referido anteriormente, os angolanos, para serem reconhecidos como *assimilados*, tinham de demonstrar saber ler, escrever e falar fluentemente em português, assim como mostrarem costumes semelhantes aos europeus. Embora não tivessem acesso à educação formal, os angolanos deviam ter domínio da norma europeia do português. Já na década de 60, Portugal intensificou sua presença no interior, criando grandes colonatos agrícolas e, durante a década de 70, o exército português agrupou grande parte da população do interior em *aldeamentos*.

A adoção do português como língua de comunicação em Angola não foi, como se vê, um processo totalmente pacífico, já que em boa parte resulta de uma imposição colonial; contudo, acabou por servir de veículo para a formação política de uma parte da

sociedade angolana, ao mesmo tempo que facilitou o diálogo interétnico. Devido à guerra colonial, a consciência nacional angolana ganhou terreno, sendo que, no decurso desse processo de luta pela independência, o português acabou por ser um elemento unificador das várias etnias falantes de línguas distintas.

Após a paz entre a UNITA e o MPLA, os refugiados que regressaram às regiões rurais de origem levavam já o português como primeira língua. Embora o Estado angolano refira na Constituição que “valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola”, na verdade tem valorizado mais o português como língua de unificação do país.

Porém, é hoje bem visível o efeito do contacto com as línguas nacionais, na formação de novas palavras ou expressões e em desvios sintáticos relativamente à norma do Português Europeu de Portugal. É esse conjunto de aspetos que começam a configurar uma “variedade angolana do português” ou o “português angolano”. Tais aspetos, presentes na oralidade dos angolanos, também se vão notando no português que estes escrevem, como atestam, ao menos no que diz respeito ao léxico e à fraseologia, as obras dos escritores angolanos (Inverno, 2008).

Apenas na primeira década do século XXI foi possível começar a conhecer a realidade sociolinguística do país e as complexas questões de política e planeamento linguístico que aquela levanta, sendo certo que muitos são os aspetos que carecem de estudo, em virtude da complexidade do mosaico linguístico e social angolano. Com efeito, a complexidade linguística, cultural e étnica de Angola tem sido, no plano estatal e jurídico, alvo de políticas que tratam de construir uma unidade nacional que, ao mesmo tempo, não ponha em causa a diversidade existente (Severo, 2015: 7). Como facilmente se deduz, não é tarefa fácil produzir políticas capazes de promover a unidade e a natureza multiétnica do país e, principalmente, não será fácil aplicá-las no terreno.

2.10. As línguas angolanas de origem africana: a sua expressão

Durante muitos anos as línguas nacionais foram menosprezadas e rejeitadas, mas, após a independência, o país começou a traçar políticas com vista à sua valorização, com o objetivo de “proceder ao estudo científico aplicado das Línguas Nacionais para sua utilização imediata na Alfabetização, Ensino e Informação” (INL, 1980: 17). O Projeto designado ANG/77/009/C/01/13 previa na página 6, sob a rubrica «Formação», viagens

de estudo para os grupos de trabalho das diferentes línguas, e seu coordenador, a instituições especializadas no estrangeiro, nos países limítrofes da língua comum, como objetivo de harmonizar a grafia (INLN: *ibid.*). Isto porque, com efeito, a família das línguas Kikongo, Cokwe, Mbunda, Luvale, Kwanyama e Herero também tem presença nas Repúblicas do Congo, Zaire (atual República Democrática do Congo), Zâmbia e na Namíbia. A experiência de alguns países africanos, independentemente da (s) língua (s), cuja investigação linguística e sua aplicação se encontram num estado bastante avançado, é uma preciosa fonte de informação. Esse projeto abriria caminho para massificação das línguas nacionais e a sua inserção no sistema de ensino, a exemplo dos outros países da SADC.

Segundo Weinreich (2013: 22 *apud* Costa, 2006), “quando uma língua é excluída de certas funções geradoras de prestígio, como o uso oficial nas atividades de governo, resulta disso uma desvalorização desta”, situação que se aplica às línguas de Angola, oprimidas durante os vários séculos de colonização portuguesa, e que, mesmo depois da independência do país continuam sem ter acesso àquelas funções.

Apesar dessa situação, essas línguas não desapareceram; pelo contrário, reafirmaram-se cada vez mais, embora com uma ligeira diminuição em número de falantes, devido ao prestígio da língua portuguesa. Um dos problemas com que se debatem as línguas nacionais é a estigmatização regional, que resulta na inibição da utilização dessas línguas. Entretanto, o abrandamento que se deu à progressão dessas línguas, devido a uma política que visava a formação de quadros, e a não inserção dessas línguas no sistema de ensino, levou a um certo desinteresse por parte da população mais jovem, sobretudo no litoral, onde se regista maior fluxo populacional e linguístico resultante do contacto linguístico entre o português e as línguas bantu.

Quando foi criado o Instituto Nacional de Línguas, em 1979, este tinha o propósito de ensinar as línguas estrangeiras e investigar sobre as línguas nacionais. Em 1983, segundo refere Costa (2013: 22), o mesmo Instituto passa a designar-se Instituto de Línguas Nacionais, com a função de estudar e promover as línguas nacionais. A partir dessa altura, empreendeu-se um estudo exaustivo sobre as línguas africanas, apoiado por peritos estrangeiros, e não só, linguistas e estudiosos das línguas nacionais. Desse estudo resultaram trabalhos importantes que culminaram na identificação de grandes grupos de línguas de origem bantu, tendo em conta o número de falantes: o cokwe, kikongo, mbunda, oxikwanyama. Tais línguas, segundo os especialistas, tinham sofrido uma

dialetização bastante grande, de que resultaram as diversas variantes a nível das línguas nacionais.

Com base nesses estudos, segundo refere Costa (2006), produziram-se gramáticas, léxico de base e temáticas, elaborou-se uma proposta de alfabeto para essas línguas. As propostas foram aprovadas a título provisório pela resolução nº 3/87, do Conselho de Ministros e publicado no “Diário da República”, onde se pode ler o seguinte “São aprovados a título experimental os alfabetos das Línguas: kikongo, kimbundu, cokwe, umbundu, e oxikwanyama e as respetivas regras de Transcrição, em anexo que fazem parte do presente diploma”.

Para Costa (2006), embora esta aprovação tenha suposto “uma certa dignificação dessas línguas”, ainda se constata pouca divulgação, na medida em que a população mais jovem das cidades do litoral demonstra pouco interesse na aprendizagem dessas línguas nacionais, não obstante serem património cultural e histórico dos angolanos. Beatriz Mendes (1985), citada por Costa (2006), afirma que a situação apenas se alteraria com a imposição de “uma língua nacional em todos os graus de ensino, de modo que a personalidade africana possa afirmar-se e desenvolver-se a partir das escolas elementares até à universidade”. Com esta medida tentar-se-ia “controlar” e impedir o possível desaparecimento dessas línguas.

Na nossa opinião, dever-se-ia seguir o exemplo dos países africanos vizinhos, ou mesmo, o caso da Namíbia e da África do Sul. Nesse sentido, seria importante a criação de incentivos para que as populações possam utilizar as línguas nacionais com normalidade, mas também seria importante a sua utilização pela classe governante, a sua inserção nos principais símbolos nacionais, nomeadamente na moeda: o Kwanza. Em Angola existe a tentativa de resolver os problemas atrás referidos, por meio de um projeto piloto para a implementação do ensino das línguas nacionais no sistema de ensino. Com vista à valorização e utilização das línguas locais, o Instituto de Línguas Nacionais fixou normas ortográficas das línguas umbundu, kimbundu, kikongo, kwanyama e cokwe, estudando os aspetos fonéticos, fonológicos, morfossintáticos, lexicais e semânticos. Nos media as línguas africanas são também utilizadas, por exemplo, pela emissora de Rádio Ngola Yetu (*Nossa Angola*, em kimbundu), que emite diariamente programas e notícias em sete línguas.

Mas nenhuma destas iniciativas altera a força de uma língua oficial e do ensino – o português –, tanto mais que constitui um fator de unificação e integração social,

Vivendo em bairros pobres das cidades do litoral ou dispersa pelo interior rural, parte da população angolana tem como uma das diferentes línguas africanas faladas no país como língua materna (Cuesta, 1990: 15 *apud* Inverno, 2008). Essas línguas repartem-se por dois grandes grupos etnolinguísticos, anteriormente referidos, o grupo bantu e o grupo Khoisan, sendo as primeiras (bantu) as mais faladas. A tabela abaixo ilustra as línguas mais faladas em Angola.

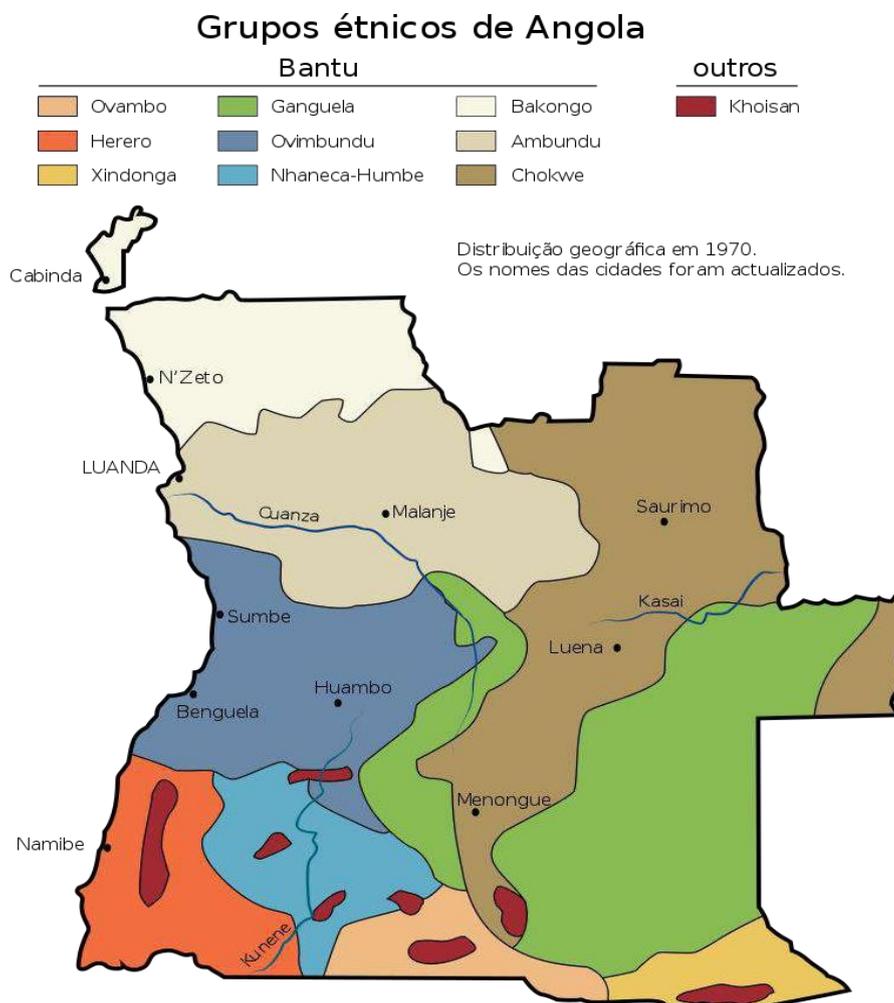
Tabela nº 1 Grupos etnolinguísticos em Angola

	Povo	Línguas	Estatuto	Falantes
BANTU	Ovimbundu	Umbundu	Língua nacional	30%
	Ambundu	Kimbundu	Língua nacional	15%
	Bakongo	Kikongo	Língua nacional	8%
	Tucokwe	Cokwe	Língua nacional	6%
	Vangangela Ovambo Ovandonge Ovanyaneka-Nkhumbi Ovahahelelo	Ngangela Ovakwanyama Oshindonga Olunyaneka Oshihelelo	Língua nacional -- -- -- --	14%
NÃO BANTU	Khaisan Vátwa	Khoison Vátwa	-- --	

Fonte: Inverno (2008: 119), baseada em Fernandes e Ntongo (2002) e Hodges (2004).

Apesar da inexistência de dados fiáveis a respeito do número exato de falantes de cada uma dessas línguas, na tabela acima reproduzida são apontadas algumas estimativas. Perante esses números, é de sublinhar que “as projeções do crescimento futuro do português em Angola se apoiam no facto de o país ter uma percentagem muito elevada de crianças e jovens, população que, devido à maior mobilidade e à alfabetização tendencialmente será falante de língua portuguesa” (Inverno, 2008: 119).

Figura 10 Mapa dos Grupos étnicos de Angola



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_de_Angola#/media/Ficheiro:Angola_Ethnic_map_1970-pt.svg> (Consultado em 10.8.2020)

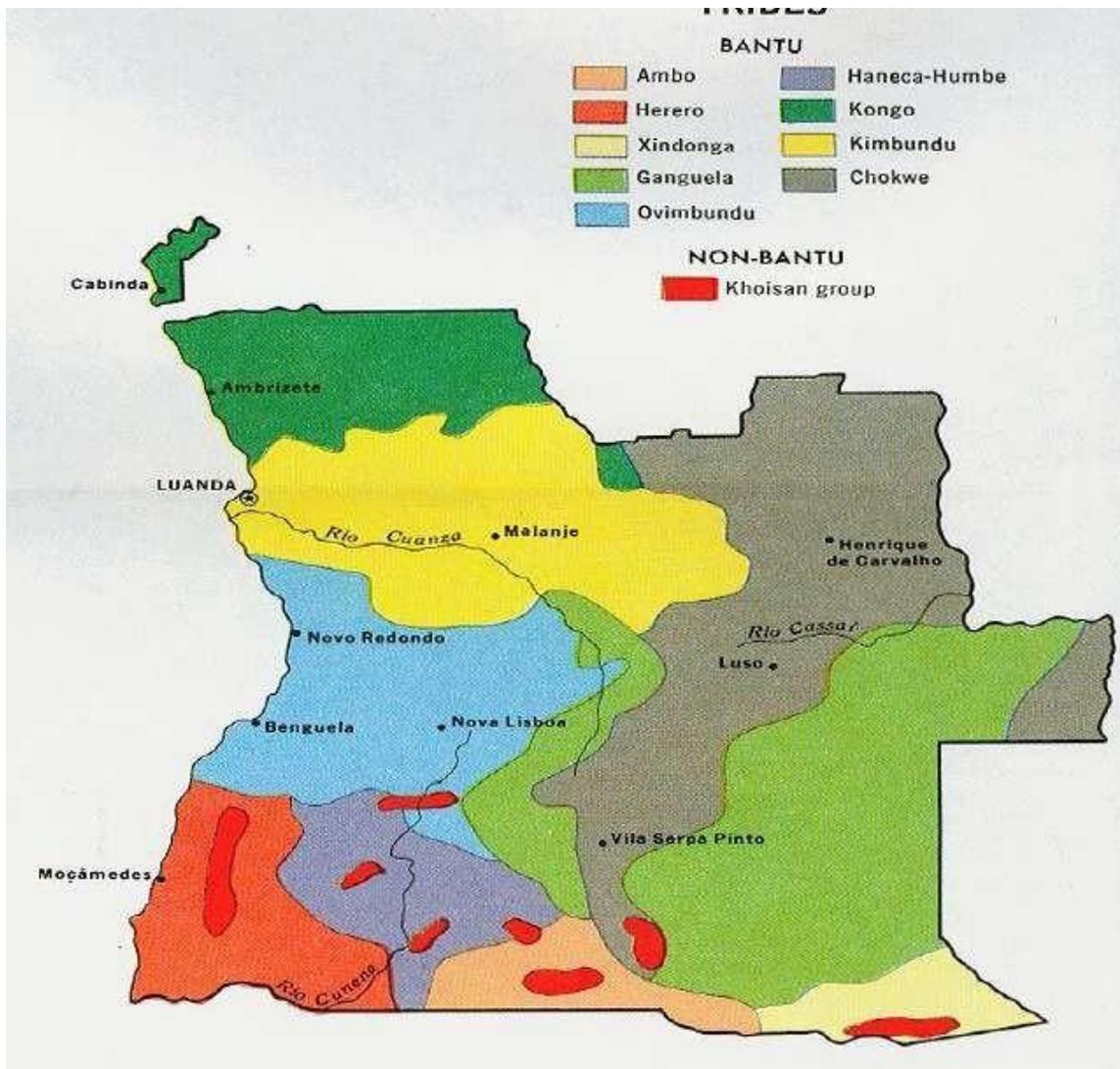
Tal como os conceitos de “raça” e “nação”, o de etnicidade desenvolveu-se no contexto da expansão colonial europeia, quando o mercantilismo e o capitalismo promoviam movimentações globais de populações, ao mesmo tempo que as fronteiras dos estados eram definidas mais clara e rigidamente. No século XIX, os estados modernos, em geral, procuravam legitimidade reclamando a representação de nações. No entanto, os estados-nação incluem sempre populações indígenas que foram excluídas do projeto de construção da nação, ou recrutam trabalhadores no exterior das suas fronteiras. Estas pessoas constituem tipicamente grupos étnicos. Consequentemente, os membros de

grupos étnicos costumam conceber a sua identidade como algo que está fora da história do estado-nação, quer como alternativa histórica, quer em termos não-históricos, quer, ainda, em termos de uma ligação a outro estado-nação. Esta identidade expressa-se muitas vezes através de “tradições” variadas que, embora sejam frequentemente invenções recentes, apelam a uma certa noção de passado.

Os grupos étnicos às vezes são sujeitos às atitudes e às ações preconceituosas por parte do Estado ou por seus membros. No século XX, os povos começaram a discutir que conflitos entre grupos étnicos (ou entre membros de um grupo étnico) e o estado poderiam e deveriam ser resolvidos de duas maneiras. Alguns, como Jürgen Habermas (1929) e Bruce Barry (2020), discutiram se a legitimidade de estados modernos deveria ser baseada em uma noção de direitos políticos para sujeitos individuais autónomos. De acordo com este ponto de vista, o estado não pode reconhecer a identidade étnica, nacional ou racial, antes devendo reforçar a igualdade política e legal de todos os indivíduos. Outros, como Charles Taylor Hegel (2010) e Will Kymlicka (2001) argumentam que “a noção do indivíduo autónomo é ela própria um produto cultural, e que não é nem possível nem correto tratar povos como indivíduos autónomos”. De acordo com esta opinião, os estados devem reconhecer a identidade étnica e desenvolver processos nos quais as necessidades particulares de grupos étnicos possam ser levadas em conta no contexto. Também se costuma utilizar o termo grupo étnico, em sentido mais estrito, ao conjunto de descendentes de determinada população, que aderiram e se misturaram perfeitamente com a cultura dominante de determinado país, a ponto de já não pertencerem à etnia de seus pais, sem que, contudo, constituam um novo povo.

A língua tem sido muitas vezes utilizada como fator primário de classificação dos grupos étnicos, embora, sem dúvida, essa perspectiva não escape a erros e à manipulação política. É preciso sublinhar também que existe um grande número de multiétnicas. A delimitação cultural de um grupo étnico, relativamente aos grupos culturais de fronteira, é difícil para o etnólogo, em especial no tocante a grupos humanos que têm grande contacto com grupos seus vizinhos.

Figura 11 Mapa com a toponímia colonial em Angola



Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=Mapa+da+Zona+Ambundu&tbm=>>
(Consultado em 15.08.2020)

Neste capítulo, abordou-se fundamentalmente o contexto linguístico angolano, tendo em conta o quadro das línguas africanas em geral e as angolanas, em particular, apresentando-se, igualmente, aspetos que têm que ver com as migrações do Grupo Bantu, bem como outros grupos que integram o mosaico cultural africano. O próximo capítulo apresenta uma descrição da língua kimbundu, a Língua Nacional em contacto com o português.

CAPÍTULO III-DESCRIÇÃO DA LÍNGUA KIMBUNDU

3.1.O kimbundu no contexto das línguas bantu

Parece ser incontrovertida a unidade genealógica das línguas bantu, apesar das evidentes diferenças entre elas. Essas diferenças permitem distinguir uma das outras, e, sem elas, bem poderia existir uma única língua bantu (Fernandes & Ntongo, 2002: 67). A unidade do grupo bantu foi observada por viajantes portugueses, indo das Costas de Angola à de Moçambique. De facto, a região africana situada a Sul do Equador é habitada quase na sua totalidade por povos Bantu.

Tal como se verifica em qualquer língua, as línguas bantu apresentam características gerais e específicas. Vejam-se as seguintes:

- a) “Os substantivos são classificados em função dos seus prefixos do singular e plural;
- b) A maior parte das línguas bantu utiliza tons;
- c) O sistema vocálico é sistemático, pois é composto por uma vogal central e um número idêntico de vogais anteriores e vogais posteriores;
- d) Algumas consoantes orais não aparecem de forma isolada por serem sempre nasalizadas;
- e) Não existem artigos”.

(Fernandes & Ntongo 2002: 69)

O kimbundu é uma língua angolana de origem africana, falada nas províncias de Malanje, Cuanza Norte, Bengo, Luanda e Cuanza Sul, sendo uma das línguas bantu mais faladas em Angola. Tendo em conta a classificação das línguas bantu, o kimbundu pertence à zona H20 (Guthrie, 1948: 50 *apud* Mingas, 2000: 35).

Em termos de importância numérica, o segundo grupo são os Ambundu, que representam cerca da quarta parte da população. A sua língua, o kimbundu, era o idioma do antigo Reino do Ndongo e Reino da Matamba, e os seus diversos dialetos ou variantes são o *ngoya*, *njinga*, *mbamba*, *ambaca* e o *ngola*. O kimbundu relaciona-se com as línguas *songo*, *sama*, *bolo*, *bali* e o dialeto *mbamba*, tendo grande relevância por ser a língua tradicional da capital, provavelmente, com mais de 5 milhões de falantes, o que justifica a quantidade de empréstimos à língua portuguesa (Mingas, 2000).

O Decreto nº 77 (1921), do Governador Provincial de Angola, general Norton de Matos, proibia o ensino das línguas africanas em escolas públicas e missões religiosas,

tornando obrigatório o português (*Boletim Oficial de Angola*, nº 5, 1ª série, de 9 de Dezembro), o que restringiu o uso do kimbundu entre populações educadas e urbanas. Nas décadas de 60 e 70, até grupos musicais brancos e racialmente misturados cantavam canções em kimbundu, por exemplo, “monami” e “kamba dyami”. Em parte da província de Malanje, culturalmente “assimilada”, as populações de ambundu produziram uma mistura de kimbundu e português chamada “ambaca”, cujos falantes são chamados “ambaquistas”.

O kimbundu é uma língua que ao longo da história sofreu sucessivos contactos com as línguas europeias, sobretudo com o português, por razões óbvias. A primeira obra acerca do kimbundu é a *Arte da Língua de Angola*, escrita por Pedro Dias, em 1697, tomando por base a fala de escravizados africanos no Brasil. O angolano António de Assis Júnior também se interessou pelo kimbundu e, embora não fosse linguista, publicou um dicionário de kimbundu (Mingas, 2000: 36).

Uma das explicações para a incorporação de vocábulos do kimbundu ao português é apontada por Mingas (2000: 59), ao afirmar que:

“O facto do conhecimento da língua portuguesa ser obrigatório e ser a condição necessária para a promoção social criou entre os Angolanos um esforço para aprender o português, e sendo a quase totalidade dos Angolanos analfabeta, verificou-se uma tendência grande para adaptar as estruturas bantu ao português, criando uma convergência linguística nas interações idiomáticas que constitui a base do fenómeno de interferência”.

3.1.1.A região Ambundu: o grupo etnolinguístico Ambundu

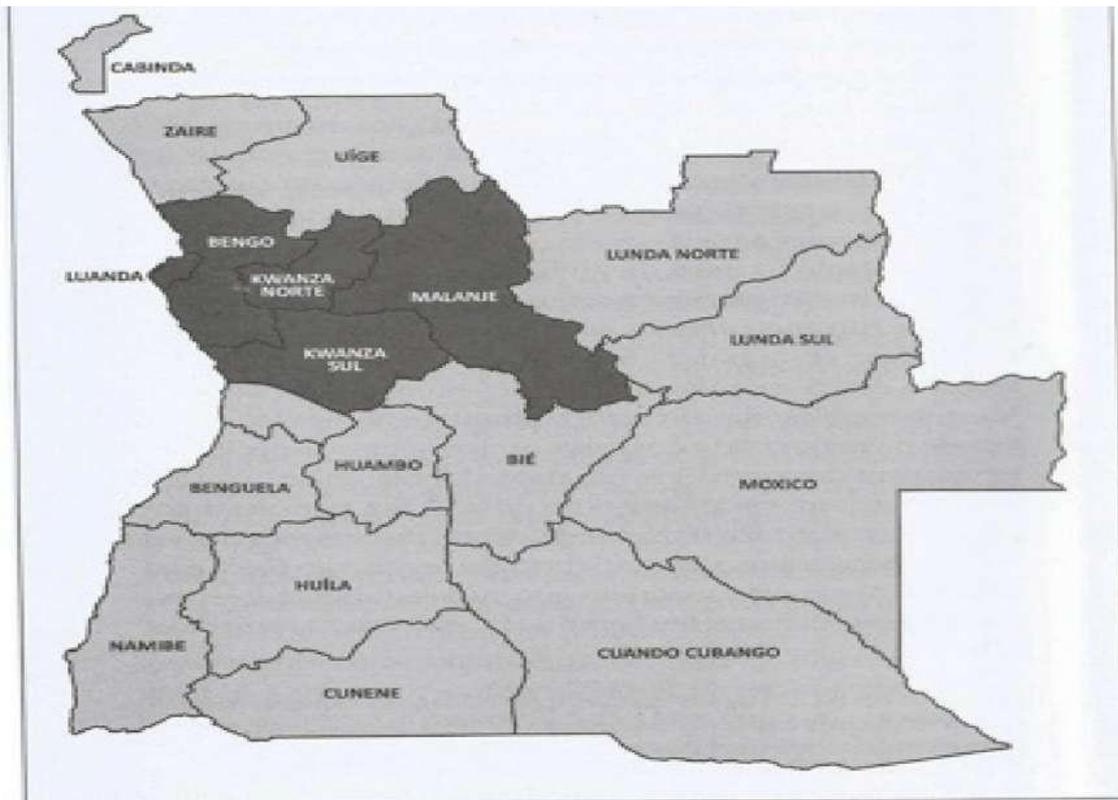
A região Ambundu abrange as províncias que têm o kimbundu como língua étnica. Do ponto de vista geográfico, o kimbundu é uma língua africana tipicamente falada nalgumas regiões de Angola, mais precisamente na capital, Luanda, nas províncias de Malanje, Cuanza Norte, Bengo, Cuanza Sul, nas zonas fronteiriças e ao Sul das províncias do Uíje e do Zaire, assim como ao Norte do país, mas o contacto entre o português e o kimbundu só se tornou efetivo durante a segunda metade do século XIX (Nzau *et. al.*, 2012:164), altura em que as línguas africanas foram classificadas pelos investigadores com base em critérios genéticos/tipológicos (Greenberg, 1963; Maho, 2009). É de realçar que a importância nacional do kimbundu se deve ao facto de ser a língua tradicionalmente falada na capital, Luanda, onde funciona como língua primeira para uns e como língua

segunda para muitos outros, ocupando o segundo lugar (Censo 2014) no mosaico linguístico angolano.

Atendendo a que está em formação a Variedade Angolana do Português, importa estudar a incorporação das unidades lexicais do kimbundu no português, com vista à identificação de marcas distintivas dessa variedade. Sendo o português uma língua da família indo-europeia e o kimbundu, uma língua do grupo bantu, a transferência de palavras desta língua para aquela implica uma série de alterações nas unidades lexicais, fenómenos que ainda carecem de análise, embora estudos anteriores apontem que “no kimbundu, o nível lexical é o mais rico em fenómenos de interferências, por constituir a parte menos rígida de uma língua” (Mingas 2000: 59). Ora, de acordo com Miguel (2008: 47), o incentivo à pesquisa linguística é a via de se identificar “as tendências da Língua Portuguesa em Angola e a extensão do seu uso. A partir daí, estar-se-á em condições de se definirem os aspetos que poderão vir a configurar a variedade do Português de Angola”.

As áreas da língua kimbundu e suas zonas de influência são: província de Luanda, municípios de Malanje e Quéssua (na província de Malanje); municípios de Ambaca, Cazengo, Gulungo Alto; Cambembe (Dondo); N’Dalatando; Maua, Samba Caju e Luinga (na província do Cuanza Norte) (INL, 1980: 51).

Figura 12 Mapa da região Ambundu



Fonte: <<https://kadila.net.br/linguas-de-angola/>> [Consultado em 14.8.2020]

3.1.2. A língua kimbundu: sua descrição

O kimbundu tem importância não só para a história das línguas em África e do contacto entre o português e línguas africanas, mas também para a história linguística da América do Sul, uma vez que esta língua estabelece um elo entre Angola e o Brasil, pois acompanhou o tráfico de escravos para o continente americano.

Héli Chatelain terá sido o primeiro linguista propriamente dito a interessar-se pelo kimbundu, tendo publicado a *Gramática Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola* (1888) e, seis anos mais tarde, *Folk Tales of Angola*, embora a primeira obra referente ao kimbundu, a anteriormente mencionada *Arte da Língua de Angola* (1697), de Pedro Dias.

Quanto à sua caracterização, o kimbundu distingue-se por ter cinco vogais (duas anteriores, duas posteriores e uma central), com quatro graus de abertura. As vogais que seguem uma consoante pré-nasal são nasalizadas, quando pronunciadas por locutores das diversas variantes desta língua (Mingas, 2000:36). No que respeita às consoantes, elas apresentam sete séries, nomeadamente: labial, dental, pré-palatal, palatal, apical velar e glotal (Mingas, 2000). Assim, o kimbundu é considerado uma língua de dois tons de base, com contraste disso, intermédio cuja identidade é tonémica.

Nas línguas do grupo bantu distinguem-se o substantivo e os seus acompanhantes por uma flexão particular. O radical verbal é, como os acompanhantes do substantivo, compatível com todas as classes, sendo o morfema designado “índice de sujeito ou inicial”, que é controlado pelo substantivo, em função do sujeito, o qual pertence a uma classe determinada (Ntongo: 2006:109).

Numa língua bantu, cada substantivo situa-se dentro de uma série juntamente com os outros substantivos que partilham o mesmo classificador, que é um prefixo nominal (PN) precedido por um aumento, e que rege a concordância das palavras dependentes (adjetivos, pronomes, verbos), por meio da repetição do classificador sob a forma de prefixos, adjetivais (PA), pronominais (PP) ou infixos (IN). As classes agrupam-se em pares para expressar o singular e o plural, sem esquecer a existência de substantivos (monoclássicos e pluriclássicos, etc.), ou seja, os prefixos nominais repetem-se no decorrer de toda a frase para assim fazerem a concordância com as outras palavras relacionadas com eles. Quanto aos números das classes, este varia entre 10 e 20, segundo as línguas africanas, sendo que algumas têm 10 classes, outras 18, ou seja, existe variação de uma língua para outra, mas, normalmente, são 20 classes reconstruídas do Proto-bantu que foram reduzidas devido as evoluções das línguas. A língua kimbundu tem 18 classes, das quais 15 são prefixos nominais (PN) e outras três são locativos. As classes 16,17 e 18 são classes locativas e indicam a superfície, direção e interioridade (Santiago, 2013: 43).

No kimbundu, o tom *Alto* é marcado pelo sinal /' e o tom *Baixo* é marcado pela ausência de sinal. Ou seja: a ausência de notação tonal significa que a vogal é a portadora do tom *Baixo*. A distinção entre os tons foi estabelecida com recurso a pares mínimos (INL, 1980).

3.1.3. Sistema fonológico da língua kimbundu

3.1.3.1. As consoantes

A diversidade das propriedades sonoras das línguas africanas estimulou o avanço e a busca de aperfeiçoamento das teorias fonológicas nas últimas décadas. Com o impulso dado por trabalhos descritivos de línguas do continente africano na primeira metade do século XX, os especialistas de vários ramos da Linguística interessaram-se, cada vez mais, em estudá-las, dando-lhes maior visibilidade nos estudos científicos da linguagem (Petter, 2016: 88).

O alfabeto kimbundu compõe-se de vinte e três letras, sendo cinco vogais e dezoito consoantes – a, b, d, e, f, h, i, j, k, l, m, n, ng, o, p, s, t, u, v, w, x, y, z –, tendo uma só velar (INL,1987: 8).

Quadro n° 2 Classificação fonética das vogais e consoantes do kimbundu e português

Grafema	Pronúncia	Exemplos
a	Sempre aberto	Ex.: Mvula/chuva
b	O mesmo em português	
c	O mesmo em português	
d	O mesmo em português	
e	Pode ser aberto como é em pé , fechado como em dedo , quando seguidos das consoantes m ou n, desde que não sejam puras	Ex.: Henda (é), menya (ê).
f	O mesmo em português	
g	Nunca tem o som de J como as vezes acontece em português, pronunciar-se-ia <i>Candengue</i> e nunca <i>Candenje</i> .	Ex.:kandenge- menorzinho.
h	Sempre aberto, nunca tem o som mudo como na palavra <i>hora</i> , em português.	
i	Quando vem antes de uma outra vogal são semi-vogais e tem som brando, como em português.	Ex.: aia,
j,k,l e m	O mesmo em português	
n	Quando precedem a uma consoante tem som nasal e são pronunciadas juntamente com a consoante que precedem.	
o	Sempre aberto	
p	O mesmo em português	
q	Mesmo em português	
s	Nunca tem o som Z como em português, às vezes acontece, como por exemplo nas palavras <i>mesa</i> , coisa, casa. O seu som em kimbundu é sempre de SS ou Ç.	Ex.: Musambu (oração) Musoso (história)
t	O mesmo em português	
u	Quando vem antes de uma outra vogal são semivogais e tem som brando, como em português, que teríamos água. Quando ocorrem exceções em que a pronúncia forte recai sobre U ou I, os mesmos virão com um acento agudo.	
v,x,y,z	O mesmo em português	

Fonte:<<https://historiahoje.com/dicionario-kimbundu-download-gratuito/>> [Consultado em 28.12.2021].

Quadro nº 3 Representação fonológica das consoantes

P/M	Bilabiais	Lábio-dental	Apico alveolar	Pré-palatal	Palatal	Velar	Aspiral
Oclusivas	p b		t d			k	h
Fricativas		f v		s z	x j		
Nasais	m		n		ny		
Pré-Nasais	mb	mv	nd	nz	nj	ng	
Lateral			l				
Contínuas	w				y		

Fonte: Pedro (1993: 156)

3.1.3.2. Característica das vogais

A África é um continente com enorme diversidade linguística e, graças aos diversos estudos feitos sobre as suas línguas, constatou-se que elas “apresentam grande diversidade de contrastes vocálicos. Tendo em consideração a frequência e a distribuição da classificação das suas vogais nos diversos sistemas fonológicos africanos, podem ser organizados três inventários” (Petter, 2016: 89), um dos quais é o representado no quadro acima.

No kimbundu, a distinção fonológica consiste em pares mínimos, que funcionam como um conjunto de amostras representativas das oposições pertinentes para a estrutura fonológica. Como já referimos no ponto anterior, o Alfabeto Kimbundu é composto por 23 letras. Além das consoantes e vogais, existem também os dígrafos, num total de cinco, que são utilizados para a escrita das oclusivas aspirais (ph, bh, th), das oclusivas pós-nasais (ng) e da nasal palatal (ny).

De acordo com o quadro, em kimbundu, quando as sequências AU, AI, EU, OU aparecem no fim da palavra, a acentuação tónica recai na primeira vogal. Quando, porém, aparecem no meio de uma palavra, seguida por uma consoante, a acentuação tónica recai na última vogal, como se pode constatar nos seguintes exemplos:

Kulaula = amparar, proteger. Pronuncia-se com a tónica no som na vogal U, desta forma – “kulaúla”. A posição da tónica na pronúncia da palavra ocorre sempre na

penúltima sílaba.

O *g* é sempre gutural (Maia, 1964: 4), como o *g* de gato, mesmo antes de *e* ou *i*, como se pode constatar em *ngonge* (em português gongue); *ngínga* (em português, *guínga*).

O *h* é sempre aspirado (Maia, 1964), como se constata em *hima* (macaco); *hete* (habilidoso), *hóme* (soco); *hámue* (mosquito) e *henda* (misericórdia).

O *k* substitui o *c* e o *q* portugueses, tendo em conta a sua dualidade quando tem à frente *a*, *o*, *u* ou *e*, *i*. Assim, quase sempre acompanhado de *u*, e escreve-se *kibuka* “caravana, grupo”, *mukengeji* “luz, claridade, foco”, *kafunga* “pastor” em vez de *quibuca*, *muquengueji* e *cafunga*, etc.

O *m* e o *n* não nasalizam a vogal antecedente, mas, sim, a consoante imediata. Ex.: *pembele* (pe-mbe-le); *mukanda* (um-ka-nda); *quimbombo* (ki-mbo-mbo). E anteposto à inicial serve de sinal nasalante: *ngunga* (ngu-nga); *ndende* (nde-nde); porém, adota-se como nasalante o *m* antes das labiais *b*, *p*, *v* e o *n*, da dental *d*, para evitar confusões na grafia de palavras que entram na oração ou quando empregadas isoladamente, como secos ou nasalados. Escreve-se, pois, a palavra *mbwa* (cão) de forma diferente do advérbio de lugar *bua* (em); *mbómbó* (3º gémeo) e *bobo* (aí ou ali); *mbulu* (cão silvestre) e *bulu* (em cima, no céu); *njinji* (raposa) e *jiji* (estes); *nzála* (fome) e *zala* (do verbo kuzala).

O *r* ou *ri* (nunca sem *i*) é mais usado no kimbundu da região de Luanda, e equivale a *ri* brando, com aproximação a *d*, pronúncia usada nas regiões de Cuanza norte, Malanje (zonas fronteiriças), em que se fala igualmente o kimbundu.

O *s* é sempre igual a *ç*, e nunca a *z*, bem como o *x* é sempre *x* como em *xequê* (Batalha, 1891); (Maia, 1964: 4-6). Ou seja: o *s* tem o valor de *ç*, mesmo entre vogais (Baião, 1946: 20).

Quadro nº 4 Fonética das vogais do kimbundu

Grau de abertura	Anteriores	Centrais	Posteriores
1º Grau	[i]		[u]
2º Grau	[e]		[o]
3º Grau	[ɛ]		[ɔ]
4º Grau		[a]	

Fonte: Pedro (1993)

De acordo com o quadro, e como ilustrado anteriormente, quer as consoantes, quer as vogais obedecem à regra da Fonética Geral adaptada para a escrita destas línguas africanas, escolhendo um só sinal para cada som e um único som para cada sinal (Baião, 1946: 20).

Os ditongos propriamente ditos não existem em kimbundu (Baião, 1946: 20), pois existem certos agrupamentos de vogais que, pela pronúncia ou pela contração dão origem a um som diferente, sendo que a escrita nem sempre é fiel à expressão da pronúncia, não obstante a ortografia das línguas bantu ser muito semelhante à ortografia da língua portuguesa, porquanto ambas usam o mesmo alfabeto. É de salientar que as vogais do português e as do kimbundu são idênticas, sobretudo as orais (Fernandes & Ntondo, 2002: 91).

3.1.3.3. Características das consoantes

As consoantes grafadas como *b, d, f, j, l, m, n, p, t, v* e *z* têm o mesmo som que em português, embora haja divergência sobretudo no que diz respeito à escrita (Fernandes & Ntondo, 2002: 91).

(2)

/a/ kubola / bola	“apodrecer”
/b/ dibhitu / disco	“porta”
/c/ fumbulu / fumo	“coração”
/d/ jihangu / jibóia	“ramos”
/e/ lumwenu / luar	“espelho”
/f/ múvwi / mucosa	“possuidor ou criador de animais”

/g/	nyoka / nível ¹⁵	“cobra”
/h/	phánda / patada ¹⁶	“adultério”
/i/	úta / atacar	“arma”
/j/	kuvóta / votar	“apanhar em grande quantidade”
/k/	kúzúlà / azul	“despir”

Não existem *c* e *q* gráficos, pois estes são representados por *k* (Baião, 1946: 19; Maia, 1964).

3.1.3.4. As vogais

Quadro nº 5 Classificação fonológica das vogais

Definição	Anteriores	Centrais	Posteriores
1º Grau	/i/		/u/
2º Grau	/e/		/o/
3º Grau		/a/	

Fonte: Pedro (1993)

As vogais são os fonemas formados pela passagem de ar vindo dos pulmões, a qual passa pela boca ou nariz, fazendo vibrar as pregas vocais. O sistema vocálico das línguas nacionais é muito simplificado pelo facto de não conter vogais nasais, com exceção da língua umbundu (Fernandes & Ntondo, 2002: 9), sendo composto por cinco vogais: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Em kimbundu, essas vogais são pronunciadas como em português (valor alfabético), como referido no ponto anterior.

Assim, é possível constatar o valor vocálico das vogais em kimbundu nas seguintes construções:

(3)

a) Pange ami = meu irmão

¹⁵ A diferença consiste apenas no facto de a língua kimbundu não admitir sequências vocálicas, pois os ditongos são quase inexistentes.

¹⁶ Na língua kimbundu existem dígrafos, que são utilizados para a escrita das oclusivas aspiradas *ph*, *bh*, *th*.

A vogal *e*, na pronúncia rápida, e ante vogal é igual a *i*.

Pangiami.

O *i* e *u* ante vogal é = semivogais ex.: *ii* (isto), **uiua** (cogumelo). As exceções são marcadas com acento agudo.

Kizúia (dia); ngejya (forma do verbo kwijya = saber).

Quanto à vogal *e*, esta pode ter dois sons: aberto como o /*ɛ*/ de *fé*; fechado, como o /*e*/ de *medo*, quando seguido das consoantes *n* ou *m*, contando que não sejam puras, como ilustrados nos exemplos:

(4)

a) *menya* “água”

henda “compaixão; amor”

3.1.3.5. A silabização

Define-se a sílaba como sendo o “som ou conjunto de sons de uma palavra que se pronunciam numa só emissão de voz” (Perfeito, *et. at.*, 2013).

Em kimbundu, as sílabas terminam em vogal, conforme se observa nas palavras seguintes: *Ndongo* = ndo-ngo; *ngenji* = ngenji (rico). *Au*, *ai*, *eu*, *ou* finais contam por duas sílabas, mas na pronúncia rápida soam como ditongos.

Os acentos na língua kimbundu servem para indicar as exceções à regra geral e para distinguir um vocábulo de outro, quando são parónimos. Empregam-se três acentos: (i) o agudo, (ii) o grave, (iii) o circunflexo. O agudo indica: a) nos monossílabos, que o vocábulo não é enclítico; b) no final de qualquer vocábulo, que este é oxítono; c) na antepenúltima, que o vocábulo é esdrúxulo; d) na penúltima, indica a entoação da partícula do parónimo. O acento circunflexo serve para distinguir: a) o sufixo *-ê*, da 3ª pessoa do singular, do sufixo *-é*, da 2ª pessoa do singular; b) o sufixo *-â*, da 3ª pessoa do plural, do sufixo *-á* (demonstrativo).

Quadro nº 6 Traços tonais em kimbundu

Palavra	Significado 1	Significado 2
jithángu/jithangu	ramos	peixe comprido e branquinho do rio
kúbeta/kúbêta	bater	molhar
kúbúnda/kúbunda	bater	misturar
kúlámba/kúlamba	enterrar, cobrir	cozinhar
mbámbi/mbãmbi	frio	cabra do mato
ndanji/ndánji	raiz	batentes de marimba
ngáandu/ngandu	jacaré	espécie de esteira

Fonte: INL (1980: 68).

3.1.3.6. Pronúncia

A pronúncia é o modo como a prosódia (entoação, ritmo e intensidade acústica) de uma palavra é realizada. Na gramática normativa, há um modelo padrão de pronúncia das palavras, chamada ortoépia, independentemente do falante e de outros fatores regionais ou circunstanciais. Tal como se pode constatar noutras línguas, o kimbundu apresenta, igualmente, uma pronúncia própria, tendo sido a primeira língua de Angola a ser codificada de acordo com os métodos clássicos da gramática, com um alfabeto adaptado à ortografia usada de acordo com a época de cada autor (Baião, 1946: 19). No quadro a seguir, observam-se algumas semelhanças do ponto de vista fonético.

Em kimbundu, os sons exprimem-se pelo alfabeto português, e classificam-se em vogais e consoantes. No entanto, as letras têm, geralmente, o mesmo som que em português, embora com algumas modificações Maia (1964: 3).

Em kimbundu, os acentos ou sinais diacríticos usados são apenas o *agudo* e o *circunflexo* que servem para mostrar o acento predominante da palavra (Maia, 1964: 6). Entretanto, as sequências do tipo *Alto + Baixo* são marcadas pelos sinais /ˊ e /ˋ/ sobre a unidade portadora, como se pode constatar nos exemplos seguintes: *másôko* (paus entre as forquilhas – construção de casa), *hânji* (ainda), *xíxi* (passar a noite sem dormir), *kuvôta* (apanhar em grande quantidade), *kúbûtu* (lugar onde dormem as galinhas), *ngûzu* (força),

kĩnu (almofariz)¹⁷. O tom *Alto* é marcado pelo sinal /' e o tom *Baixo* não é marcado por qualquer sinal, ou seja, a ausência de notação tonal significa que a vogal é portadora do tom *Baixo*. A distinção entre estes tons foi estabelecida com recurso a pares mínimos, mas a distinção entre os tons de base e as sequências tonais foi estabelecida com a ajuda de pares tonais¹⁸.

A flexão dos substantivos é feita por meio do apelativo singular/plural, através dos *prefixos nominais* de classe, designados *prefixo absolutos*, por marcarem a formação do número. Assim, o prefixo nominal é o afixo que se junta ao tema nominal para formar o nome.

De acordo com Baião (1946: 22), são igualmente *prefixos absolutos* porque designam a classe a que o nome pertence e o número em que se encontra. A formação do plural é composta por prefixo e radical. Entende-se por “prefixo” o afixo associado à esquerda de uma palavra que lhe serve de base. No kimbundu existem os prefixos *absolutos* e *concordantes*: os prefixos absolutos designam a classe a que o nome pertence e o número em que se encontra (Baião, 1946: 22), e os prefixos concordantes estabelecem a relação de concordância entre os constituintes da frase, quer adjetivos, quer pronomes ou substantivos.

É designado como *prefixo nominal* (PN) o afixo que se junta ao tema nominal para formar o nome, com o qual forma o número com a outra classe combinatória singular/plural. O quadro a seguir ilustra a formação do número com os substantivos em kimbundu.

¹⁷ Em Angola, é muitas vezes usada para triturar *bombó* ou milho para a obtenção da *fuba* (bombó ou de milho)

¹⁸ *História sobre a criação dos Alfabetos em Línguas Nacionais* (1980).

Quadro nº 7 Prefixos nominais do kimbundu

Classes	Prefixo	Exemplo	Português
1	mu-	mutudi	viúva
2	a-	atudi	viúvas
3	mu-	mutwe	cabeça
4	mi-	mitwe	cabeças
5	di-	dibhitu	porta
6	ma-	mabhitu	portas
7	ki-	kimbi	cadáver
8	i-	imbi	cadáveres
9	ó,i-	mbudi,ixi	carneiro, país
10	ji-	jimbudu, jixi	carneiros, países
11	lu-	lumweno	espelho
12	ka-	kasende	calcanhar
13	tu-	tusende	calcanhares
14	u-	uhaxi	doença
15	ku-	kudya	comida
Locativos			
16	bu-		
17	ku-		
18	mu-		

Fonte: Ntongo e Fernandes (2002: 72)

O quadro acima ilustra igualmente a formação do plural através do emparelhamento das classes, que são uma das principais características específicas desta língua, como ilustram os exemplos extraídos do referido quadro:

(5)

a) mutu / atu “pessoa” “pessoas”

- b) mukanda/mikanda “carta” “cartas”
- c) dimi/ madimi “língua” “línguas”
- d) mbiji/ jimbiji “peixe” “peixes”
- e) kinama/ inama “perna” “pernas”

Os exemplos anteriores têm como base as informações recolhidas no quadro que ilustra os *prefixos nominais*. Um elemento importante é o facto de este não contemplar pares combinatórios singular/plural das classes 14 e 16. No nosso entender, estes substantivos possuem pares combinatórios na língua kimbundu, através do prefixo *ma-*, para formar o plural com as respetivas classes. Desse modo, ao contrário do que propõem Fernandes e Ntongo (2002), dar-se-ia um espaço para as classes 14 e 15 (singular e plural), como 16 e 17, respetivamente, para formar os plurais, conforme mostra o quadro proposto por nós, com as palavras *uhaxi* e *utha*. Assim, teríamos para o efeito, as seguintes formações ilustradas no quadro:

Quadro nº 8 Prefixos Nominais na visão do autor desta tese

Classes	Prefixos	Exemplos	Tradução
14/6	u-/ma-	uhaxi/mauhaxi uta/mauta	doença/doenças arma/armas
15/6	ku-/ma-	kudya/makudya	comida/comidas

Fonte: Autor desta tese. (Baseado em Fernandes & Ntongo, 2002: 72)

De acordo com o quadro proposto por Fernandes e Ntongo (2002: 72), as classes 14 e 15 não apresentam os pares combinatórios do plural, indicando-se apenas o singular. Na nossa perspetiva, em kimbundu existem substantivos iniciados com o prefixo *u-*, *ku-*, conforme se observa no quadro.

Em nosso entender, essa classe deixa um certo vazio, na medida em que, em kimbundu, os substantivos apontados como exemplo têm o seu plural. Assim, a inexistência desta classe colocaria em causa a descrição dessas palavras no plural, como é o caso das apresentadas na tabela acima (*uhaxi* = singular e *mauhaxi* = plural; *kudya* = singular e *makudya* = plural), como ilustram os exemplos:

(6)

- a) Uhaxi[Sub] wa[PC] mukwata[V] “contraiu a doença”
 Mauhaxi[Sub] a[PC] mukwata [V] “contraiu as doenças”
- b) Uta[Sub] wa[PC] budika [V] “a arma partiu”

c) Mauta[sub] a[PC]budika[V] “as armas partiram”

Como referido no ponto anterior, o kimbundu é uma língua prefixal e aglutinante, pois é pelo uso de prefixos, sufixos e infixos que os falantes dessa língua exprimem as noções de género, número, pessoa e tempo. Assim, as abreviações, as contrações, as elisões, as interpolações e a elipse são frequentes, dificultando a interpretação. No entanto, as abreviações são levadas a um extremo, a ponto de, às vezes, uma só palavra ser uma frase em que entram três ou quatro vocábulos primitivos, como mostra o exemplo *Mamonjemakende* (finalmente), abreviatura de *mwamo anji maka ende*, que significa literalmente: “Assim se a conversa anda”. As contrações, elisões e elipses regem-se por leis em tudo idênticas às que seguem as línguas flexivas; quanto às interpolações, oferecem-nos semelhanças de hipérboles animadas (Batalha, 1891). Os povos falantes de kimbundu usam interjeições que intercalam nas frases (Batalha, 1891: 20), acompanhando-as de gestos elucidativos do que estão a dizer. Segundo Batalha, “trata-se de uma espécie de mímica especial a que não estamos habituados, mas que não deixa de ser muito vantajosa para a perfeita compreensão do que se diz. A língua kimbundu fala aos olhos, aos ouvidos e à inteligência. E onomatopaica, eufónica e intuitiva por excelência” (Batalha, 1891: 20).

Segundo esse autor, o género, o número, a pessoa, o modo, o tempo, os circunstanciais de lugar e qualidade, preceitos de regência e concordância, quer dizer, tudo quanto contribui para a lógica da construção de frases, depende de uns radicais fixos, referidos a algum dos dez tipos ou classes que se reconhecem nesta língua.

Quanto às classes de palavras e sua organização tipológica, elas são classificadas em (nomes, verbos, adjetivos, etc.), com propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas distintas.

Entre os problemas da incorporação ao português de palavras do kimbundu está o facto de esta língua não ter uma categoria claramente definida para indicar o género, que depende de prefixos, pois o número de classificadores da língua kimbundu varia de acordo com os critérios de cada investigador (Peres, S/D *apud* Ferreira & Osório, 2018), o que significa que o tratamento e a análise dos quimbundismos levantam muitas dificuldades.

3.2.Nomes substantivos

Os substantivos e os verbos são as duas classes de palavras que mais predominam no kimbundu, pois estabelecem as várias relações por meio da sua abundante prefixação.

Entretanto, os falantes desta língua exprimem as ideias, por mais subtis e complicadas que sejam, com auxílio destes dois elementos. Assim, em kimbundu, o nome é formado pelo tema nominal com sufixos, infixos e prefixos. Estes últimos são os que predominam, pelo que, às línguas do grupo *Bantu* se costuma chamar línguas “prefixativas” (Batalha, 1891: 22). Nesta língua, como nas demais línguas do mesmo grupo, os nomes substantivos dividem-se em 10 classes, que se distinguem por meio de prefixos do singular ou em 6 classes, de acordo com os prefixos do plural (Baião, 1946: 22). A formação de compostos é frequente, chegando a criar-se palavras equivalentes a uma oração inteira. A composição obedece a nove tipos, que são:

- a) Compostos de nomes em aposição;
- b) Compostos de substantivos em relação de genitivo;
- c) Nomes com adjetivos;
- d) Verbos, radical e nome;
- e) Nomes sufixados;
- f) Dois ou mais nomes contraídos;
- g) Nomes repetidos;
- h) Nomes onomatopeicos;
- i) Composto de *mukwa*, designativo de agente.

Dada a complexidade no estudo das línguas do grupo Bantu, Batalha (1891: 23) refere que, em kimbundu, as terminações são muitas, o que constitui um grave problema para a distinção dos nomes. Assim, pertencem à primeira classe os nomes iniciados por *mu-*, os quais formam o plural mudando este por *a-*.

(7)

- a) *mutudi*¹⁹ / *atudi* “viúvo, viúva” “viúvos, viúvas”
- b) *muthu* / *athu* “pessoa” “pessoas”

Os nomes de coisas, árvores e plantas, iniciados em *mu-*, pertencem à terceira classe, e formam o plural, mudando *mu-* por *mi-*.

¹⁹ Grafia reformulada pelo autor desta tese (*r* por *d*).

- (8)
- a) mukanda “carta”
 - b) mikanda “cartas”

Os nomes de pessoas, animais e coisas que começam por *ki-*, são da sétima classe, e perdem o *k-* no plural.

- (9)
- a) kiteka²⁰ “ídolo”
 - b) iteka “ídolos”

Este mesmo prefixo *ki-* também serve para indicar que o nome prefixado é aumentativo.

- (10)
- a) kimuhatu “mulherona”
 - b) kidyala “homenzarrão”

À quarta classe pertencem os nomes que começam em *mi-*, que é o plural dos nomes em *mu-* da terceira classe.

- (11)
- a) mixi- árvore
 - b) muxi- árvore

A maior parte dos substantivos abstratos e os que designam qualidades e estados são da quinta classe. Formam o singular em *u-*, e, para o plural, mudam para *ma-*, às vezes contraído em *mo-*, como se pode observar nos exemplos:

- (12)
- a) Uháxi “doença” /*ma + uháxi = mauhaxi*/
 - b) mauháxi “doenças”

Pertencem à quinta classe os nomes prefixados em *di-*, aos quais se antepõem *ma-* para formar o plural.

- (13)
- a) dimi “língua”
 - b) madimi “língua”

²⁰ “Kiteka”, nalgumas regiões do universo ambundu.

Pertencem à sétima classe os nomes prefixados em *ki-*, cujo plural se forma pela anteposição de *i-*.

(14)

a) kimbi

b) imbi

(Ntondo & Fernandes, 2002: 72)

Os nomes em *ku-* formam o plural com a sétima classe, e pertencem à oitava classe.

(15)

a) kunwa “bebida”

b) makunwa “bebidas”

Há nomes sem prefixos no singular e formam o plural em *ji-*. Esses nomes pertencem à nona classe, e recebem a maior parte das palavras de origem estrangeira.

(16)

a) mbudi “carneiro”

b) jimbudi “carneiros”

Vale dizer, que o mesmo sucede com a palavra *ixi* “país”, pertencente à referida classe, que forma o plural em *jixi* “países” (Ntondo & Fernandes, 2002: 72).

Os nomes prefixados em *ka-* indicam o diminutivo, que são agrupados na décima segunda classe, e formam o plural, mudando o *ka* em *tu*, da décima terceira classe.

(17)

a) kahoji “leãozinho”

b) tuhoji “leõesinhos”

Esta última classe sobrepõe-se a qualquer das outras nove, para a formação de nomes diminutivos, como ilustra o quadro (Batalha, 1891: 24).

Quadro nº 9 Prefixação diminutiva do kimbundu

Nome	Prefixos diminutivos e nomes	Português
mumbundu ambundu	ka- mumbundu tu- mumbundu	pretinho pretinhos
mukolo mikolo	ka- mukolo tu- mikolo	cordinha cordinhas
kiba iba	ka- kiba tu- iba	pelinha pelinhas
dilonga malonga	ka- dilonga tu- malonga	pratinho pratinhos
uta mata/mauta	ka- uta tu- mauta	espingardinha espingardinhas
lumbu malumbu	ka- lumbu tu- malumbu	murinho murinhos
tubya matubya	ka- tubya tu- matubya	foguinho foguinhos
kudya makudya	mu- kudya tu- makudya	comidinha comidinhas
nyoka jinyoka	ka- nyoka tu- (ji) nyoka	cobrinha cobrinhas

Fonte: Batalha: (1891: 25, adaptado pelo autor desta tese)

3.3.Adjetivos

De acordo com Batalha (1891), em kimbundu, são raríssimos os qualificativos, passando estes pelo processo de genitivização, ou seja, os adjetivos estão comumente associados a um substantivo – *muhatu wanete* (mulher gorda) –, embora se refiram à qualidade genérica fundamental. Entende-se por “genitivização” a existência de dois nomes, sendo um deles o núcleo e o outro um modificador, ligados por um extra-prefixo de dependência (EPD), isto é, a marca de concordância do núcleo à qual se sufixa a

partícula genitiva *-a* (Ngunga, 2004: 202), conforme ilustram os exemplos:

(18)

- | | | | | | |
|----|-------|-----------|---------------------|-------------|------------------|
| a) | onene | “grande” | muhatu[sub.]ua[EPD] | onene[adj.] | “mulher grande” |
| b) | ofele | “pequeno” | muhatu[sub.]ua[EPD] | ofele[adj.] | “mulher pequena” |
| c) | obe | “novo” | muhatu[sub.]ua[EPD] | obe[adj.] | “mulher nova” |
| d) | okulu | “velho” | muhatu[sub.]ua[EPD] | okulu[adj.] | “mulher velha” |

Os exemplos acima podem registrar algumas variações em função da região onde se fala o kimbundu.

(19)

- | | | | | |
|----|------------|--------|--------------|----------------|
| a) | Inzo[Sub.] | i[EPD] | onene = adj. | “casa grande” |
| b) | Inzo[Sub.] | i[EPD] | ofele = adj. | “casa pequena” |
| c) | Inzo[Sub.] | i[EPD] | obe = adj. | “casa nova” |
| d) | Inzo[Sub.] | i[EPD] | okulu = adj. | “casa velha” |

Como se pode constatar em 19 (a, b, c, d), o extra-prefixo de dependência marca a correspondência com outros elementos que constituem a frase para completar o sentido. Assim, consideramos *i-*, que se junta ao adjetivo, um Afixo de Correspondência Adjetival (ACAdj.), ou extra-prefixo de dependência, como refere Ngunga (2014), sendo o *i-* da palavra inicial o *prefixo nominal*.

Na perspectiva de Oliveira e Francina (1864 *apud* Rosa (2020: 72), na língua kimbundu exprimem-se os graus de significação, comparação e superlativo, pela adição do adjetivo *onene*, que significa “grande”, e *ofele*, que significa “pequeno”, sendo que estes também funcionam como advérbios (*muito e pouco*), quando estão imediatamente ligados a algum adjetivo ou substantivo adjetivado, com precedência de preposição. Estes dois adjetivos são habitualmente empregados para exprimir qualidades, quer como adjetivos próprios, quer como marcas de comparação. Quando se pretende exprimir o superlativo, repetem-se as duas sílabas finais, como ilustram os exemplos:

(20)

- | | | |
|----|------------|-----------------|
| a) | Onene-nene | “muito grande” |
| b) | Ofele-fele | “muito pequeno” |

- c) Mona ua onene “filho muito grande, o maior”
- d) Kyalu ki ofele “cadeira pequena”
- e) Kyalu ki ofele-fele “cadeira muito pequena, a menor”

Assim, em kimbundu, o número de adjetivos qualificativos é muito reduzido, pois são substituídos por substantivos similares precedidos da preposição que mais convém à eufonia da adição (Oliveira & Francina, *apud* Rosa (2020: 69).

Como refere a autora, nesta frase nota-se que o substantivo *nguzu* (força) é precedido da preposição *wa*²¹, substituindo assim o adjetivo em falta nesta língua para exprimir esta qualidade, contudo o reduzido número de adjetivos pode ser identificado por serem conhecidos outros vocábulos com igual significado, e que só são usados em circunstâncias em que não são adjetivos (Oliveira e Francina, 1864, *apud* Rosa, 2020). Os adjetivos são colocados depois dos substantivos com que concordam ou a que se referem, sendo precedidos de preposição combinada com a sílaba inicial ou eufonia²².

(21)

- a) Dyala dya dilaji “Homem de doidice, homem doido”
- b) Mutu wa dilaji “Pessoa de doidice, gente doida”
- c) Muhatu wa nguzu “mulher de força”

Por exemplo, uma das características morfossintáticas da língua portuguesa é que a forma dum adjetivo depende do género e do número do substantivo que o adjetivo modifica, ao passo que no kimbundu o prefixo nominal é que determina a forma do adjetivo. Isso explica que, para os próprios falantes desta língua, não seja fácil distinguir os adjetivos (Oliveira & Francina, 1864 *apud* Rosa, 2020: 69).

²¹ Grafia alterada pelo autor desta tese, para conformá-la à regra de escrita da língua kimbundu.

²² Efeito acústico agradável provocado pelo encontro de dados sons; som agradável (Costa & Melo, 1952)

Quadro nº 10 Vocábulo adjetivais e substantivais em kimbundu

Adjetivo	Significado	Substantivo	Significado
bele	magro	kubela	magreza
beleketa	mole, brando	kubeleketa	moleza/brandura
búta	curto	kubuta	curteza
dibúbu	mudo	hubúbu	mudez
iabi	maduro	kúbya	madureza
iba/waiba	feio	kuhiba	feiura
jimba	grosso	kújimba	grossura
kibunji	privado	habunji	privação
kimwanu	vagaroso	mwanu	vagar
kindandalakáta	robusto	hudandalakáta	robustez
kiximba	ignorante	huximba	ignorância
kukúta	seco	kukukuta	secura
kusuka	vermelho	kukusuka	vermelhidão
laluvi	guloso	ulalúvi	gulodice
leba/kuleba	alto, comprido	kulebeléla/kuléba	comprimento
mbaku	impotente	umbaku	impotência
mbóte	bom	kuaba	bondoso/beleza
mukwa	outro	mukwaixi	natural do país
mundêle	branco	kuzela	brancura
muxilu	surdo	huxilu	surdez
néta (de kunéte)	gordo	kunéta	gordura
oféle	pequeno	kukúla	pequenez
onene	grande	kucúla	grandeza

sósa	estreito	kusosa	estreiteza
suku	infimo	sukidilu	inferioridade
toba	tolo/tola	kutoba	tolice
wejia/njimu	sábio	kwijya	sabedoria
xidi	sujo, porco	kuxila	porcaria
xikilela	preto, escuro	kuxikelela	escuridão
zangalála	atrevido	kuzangalála	atrevimento
zela	limpo	kuzela	limpeza

Fonte: Oliveira & Francina (1864 *apud* Rosa, 2020)

3.4.O género em kimbundu

A categoria equivalente ao género não tem a ver com a oposição masculino/feminino, em português, nem com o binómio macho/fêmea (Costa, 2006: 120). Para Costa (2006), “o estudo desta categoria implica que sejam levadas em conta as classes pelas quais os nomes se distribuem em função das propriedades que os definem”. Assim, o género é caracterizado pelos traços formais que a estrutura impõe aos elementos que a compõem; porém, o critério ao qual se subordina esse grupo nominal determina a não pertinência da distinção masculino/feminino.

Cada uma das particularidades morfemáticas *mu, ki, di, u, lu, i, tu, ku, ka*, para o diminutivo, especifica uma classe nominal em kimbundu, equivalente a um género, no singular. Ao integrarem estruturas nominais, qualquer um destes morfemas requer um esquema combinatório, especificando por uma partícula mórfica os elementos linguísticos que se articulam ao nome (Costa, 2006). A variedade e a complexidade das classes nominais correspondentes aos géneros, nas línguas bantu, leva os bantuista a recorrer à metodologia da numeração das mesmas desde a tradição de Bleek (Costa, 2006).

A designação do género em kimbundu é feita mediante a combinação de outro elemento designado genitivo, ou seja, é feita por via da genitivização, com o qual se faz a concordância.

(22)

- a) Muhatu wabutu “mulher baixa”
- b) Dyala dyabutu “homem baixo”
- c) Muhatu wanete “mulher gorda”
- d) Dyala dyanete “homem gordo”

3.5.O verbo

Em kimbundu, todos os verbos, no infinitivo, têm a desinência *a*: *kukuala* (ser), *Kuala ni* (ter), *Kubonga* (apanhar), *Kuia* (ir), *Kuiza* (vir), *Kúdia* (comer), *kukalakala* (trabalhar), *Kusanga* (encontrar), *Kuloa* (odiar), *Kuzola* (amar), *Kutunda* (sair). Como se pode observar nos exemplos, o infinitivo é formado unindo o prefixo *ku-* ao radical verbal. Quanto à estrutura verbal, o kimbundu distingue-se por um sistema flexional complexo, verificando-se, no entanto, a existência, neste sistema, de formas temporais verbais caracterizadas por uma flexão na fronteira inicial e outras determinadas por um mecanismo flexional duplo, por uma flexão na fronteira inicial e final simultaneamente (Costa, 2006: 183), conforme ilustram os exemplos:

(23)

- a) Etu twabange Nós fizemos
 - b) Eye wabange Tu fizeste
 - c) Enu mwabange Vós fizestes
- (Costa, 2006)

3.6.Características Morfossintáticas

A morfossintaxe é a análise conjunta da classificação morfológica e sintática. Ora, segundo Cavacas (2006: 23), a morfologia constitui-se como área da linguística que:

- a) estuda as classes gramaticais, isto é, os grupos de unidades linguísticas que apresentam propriedades comuns e idêntico sistema de flexão: número, género, pessoa, grau, tempo, modo, voz, aspeto, etc.;
- b) estuda os diversos modos de formação de palavras. Isto é, faz fronteira com a sintaxe que estuda as regras de combinação das palavras para frases.

Para Villalva (1998: 36), “a descrição das estruturas morfológicas e dos processos

de formação de palavras são tarefas que cabem à morfologia num dado quadro teórico de análise gramatical”. Entretanto, este quadro permite conceber a morfologia como o sistema da gramática que contém o conjunto de princípios responsáveis por uma boa parte dos processos de formação de palavras e que se relaciona com outros subsistemas, em particular, com o léxico, a fonologia e a sintaxe. Assim, a morfologia pode ser definida como o estudo da combinação dos morfemas da linguagem humana.

Ora, se a morfologia tem a palavra como objeto de estudo, já a sintaxe tem a frase como objeto de estudo (Ribeiro *at. al.*, 2021: 135-221) e, nesta perspectiva, em kimbundu, “as interferências morfossintáticas são menos afetadas” (Mingas, 2000: 66. Como refere a autora, “isto justifica-se pelo facto de o kimbundu ser uma língua em que os nominais estão organizados em classes, representados por grupos paritários de prefixos”. Por isso, o falante de kimbundu com um conhecimento imperfeito do português expressa-se da seguinte forma:

(24)

- | | |
|----------------------|---------------------|
| a) Doem-me os pé | “Os péØ me dói” |
| b) Vigia as crianças | “Vigia as criançaØ” |
| c) Vamos comer | “VamoØ comeØ” |

(Mingas, 2000: 67)

Na classificação das línguas bantu feita por Guthrie, o kimbundu encontra-se na Zona-H20 (Guthrie, 1967). E, segundo Lusakalalu (2004: 74), Angola tem três línguas na categoria 2: o kimbundu, o umbundu e o português. As línguas da categoria 2 são línguas cujas variantes não são denotadas por glossónimos próprios, sendo que cada uma destas línguas só tem um glossónimo, que denota língua. Isto é, só tem uma unidade glossonímica num só nível.

Ao contrário da língua portuguesa, em kimbundu costumam ser identificadas nove classes de palavras: pronomes, substantivos, adjetivos, verbos, preposições, advérbios, conjunções, numerais e interjeições. Assim, o artigo, expresso como classe em língua portuguesa, não se observa em kimbundu, embora possa ocorrer quando este decalca a língua portuguesa, como ilustrado nos exemplos:

(25)

- a) O muhatu wadidi. “A mulher chorou.”
b) Muhatu udila o dyala dyé. “A mulher chora pelo seu esposo.”

Quadro nº 11 Pronomes pessoais do kimbundu

Pronomes pessoais (LP)	Pronomes pessoais	Enfáticos
eu	eme	ngi
tu	eyé	u
ele/ela	mwene	u
nós	etu	tu
vós	enu	nu ou mu ²³
eles/elas	ene	a

Fonte: Reformulado pelo autor desta tese, com base em Batalha (1891:81).

À semelhança do que acontece no português, em kimbundu a posição sintática dos pronomes pessoais é antes das formas verbais.

(26)

- a) Eme[Pp] ngidya[V] “eu comi”
b) Eyé[Pp] wadi[V] “tu comeste”
c) Mwene[Pp] wadi[V] “ele comeu”
d) Etu[Pp] twadi[V] “nós comemos”

Os pronomes empregam-se como sujeitos, como complementos de verbos, e, também, aparecem na forma enfática, valendo por si como se fossem o verbo ser (Batalha, 1891). Desse modo, são igualmente encontrados pronomes enfáticos e recíprocos, invariáveis em género, número e pessoa (Batalha, 1891: 31).

Singular

- 1^a ngi – me, a mim
2^a ku – te, a ti
3^a mu – se, lhe, a ele. a ela

²³ Pode variar de acordo a variante.

Plural

1^a tu – nos, a nos

2^a nu – vos, a vos

3^a mu – se, lhes, a eles, a elas

(Batalha, 1891:31)

Assim, o lugar sintático destes pronomes é antes do radical dos verbos. As frases a seguir ilustram alguns exemplos com pronomes recíprocos em kimbundu:

(27)

- | | |
|---|---------------------------|
| a) Eme[Pp] ngi[Penf.] di[PRef.] zol[RV]a[TV] | “eu amo-me” ²⁴ |
| b) Éne[Pp] a[Ind. Suj]di[PRef.]long[V] a [TV] | “eles ensinam-se” |
| c) Éné[Pp] a[Ind.Suj] di[PRef.]bet[V]a[TV] | “eles bateram-se” |
| d) Mwene[Pp] ua[Ind.Suj] di[PRef.]kwama[V] | “ele feriu-se” |

Os pronomes complementos podem sofrer alterações segundo a classe a que eles pertencem, pois a ideia de reciprocidade forma-se acrescentando a partícula reflexa *di-*, antes do radical (Baião, 1964: 59).

3.7. Prefixos Concordantes

A concordância é o processo pelo qual os afixos marcam o acordo com outros constituintes da frase ou palavra. Assim, são designados *prefixos concordantes* os que servem para estabelecer a concordância entre as palavras (Baião, 1946: 24).

Como foi referido no ponto anterior, os prefixos são morfemas que se colocam antes dos radicais, basicamente a fim de lhes modificar o sentido; raramente esses morfemas produzem mudanças de classe gramatical. Em kimbundu, os prefixos concordantes servem para estabelecer a concordância entre as diferentes palavras. No entanto, quando se refere a substantivos, a concordância é feita por meio do prefixo concordante do substantivo a que pertence Baião (1946).

O quadro a seguir ilustra os *prefixos concordantes* que relacionam o emparelhamento destes entre substantivos.

²⁴ Baião (1964)

Quadro nº 12 Prefixos concordantes de substantivos com substantivos

Classe	Singular	Plural
1 ^a	wa	a
2 ^a	wa	ya
3 ^a	kya	ya
4 ^a	dya	ma
5 ^a	wa	ma
6 ^a	lwa	ma
7 ^a	twa	ma
8 ^a	kwa	ma
9 ^a	ya	jya
10 ^a	ka	twa

Fonte: Baião (1946: 24)

Os exemplos a seguir ilustram a concordância destes prefixos com substantivos para exprimir o complemento da posse ou de matéria, através dos prefixos concordantes seguidos da preposição *a* correspondente à preposição *de* da língua portuguesa (Baião, 1946: 24). De acordo com Baião (1946), “quando os nomes substantivos da 9^a classe no plural tiverem alguma palavra com a qual concorda, esta poderá manter-se no singular.”

(28)

Singular

Plural

- a) I[PN]nzo ya[PC] mu[PN]hatu/ ji[PN]nzo ji[PC] a[PN]hatu “a casa da mulher” “as casas das mulheres”
- b) Ki[PN]mbamba kyi[PC] di[PN]ala/ i[PN]mbamba y a PC] ma[PN]yala “roupa de homem” “roupas de homens”
- c) Di[PN]longa dya[PC] xidi/ ma[PN]longa ma[PC] xidi “o prato está sujo” “os pratos estão sujos”

Os exemplos referenciados destacam a concordância de substantivos mediante os *prefixos concordantes*.

O quadro a seguir ilustra o emparelhamento da concordância de substantivos com adjetivos, pronomes e verbos.

Quadro nº 13 Prefixos concordantes de substantivos com adjetivos

Classe	Singular	Plural
1 ^a	wa	a
2 ^a	wa	ya
3 ^a	kya	ya
4 ^a	dya	ma
5 ^a	wa	ma
6 ^a	lwa	ma
7 ^a	lwa	ma
8 ^a	kwa	ma
9 ^a	ya	ja
10 ^a	ka	twā

Fonte: Baião, 1946:24

A concordância faz-se combinando os prefixos de uma palavra com outra, quer substantivos, adjetivos, pronomes ou verbos, com os quais concordam em número, classe e pessoa, como ilustrado acima.

Os exemplos a seguir referem apenas a concordância de substantivo com verbo, pese embora esses prefixos concordarem, igualmente, com adjetivos e pronomes, como referido no ponto anterior.

(29)

Singular

Plural

- a) Kialo ki[PC]ami ki[PV]abudika/yalo i[PC]ami i[PV]abudika “a minha cadeira partiu” “as minhas cadeiras partiram”
- b) Mu[PN]kanda u[PC]ami u[PV]eza/mikanda i[PC]ami i[PV]eza “a minha carta chegou.”

“as minhas cartas chegaram”

- c) Mu[PN]longexi u[PC]ami u[PV]eza/milongexi i[PC]ami i[PV]eza “o meu professor chegou.” “os meus professores chegaram”

Uma das características morfológicas das línguas bantu é a presença dos chamados *prefixos nominais* na estrutura dos substantivos, acoplados a raízes que indicam a relação que existe entre glossónimos e etnónimos, e entre topónimos. Os etnónimos denotam grupos de pessoas e os topónimos denotam áreas ou regiões, embora às vezes possam coincidir com nomes de localidades.

À semelhança dos seres racionais, assim se concretiza a formação do género com os seres irracionais. Como já referimos no ponto anterior, a formação é feita pospondo ao nome a palavra que indica o género (Baião, 1946). Para tal, requer-se a combinação de três elementos: *substantivo + prefixo concordante*, como ilustram os exemplos.

Seres irracionais:

(30)

- | | |
|--------------------|----------|
| a) Imbwa ya ndumbe | “cão” |
| b) Imbwa ya mukaji | “cadela” |
| c) Ngato ya ndumbe | “gato” |
| d) Ngato ya mukaji | “gata” |

3.7.1. O procedimento da concordância

Como se verifica noutras línguas, no kimbundu, o verbo concorda com o sujeito em classe, número e pessoa. Se o sujeito for um nome significativo, ainda que não pertença à Classe um, o prefixo verbal de concordância pode ser o da classe um (Silva: 1964). O uso de prefixos constitui uma das características principais das línguas bantu, empregues para marcar a concordância das palavras na frase. A língua kimbundu utiliza, na sua estruturação frásica, *prefixos concordantes*, afixos que estabelecem a concordância entre as diferentes palavras. É por intermédio de prefixos concordantes do substantivo a que pertence que se faz a concordância (Baião, 1946: 24).

Nesta língua, a concordância funciona da seguinte forma: o nome ou o seu substituto, ou os participantes, impõem uma concordância sob forma de índice pronominal a todos os elementos sintaticamente dependentes deles, quer no quadro dos sintagmas nominais, quer no quadro do enunciado com um predicado verbal, como

ilustram os exemplos:

(31)

- a) Di[PN] bhitu[RN] + di[PC]ami[RP] + di[PV] abudika[V] “a minha porta partiu”
- b) Mu[PN] hatu[RN] + u[PC] ami[RP] ulongesa[V]. “a minha mulher ensina”
- c) Di[PN] aki[RN] + di[PC] + abudik[RV] a[TV] “o meu ovo partiu”

3.7.1.1. Tipos de concordância

A concordância gramatical é a transmissão de características morfológicas de flexão gramatical de um vocábulo principal para outro. Quando é verbal, a concordância refere-se à relação entre verbo e sujeito oracional, quanto às suas flexões em número e pessoa; já a concordância nominal aplica-se às variações de género e número da relação entre o núcleo sintático nominal e os demais vocábulos de classe variáveis, chamada de sintagma nominal.

Tal como em todas as línguas naturais, em kimbundu, o verbo concorda com o sujeito, em número, pessoa e classe.

3.7.1.2. Concordância quanto ao tempo

(32)

- a) Eme ngeza mungoloxi. “eu vim à noite”
- b) Eme nga lenge “eu fugi”
- c) Eme ngai “eu fui”
- d) Eye wa soneka. “tu escreveste”

3.7.1.3. Concordância quanto ao número

(33)

- a) Etw twa soneka mikanda. “nós escrevemos as cartas”
- b) Eme nga tungu mulele. “eu cosí o pano”
- c) Ene a lenge. “eles fugiram”
- d) Muhatu wa lodila mu kaleia²⁵ “a mulher está chorar na prisão”

²⁵ Adaptada da palavra portuguesa que designa “cadeia”.

- | | |
|-------------------------|--------------------|
| e) Wabatula mwezu. | “Cortou a barba” |
| f) Dizo dyami dya tundu | “O meu dente saiu” |

3.7.1.4. Concordância quanto ao sujeito composto

(34)

- | | |
|---|--------------------------------|
| a) Tata ni mama aya kumabya. | “O pai e a mãe foram à lavra”. |
| b) Kidimakaji ni sekulu ajiba nyoka ni ditemo
cobra com a enxada”. | “O camponês e o tio mataram a |
| c) Pepe ni Zito akalakala. | “O Pepe e o Zito trabalham” |

3.7.1.5. Concordância Nominal

A concordância nominal consiste na adaptação de um nome ao outro, harmonizando-se nas suas flexões com as palavras de que dependem. Na gramática da língua portuguesa, a concordância nominal dá-se pela relação entre um substantivo, pronome ou mesmo numeral e as demais palavras que a eles se ligam para caracterizá-las, sejam artigos, adjetivos, pronomes adjetivos ou numerais adjetivos. Em geral, pode dizer-se que o artigo, o adjetivo, o pronome e o numeral devem concordar em género (masculino/feminino) e número (singular/plural) com o substantivo a que se refere. Adjetivos antepostos aos substantivos concordam com o mais próximo; porém, se exerce a função de predicativo pode concordar de duas maneiras: com o mais próximo ou ir para o plural.

Como referido anteriormente, um dos aspetos relevantes na língua kimbundu é a concordância prefixal entre os elementos que compõem a frase: o nome concorda com todos os elementos a que se chama conectores, pois estes fazem a conexão do nome (sujeito) com o objeto. Se os substantivos forem do mesmo género há duas possibilidades: ir para o plural ou assumir o género do substantivo.

Por sua vez, se há um elemento do sujeito, e este predomina, o verbo concorda necessariamente com o elemento predominante.

(35)

- | | |
|---------------------------------------|--------------------------------------|
| a) Eye, eme ni Nzwa twende ni dikalu. | “Tu, eu e o João vamos de carro.” |
| b) Joana ny ene adimi mabhya. | “A Joana e eles cultivam as lavras.” |

c) Eye ni Petele ndenu kubhata. “Tu e o Pedro ides a casa.”

3.7.1.6. Concordância dos pronomes pessoais com os possessivos

O pronome possessivo é variável em pessoa, género e número, e estabelece uma relação de pertença com um elemento do discurso ou antecedente tomado por um possuidor. À semelhança do genitivo, assim se verifica com os pronomes possessivos. No caso do kimbundu, pode afirmar-se que os possessivos são classificados em função do número, pessoa e classe (Batalha, 1891). Da comparação destas formas com o pronome pessoal que lhes corresponde infere-se que os possessivos são os mesmos pronomes, precedidos do prefixo que caracteriza a classe do nome a que se conectam (Batalha, 1891: 33). Em kimbundu, os possessivos são: *wami*, *wé*, *wê*, *wetu*, *wenu*, *wâ*. Quanto aos pronomes pessoais, estes já se encontram ilustrados no quadro acima.

(36)

- | | |
|---|------------------------------|
| a) Eme[Pp] ngatundu nyi muhatu wami[Dp] | “Eu saí com a minha esposa” |
| b) Eyé[Pp] watundu nyi muhatu wé[Dp]. | “Tu saíste com a tua esposa” |
| c) Mwene[Pp]watundu nyi muhatu wê[Dp]. | “Ele saiu com a sua esposa” |

Como referido, em kimbundu, os possessivos podem ser os mesmos pronomes, precedidos do prefixo que caracteriza a classe do nome a que se conectam para marcar a concordância na frase.

3.8. Características semânticas

Os traços semânticos em kimbundu podem ser refletidos nas palavras primitivas e derivadas, visto que nesta língua a origem dos nomes assenta geralmente nos verbos. Com efeito, de qualquer verbo transitivo pode formar-se um nome para designar o agente, conforme ilustram os exemplos, mediante as regras abaixo transcritas.

(37)

- | | | | |
|------------|--------------|------------|-------------|
| a) mutungi | “fabricante” | de kutunga | “construir” |
|------------|--------------|------------|-------------|

- b) mudimi “agricultor” de kudima “cultivar”
 c) musunbisi “o vendedor” do verbo kusumbisa “vender”

A partir de qualquer substantivo pode formar-se um nome composto para denominar o possuidor, mediante o apelativo de *mukwa*, no singular e *akwa*, no plural (o dono de ..., os donos de ..., pertença ou naturalidade). Os exemplos a seguir ilustram esse processo formativo.

(38)

Singular Plural

- a) mukwa Lwanda / akwa Lwanda “natural de Luanda” “naturais de Luanda”
 b) mukwa kitadi / akwa itadi” “o homem de dinheiro/os homens de dinheiro”
 c) mukwa dibya / akwa mabya “o homem do campo/os homens do campo”
 d) mukwa ngola / akwa ngola “o angolano/os angolanos”

Dos exemplos ilustrados, os que se referem à naturalidade e nacionalidade foram os mais relevantes, pois evidenciam os “quimbundismos” no português, como mostra a seguinte ocorrência: */mangolé/*. O referido vocábulo pode ser ouvido em ocorrências como *mangolé da tradição*, expressão usada muitas vezes no programa “Candandu”, da Televisão Pública de Angola - TPA, que era transmitido a partir de Portugal. Tendo em conta a convivência entre os dois sistemas linguísticos (português e kimbundu), na composição daquela palavra é evidente a supressão de alguns constituintes resultantes do processo de incorporação dessa unidade linguística do kimbundu.

3. 8.1. Nomes de origem verbal

Relativamente à formação dos nomes a partir de verbos, temos, pois, a considerar o procedimento de formação desses nomes com origem verbal.

No kimbundu, a característica do nome é o *prefixo nominal*²⁶ *mu-* e a designação final *i*, por substituição do *a* do verbo, como ilustram os exemplos:

²⁶ É o prefixo de classe que se junta ao verbo para formar o nome.

(39)

- | | | | |
|------------|-------------|--|---------------|
| a) mutungi | “alfaiate” | substantivo derivado de <i>kutunga</i> | “coser” |
| b) mutudi | “viúva/o” | substantivo derivado de <i>kutula</i> | “enviuvar” |
| c) mututi | “estivador” | substantivo derivado de <i>kututa</i> | “transportar” |

Podem ser designados verbos substantivados por estes derivarem de substantivos. Comparemos *mukwa –wenji* “agente de negócio” que, com significação análoga, deriva do substantivo - *wenji* “negócio”.

Em kimbundu, se o verbo termina em *la*, o nome verbal acabará em *di*, em vez de *li*, como ilustram os exemplos a seguir:

(40)

- | | | | |
|---------------|-------------------|------------|---------------|
| a) kudila | “chorar” | mudidi | “chorão” |
| b) kubwila | “cansar-se” | mubwidi | “que cansa” |
| c) kusonzwela | “arrancar a erva” | musonzwedi | “arrancador” |
| d) kukayela | “perseguir” | mukayedi | “perseguidor” |

Quando o verbo termina em *za* ou *sa*, o nome derivado do verbo terminará em *zi* ou *si*.

(41)

- | | | | |
|--------------|-------------|---------|----------------------|
| a) kubaza | “rebentar” | mubazi | “aquele que rebenta” |
| b) kudisanza | “ter saúde” | musanzi | “aquele que cura” |
| c) kuloza | “disparar” | mulozi | “aquele que dispara” |
| d) kusasa | “criar” | musasi | “criador” |
| e) kulesa | “lamber” | mulesi | “aquele que lambe” |
| f) kulusa | “vomitar” | milusi | “aquele que vomita” |

Em relação aos verbos da Segunda Classe, formam-se prefixando *mu-* ao radical do verbo, mas a vogal final sofre as seguintes variações:

Uns conservam a vogal *a*.

(42)

- | | | | |
|-----------|-------------|-------------|--------------|
| a) musoma | “o espeto” | de kusoma | “espetar” |
| b) muxima | “coração” | de kuximana | “acreditar” |
| c) mujibi | “assassino” | de kujiba | “assassinar” |

Alguns mudam o *a* em *i* ou *e*.

(43)

- | | | | |
|----------|----------|----------|-------------|
| muloloki | “perdão” | kuloloka | “perdoar” |
| mundele | “branco” | kuzela | “branquear” |

Outros ainda mudam o *a* em *u*.

(44)

- | | | | |
|--------|-----------|--------|------------|
| mwimbu | “canto” | kwimba | “cantar” |
| musalu | “peneira” | kusala | “peneirar” |

Outros mudam o *a* em *o*.

(45)

- | | | | |
|-----------|----------|--------|---------|
| a) mucoco | “gemido” | kukoma | “gemer” |
|-----------|----------|--------|---------|

3.8.2. Formação do género

O género dos substantivos classifica-se em seres racionais e irracionais. Assim, a formação do género com seres racionais é feita por meio de um deverbativo mais substantivo que refere o género. O género manifesta-se por meio de dois elementos. De acordo com Baião (1946: 26), os nomes substantivos que se referem a seres animados são geralmente comuns de dois, com exceção de um número bastante reduzido. Assim, o nome substantivo pospõe a palavra que refere o género (Baião, 1946). Desse modo, o género é formado mediante a combinação do *prefixo concordante u-* mais a partícula genitiva *-a*, que resultará em *wa*.

Seres racionais:

(46)

- | | | |
|---------------|------------------|----------------|
| a) Mulambi ua | (conetivo) dyala | “o cozinheiro” |
| b) Mulambi ua | muhatu | “a cozinheira” |

- | | |
|------------------------|--------------|
| c) Mulongexi ua dyala | “professor” |
| d) Mulongexi ua muhatu | “professora” |

3.9. Locativos

Os locativos são prefixos que, em certas línguas, exprimem uma relação de lugar, participam apenas nas concordâncias que expressam as relações sujeito-verbo onde controlam o aparecimento e a escolha do sujeito, mas são exteriores à correlação singular/plural (Ntondo, 2006: 156).

(47)

- | | |
|---|---------------------------|
| a) Mona[Suj.] weza[V] ku[loc.]xikola ²⁷ [Sub.] | “o filho veio à escola” |
| b) Muhatu[Suj.] watundu[V.] mu[l.]onzo[V.] | “a mulher saiu de casa” |
| c) Dizundu[Suj.] dya[PC] bokona[V.] mu[L]dikungu. | “o sapo entrou no buraco” |

O presente capítulo incidiu na descrição da língua kimbundu, a língua nacional em contacto com o português. Procurámos, neste capítulo, apresentar os aspetos que caracterizam a língua kimbundu, no domínio da fonologia, fonética, morfologia, semântica e sintaxe, de maneira a facilitar a compreensão dos próximos capítulos, nos quais todos esses aspetos estão envolvidos.

²⁷ Adaptada da palavra portuguesa que designa “escola”

CAPÍTULO IV

LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA APLICADA AOS QUIMBUNDISMOS NO PORTUGUÊS

4.1. Léxico e gramática: duas perspetivas

Como o foco do nosso estudo é a assimilação do léxico kimbundu pelo português, as duas disciplinas linguísticas que nos interessam, em particular, são a Lexicologia, já que tratamos de identificar e descrever esses vocábulos, e a Lexicografia, como base para a constituição do glossário, com vista a podermos contribuir para uma lexicografia bilingue em Angola.

Antes, porém, importa sublinhar que o léxico constitui um sistema aberto (Vilela, 1997), mais ou menos imprevisível e quase infinito, ao passo que a gramática constitui um sistema fechado, já que as estruturas morfológicas (morfemas artigos, conjunções, preposições, pronomes, sufixos, desinências nominais/verbais) e as estruturas sintáticas (como modelo de construção) são conjuntos finitos.

Dada a complexidade do estudo do léxico de uma determinada língua, Vilela (1997: 1-50) refere que os limites léxico-gramaticais, mesmo a nível de inventariação de unidades são, desde logo, postos em causa por fenómenos de lexicalização de elementos gramaticais e gramaticalização de elementos lexicais, o que acontece sobretudo no plano diacrónico. Com efeito, há a lexicalização de elementos gramaticais em (*estar*) de permeio atempadamente (= tempo e hora), inconclusivo (= isto não é conclusivo), *malapata e boamente*, e a verbalização de nomes (normalmente, nomes verbais) por meio de verbos de valor genérico, designados, em linguística, como verbos “suporte”, de que é exemplo “fazer” (fazer uso de = usar, fazer alarde de = alardear, fazer perguntas, perguntar, ter em mente, etc.), “pôr” (pôr a questão = questionar, pôr entraves, etc.) Há, igualmente, gramaticalização de elementos lexicais, como, por exemplo, *mediante* (que medeia, antigo particípio de mediar), *exceto* (particípio do verbo latino excipere), *durante* (que dura), *mente* (duramente), e, como se pode constatar, a deslexicalização de verbos plenos como *ter*, *ser*, *fazer*, *pôr*, *dar* (dar para rua, dar no vinte) (Vilela, 1997:1-50).

No processo de elaboração da variedade angolana, um dos aspetos que chamam a atenção é resultado do contacto do português com línguas bantu faladas em Angola, com destaque para o kimbundu, língua que contribui para o enriquecimento lexical da língua portuguesa em contexto angolano (Nzau *et. al.*, 2012: 164), além de interferir em aspetos estruturais. Ora, os dados da investigação recente apontam que o português de Angola se caracteriza precisamente por incluir no seu léxico unidades que provêm do kimbundu, sendo este aspeto uma marca distintiva do “vernáculo angolano”, na expressão de Inverno (2008). A título de exemplo, vejam-se os nomes *camba*, *cota*, *caçula* ou *bazar*, que provêm de vocábulos do kimbundu: *dikamba* (amigo), *dikota* (mais velho),

kasule (o filho mais novo) e *kubaza* (fugir).

É a este tipo de unidades que dedicaremos a nossa atenção nas seguintes secções deste capítulo.

4.2. Os quimbundismos no português: perspectiva lexicológica e lexicográfica

O contacto entre o kimbundu e o português deu origem a que esta língua incluisse no seu léxico os chamados “quimbundismos”. Desse contacto entre o kimbundu e o português – língua oficial, românica – resultou a incorporação de vocábulos do kimbundu, com uma fonética e estrutura próprias do português. É um processo de transferência e assimilação bem visível na variedade angolana do português, motivo por que chama a atenção dos estudiosos.

Por isso, a descrição dos quimbundismos no português e a constituição de um glossário são os dois principais propósitos deste estudo. Para tratarmos dos quimbundismos numa perspectiva lexicológica e lexicográfica, torna-se necessário a formulação de algumas considerações acerca do léxico, numa perspectiva cognitiva-representativa, de codificação da realidade extralinguística, pois falar de léxico implica sempre levar em conta a codificação de um saber partilhado (Vilela, 1997: 1).

A distinção entre vocabulário e léxico não consiste numa diferenciação entre a “parte” e o “todo” (Vilela, 1997), já que o léxico é o conjunto das palavras fundamentais do sistema abstrato chamado língua; enquanto que o vocabulário é o conjunto dos vocábulos em uso num determinado tempo e lugar, por uma comunidade linguística. O léxico é, portanto, o sistema geral, social e o essencial; o vocabulário é o sistema particular, individual ou concreto.

Noutra perspectiva, o léxico é ainda encarado como “coleção de unidades”, em que o vocabulário se distingue do dicionário e glossário: o dicionário é a recolha ordenada dos vocábulos duma língua, ao passo que o vocabulário é um setor da língua. Ocorrem ainda outras unidades, como vocábulo, termo, lexema e palavra. Neste conjunto, vocábulo equivale a palavra, isto é, um elemento que ocorre na frase; o “termo” é palavra própria duma área ou domínio, e a “palavra” ou “lexema” é unidade que aparece como entrada do dicionário. Apesar da aparente simplicidade das definições acima, a distinção entre conceitos não é simples, o que tem efeitos no estabelecimento dos limites entre a lexicologia e disciplinas como a morfologia, a estilística, a linguística de texto, a pragmática, a sociolinguística, etc. Na verdade, a unidade “palavra” está muito enraizada na tradição gramatical e linguística, pelo que é natural a existência de diferentes

conceptualizações e, por extensão, diferentes modelos descritivos de “palavra” e de conceitos relacionados.

Na história das diferentes civilizações a palavra sempre foi mensagem de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social. É graças a ela que o homem nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce seu poder sobre o universo natural e antropocultural, regista e perpetua a cultura. Segundo Isquerdo e Krieger (2014: 11- 12), o léxico, como repertório de palavras das línguas naturais, traduz o pensamento das diferentes sociedades no decurso da história, razão por que o seu estudo implica também resgatar a cultura.

Ora, estudar as palavras usadas no português de Angola implica levar em conta aspetos da cultura local, já que a “palavra” espelha as experiências num universo de discursos que refletem uma visão do mundo (Isquerdo & Krieger, 2014).

Conforme se viu em capítulo anterior, a lexicologia é a disciplina que se dedica ao estudo do léxico de forma ampla e sob diferentes perspetivas teóricas. De acordo com aquelas autoras (Isquerdo & Krieger 2014: 20), a Lexicologia ocupa-se do léxico das línguas de forma completa e integrada, embora nem sempre seja contemplada nos planos de estudos de filologia, humanidades, tradução, linguística ou comunicação.

Para se estudar a incorporação de léxico do kimbundu no português será preciso ter em consideração a lexicologia aplicada a uma língua bantu e a lexicologia aplicada a uma língua românica, uma vez que esta língua angolana é prefixal e aglutinante, isto é, exprime a flexão (noções de género, número, pessoa e tempo) pelo uso de prefixos, infixos e sufixos, como se viu no capítulo em que apresentámos as características deste género de línguas.

A relação do homem com o mundo é mediada pela linguagem e as palavras correspondem à representação linguística das categorias cognitivas que são por ele construídas nesse processo ao longo da sua vida (Antunes, 2012: 28 *apud* Isquerdo & Abbade, 2020). Assim, o léxico é o inventário dos itens linguísticos com os quais o homem expressa essas categorias, que, segundo aquela autora, é uma espécie de “memória representativa” das matrizes cognitivas construídas pelo homem, sendo ainda considerada “uma memória dinâmica”, em movimento constante, que se vai reformulando passo a passo, assim como as manifestações culturais expressadas. O léxico está profundamente ligado à cultura de um povo, conforme mostrou Sapir (1969), sendo por isso o nível da língua que reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico é, assim, a rede de todos os referentes e ideias expressadas numa língua.

Determinado por fatores socioculturais, o léxico constitui-se como sistema em constante renovação porque é aberto; é o nível mais extralinguístico, em comparação com a sintaxe, a morfologia e a fonética, níveis cuja realização depende menos de aspetos extralinguísticos. Também por isso o léxico reflete as mudanças sociais e históricas, que levam a novos significados das palavras, à criação de novas ou ao desuso de outras. (Antunes, 2012: 12 *apud* Isquierdo & Abbade, 2020).

Biderman (2001: 12 *apud* Isquierdo & Abbade, 2020) acrescenta que o léxico de uma língua natural é o património vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse património constitui um tesouro cultural abstrato, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos e categorias para gerar novas palavras.

As línguas faladas num mesmo espaço linguístico estão sujeitas a influências mútuas, sobretudo quando os falantes usam mais de uma língua no seu quotidiano, como acontece em Angola, em cujo território se vem verificando a incorporação no português de unidades lexicais oriundas das línguas angolanas.

4.2.1. Lexicalização dos quimbundismos

A lexicalização é entendida como uma mudança histórica que resulta na produção de novas formas lexicais (Brinton & Traugott, 2005: 96). No processo de lexicalização há fusão (perda de fronteira vocabular), coalescência (perda de elementos fonológicos), desmotivação (perda de composicionalidade semântica) e metaforização/metonimização (mudança fortemente vinculada ao contexto, derivado de implicaturas entre falantes e ouvintes) (Brinton & Traugott, *op. cit.*).

Assumindo que o léxico é um repositório das unidades lexicais de uma língua, segundo Villalva e Silvestre (2014: 23), o léxico é uma entidade abstrata que se obtém por acumulação: as palavras em uso no conjunto dos falantes, no seio de uma dada comunidade.

É na língua que ocorre o processo de “lexicalização”, isto é, uma mudança na qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam uma construção sintática ou construção de palavras como uma nova forma, portadora de conteúdo com propriedades formais e semânticas que não são totalmente deriváveis ou previsíveis a partir dos constituintes da construção ou padrão de formação de palavra. Com o passar do tempo, pode haver perda de constituição interna e o *item* pode tornar-se lexical (Cabraia *at. al.*, 2011: 37 *apud*

Isquerdo & Abbade, 2020).

Ora, em kimbundu, tal como nos verbos da maioria das línguas bantu, a lexicalização faz-se eliminando o prefixo do singular (aférese) e adicionando à base verbal (paragoge) a desinência do infinitivo português (Nzau, *at. al.*, 2012: 169).

Quadro nº 14 Lexicalização verbal kimbundu em português

Kimbundu	Lexicalização em Português	Português
kubanza	banzelar	pensar
kubaza	bazar	ir-se embora
kubokona	bocoar	entrar
kubungula	bungular	abaixar-se
kudifefetela	cafetelar	falar em voz baixa
kudiseketa	dissequetar	mexer-se
kuditombwesa	ditombuelar	aproveitar-se
kufutuka	futucar	zangar; estar triste
kujinga	jingar	dar volta, girar
kujonja	canjojar	roer
kukingila	kinguilar	esperar
kukoxila	coxilar	dormitar
kukuna	cunar	semear; plantar
kukunga	cungar	esfregar
kukwata	cuatar	agarrar; pegar
kulundula	lundular	herdar
kumbomba	cambombear	pedir favor
kungombela	ngombelar	violar
kusabula	sabular	endoidecer; falar à toa
kusangela	sanguelar	agredir
kusema	semar	ter desejos
kusenga	sengar	desprezar
kusumbula	cassumbular	roubar; receber à força
kusunga	sungar	puxar; andar de pressa
kutambula	tambular	receber
kuteketa	tequetar	tremer
kutondola	tondolar	desprender; tirar
kutotola	totolar	triturar
kutukuta	tucutar	esfregar
kutunda	tundar	sair
kututumba	tutumbar	atrapalhar-se
kuvuza	vuzar	arrancar
kuximbika	chimbicar	remar uma embarcação
kuxinda	chindar	escrever; riscar
kuxingila	chinguilar	invocar os espíritos
kuzangula	zangular	tirar
kuzongola	zongolar	espreitar
kuzuka	zucar	pisar; triturar
kuzunga	zungar	deambular

Fonte: Nzau *at al.* (2012; Miguel, 2004), adaptado pelo autor desta tese.

De acordo com o quadro, o infinitivo em kimbundu compõe-se de um prefixo, normalmente *ku-* e de um tema verbal que termina, geralmente, pelo grafema *a*, diferente do português, que tem o *r* como característica principal do infinitivo (Nzau *et. al.*, 2012).

Quaisquer mudanças na lista de formas da língua, sejam elas resultado de lexicalização ou de gramaticalização, são formas adotadas pelo léxico. Por consequência, todos os empréstimos e processos de criação ou renovação lexical como, por exemplo, a composição, a derivação ou a elipse, podem ser considerados processos de lexicalização, vale dizer, processos de transferência de elementos gramaticais a unidades lexicais.

Nas secções seguintes, vamos apresentar a metodologia de recolha das unidades lexicais do kimbundu assimiladas pela variedade angolana do português, descrevê-las e a apresentar um glossário como contribuição para um dicionário bilingue ou monolingue do Português Angolano.

4.3. Metodologia da recolha

Conforme enunciámos na Introdução, este trabalho parte de várias hipóteses sobre a incorporação de “quimbundismos” na variedade angolana do português. Ora, essas hipóteses só poderiam ser confirmadas ou infirmadas com recurso a métodos de base quantitativa e qualitativa. De acordo com Gil (2007: 17 *apud* Gerhardt *et. al.*, 2009), a investigação implica um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas propostos, motivo por que se desenvolve por fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Partindo do princípio de que a investigação de campo visa recolher informações e conhecimentos acerca de um ou de vários problemas, procurando-se respostas a partir de hipóteses previamente colocadas a respeito do assunto em estudo (Lakatos & Marconi, 1990), a opção metodológica adequada à natureza do nosso tema foi a da recolha direta de dados e sua comparação com a literatura de especialidade. A recolha bibliográfica a partir de obras literárias, mas também de reportagens de rádio e televisão, conversas informais, jornais e redes sociais permitiu obter um corpus de base que foi completado com a recolha de dados mediante inquérito.

Esta recolha direta consistiu, assim, na aplicação de um inquérito a falantes em Luanda, por ser a capital e também cidade de acolhimento de angolanos oriundos de todas as províncias do país, motivo por que entre a população inquirida se distinguem os naturais da capital e aqueles que provêm de outras províncias. Segundo os teóricos, o

inquérito é (Gil, 1989: 93) “o meio mais rápido e barato de obtenção de informações”, ao mesmo tempo que, se for devidamente elaborado, garante o anonimato das respostas”. Apesar das dificuldades sentidas no terreno – acesso condicionado aos indivíduos a inquirir, interrupções do ano académico motivadas pela pandemia, a obtenção de autorizações para aceder aos potenciais respondentes, entre outras –, o inquérito é, de facto, um método relevante, pois permite recolher informação e fazer uma análise social dos fenómenos em estudo, por faixa etária, género e nível de escolaridade. Assim, este meio de recolha direta de dados assegura a originalidade a estudos como o nosso, sobretudo se tivermos em conta que a investigação sobre o Português em Angola ainda carece de diversos estudos, não obstante ter-se verificado um salto quantitativo nos últimos anos. Nesse sentido, o nosso inquérito poderá trazer novos elementos para o conhecimento e a disponibilização de dados acerca desta variedade do português.

4.4. O Inquérito

O inquérito foi dirigido a pessoas residentes em Luanda, naturais desta província ou de outras, representativas de várias faixas sociais e repartidas por três grandes grupos de informantes: Grupo A (jornalistas); Grupo B (professores do Complexo Escolar Primário e I Ciclo do Ensino Secundário nº 3022), do Liceu Público nº 3012 e dos Colégios Estoril e Luzia Mateus; Grupo C (Estudantes da 9ª e 10ª Classes do I e II Ciclos do Ensino Secundário e do 1º e 2º Anos da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica de Angola). Os estudantes distribuíram-se por 2 grupos etários: para o I Ciclo, alunos de 14 aos 17 anos, e dos 18 aos 30. Entre os estudantes universitários, seleccionámos alunos entre os 20 e os 30, e, ainda, entre os 31 e os 40 anos. O questionário visou 231 alunos e 80 professores do Ensino Geral, 89 estudantes do Ensino Superior e 42 jornalistas. O inquérito compreendeu perguntas que levaram em consideração, como referido acima, a faixa etária, o grau de instrução, o género e local de nascimento, tratando de determinar a incidência do uso do léxico kimbundu no português. A percentagem de respondentes masculinos e femininos é proporcional à demografia de Angola e, em concreto, à de Luanda, área em foco. Abaixo, apresenta-se o inquérito.

É de realçar que, a designação I e II Ciclos do Ensino Secundário, bem como a do 1º e 2º Anos, reflete a nomenclatura adotada no sistema de ensino angolano.



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade _____

Sexo: Masculino Feminino

Profissão _____

Província de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador

2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear

3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné

4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo

5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular

6-catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota

7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém

8- dicanza dicomba dikiNDAR dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-quinquilã quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucar xidi xinguilar zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais?

Neste inquérito, os inquiridos foram confrontados com quimbundismos, por forma a que, num primeiro momento, se averiguasse o reconhecimento desse léxico entre a população inquirida e, num segundo momento, se apelasse à consciência linguística dos informantes, levando-os a apontarem, sozinhos, as unidades similares.

Os dados assim recolhidos foram sujeitos a uma análise quantitativa e transpostos em tabelas relativas à população inquirida, bem como os valores percentuais resultantes dos inquéritos aplicados para o efeito.

Assim, pretendemos com estas tabelas apresentar os dados resultantes do inquérito aplicado em Luanda. As tabelas levaram em consideração os seguintes aspetos: (i) a população inquirida; (ii) as unidades de amostragem; (iii) unidades em análise.

Tabela nº 2 População inquirida

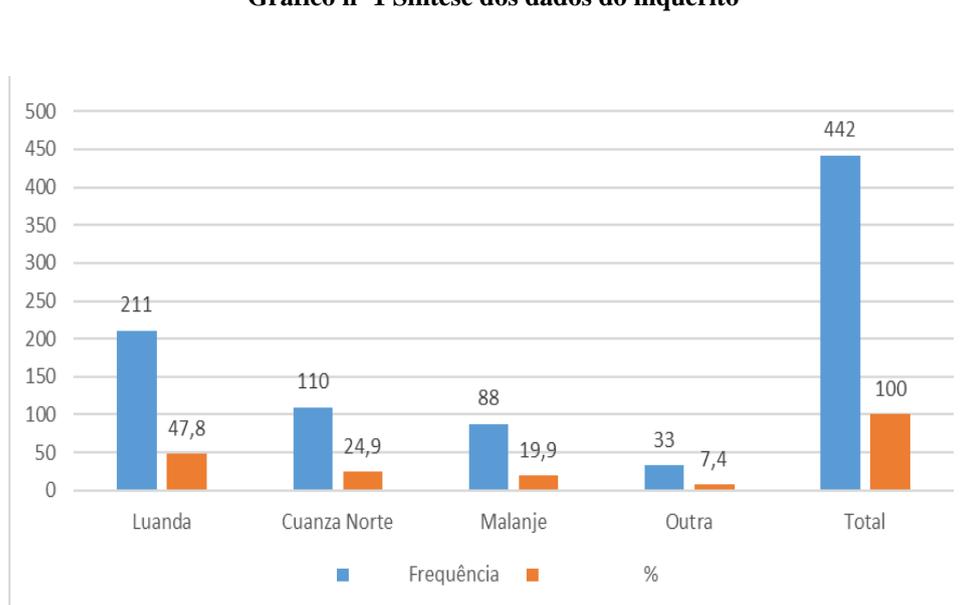
População (universo)	Estudantes (I, II Ciclos, Ensino Superior, Professores e Jornalistas)
População	442 Estudantes, professores e Jornalistas
Unidades de Amostragem	Professores, Estudantes (I e II Ciclos, EES) e Jornalistas
Unidades de análise	233

Foram inquiridos 442, sendo selecionado um recorte – amostra – três Unidades de Amostragem, nomeadamente Estudantes, Professores e Jornalistas. Para a aplicação do inquérito, tivemos 233 Unidades de Análise que serviram de base à pesquisa em causa. O estudo ficou dividido em três Unidades de Amostragem, como se pode constatar na tabela acima representada. O objetivo da amostra é produzir informações mais ilustrativas e, se possível, aprofundadas, quer essa amostra seja pequena, quer seja grande (Deslaurier, 1991: 58 *apud* Gerhardt *et. al.*, 2009).

Tabela nº 3 Síntese dos dados do inquérito

Província	Frequência	%
Luanda	211	47,8
Cuanza Norte	110	24,9
Malanje	88	19,9
Outra	33	7,4
Total	442	100

Gráfico n° 1 Síntese dos dados do inquérito



De acordo com os dados constantes da tabela, num total de 442 inquiridos, 211 são naturais da província de Luanda, correspondendo a 47,8%; 110 são naturais da província de Cuanza Norte, correspondendo a 24,9%; 88 inquiridos da província de Malanje, correspondendo a 19,9% e de outras províncias, 33 inquiridos, correspondendo a 7,4%.

É de realçar que o inquérito mostrou que a maioria dos inquiridos desconhece o conceito de Língua Materna, pois considera Língua Materna apenas a língua nacional falada pelos pais.

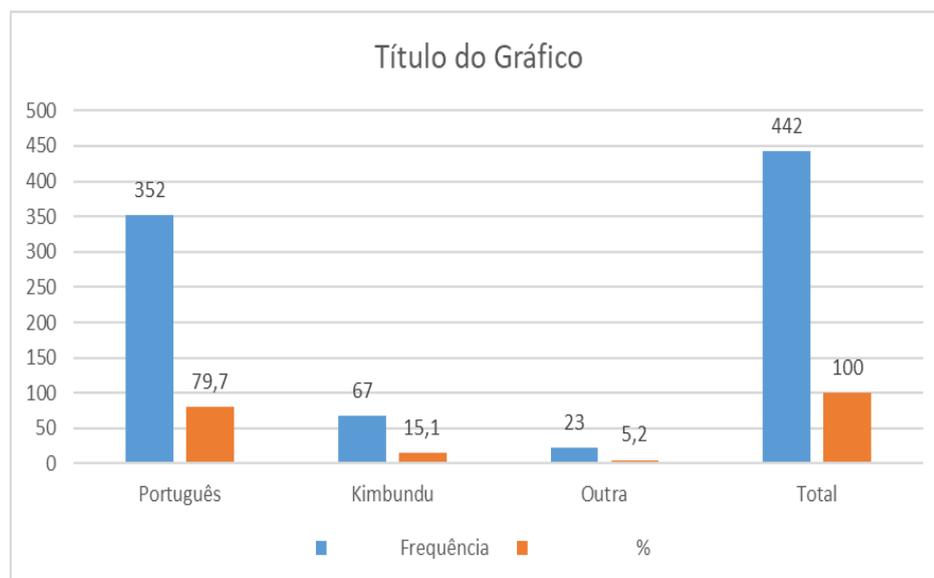
Tabela n° 4 Dados do inquérito segundo a Língua Materna

Língua Materna	Frequência	%
Português	352	79,7
Kimbundu	67	15,1
Outra	23	5,2
Total	442	100

Constatou-se que num universo de 442 inquiridos, 352 afirmam ter o português como língua materna, correspondendo a 79,7%; 67 inquiridos afirmam ter o kimbundu como língua, correspondendo a 15,1%, ao passo que dos 23 inquiridos afirmam não ter o português, nem o kimbundu como Língua Materna, correspondendo a 5,2%.

Na sequência da aplicação do inquérito, constatámos que os inquiridos confundiam a língua falada pelos pais com a primeira língua aprendida no seio familiar (LM).

Gráfico nº 2 Língua Materna dos inquiridos

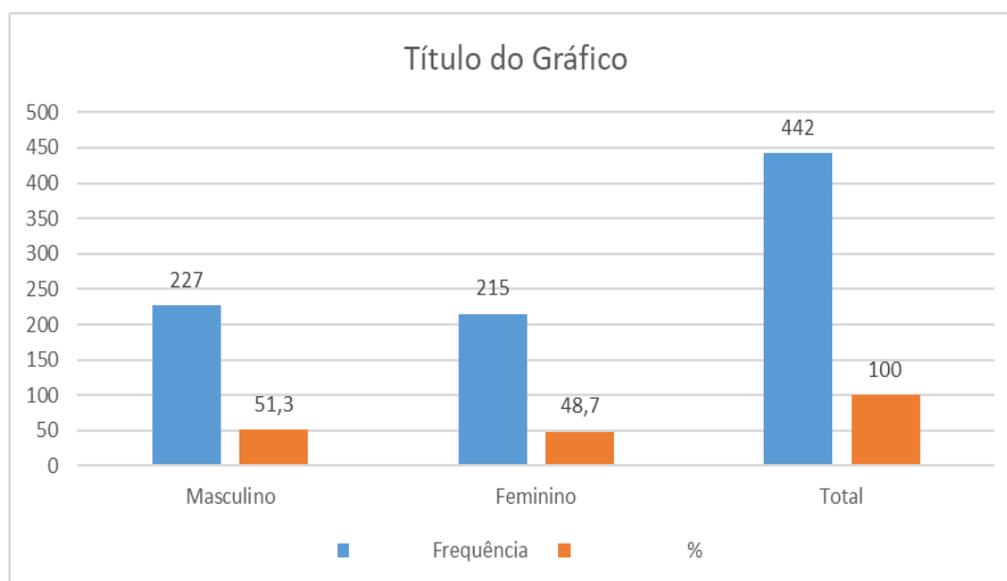


O gráfico representa uma síntese dos resultados obtidos por meio do inquérito aplicado a três grupos na cidade de Luanda.

Tabela nº 5 Dados do inquérito segundo o género

Sexo	Frequência	%
Masculino	227	51,3
Feminino	215	48,7
Total	442	100

Gráfico n° 3 Dados referentes ao género

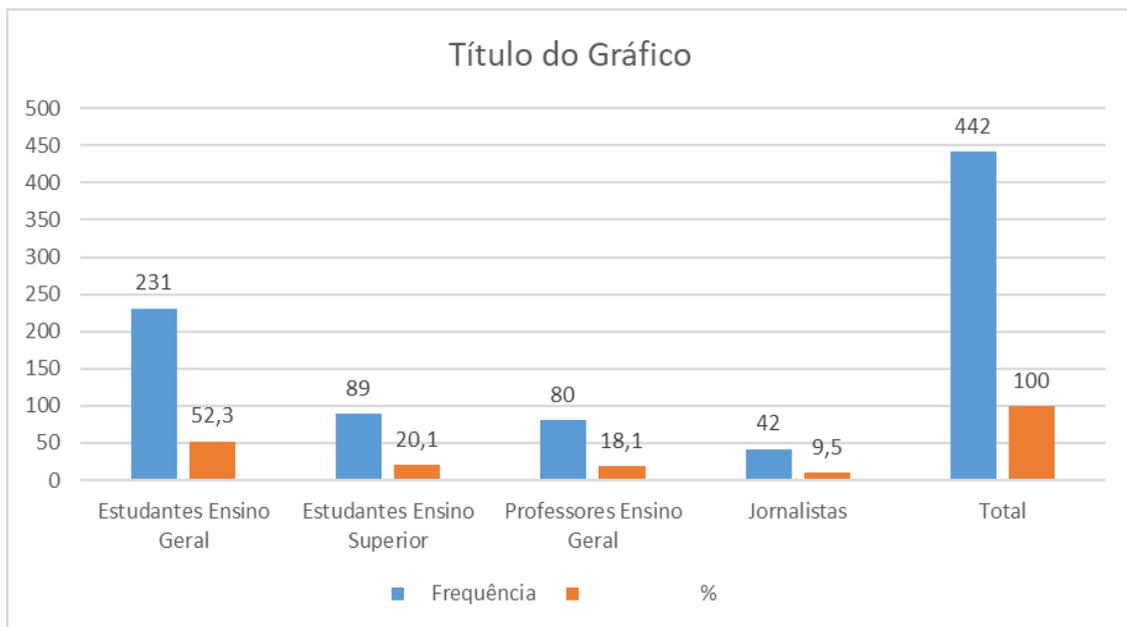


As amostras resultam de uma população de 442 inquiridos, sendo 227 do sexo masculino, o que corresponde a 51,3%, e 215, do sexo feminino, correspondendo a 48,7%. O inquérito permitiu saber o grau de incidência desses termos, tendo em conta o género. Assim, com base nos dados que obtivemos, constatou-se que a população masculina é a que mais utiliza o léxico aqui estudado.

Tabela n° 6 Síntese dos dados gerais do inquérito

População	Frequência	%
Estudantes Ensino Geral	231	52,3
Estudantes Ensino Superior	89	20,1
Professores Ensino Geral	80	18,1
Jornalistas	42	9,5
Total	442	100

Gráfico n° 4 Síntese dos dados gerais

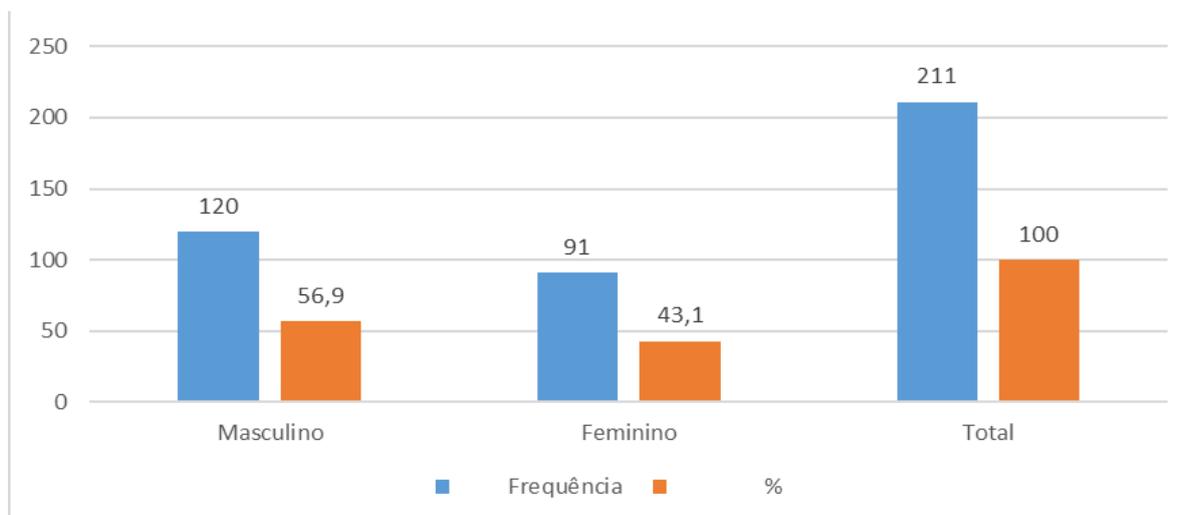


A partir dos dados recolhidos, obtivemos o quadro acima onde estão representados os grupos visados na nossa pesquisa de campo. Assim, este estudo permitiu inquirir, num total de 442, 231 alunos do Ensino Geral, correspondendo a 52,3%; 89 estudantes do Ensino Superior, correspondendo a 20,1%; 80 professores do Ensino Geral, correspondendo a 18,1%, e 42 jornalistas, correspondendo a 9,5%. Esses dados permitiram a recolha de mais vocábulos do kimbundu usados no português de Angola.

Tabela n° 7 Dados do inquérito por género na província de Luanda

Amostra	Frequência	%
Masculino	120	56,9
Feminino	91	43,1
Total	211	100

Gráfico nº 5 Dados do inquérito por género na província de Luanda



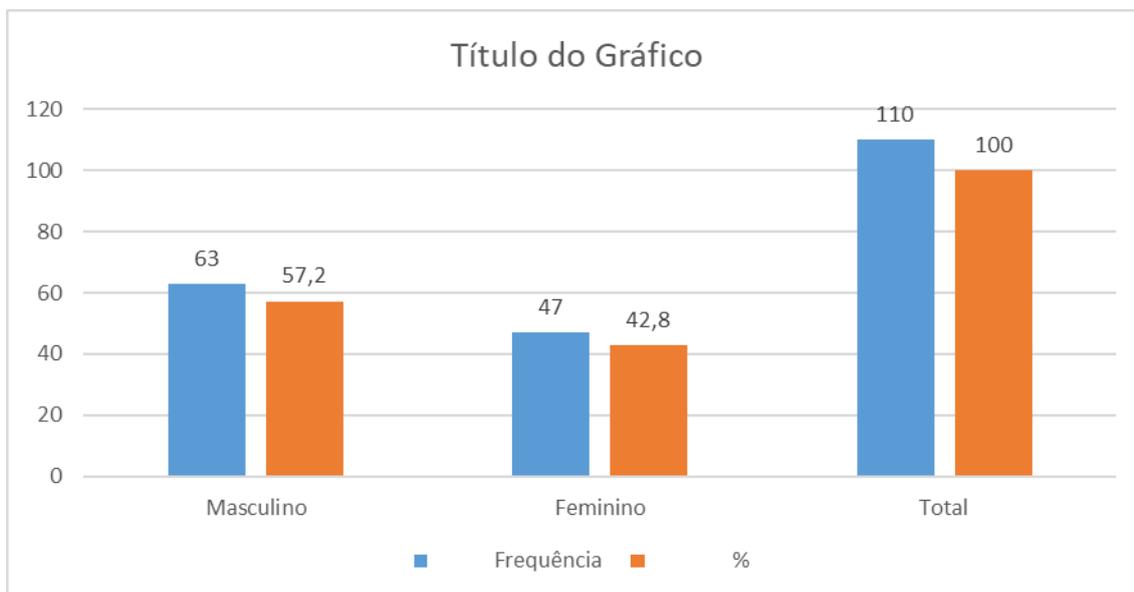
No quadro da população inquirida natural de Luanda, obtivemos 211, o que corresponde a 47,8% da população inquirida, sendo 120 do sexo masculino, correspondendo a 56,9%, e 91 do sexo feminino, correspondendo a 43,1%. De acordo com os dados do inquérito, há maior incidência na utilização dos termos estudados entre a população masculina, sendo que essa incidência é maior na província de Luanda, não obstante muitos desses inquiridos desconhecerem a origem desse léxico. Pensamos que esses indicadores resultam do facto de Luanda ser considerada uma espécie de “aldeia linguística”, visto acolher quase todas as etnias de Angola.

Assim, a população inquirida da província de Luanda demonstra um maior grau de conhecimento dos quimbundismos incorporados ao português.

Tabela nº 8 Dados do inquérito por género dos naturais da província do Cuanza Norte

Amostra	Frequência	%
Masculino	63	57,2
Feminino	47	42,8
Total	110	100

Gráfico n° 6 Dados do inquérito por género dos naturais da província do Cuanza Norte



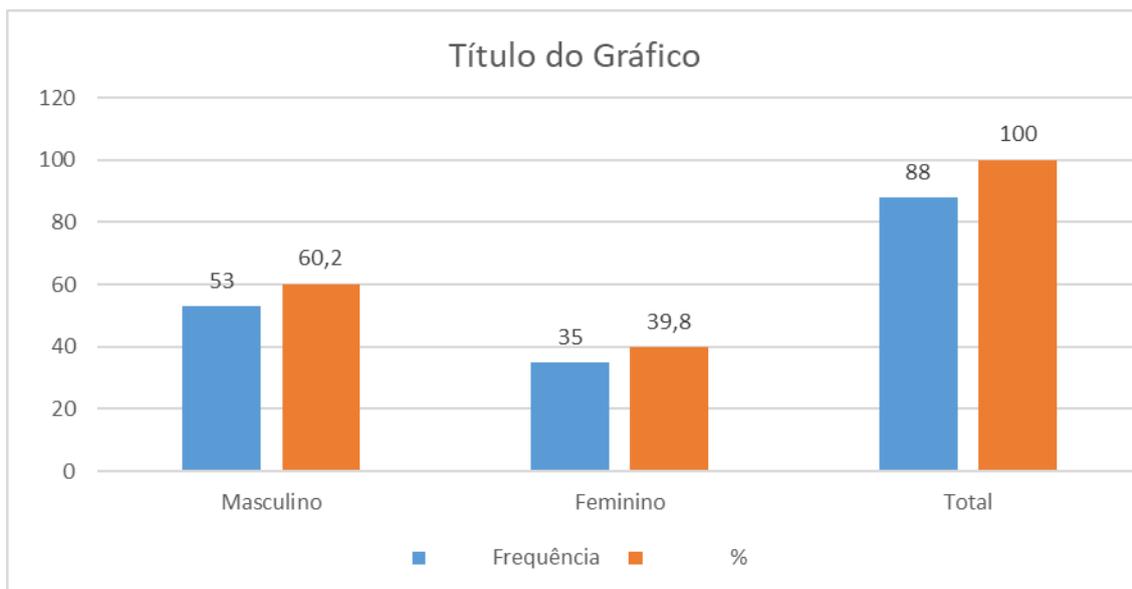
Com base na origem dos inquiridos, entre os naturais do Cuanza Norte foram aplicados 110 inquéritos, que corresponde a 24,8%, num universo de 422 inquiridos: 63 são do sexo masculino, o que corresponde a 57,2% e 47 do sexo feminino, isto é, 42,8%. Assim, o inquérito demonstrou que a população masculina tem maior domínio dos termos que designamos como quimbundismos. Na análise dos dados constatou-se que a população mais jovem, que usa mais o português, desconhece a origem desse léxico, sendo que a população adulta, sobretudo dos 35 a 60 anos, demonstra maior grau de conhecimento da origem desses termos.

Os dados relativos a indivíduos com origem na província do Cuanza Norte permitiram a recolha de mais termos.

Tabela n° 9 Representação dos dados por género dos naturais da província de Malanje

Amostra	Frequência	%
Masculino	53	60,2
Feminino	35	39,8
Total	88	100

Gráfico nº 7 Dados do inquérito por género dos naturais da província de Malanje

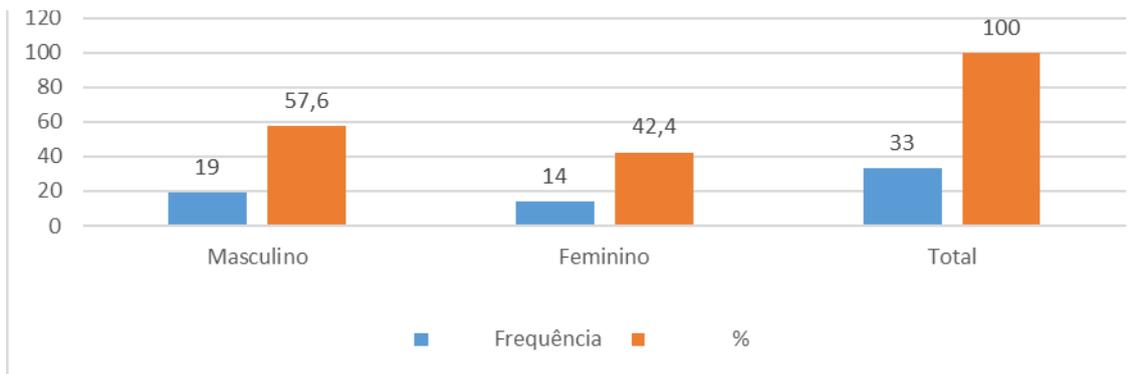


Quanto aos naturais da província de Malanje, responderam 88, o que corresponde a 19,9%, num universo de 422 inquiridos: foram inquiridos 53 indivíduos do sexo masculino, isto é, 60,2% e 35 do sexo feminino, correspondentes a 39,8%. Também neste caso, a população masculina continua a dominar a utilização dos quimbundismos no português, facto já justificado nos pontos anteriores.

Tabela nº 10 Representação dos dados de outras províncias por género

Amostra	Frequência	%
Masculino	19	57,6
Feminino	14	42,4
Total	33	100

Gráfico n° 8 Dados de outras províncias por género

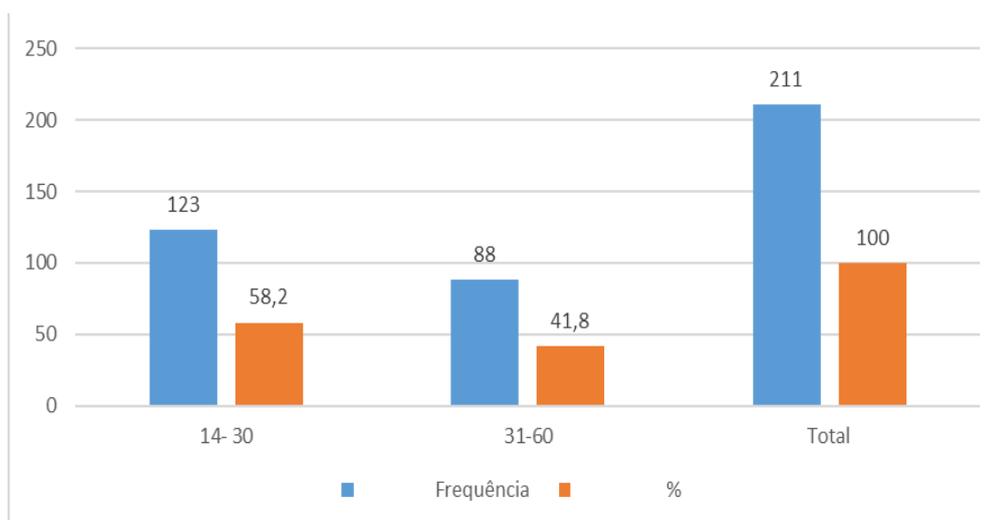


A tabela acima representa os dados do inquérito correspondentes a outras províncias de Angola, num total de 33 indivíduos, correspondentes a 7,4% da população de inquiridos: 19 são do sexo masculino, correspondendo a 57,6%, e 14, do sexo feminino, ou seja, 14%. Como se pode constatar, mais uma vez, os indivíduos do sexo masculino são os que mais utilizam os quimbundismos no português.

Tabela n° 11 Quadro representativo dos dados por idades (província de Luanda)

População	Frequência	%
14- 30	123	58,2
31-60	88	41,8
Total	211	100

Gráfico nº 9 Representativo dos dados por idades (província de Luanda)

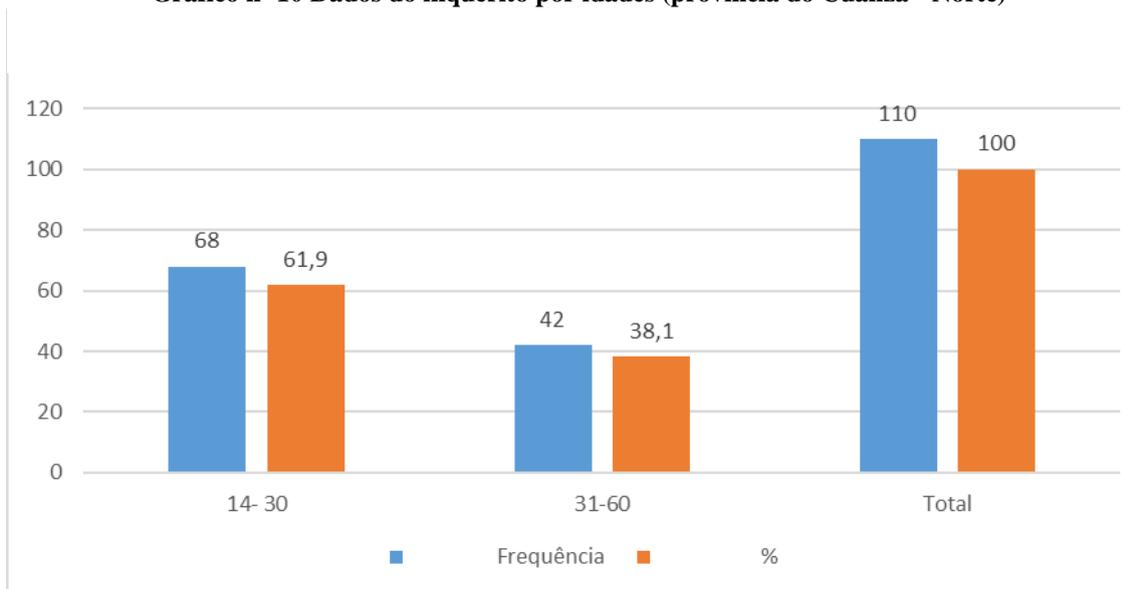


O inquérito permitiu inquirir cerca 211 indivíduos que confirmaram ter como origem a província de Luanda. De acordo com os dados obtidos, numa população dos 14 a 30 anos, foram inquiridos 123 indivíduos, correspondentes a 58,2%; entre os 31 e os 60 anos foram inquiridos 88 indivíduos, ou seja, 41,8%. Esses dados mostraram que a população dos 14 a 30 anos de idade representa o maior número, sendo que, nesta faixa se situam alunos do Ensino Geral e Superior. Esta faixa, que é a mais numerosa, é a que mais desconhece a origem do léxico em causa.

Tabela nº 12 Quadro representativo de dados do inquérito por idades (província do Cuanza - Norte)

População	Frequência	%
14- 30	68	61,9
31-60	42	38,1
Total	110	100

Gráfico nº 10 Dados do inquérito por idades (província do Cuanza - Norte)

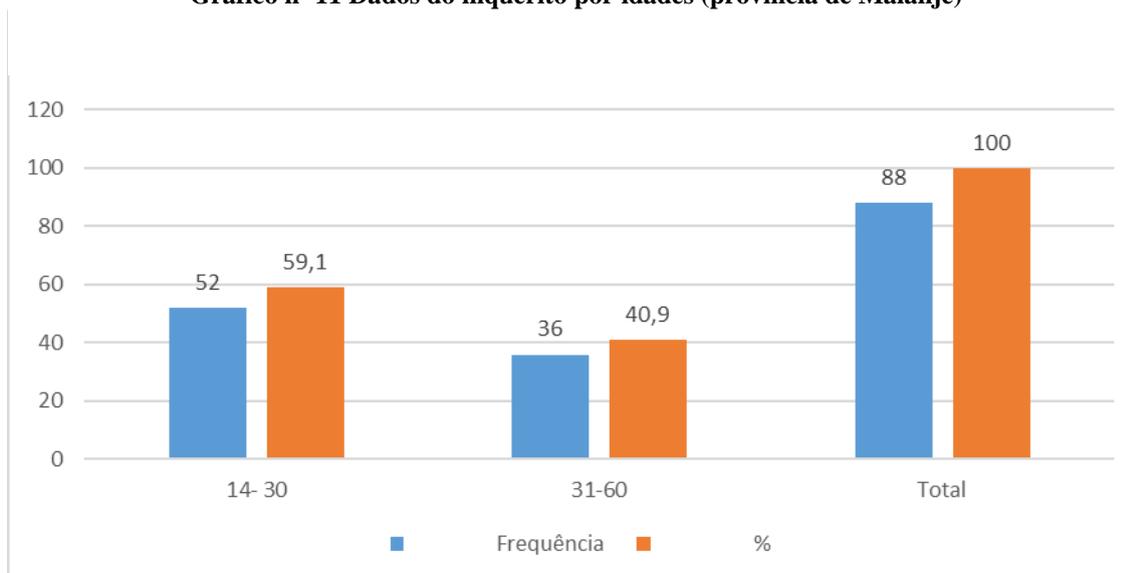


Relativamente aos naturais da província do Cuanza Norte, foram inquiridos cerca de 110 indivíduos, num total de 442 inquéritos aplicados, que corresponde a 24,8%. Dessa província, dos 110 inquiridos, 68 indivíduos rondam entre os 14 a 30 anos de idade, o que corresponde a 61,9%, e dos 31 a 60 anos de idade, num total de 42 indivíduos, correspondendo assim a 38,1% dos inquiridos dessa província.

Tabela nº 13 Dados do inquérito por idades (província de Malanje)

População	Frequência	%
14-30	52	59,1
31-60	36	40,9
Total	88	100

Gráfico nº 11 Dados do inquérito por idades (província de Malanje)

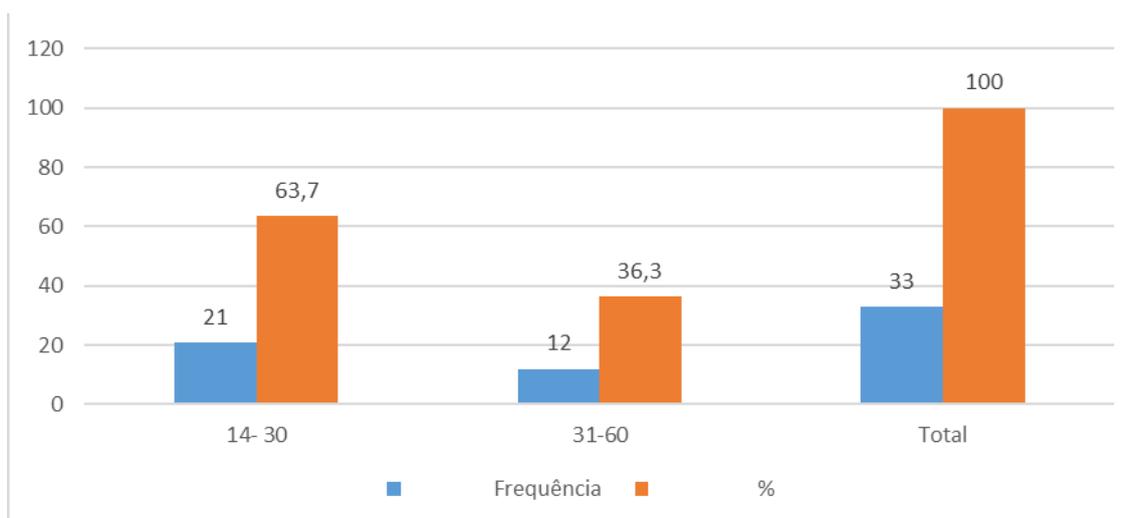


A tabela acima reflete os dados dos naturais da província de Malanje, em número de 88, que corresponde a 19,9% num total de 442 da população geral inquirida. Assim, o inquérito à população entre os 14 e os 30 anos de idade, corresponde a 59,1%, e a dos 31 aos 60 anos de idade, corresponde a 40,9%. Da população inquirida, apenas a faixa etária dos 31 aos 60 anos identificou esse léxico como tendo origem no kimbundu, o que se justificará pelo facto de essa ser a população que ainda utiliza o kimbundu como língua de comunicação no seio familiar.

Tabela nº 14 Dados do inquérito por idades (outras províncias)

População	Frequência	%
14- 30	21	63,7
31-60	12	36,3
Total	33	100

Gráfico n° 12 Dados do inquérito por idades (outras províncias)



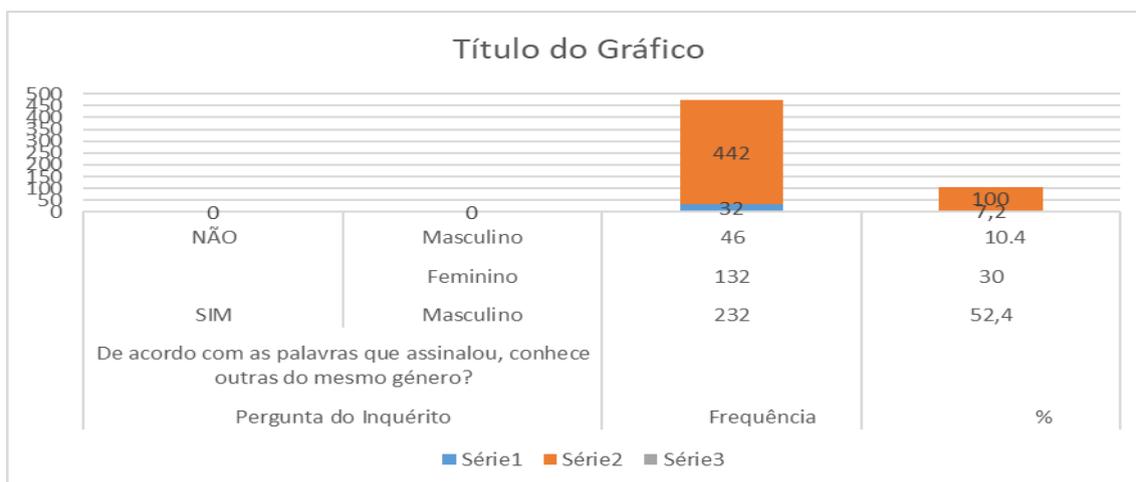
A tabela acima reflete os dados de indivíduos oriundos de outras províncias: 33 indivíduos, que corresponde a 7,4% de um universo de 442, representando a menor parcela de inquiridos em Luanda. O inquérito permitiu inquirir, numa população entre os 14 e os 30 anos de idade, que corresponde a 63,7% e a população dos 31 aos 60 anos de idade, isto é, 36,3% dos inquiridos.

Importa realçar o facto de a população inquirida demonstrar quase o mesmo nível de conhecimento desse léxico, sendo que a população dos 31 e os 60 anos de idade é a que faz mais uso desse léxico e conhece outras palavras do mesmo género. No nosso entender, a população Ambundu (aqueles que têm o kimbundu como língua da sua etnia) identifica melhor esse léxico, e o inquérito demonstrou isso por terem respondido, positivamente, à pergunta II, não obstante termos encontrado, em algumas respostas, palavras que não correspondiam ao objetivo do inquérito.

Tabela nº 15 Dados representativos do inquérito por variantes de resposta

Pergunta do Inquérito		Frequência	%
De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?			
SIM	Masculino	232	52,4
	Feminino	132	30
NÃO	Masculino	46	10,4
	Feminino	32	7,2
Total		442	100

Gráfico nº 13 Dados representativos do inquérito por variantes de resposta



Nesta pesquisa, tivemos duas variantes de respostas: Sim e Não. Para o Sim, obtivemos um número de 364 inquiridos, num total de 442 amostras, sendo 232 do sexo masculino, o que corresponde a 52,4% e 132 do sexo feminino, que corresponde a 30%. Para o “Não”, obtivemos um total de 78 inquiridos, sendo 46 do sexo masculino, que corresponde a 10,4%, e 32 do sexo feminino, isto é, 7,2%. Desse modo, a resposta relativa ao SIM registou maior incidência e permitiu a recolha de mais léxico do kimbundu incorporado ao português, o que ajudou a enriquecer o nosso glossário, após a análise e tratamento dessas unidades lexicais, glossário esse que visa apresentar esse léxico numa perspetiva lexicográfica do português em Angola, com o objetivo de identificar a origem dessas palavras.

4.5. Apresentação do corpus

A presente secção trata da descrição dos quimbundismos recolhidos de conversas informais, de obras literárias e reportagens de rádio e televisão. Pretendemos, com isso, apresentar frases que contêm unidades lexicais com origem no kimbundu, descrevendo as suas características e o processo por que passam.

Na apresentação do corpus (cf. abaixo) levaram-se em consideração os seguintes campos informativos: “categoria gramatical”; “contexto” de uso da unidade lexical registada e indicação da fonte; “contexto linguístico”, vale dizer, informação sobre a origem da unidade ou a sua estrutura; “observações linguísticas”, campo que possibilita acrescentar outros elementos sobre a unidade em causa.

Importa esclarecer que o corpus abaixo ilustrado regista apenas os dados que foi possível compulsar para cada uma das unidades lexicais, motivo por que nem todos enunciados do glossário apresentam o mesmo grau de desenvolvimento.

(48)

ANANDENGUE

Categoria gramatical: Substantivo aglutinado

Contexto: Deputado [...] nega participação societária no processo de litígio por terra em Luanda com um grupo de camponeses associados à Cooperativa *Anandengue*. *Fonte:* Jornal “Novo Jornal”. 06.02.2021.

Observações Linguísticas: Derivada da expressão em kimbundu <Ana a ndenge> = “crianças”

(ana = filhos+ a[PC]+ ndenge = criança)

(49)

BAZAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto a): O JES já *bazou* (foi/morreu), outras coisas mesmo é lábio do Landrick. *Fonte:* Facebook, em 30.7.2021.

Contexto b): Eu já estou pronta para *bazar* “Eu já estou pronta a *sair*”. *Fonte:* cidadã angolana residente em Portugal. (29. 08.2022).

Contexto c): ...mas sempre que se aproximava dele, *bazava* (andava) a sete pés. *Fonte:* In Pepetela, 2000: 27.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kubaza* “rebentar”, “deslocar-se” de um lugar para o outro”. Na língua portuguesa tem o sentido de *ir* ou *deslocar-se*. Ao ser incorporada ao português perde o PV, substituindo-o pela forma do infinitivo desta língua. Assim, para conformá-la à língua portuguesa, o PV *ku-* é substituído por /r/. Desse modo, teremos a seguinte representação:

kubaza [V] -baz-[RV] -r[DP.] bazar = bazar “sair”, ir-se embora”

(50)

BANZELAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: É nos *banzelar* no analfabetismo como sempre foi. “É *pensarem* que somos analfabetos”. Viram que estamos a ficar espertos e criaram mais essa. *Fonte:* Lê-se na página do Facebook, em 17.8.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kubanza*, que significa “pensar”, quando incorporada ao português esta adquire outra forma, mas não se distorce o seu radical.

Descrição segmentação:

banz[RV]el[SAP]a[TV]r[DP]=banzelar↔ ku[PV]- banz [RV]a[TV]=kubanza
--

Com base nesta segmentação, é notável o sufixo aplicativo do kimbundu mais desinência portuguesa.

Descrição segmentar:

Banz-el-a-r = Radical + Sufixo Aplicativo + Tema verbal + Desinência portuguesa

Para esta descrição, *-el-* será o sufixo aplicativo do kimbundu mais o tema verbal *-a-*, que se junta à desinência portuguesa *-r*. Apesar de a palavra ter incorporado a desinência portuguesa, manteve a semântica da língua de partida.

(51)

CASSUMUNA

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: a) Estou a te falar, *cassumuna* é que me mordeu quando estava a tomar banho. “Estou a dizer-te, foi a *formiga* que me ferrou quando estava a tomar banho. *Fonte:*

Conversas de crianças, na Rua do Comércio, Município do Cazenga, Luanda. 7.8.2022.

Segundo o portal Programa *Cassumuna*, pelas características, o filho se parece mais com o engenheiro [...] do que o pai que é... *Fonte*: Portal Cassumuna, 5.7.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *kasumúna*, que significa “formiga-brava”, sofre alguma alteração na forma, mas não no sentido. Desse modo, o seu uso em português assume características desta língua, tendo em conta o facto de ser a mais falada, sobretudo na capital, Luanda. Do ponto de vista fonológico, incorpora, na sua estrutura, a forma /ca/ (SSP) do PN /ka-/ do kimbundu. Desse modo, constata-se a presença do dígrafo português que substitui o elemento infixo /-su-/ do kimbundu. Assim, ka- = ca e /ss/ = /s/ = [s].

Descrição segmentar:

ka[PN] = ca[SSP]-muna[RN] / ka= ca- -sumuna

Consideramos Sílabas de Substituição Prefixal (SSP) - a sílaba do português que substitui o Prefixo da língua kimbundu, quer este seja *Prefixo Verbal ou Nominal*.

(52)

CAFETELAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: ... se *cafuetelaram* o quê, ou se *cafuetelaram* o quê, ninguém sabe - “...se disseram o quê, em voz baixa, ou disseram o quê, em voz baixa, ninguém sabe...”. *Fonte*: Funcionárias de Limpeza da Universidade Católica de Angola. 16.01.2024.

Observações Linguísticas: Derivada do kimbundu *kufwetela* “falar baixo”, é empregue no quotidiano luandense por vários estratos sociais, sobretudo pelas populações menos escolarizadas, e, nalguns caso, em meios familiares.

Como se pode constatar, quando a língua portuguesa assimila vocábulos do kimbundu estas adaptam-se às formas de conjugação desta língua, como se constata no referido enunciado, onde se evidencia o pretérito perfeito da língua portuguesa.

(53)

COTA

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: Eu acho que o *cota* (mais velho) William traz aqui uma questão importante...

Fonte: Programa Frente a Frente, Palanca TV. 27.05.2020.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *dikota* “adulto” (ou mais velho), é muitas vezes usada como sinónimo de respeito a pessoas adultas, ou mais velhas que nós. Ao ser incorporada ao português, perde o PN e adapta-se o grafema /s/ para formar o plural. Julgamos que, por força da sua utilização, ganhou grande expressividade na *sociedade* angolana, tendo sido facilmente adaptada à língua portuguesa.

Descrição segmentar:

di-[PN] kota[RN] = cota [ko = [co]SSP (RN Radical Nominal)
--

(54)

CACHIMBECO

Categoria gramatical: Adjetivo

Contexto: Hoje, não vou no teu carro, porque trouxe o meu *caximbeco* (carro velho):

Fonte: Docente do Ensino Geral. 18.01,2021.

Observações Linguísticas: Derivada do adjetivo kimbundu *kiximba*, que nesta língua designa “imbecil”, “desajeitado” ou o que “falha”, é muitas vezes empregue para designar o objeto que falha, em particular quando se trata de um carro, como ilustrado no enunciado acima. Assim, teremos a seguinte descrição para este quimbundismo:

Descrição segmentar:

kiximba = caximbeco ↔ PN – ki[PN] Ca[SSP] -ximb[RV]

A partir desta descrição segmentar, pode-se constatar que, apesar da alteração gráfica da palavra, esta mantém o radical /ximb/, que evidencia tratar-se de um quimbundismo.

(55)

DIQUELENGO

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: Os *cotas* aqui na *nguimbi*²⁸ têm muito *diquelengo*. Repórter do Programa “Fala Angola”(TV Zimbo). 11.08.2020.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *dikelengo*, que significa “garganta”, no quotidiano angolano, designa as pessoas que falam mais do que fazem. No contexto em que se apresenta, faz-se a seguinte tradução literal: «Os mais velhos (dirigentes), em Luanda, falam muito e fazem pouco».

²⁸ Designação atribuída à cidade de Luanda.

(56)

CHINDAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: Dizem que ele não *chinda* (escreve) nenhum. *Fonte:* funcionário público da Administração Municipal do Kilamba Kiaxi, província de Luanda. 18.04.2022.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kuxinda* “riscar” ou “escrever”.

Ao ser incorporada ao português perde o PV *ku-*, substituindo-o pelo dígrafo português “ch-”.

Descrição segmentar:

chinda ↔ ku[PN] -xind[RV] a[TV] ↔ φxinda [xi] = [chi]SSP
--

(57)

CASSULA

Categoria Gramatical: Substantivo e Adjetivo

Contexto: Minha *cassula* (mais nova) agora é advogada de Cédula Profissional passada. A menina é fera, promete e recomenda-se. *Fonte:* Professor da Universidade Agostinho Neto, página do Facebook. 27.08.2022.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo e adjetivo kimbundu *kásule* “último filho”, é habitualmente empregue para designar o filho mais novo. Quando incorporada ao português sofre, naturalmente, algumas alterações na sua grafia. O PN é substituído por “c”, bem como o grafema “s” é substituído por “ç”, às vezes, pelo dígrafo “ss”, para assim se acomodar à pronúncia portuguesa. É importante realçar que em kimbundu, o /s/ na posição V-V é igual a [s], contrariamente ao que acontece em português em que /-s-/ na posição V-V tem o som [z]. (V-V = posição intervocálica).

(58)

COCHILO

Categoria Gramatical: Verbo/Substantivo

Contexto: Você só precisa de 20 minutos de *cochilo*. *Fonte:* Docente universitário, Universidade Católica de Angola – UCAN. 7.4.2022.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kukoxila* “adormecer”; “dormitar” e do substantivo “sonolência”. Esta palavra associa-se ao Português Europeu e Brasileiro, que terá sido adaptada durante o período da colonização.

Descrição segmentar:

Ku[PV] -koxil[RV] a[TV] r[DP] ↔[cochilar = kukoxila]
--

(59)

CANDENGUES

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: Casou com o JES aos 28 anos de idade. Nós éramos *kandengues* (crianças).

Fonte: Internauta no Facebook. 30.7.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *ndenge*, “menor”, *kandenge* “o mais novo dos irmãos”, é empregue para designar menores de idade, ou mesmo um adulto diante de um menor que ele. Às vezes, denomina um pequeno grupo de crianças. Note-se que, ao ser assimilada pelo português, adapta-se a forma do plural da língua de partida.

No kimbundu, o plural é marcado pelo Prefixo Nominal quando se trata de um nome para marcar o número. Neste caso, o plural seria *tu-ndenge*, contudo o PN *tu-* foi substituído pelo grafema /-s/.

Descrição segmentar:

kandenge[Sub.] ↔ ka[PD] ndenge[RN] ↔ a[PC]ndeng[RN]

Com base nesta descrição segmentar, foi possível constatar que o PN *ka-* se mantém, mas o /g/ é substituído pelo dígrafo português “gu”. Importa realçar que em kimbundu o grafema /g/ é uma oclusiva velar sonora [g]; /o/ é igual a [o]. Com vista à sua harmonização fonética, o /g/ foi substituído por /gue/ para se acomodar ao português.

(60)

CABOBO

Categoria gramatical: Adjetivo

Contexto: Aqui em Angola não há isso de perder memória. Bateu com a cabeça saiu *cabobo* (perdeu os dentes), e a vida continua. *Fonte:* Só Fino, página do Facebook. 29.7.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do adjetivo kimbundu *kabobo* “desdentado”, é muitas vezes empregue para se referir a pessoas que tenham falta de dentes, sobretudo

para estigmatizá-las. Assim, na língua portuguesa tem o seguinte sentido: “perder a cabeça e ficar sem os dentes”. (desdentado = kabobo)

(61)

CUNANGA

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: Essa dica de “TÁ FALAR, TÁ FAZER” é para os funcionários públicos. Para vocês *kunangas* (desempregados), é TÁ PENSAR, TÁ CALAR. *Fonte:* Internautas Facebook. 26.07.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo *kunanga*, que significa “ficar”, “permanecer”. Ao ser incorporada ao português passou a significar “desempregado”, como ilustra o enunciado acima. Do ponto de vista morfológico, é um verbo, mas quando incorporada ao português, muda para *substantivo*.

Descrição segmentar:

kunanga = verbo LP: kunanga[V]↔kunangas[Sub.]= desempregado/a /
kunang[RV]a[TV]= kunanga “desempregado” / kunang[RV] a[TV] + s[MF] =
Kunangas “desempregados”

(62)

CACIMBO

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto 1: Formações de cacimbo (época fria). *Fonte:* Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica de Angola. 26.08.2021. *Contexto 2:* Chegou a época de *Cacimbo* (fria), os médicos aconselham que as crianças sejam bem agasalhadas para evitar problemas respiratórios. *Fonte:* Rádio Despertar 28.06.2023.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *kixibu* (sinónimo de estação seca, tempo de frio). Ao ser incorporada ao português, esta conserva o radical/base verbal e mantém a semântica de acordo com a língua kimbundu.

Descrição segmentar: Cacimbo[LP] ↔ kixibu[Lk]

Este estudo constatou que a palavra *kixibu*, na incorporação ao português conserva os elementos fundamentais da língua de partida, ou seja, o PN *ki-* é substituído por /ca/, enquanto o seu radical *-xib* é substituído por /-ci-/ e, finalmente, o *-u* por *-o/* que, na verdade, se pronuncia como vogal fechada, pois em kimbundu a vogal *u* soa sempre como em Português (Maia, 1963: 3).

(63)

BOCOAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: a) Pode *bokoar* à vontade!. “Pode entrar à vontade!”

Contexto b) Eu vou *bokoar* à tarde hoje. “Vou entrar/trabalhar à tarde hoje.”

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kubokona* “entrar”.

Ao incorporar-se ao português, mostra a substituição do PV pela desinência portuguesa /r/, característica do infinitivo dos verbos nesta língua.

Descrição segmentar:

boco-[RV]a[TV]r[DP] = bocoar ↔ ku-[PV]bokona[RV]a[TV] =kubokona= entrar
--

(64)

CAMBUTA

Categoria gramatical: Adjetivo

Contexto: Os *cambutas* (baixos) são rabugentos, falam muito. *Fonte:* Docente Colégio ÁBÊCÊ. 12.10.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do adjetivo kimbundu *kubúta* “que tem pouca altura”. A palavra tornou-se popular no *léxico* angolano.

Descrição segmentar:

kambuta ↔ ca[SSP] = ku-[PV]búta[RV/N] kubuta=cambuta
--

Assim, podemos constatar que a nasal /m/ surge por força da pronúncia para se acomodar ao português: *cam-but*a↔*kubúta*, mantendo o Radical –*búta*, que evidencia a presença de quimbundismo.

(65)

BONDAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: ...ele vinha a conduzir esta carrinha e bondou (matou) muita gente. Estou aqui mesmo no local... *Fonte:* cidadão que acabava de assistir ao atropelamento de pessoas numa das paragens de autocarro, ao São Paulo, em Luanda (Angola).

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kubón*da “ensopar”, “molhar”,

“infiltrar”, “absorver”. No léxico angolano adotou-se o sentido de “matar”; tirar a vida de alguém”.

Descrição segmentar:

kubónda ↔ bondar ↔ ku[PV] bond[RV] a [TV] r[DP]

Ao ser incorporada ao português, esta perde o Prefixo e o Tema Verbal, para adaptar-se a esta língua.

(66)

IMBAMBA

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: Senhoras, tirem as vossas *imbambas* (roupas) daqui. Aqui não é lugar para vender. *Fonte:* Fiscal da Administração Municipal do Kilamba Kiaxi, em Luanda, a 04.04.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *imbámbà* “roupas”. Esta unidade lexical mantém a forma prefixal do plural, mas arrasta consigo o morfema flexional do português para formar o plural, tendo assim dupla pluralização (LK e LP).

(67)

JINGAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: A nossa força está na nossa tradição e cultura. Oriundas das terras do diamante, a *chianda* é um ritmo folclórico que traz na sua génese o *jingar* da nossa angolanidade, misturado ao som do batuque de África. *Fonte:* Facebook, encontro do Presidente da UNITA com a juventude; Página do Facebook, Rádio Despertar 6.8.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kujinguluka*, que significa “dar volta” ou “dar voltas”; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal *ku-* e outros constituintes de base (-*uluka*), manteve o radical *-jing-* e adaptou-se a desinência *-ar*, que se juntou à raiz da palavra do kimbundu.

Como se pode constatar nesta palavra, é notável o processo de substituição sufixal, que passamos a ilustrar na seguinte descrição:

Descrição segmentar:

jingar ku[PV]jinga [RV]=jinga[RV]r [DP] Ku = r
--

Nesta descrição segmentar, é evidente a substituição do Prefixo Verbal pela desinência portuguesa na posição sufixal.

(68)

JINGONGO

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: a) A minha mãe deu à luz a *jingongo* (gémeos). São duas meninas. *Fonte:* Estudante que falava com colegas na UCAN. 29.10.2021; Adquira o pacote *jingongo* (gémeo) Movicel. *Fonte:* Publicidade Movicel.

Observações Linguísticas: Derivada do Substantivo kimbundu *ngongo*, que significa “gémeo”, a referida palavra é usada em diversas circunstâncias no português falado em Angola. Nessa ocorrência verifica-se a ausência da marca do plural (o morfema /s/ do português), que se junta ao atualizador, suficiente para indicar a pluralização do nome, ao contrário do que acontece nas línguas bantu, onde a flexão dos nomes se opera através da mudança do nominante prefixado à base do nominal, e não sufixado como em português (Mingas, 2000: 66).

Contrariamente ao que se constata em kimbundu, o português não diferencia o número nesta ocorrência, na medida em que a palavra não é flexionada em número. Ou seja, nos enunciados acima, no singular e plural, não se flexiona a palavra do kimbundu, mantendo-se desse modo o número (plural e singular).

(69)

KIJILA

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto 1: a) Pode dar qualquer cerveja que tiver, eu não tenho *kijila*.

Contexto 2: Só temos *kalúlú*, para o almoço. Não há problema. Eu não tenho *kijila*.

Dr.^a, os tabus serão aqueles que chamamos de *kijilas*. - Sim, é mesmo isso. *Fonte:* Dra. Sabrina Coelho da Cruz, em entrevista ao programa Educar para Saúde, da Rádio Ecclésia. 25.08.2006.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *kijila*, forma o plural em “i-” (Fernando & Ntondo, 2003), suprimindo-lhe o prefixo *ki-*, da marca do singular.

Em português significa “regra”; “regulamento” ou “lei”. Às vezes, tem o sentido de tabu.

No plano linguístico, “o tabu pode ser definido como o conjunto dos constrangimentos sociais que, em algumas circunstâncias, impedem ou tendem a impedir a utilização de certas palavras” (Kukanda, 2004). No plano fonético, não apresenta diferenças significativas.

(70)

KITADI

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: Não me peçam dinheiro, eu recebo *kitadi* (dinheiro/salário) no Banco de Poupança e Crédito - BPC! Ahahahahahah. *Fonte:* Deputada à Assembleia Nacional de Angola, na sua página do Facebook. 25.7. 2021.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *kitadi* “dinheiro”. Esta unidade lexical não apresenta diferenças de forma, nem de conteúdo na frase em que se regista o vocábulo.

(71)

KWENDA

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: Por ora, os números nacionais do *Projeto Kwenda*, tanto os do FAZ, Fundo de Ação Social, dão conta que 400.000 pessoas já foram beneficiadas das ações do Kwenda. *Fonte:* Jornal da tarde da Rádio Nacional de Angola, 24.07.2021.

Observações Linguísticas: Do verbo kimbundu *kwenda* “andar”, esta designa um programa do Governo Angolano que visa distribuir assistência financeira às populações mais carenciadas do país. Do ponto de vista estrutural mantém a grafia e o significado original.

(72)

KWATA

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: Antes de sermos celebridades, nós tínhamos tempo de brincar de *kwata* “agarrar”. *Fonte:* Programa Polémicas TV Palanca - Angola. 14.03.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo *kukwata* “segurar”, “apanhar”, “prender”, “agarrar”, “pegar” e “abaratar”. À semelhança de outros verbos, este perde, igualmente, o PV para acomodar-se ao português, com vista a facilitar a sua pronúncia.

Descrição segmentar:

ku[PV] + kwat[RV] a[TV] kuata = kukwata “agarrar”

Como ilustrado nesta segmentação, o Radical Verbal (RV) mantém a forma da língua de partida.

(73)

KAZUKUTA

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: ...você não conseguem ficar nem um dia sem fazer *kazukuta* (confusão)?

Fonte: Série Angolana “Conversas no Quintal” (Televisão Pública de Angola) 12.07.2020.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kuzukuta*; que significa “espalhar-se”; “arder”; “expandir-se”, passou a designar um estilo de dança, sobretudo em festas de Carnaval. Às vezes, designa “confusão” ou “brincadeira”. Desta unidade lexical deriva o vocábulo *kazucuteiro* “desordeiro/brincalhão”.

(74)

LENGUENO

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: ... o marido que deu *lengueno* (fugiu)... Bambila, cantor angolano do estilo Gospel. *Fonte:* música “Lengueno”.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kulenga* “fugir”; “escapar”; “correr”, “fuga”. Do ponto de vista semântico apresenta um significado por extensão, designando fuga à paternidade; *dar lengueno* “abandonar a relação conjugal, ou não assumir a paternidade”. E, portanto, a sua descrição suscita outras nuances do ponto de vista sintático. Assim, na língua de partida esta forma refere-se ao imperativo do verbo *kulenga*: *lengeno!* “fujam!”.

(75)

LUNDULAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: ... ela já foi *lundulada* (herdada)? Quem foi o cara que teve o atrevimento de a *lundular*? *Fonte:* Página do Facebook de Mangel Faria, escritor angolano. 08.04.2024.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kulundula*; “herdar”; a palavra ficou incorporada ao português para designar a pessoa que se casa com a esposa do falecido irmão (quer este seja o mais velho ou o menor). Na língua de partida, designa o ato de herdar bens materiais.

(76)

MBICA

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: Quem não dançar, mãe dele é *mbica* “escrava”. *Fonte:* Eventos festivos.

Observações Linguísticas: Do substantivo kimbundu *mubika* “escravo”. Com base neste estudo, e usando o processo de descrição segmentar das palavras, constata-se o seguinte:

Descrição segmentar:

mu[PN]bika[RN] = Mubika[Sub.] ↔ m-ϕ-bika / ka=ca[SSP] mubika= mbica

(77)

MANGONHA

Categoria gramatical: Adjetivo

Contexto: A *mangonha* (manhosa) faz xixi na cama, atrasa na escola e não aprende a lição...*Fonte:* Música de Gercy Pegado.

Observações Linguísticas: Derivada do adjetivo kimbundu *mangonya*, *mukwa-mangonya*, “manhoso/a”.

Quanto à estrutura, mangonha = mangonya. Dada a inexistência do som “nha”, na língua kimbundu, esta ganha a forma nasalizada do português. Assim sucede com todas as palavras que iniciam ou terminam por /ny/, como se verifica em “nhoca”, em vez de “nyoka”, “menha”, em vez de “menya” e “mangonha”, em vez de “mangonya”.

(78)

MIVO

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: Esta fase da vida, com o planeta à deriva pelos diabólicos maquiavélicos a nos lixarem, fico muito grato pela manifestação de carinho pelos 79 *mivos*, a 4 de setembro. *De todos os lugares vieram manifestações. Ser kota assim é mbora bom!* *Fonte:* Bonga Kwenda, cantor angolano, página do Facebook de Paulo Flores, cantor angolano.

14.9.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *muvo* “ano”. Ao ser incorporada ao português adota-se a forma do plural das duas línguas em contacto, isto é, do kimbundu e do português. Na língua de partida, esta palavra forma o número singular e plural através dos prefixos de classe: PN *mu-*+*vo* = *muvo* e *mi-* + *vo* = *mivo* (*anos*). Assim, para designar a idade são usados numerais cardinais, como ilustram os exemplos: *Muvo umoxi* “um ano de idade” – *Wala ni muvo umoxi* “tem um ano de idade” *Mivo îadi* “dois anos de idade” – *Wala ni mivo îadi* “tem dois anos de idade”.

Para o contexto em causa, temos o seguinte exemplo: *makwuini a sambwadi a mivo ni vwa* “79 anos de idade”.

(79)

MUXIMA

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: O mano vai lá para lhe fazer boa *muxima* (pedir encarecidamente). *Fonte:* Professor de Língua Portuguesa da Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto.. 5.03.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *muxima* “coração”, incorporou-se ao português com sentido de “agradar” “pedir encarecidamente”, sem contudo alterar a sua forma. Constata-se alguma diferença fonética, como acontece em quase todas as palavras derivadas do kimbundu, mas mantém a grafia da língua de partida. *Muxima* “coração” (sentido na língua de partida) *Muxima* “pedir encarecidamente ou agradar a alguém”.

(80)

MARIMBONDO

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: Os *marimbondos* sempre foram assim, *kazucuteiros*. *Fonte:* WhatsApp. 11.8.2022.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *dimbondo*, *pl. madimbondo*; “espécie de vespas”. Ao ser incorporada ao português, o PN *di-* vê suprimida a sua consoante. Ao longo da nossa pesquisa, temos constatado que em kimbundu as sílabas iniciadas com o grafema *d* são muitas vezes substituídas por *r*. Pensamos que esse fenómeno resulta do facto de se adequar a pronúncia do kimbundu ao

português, ou em alguns casos, consideramos uma corruptela da variante do kimbundu falado na Ilha de Luanda e na região do Icola e Bengo, província do Bengo.

Descrição segmentar:

marimbondo ↔ ma [PN] ri=di [PPD] mbondo[R] ↔ madimbomdo (pl.) e dimbondo (sg.)

É de salientar que esta palavra forma o plural por adição de um prefixo, diferente de outras que formam o plural por substituição prefixal. Ou seja, no kimbundu existem duas maneiras para a formação do plural: por substituição, quando o prefixo de uma determinada classe é substituído por seu par para formar o plural; e por adição, quando se adiciona um prefixo ao prefixo já acoplado à palavra, como ilustrado nesta unidade lexical.

(81)

MAKA

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto a): *Maka* instalada no ISCED de Luanda. *Fonte:* Jornal da tarde, Rádio Nacional de Angola, a 31.3.2021.

Contexto b): A *maka* foi fruto de ressentimentos antigos que hoje estão vivos. *Fonte:* In Pepetela, 2000: 32.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *maka*, que significa “problema”. Ao ser incorporada ao português mantém a grafia e a mesma correspondência fonética do som [k] da língua de partida. Importa igualmente referir que esta unidade lexical é empregue diversas vezes no plural, quando incorporada em frases do português (makas = makas). Para esta unidade lexical, temos a seguinte descrição:

maka[Sub.] = maka[Sub.] = “problema, assunto”

Sobre esta palavra, Mingas (2000: 75) refere que, “possivelmente para evitar a confusão com o item português *maca*, esta palavra entrou no léxico da variedade angolana, respeitando a ortografia utilizada para as línguas bantu”.

(82)

MUCANDA

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: O chefe da Casa Civil do Presidente da República trazia a *mucanda*(carta) à

Assembleia Nacional. *Fonte*: Jornal da TV Zimbo. 07.02.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *mukanda* “carta”, já se ouviu muitas vezes no discurso oral, como ilustrado neste enunciado. No entanto, não é frequente na escrita, embora o seu uso seja evidente sobretudo nos meios de comunicação social.

(83)

MUSSEQUE

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto a): Nos *musseques* “periferia da cidade” e na baixa, não se falava de outra coisa.

Fonte: Televisão Pública de Angola- TPA, relatos sobre o dia 4 de Fevereiro, data que marca o Início da Luta de Libertação Nacional em Angola. 4.2.2021.

Contexto b): Os brancos queriam separar o *musseque* “a periferia da cidade” da baixa.

Fonte: relatos do dia 4 de Fevereiro, data que marca o Início da Luta de Libertação Nacional- *Fonte*: Televisão Pública de Angola- TPA, 4.2.2021.

Contexto c): A população do *musseque* ficou afetada com as enxurradas. *Fonte* Rádio Luanda, 20/04/2021).

Como se pode constatar em (82: ac), apesar de haver divergências morfossintáticas nos dois sistemas linguísticos, é possível constatar uma convergência semântica nesta unidade lexical.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *museke* “areia”. Ao ser incorporada ao português, em Angola, passou a designar os bairros periféricos desprovidos de asfalto.

(84)

MBAKU

Categoria gramatical: Adjetivo

Contexto: ...desde que se casaram, nada aconteceu até agora. Dizem que o homem não faz filho, é *mbaku*... *Fonte*: conversa de bairro num casamento de família: 11.11.2022.

Observações Linguísticas: Derivada do adjetivo kimbundu *mbaku* “infecundo” “infecunda”; esta palavra é muito conhecida no quotidiano luandense, e não só, quase se generalizou por todo o país, embora a maioria desconheça a sua verdadeira origem.

Do estudo realizado, constatou-se que esta mantém a grafia, e muda apenas quando

empregue no plural “mbacos”.

Descrição segmentar:

mbaco[Adj.] = mbaku[Adj.]

(85)

MUJIMBO

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto a): Não deve ser a partir de um *mujimbo* que fiquei a saber. *Fonte:* Comentador, rádio MFM, 19. 05. 2021.

Contexto b): O *mujimbo* (a mensagem) fúnebre é frio como o defunto. *Fonte:* In Pepetela, (2005: 69).

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *njimbu* “mensagem”. Na tradução integral para o português, teríamos o seguinte enunciado: *Não deve ser a partir de uma mensagem que fiquei a saber...*

Descrição segmentar:

mujimbo/njimbu [Sub.] um[Art.] mu-[PN]-njimbu = “mensagem” mujimb /o/ [Gs]

Veja-se o género que recebeu a palavra em português e, ainda, o facto de esta perder o fonema /n/, substituído por um PN, para marcar o acordo na frase.

(86)

MUTUNGU

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: Toda mulher que lê tem *mutungu* (ânus) bonito. *Fonte:* Jornalista Victor Hugo Mendes, na sua página do Facebook. 29.06.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *mutungu* “ânus”. Na incorporação ao português mantém-se a grafia, mas registam-se diferenças fonéticas.

(87)

NGANA

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: O senhor pode dizer quem é o *ngana* (senhor) Dyanyenga, aspirante Culachingo? *Fonte:* Programa “Hora das Perguntas”, da Rádio Despertar. 03.02.2021.

Observações Linguística: Derivada do substantivo kimbundu *ngana* “senhor”, foi empregue por um jornalista de uma rádio privada angolana. Esta não sofre qualquer alteração gráfica, tendo sido registada apenas diferença do ponto de vista da pronúncia, embora sem grande relevância linguística.

Como se pode constatar no exemplo, a convivência dos dois sistemas linguísticos resulta naturalmente em interferências. No quotidiano angolano, sobretudo luandense, registam-se ocorrências como em *ngana Nzambi!* “Meu Deus!” Se perguntarmos a esses falantes, muitos não sabem exatamente o sentido da palavra *ngana*, mas conhecem o da palavra *Nzambi*.

(88)

NGANJI

Categoria gramatical:: Adjetivo

Contexto: vocês têm *ngánji* (ódio) dos angolanos. *Fonte:* Vídeo de Gika Tetémwa, na sua página do Facebook. 25.08.2021).

Observações Linguísticas: Derivada do adjetivo kimbundu *ngánji* “atrevido”, “soberbo”, “malcriado”, “insolente”. Se tivermos em conta a semântica desta palavra, esta não está de acordo o sentido na língua de origem. No nosso entender, o falante usa-a no sentido de “ódio”, “raiva”. Não sabemos ao certo o que terá motivado a utilização desta com sentido divergente. E, portanto, não foram registadas influências relevantes entre o português e o kimbundu, senão na pronúncia.

Descrição segmentar:

Descrição diferencial: [nganji[LP] ↔ ngánji[Lk]

(89)

NDENGUE

Categoria gramatical: Substantivo / adjetivo

Contexto a) Tudo bem *candengue*.

Contexto b) Um abraço ao *ndengue* Paz.

Contexto c) *Candengue*, estarás em casa hoje?

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo e do adjetivo kimbundu *ndenge*, “menor”, a sua estrutura está associada a um prefixo diminutivo *ka-*. No português

angolano, esta aparece de duas formas: *ndengue* e *kandengue* para se referir à mesma palavra num contexto de comunicação, não obstante o seu uso em circunstâncias diferentes, mas sem se dissociar do seu sentido real. Este prefixo é igualmente empregue para marcar a concordância em frases em que se usa o pronome demonstrativo.

Assim, a palavra *kandenge* é empregue quando acompanhada de um adjunto adnominal²⁹, iniciado pelo prefixo *ka-*, para marcar a concordância.

Descrição segmentar:

Kaka[Pd] kana[Sub.] ka[Pdm] ndenge[Sub.] = Esta é uma criança.
--

Diante destas duas ocorrências, a primeira é *kandengue*, e a segunda, *ndengue*. Em (88ac) é empregue para marcar a concordância dentro da frase, enquanto em (88a), designa apenas “criança”

(90)

QUIMBANDA

Categoria Gramatical: Substantivo

Contexto: Na prova não é para adivinhar. Quem adivinha é o *quimbanda* (mágico). *Fonte:* Docente colégio ÁBÊCÊ, Luanda, 08. 04. 2022.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *kimbanda*, forma o plural em *imbanda*; “pessoa que trata de doentes”; “mágico”. Ao ser incorporada ao português, o PN é substituído pelo dígrafo português “qu”; contudo, em enunciados com expressões do português mantém o radical *mband-*.

Descrição segmentar:

ki-[PN]-mbándà[RN] ↔ i[PN]mbanda-[RN] s[MF] [qu = ki] qu[Dg] = ki- [PN]

(91)

KINGUILA

Categoria gramatical: Substantivo e verbo

Contexto a): Encerramento das fronteiras retira *kinguilas* (vendedores de moeda estrangeira no mercado informal) das artérias de Luanda. *Fonte:* Jornal de Angola 24. 07.02.2021.

Contexto b): ...pedir às mães aquilo que é o projeto *Zungueira Feliz*”, Família sem

²⁹ O adjunto adnominal pode ser formado por adjetivo, locuções adjetivais, artigos, pronomes e numerais.

fome”,

Contexto c):...“queremos levar a bom porto, depois de vocês fazerem o curso, serão contempladas com alguns valores monetários, que vão fazer então com que esses valores sejam reproduzidos. Maior responsabilidade para honrar com os compromissos e realizarem como tal o papel de *zungueira*, e não venderem em locais impróprios”. *Fonte:* Administrador do Kilamba Kiaxi e Repórter Rádio Luanda, Angola. 11.02.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kukinga* ou *kukingila*; “esperar”; “aguardar”. De acordo com a literatura especializada, o verbo apresenta-se de duas formas, conforme indicadas acima, e ao ser incorporada ao português transcende para substantivo. No contexto linguístico angolano, ganhou outros contornos, passando a designar a pessoa que comercializa moeda estrangeira no mercado informal. Com o passar do tempo, a palavra popularizou-se, e, rapidamente, espalhou-se por quase todo o país.

(92)

QUITUTES

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: ... a festa promete. Haverá *quitutes* (iguarias ou pratos típicos) da terra. *Fonte:* Publicidade Réveillon 2010/2020.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *kitutu*; “caixa; invólucro”, designa o conjunto de pratos típicos angolanos. Esta palavra é muitas vezes usada em festas e publicidades para festas. Do ponto visto gráfico regista-se algumas alterações, nomeadamente a substituição do PN *ki-* do singular pelo correspondente português “qu-”, e pelo “s” do plural português. Assim, para esta unidade lexical, *kitute* é o singular, e *itutu*, o plural. É evidente, nesta palavra, aquilo que designamos por “corruptela portuguesa” na sua estrutura, sobretudo na vogal final.

Descrição segmentar:

Sg. ↔ ki[PN] + tutu[RV] ↔ plural ki-; sg. I-tutu (kitutu/itute)

(93)

QUIZANGO

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: ...*quizango* (problema) no Consulado de Angola em Portugal. *Fonte:* Facebook, cidadã angolana residente em Portugal. 25.08.2022.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *kizangu*; “tentação”;

“desastre”, é muitas vezes empregue para designar um grande problema, como refere o exemplo. Ao ser incorporada ao português, perde dois elementos fundamentais na sua estrutura gráfica: o PN *ki-* é substituído pelo dígrafo “qu”, do português, e a vogal final *-u* é substituída pelo seu equivalente final *-o*, do português. Assim, *-u* (kb) = *-o* (PE). É de realçar que, na língua kimbundu */u/* = [u] e */o/* = [o], contrariamente ao português em que */o/* se realiza como [u] no final da palavra.

(94)

SABULAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: ...eu não falei nada ainda, mas já está a *sabular* (adivinhar) à toa para me culpar. Foi ela mesma que tirou o dinheiro de sócia... *Fonte:* Senhoras que discutiam no quintal de um Armazém de frescos, ao Golf2, província de Luanda. 22.12.2023.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kusabula*, que significa “adivinhar”, “bisbilhotar”, “falar sem fundamento”.

Descrição segmentar:

Sabular ↔ ku[PV] sabul[RV] a [TV] ↔ sabular ↔ kusabula = adivinhar
--

(95)

SANGUELAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: Eu vi a luta, mas não aceitei encostar lá porque estavam a *lhe sanguelar* (*agredir*), e fui chamar o irmão dele. *Fonte:* Cidadão a explicar sobre uma briga junto ao Posto de Abastecimento de combustível do Palanca, em Luanda. 01.12.2023.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kusangela* “agredir”, “maltratar”, “molestar”, “associar”, “ajuntar”. Ao ser incorporada ao português, à semelhança dos outros verbos, perde o Prefixo Verbal e o Tema Verbal, que constituem características dos verbos e substantivos em kimbundu.

Descrição segmentar:

Sanguelar ↔ ku-[PV] sang[RV]-el-[SAp do kimbundu] a[TV] r[DP]

(96)

SEMAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: Estás a *semar* (desejar) assim parece mulher grávida.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kusema*; “desejar”; “ter

vontade”; assumiu outra dimensão contextual, habitualmente empregue para designar desejo excessivo de uma mulher em se alimentar quando está grávida, contrário da sua utilização em contexto da língua de partida, como já referido.

A ocorrência acima refere o contexto em que mais se constata este vocábulo.

(97)

SALUQUINHA

Categoria gramatical: Verbo/Adjetivo

Contexto: a) Aqueles são bem *saluquinhas* (maluca). Na festa, eu já não me podia de rir.

Contexto: b) A menina é muito *saluquinha* (louca).” *Fonte:* programa “Angolândia” (Televisão Pública de Angola) 27/12/2006.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kusaluka*; “endoidecer”. Contudo, em português significa “irrequieto/a”. Ao ser assimilada ao português, além de mudar a forma, assume outro significado nos contextos já referidos.

Assim, a palavra em causa, pode ser representada da seguinte forma:

Descrição segmentar:

Saluk-(Radical kimbundu+-inha (Sufixo Avaliativo do português))

Na palavra descrita, constata-se a presença do afixo avaliativo *-inh*. De acordo com Bazenga (2012: 115-130), os designados afixos avaliativos na língua portuguesa, que incluem os afixos diminutivos e aumentativos, para além de serem em grande número e o seu uso ter grande vitalidade, prestam-se à expressão de uma grande variedade de sentidos. Dentro do conjunto dos diminutivos, destaca-se o sufixo *-inh-*, isto pela sua produtividade, principalmente na língua falada, sendo que, a união deste sufixo a uma forma de base pode resultar uma diversidade de valores semânticos (Skorge, 1956 *apud* Bazenga, 2012: 115-130).

(98)

SANZALEIRO/A

Categoria gramatical: adjetivo.

Contexto: a) Não me meto com *sanzaleiras*.

Esses moços são muito *sanzaleiros*.

Senhores, aqui não é lugar para fazer *sanzala*³⁰.

³⁰ Do kimbundu “aldeia”, “povoação”.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu *sanzala*, é, muitas vezes, empregue na linguagem informal para designar as pessoas que causam qualquer desordem ou barulho, sendo que, ao ser incorporada ao português acomoda-se numa outra classe gramatical (de substantivo para adjetivo).

Sanzala[Sub.]-eiro[SAv]= sanzaleiro

É evidente a presença do sufixo avaliativo *-eiro* do português, nas ocorrências em (98ab) como designativo de adjetivo, ao contrário do que se verifica em (97c), onde tem a função de substantivo.

(99)

SENGAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto a): As moças de agora gostam de casar, mas não demoram, *sengam* (separam-se) em pouco tempo.

Contexto b): Estás arrumar as coisas porquê? Estás a *sengar* ou quê?

Contexto c): Ela não demora na casa do marido. Todos os meses *senga*.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kusenga*, que significa “desprezar”; “separar-se do cônjuge”. Do ponto de vista semântico, esta apresenta uma reduzida dissemelhança, justificada pela ausência do PV *ku-*, que se opõe à desinência portuguesa *r*.

Descrição segmentar:

ku[PV] seng[RV] a[TV]= kusenga ↔-seng[RV] a[TV] r[DP]=sengar
ku[PV]= r [DP]

(100)

TAMBI

Categoria gramatical: Substantivo

Contexto: ... estou a vir do *tambí* (óbito) do pai de um amigo. *Fonte:* transeunte. 12.03.2023.

Observações Linguísticas: Derivada do substantivo kimbundu, *tambi*, que significa “óbito”, é frequente a utilização desta unidade lexical na oralidade para designar este infausto acontecimento. Contudo, a palavra não apresenta alterações do ponto de vista gráfico, não obstante o facto desta perder o tom da língua de partida, sendo que, a presença do tom nas línguas bantu constitui uma das suas principais características, pese embora

não seja apenas destas línguas africanas, é também de outras línguas do Extremo Oriente, como é o caso do chinês, japonês e vietnamita (Fernandes & Ntondo, 2002: 86).

(101)

TOTOLAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: Ele está chorar porque se *totolou* (machucou-se) no dedo. Estava a brincar com o martelo do papá. *Fonte:* menor de 7 anos de idade. 05.03.2023.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kutotojoka* ou *kutotola*, que significa “triturar” ou “trituração”.

Descrição segmentar:

totolar ↔ kutotojoka/kutotola ↔ ku[PV] total[R] a[TV]

Assimilada pelo português, e tendo em conta a divergência fonético-fonológica, esta palavra perde o PV, mas mantém o Radical e o Tema Verbal da língua de partida.

(102)

TUTUMBAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: Eu tinha minha casa, os meus irmãos fizeram com que eu a vendesse.

Agora fico aqui a *tutumbar* (andar de um lado a outro) nas casas de renda. *Fonte:* Cidadã luandense. 23.3.2021

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kututumba*; “atrapalhar-se” “andar de um lado a outro”. Assumiu novo significado, conforme ilustra o exemplo. Como temos vindo a notar, os verbos e alguns substantivos perdem frequentemente os prefixos que constituem a marca do infinitivo do kimbundu, e os que servem para a formação do plural, designados *prefixos nominais* (PN).

Descrição segmentar:

tutumb[RV]a[TV]r[DP]=tutumbar↔ ku[PV]-tutumb[RV] a[TV]= kututumba

A segmentação acima representa a incorporação desta palavra do kimbundu ao português na qual o verbo perde o prefixo verbal e ganha a desinência de infinitivo *-r*.

(103)

TUNDA

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: Tunda (sai), já sei, é relativo – e sorri. *Fonte:* In “Os discursos do Mestre Tomado, de Wanhenga Xitu, escritor angolano. 2014: 67.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kutunda*; “sair”, “ausentar-se”.

Descrição segmentar:

tund-[RV]a-[TV] ↔ ku-[PN] ↔ kutunda[V]
--

Como referimos nos pontos anteriores, a perda do PV é dos aspetos mais evidentes constatados no nosso estudo quando o verbo é incorporado ao português, com vista a adequá-lo a esta língua.

(104)

XIXILAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: A metadinha do 13º também é para *xixilar* (esperar por muito tempo) assim. Próximo ano vão gostar. *Fonte:* Facebook, página do SINPROF, 5.10.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kuxixila*; “esperar por muito tempo”. Usada no léxico angolano para designar (esperas prolongadas). É evidente o seu uso, conforme ilustra a frase.

(105)

XINGUILAMENTO

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: Alda, fica calma, não precisas fazer *xinguilamento*. *Fonte:* Locutor Rádio Luanda, programa “Kiandandu” da Rádio Nacional de Angola – RNA. 17.3.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kuxingila*; “entrar em transe; “invocar os espíritos”; é muito conhecida e usada sobretudo na capital, Luanda. Ao ser assimilada pela língua portuguesa, adaptou-se o sufixo *-mento* desta língua (sufixação).

Descrição segmentar:

ku[PN]-xing[RV]-il[SAp.] ↔ [RV]a[TV] mento[Suf.] ↔ [kuxingila=xinguilamento]
--

(106)

ZUNGAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto: A quarentena domiciliar foi decretada para você ficar em casa com a tua família, e não para ir *zungar* (passear) em casas alheias ou noutros lugares de muita aglomeração de pessoas. *Fonte:* Página do SINPROF Facebook. 23.03.2020.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kuzunga*; “girar”, “percorrer”, “passear”.

Descrição segmentar:

zung[RV] a[TV]r[DP] = zungar ↔ ku[PN]-zung[RV] a[TV] = kuzunga = girar, passear

A descrição segmentar acima representa o processo de incorporação desta unidade lexical ao português, por meio da elisão do PV *ku-*, substituído por *r*, desinência do infinitivo português.

(107)

ZANGULAR

Categoria gramatical: Verbo

Contexto 1: ...é hoje primeiro dia que eles me *zangularam* (tiraram) de casa para ir à Feira, porque desde que cheguei eles nunca me *zangularam* (tiraram) para irmos passear.

Fonte: Idoso de 79 anos, em Lisboa. 14.01.2024.

Contexto 2: ...*zangulei* (dei) pois uma porrada num dos miúdos para mostrar quem era o soba... *Fonte:* In Pepetela, 2005: 26.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kuzangula* “tirar”; ao ser incorporada ao português, às vezes, ganha outro sentido, designando o ato de (dar bofetadas em alguém). *Zangular uma chapada* “dar uma bofetada”.

(108)

ZUNGA

Categoria gramatical: Substantivo e Verbo

Contexto: Por causa da COVID-19, em Angola, o uso de máscaras passa a ser obrigatório nos locais públicos, na *zunga* (rua) e noutros lugares. *Fonte:* Correspondente Rádio Despertar, no Namibe, uma das província de Angola, 11.05.2021).

Observações Linguísticas: Derivada do verbo kimbundu *kuzunga* “passear”, “deambular”, é usada em diversos contextos no quotidiano angolano. Para o contexto em questão, «... na *zunga* e noutros lugares...» = “na rua e noutros lugares”, tem como

principal realce a palavra “zunga” para significar “rua”, e esta assume muitas vezes a forma *zungar* para designar “venda ambulante”. A palavra popularizou-se muito rapidamente em Angola, inclusivamente, empregue nos órgãos de comunicação social angolana.

Descrição segmentar:

ku[PV] zung[RV] a[TV] ↔ [r]Dp ↔ zunga↔zungar
--

(109)

ZUNGUEIRA

Categoria gramatical: Substantivo e adjetivo

Contexto: ...maior responsabilidade para honrar com os compromissos e realizar como tal o papel de zungueira (vendedor ambulante), e não venderem em locais impróprios.

Fonte: Repórter Rádio Luanda. 11.02.2021.

Observações Linguísticas: Derivada do verbo em kimbundu *kuzunga*; “girar”, “percorrer”, “passear”, designa as pessoas que exercem a atividade de venda ambulante. A palavra começou a ser usada por volta da década de 2000, popularizou-se e ganhou grande relevância até nos meios de comunicação social.

Descrição segmentar:

kuzunga[V.] = ku[PV] -zung[RV] zung[RV]-ueira[Suf.]
--

Esta secção procurou apresentar uma descrição das unidades lexicais contidas em frases em que se regista a presença de quimbundismos, recolhidos por via de conversas de rádio, televisão, obras literárias e conversas informais.

A secção seguinte oferece a constituição do glossário, onde são apresentadas as palavras recolhidas por meio do inquérito aplicado para o efeito, com as devidas explicações e o sentido dessas palavras integradas na língua portuguesa falada e escrita em Angola. A par da descrição das unidades inseridas em frases do português, o glossário oferece uma informação mais simples para quem se interessa por conhecer o sentido das variadíssimas palavras incorporadas ao português.

4.6. Glossário

Do latim *glossariŭm*, é o conjunto de palavras que pertencem a uma mesma matéria ou ao mesmo campo de estudo, no qual são definidas, explicadas ou comentadas. Pode ser igualmente a lista de palavras obsoletas (ou caídas em desuso) ou do conjunto de comentários e glosas sobre os textos de um autor, antigas ou pouco conhecidas ou, ainda, o dicionário de termos técnicos de uma arte ou ciência.

A noção de glossário relaciona-se com a de dicionário, já que ambas dizem respeito às unidades do léxico organizadas alfabeticamente, embora tenham objetivos e estruturas distintas. O nosso objetivo é apresentar um rol de unidades que têm em comum a sua origem no kimbundu e o seu uso no português em Angola.

Pretendemos, com isto, contribuir para a elaboração de um futuro dicionário de termos kimbundu incluídos no português angolano.

Importa esclarecer que o glossário obedece à seguinte estrutura:

Entrada, seguida de origem em kimbundu entre colchetes, com a apresentação das modificações registadas pela unidade lexical; segue(m)-se o(s) significado(s) separado(s) ou definição/definições em português, separados por “;”.

GLOSSÁRIO

Alembamento:[do kimbundu, *kulemba*]. Ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo nominal *ku-* e adaptou-se o prefixo *al-* e o sufixo *-mento* do português]; “dar alembamento”; “formalizar pedido de casamento”; “doação material ou pecuniário para matrimónio”.

Anandengue:[do kimbundu *ana a ndenge*, ao ser pronunciada em português, esta unidade é feita de forma aglutinada]; “crianças”. Aparece no léxico a designar uma “Cooperativa de Camponeses em Luanda”.

Balázio:[do kimbundu *kubaza*; ao ser incorporada ao português, foi adaptada com uma sílaba que separa o radical do prefixo nominal]; “rebentar”.

Balumuca:[do kimbundu *kubalumuka*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal *ku-*]: “despertar”; o termo surge na sequência da criação de um programa de rádio com o objetivo de despertar a população luandense para o trabalho.

Banzelar:[do kimbundu *kubanza*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal e adaptou-se a desinência do infinitivo português]; “pensar”.

Bazar:[do kimbundu *kubaza*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal e adaptou-se a desinência r do português]; “rebentar”; “deslocar-se”.

Bocoar: [do kimbundu *kubokona*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal e a parte final do radical verbal *-na*, e adaptou-se a desinência portuguesa *-ar*]; “entrar”.

Boelo:[do kimbundu *kuboama*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal e adaptou-se o sufixo *-elo*, mudando sua categoria gramatical, de verbal para adjetivo]; “admirar” (Kb); “burro” (LP).

Bombó:[do kimbundu *mbombó*; na entrada em português, perdeu a consoante nasal /m/, mas manteve o radical]; “tubérculo, que passa por um processo de secagem, e pode ser comido assado ou cozido, muito usado sobretudo na região Ambundu”.

Bondar:[do kimbundu *kubonda*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal, mantendo o radical e o tema verbal, mas adaptou-se a desinência portuguesa *-ar*]; “mergulhar”; “imersão” (matar).

Bunda:[do kimbundu, *mbunda*, ao ser incorporada ao português, perdeu a consoante nasalizada da consoante imediata, /b/ e manteve o radical da língua de partida]; orifício do reto; nádegas; traseiro; retaguarda; rabo.

Bungular:[do kimbundu, *kubungula*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal *ku-* e adotou-se o sufixo *-ar*]; “saracotear-se (o feiticeiro) ora roçando as nádegas no chão, ora numa parede de uma casa emitindo rouquidos de bode, espremendo-se, movimento feito junto de uma parede da casa a maleficiar”³¹.

Cabasso:[do kimbundu, *kabasu*; ao ser incorporada ao português, adotou-se o dígrafo *-ss-* da língua de chegada]; “hímen”; “virgindade”; “selo de elasticidade”.

Cabobo:[do kimbundu *kabobo*; na entrada em português, adaptou-se o grafema /k/ por /c/ para conformar-se à grafia do português]; “desdentado”.

Cabombear:[do kimbundu, *kumbomba*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal *ku-* e adaptou-se o sufixo *-ear* da língua portuguesa]; “pedir encarecidamente”; “lisonjear”, “cativar com bajulações”; “amimar”³².

Cabulo:[do kimbundu *divulu*; na entrada em português, perdeu o prefixo nominal e adaptou-se o prefixo diminutivo *ka-* da língua de partida]; “coelhinho”; no seu uso popular designa a “pessoa com orelhas compridas”.

Cachimbicar:[do kimbundu *kuximbika*; na entrada em português, adaptou-se o prefixo verbal ao português, manteve o radical, o tema verbal e adaptou-se a desinência

³¹ Cf. Ribas (2014: 305).

³² Ribas (ibidem).

portuguesa -r]; “remar uma canoa”.

Cacimbo:[do kimbundu *kixibo*; na entrada em português, perdeu o prefixo *ki-*, substituiu-se a sílaba /xi/ por /ci/ e adicionou-se a nasal /m/ à consoante /b/ da língua de partida]; “época fria em Angola”.

Caculo:[do kimbundu *kakulu*; na entrada em português, adaptou-se a consoante /k/, da língua de partida, pelo grafema “c”, da língua de chegada]; “sereia do Rio Kwanza, zona de Calumbo”.

Cacusso:[do kimbundu *kakusu*; na entrada em português, perdeu o prefixo nominal e adaptou-se à grafia do português -ss-]; “espécie de peixe que habita preferencialmente em rios, e muito apreciado na culinária angolana”.

Cafofo:[do kimbundu *kafofo*; na entrada em português, perdeu o prefixo nominal *ka-*, e adaptou-se a forma portuguesa *ca-*]; “cego”.

Calundu:[não definida suficientemente, mas presume-se que tenha origem no kimbundu, *kalundu*; contudo a ser usada em português, adaptou-se a forma da língua de chegada]; “estado de espírito que leve o indivíduo a agir de forma inconsciente”.

Camba:[do kimbundu *dikamba*; na entrada em português, perdeu o prefixo nominal *di-* e manteve o radical]; “amigo”.

Cambuta:[do kimbundu, *kubuta*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal *ku-*, manteve a vogal temática e adaptou-se a sílaba /ca/ mais a nasal /m/ da língua de chegada]; “cortar”; “poder”; “limar”; “baixeza”; “pessoa de estatura baixa”.

Caminador:[do kimbundu, *kwimina*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal *ku-* e adaptou-se o sufixo *-dor* do português]; “comer algo, sem convidar quem esteja presente”.

Camone:[do kimbundu, *kamona*; ao ser incorporada ao português, adotou-se a forma da língua de chegada, e substituiu-se a vogal temática do kimbundu por *-e*]; “criança de tenra idade”; “filhinho”.

Candengue:[do kimbundu, *ndenge* (*diminutivo – kandenge*); ao ser incorporada ao português, manteve o radical e adaptou-se a forma de escrita da língua de chegada]; “criancinha”.

Canvuanza:[do kimbundu, *kanvwanza*, ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo nominal e manteve o radical e a vogal temática da língua de partida]; “confusão”.

Carimbo:[do kimbundu, *kadimbu*; ao ser incorporada ao português, substituiu-se o grafema /d/ por /r/ e a vogal /u/ da língua de chegada]; “pequena marca”.

Cassule:[do kimbundu, *kasule*; ao ser incorporada ao português, adaptou-se o dígrafo -

ss- da língua de chegada]; “último filho ou última filha”; “o filho mais novo”.

Cassumbular:[do kimbundu, *kusumbula*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal, adaptou-se o dígrafo *-ss-* e o sufixo *-ar* do português]; “apropriar-se de algo de forma ilícita e inesperada”; “roubar”.

Cassumuna:[do kimbundu, *kasumuna*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo nominal *ka-*, manteve o radical da língua de partida e adaptou-se o dígrafo *-ss-* da língua de chegada]; “formiga brava”.

Catato:[do kimbundu, *katatu*; ao ser incorporada ao português, manteve o radical e substituiu-se a vogal final /u/ para /o/ como marca da grafia da língua portuguesa no final das palavras]; “larvas de insetos; tipo de lagarto que surge de forma massiva no período das chuvas e é comestível em muitas regiões de Angola” (Kamuxitu, 2008: 45).

Catinga:[do kimbundu, *katinga*; ao ser usada no português, manteve o radical e adaptou-se o grafema *k* da língua de partida]; “mau cheiro vindo das axilas”.

Catolotolo:[do kimbundu, *katolotolo*; ao ser incorporada ao português, manteve a forma da língua de partida e adaptou-se o prefixo nominal *ka-*]; “entorpecimento ou lassidão”, às vezes, designativo de “uma doença que causa muitas dores no corpo”; “espécie de febre que se confunde com o paludismo”.

Cazumbi:[do kimbundu, *kanzumbi*; diminutivo de *nzumbi*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo diminutivo *ka-*, perdeu a nasal *n* e manteve o radical]; “espírito”, “pequeno espírito”.

Chichilar:[do kimbundu, *kuxixila*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo nominal *ku-* e substituiu-se o grafema /x/ pelo dígrafo /ch/]; “esperar longas horas”; “esperar desesperadamente”.

Chimbeco:[do kimbundu, *kiximba*; ao ser incorporada ao português, manteve o radical, e adotou a forma da língua de chegada]; “falhar”; “designativo do que pode vir a falhar”, sobretudo meios de transporte. Às vezes, pode designar “habitação com poucas condições de habitabilidade”.

Chimbicar:[do kimbundu, *kuximbika*; ao ser incorporada ao português, manteve o radical e o tema verbal, e adotou-se o sufixo português *-ar*]; “remar”; “mover uma embarcação através de remo ou leme”; “entregar algo a alguém sem consentimento”; “entregar com ressentimento”.

Chindar:[do kimbundu, *kuxinda*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal, manteve o radical, o tema verbal e adaptou-se o sufixo *-ar*]; “escrever”.

Cota:[do kimbundu *dikota*; na entrada em português, perdeu o prefixo nominal *di-* e

manteve o radical *kota*]; “mais velho”. É muitas vezes usada como sinónimo de respeito, com vista a suavizar a tradicional expressão “mais velho”.

Coxilo:[do kimbundu *kukoxila*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal, a vogal temática, adaptou-se a grafia do português, confinando-lhe o fonema /o/ na parte final do vocábulo]; adormecer levemente fora da cama; ataque de sonolência.

Cuata:[do kimbundu *kukwata*; na entrada em português; perdeu o prefixo verbal, e manteve o radical e a vogal temática]; segurar; apanhar.

Cuculo cuculo:[do kimbundu *kukulu kukulu*; na entrada em português, adaptou -se a grafia dessa língua, mas manteve a fonética da língua de partida]; “atrapalhar-se”, “andar sem direção”.

Cunanga:[do kimbundu *kunanga*; na entrada em português, adaptou-se o fonema /c/ e manteve os outros constituintes de base]; “ficar”; “permanecer”; “passar o tempo”; “ocupar o tempo”. Com o tempo, passou a designar o “desempregado/a”, ou pessoa sem qualquer ocupação.

Cunga:[do kimbundu *kukunga*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal *ku-* e manteve o radical e a vogal temática]; “esfregar”. Com o passar do tempo, passou a designar “trabalho forçado”.

Curibota:[do kimbundu *kudibota*; na entrada em português, substituiu-se o /k/ por /c/ e o /di/ por /ri-/ , manteve o radical e a vogal temática]; “perder”.

Dendém:[do kimbundu *ndendé*; na entrada em português, adaptou-se o fonema /d/ mais a nasal final /m/]; “dendém”.

Dibengo:[do kimbundu *dibengu*, na entrada em português, manteve a grafia, diferenciando-se apenas pela fonética]; “rato”; “par de calçado que aparentemente apresenta um formato de rato”.

Dicomba:[do kimbundu, *kukomba*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal *ku-*]; “varrer”; “boa venda”, expressão usada no mercado informal.

Dimixi:[do kimbundu, *dimixi*, na entrada em português, manteve a grafia e o sentido na língua de partida]; “chefe”; “responsável”.

Diquelengo:[do kimbundu, *dikelengo*, na entrada em português, manteve a grafia da língua de partida]; “garganta”; “pessoa que fala muito, mas pouco faz”.

Divua:[do kimbundu, *divwa*, na entrada em português, manteve o sentido, e adotou-se, no seu radical, a grafia portuguesa /u/= /w/]; “azar”; “pouca sorte”; “infortúnio”.

Dizumba:[do kimbundu *dizumba*, na entrada em português, manteve a grafia da língua de partida]; “cheiro”. Muitas vezes usada com o adjetivo “grande” para designar um

“problema grave” *dizumba grande*.

Fubulado:[do kimbundu, *kudifubula*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal *ku-* e a vogal temática, mas adotou-se a forma do particípio português, *-do*]; “empoeirar”; “empoeirar-se”.

Fuchi:[do kimbundu, *fluxi*; na entrada em português, adaptou-se a grafia e fonética da língua portuguesa]; “filho que nasce a seguir de gémeos”.

Funge:[do kimbundu, *funji*; na entrada em português, adaptou-se a grafia e a fonética do português]; “massa consistente preparada a partir da mandioca, após a secagem”.

Futucar:[do kimbundu, *kufutuluka*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal, *ku-*, o infixo *-lu-*, manteve a vogal temática e adaptou-se a desinência *r* da língua de chegada]; “estar zangado”; “ofendido”.

Imbamba:[do kimbundu, *kimbamba* (pl. *imbamba*); na entrada em português, perdeu o prefixo nominal e adaptou-se morfema /s/ do português]; “roupa”.

Jingar:[do kimbundu, *kujinga/kujingala*; na entrada em português, manteve a fonética e adaptou-se o sufixo português *-ar*]; “dar voltas em torno de alguma coisa”. muitas vezes usado para designar “desfile”.

Jingongo:[do kimbundu, *ngongo* (pl. *jingongo*); na entrada em português, adaptou-se apenas a forma do plural da língua de partida que designar o número (plural/singular)]; “gémeo”.

Jinguba:[do kimbundu, *lu-nguba* (pl. *jinguba*); na entrada em português, adaptou-se a forma do plural da língua de partida]; “amendoim”.

Jipalo:[do kimbundu, *jipánda*; ao ser incorporada ao português, perdeu a forma seminasal *-nda*, e adaptou-se a sílaba *-lo* do português]; situação de adultério; diz-se, igualmente, da doença que atinge as crianças como resultado da situação de adultério.

Kafuné:[do kimbundu, *kifuné*; ao ser incorporada ao português, adaptou-se o prefixo nominal *ki-*, da língua de partida, substituído por *ka-*, na língua de chegada]; “estalido das unhas na cabeça de outrem”.

Kandandu:[do kimbundu, *ndandu*; na entrada em português, adaptou-se o prefixo *ka-*, indicativo de diminutivo na língua kimbundu]; “pequena família”.

Kazukuta:[do kimbundu, *kuzukuta*; na entrada em português, perdeu a vogal imediata do prefixo verbal *ku-* e adaptou-se à grafia da língua de chegada]; “arder”, “espalhar-se”, “expandir”.

Kibeto:[do kimbundu, *kibetu*; na entrada em português, manteve a forma e a fonética]; “bater”.

Kibua:[do kimbundu, *kubwa*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal *ku-* e adaptou-se a forma *ki-*]; “queda”.

Kijila:[do kimbundu, *kijila*; na entrada em português, manteve a forma da língua de partida]; “regra”; “regulamento”; “lei”; entendida como sendo “tabu”.

Kikola:[do kimbundu; *kikola*, na entrada em português, manteve a grafia e a fonética]; “grave”; “péssimo”; “crime”; “que não se faz”.

Kilombo:[do kimbundu, *kilombo*, (pl. *ilombo*); ao ser usada em português, este mantém o sentido e grafia da língua de partida]; “albino”.

Kinguila:[do kimbundu, *kukingila*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal *ku-* e manteve a vogal temática da língua de partida]; “esperar”; “pessoa que se dedica à venda de moeda estrangeira no mercado informal”.

Kitaba:[do kimbundu, *kitaba* (pl. *itaba*); ao ser usada em português, manteve a forma da língua de partida]; “sujidade acumulada nos dentes”. Culinária: “massa preparada de jinguba torrada e esmagada”.

Kituxi:[do kimbundu, *kituxi*; na entrada em português, manteve a forma da língua de partida]; “pecado”; “crime”.

Kiuaiia:[do kimbundu, *kiwáia*; ao ser incorporada ao português, manteve a forma da língua de partida]; “mulher da rua”; “vagabunda”; “meretriz”.

Kizomba:[do kimbundu, *kizomba*; ao ser incorporada ao português, manteve a grafia da língua de partida]; “companhia”; “estilo de dança a dois, de origem angolana, em que um acompanha os passos do outro”, presumindo-se que tenha adquirido esta designação por se tratar de uma dança que junta duas pessoas.

Kuata:[do kimbundu, *kukwata*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal *ka-* e manteve o radical e a vogal temática]; “pegar”; “agarrar”; “forma de brincar que se caracteriza em tocar na pessoa”.

Kunar:[do kimbundu, *kukuna*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal, manteve a vogal temática e adaptou-se a desinência *r* do português]; “semear”.

Kupapata:[possivelmente do kimbundu, *kupapata*]; meio de transporte motorizado, usado no trabalho de moto táxi, em Angola, presumindo-se que o termo tenha proveniência no kimbundu para designar o ato de andar lentamente.

Lengueno:[do kimbundu, *kulenga*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal e adaptou-se para a forma do imperativo da língua de partida]; “fugir”.

Lundular:[do kimbundu, *kulundula*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal *ku-* e adaptou-se a desinência *-r* do português]; “herdar”; “designação da herança

matrimonial por falecimento”, uma prática predominante na região de Icola e Bengo onde, com a morte do irmão do falecido, o outro irmão pode casar-se com a cunhada e com ela cuidarem dos filhos do falecido irmão.

Macongo:[do kimbundu *dikongo* (pl. *makongo*); ao ser incorporada ao português, manteve apenas a forma do plural da língua de partida]; “dívida”, no quotidiano luandense, passou a designar “problema”.

Makumba:[origem indefinida, possivelmente do kimbundu *dikumba*; ao ser incorporada ao português, adaptou-se apenas a forma do plural da língua de partida]; “feitiçaria”.

Mangonha:[do kimbundu, *kamangonya*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo adjetival e manteve o radical]; “mangoheiro”; “malicioso”; “hipócrita”.

Marimba:[do kimbundu, *dimba*; ao ser incorporada ao português, passou a ser usada apenas no plural, através do apelativo prefixal ma-]; “instrumento musical feito de tiras de árvore e carcaças de abóboras, que emite som ao ser tocados com pedaços de paus”.

Marimbondo:[do kimbundu, *dibondo* (pl. *madimbondo*; na entrada em português, perdeu o grafema /d/ do prefixo nominal, substituindo-o por /r/, e adaptou-se a forma do plural da língua de partida]; “vespa”.

Massambissambi:[do kimbundu, *masambisambi*]; ao ser incorporada ao português, adaptou-se o dígrafo -ss-, e aproximou-se à fonética da língua de partida]; “sintomas de loucura”; “instabilidade psíquica ou mental”; “variações bruscas no comportamento”.

Matute:[do kimbundu, *ditute* (pl. *mátute*; na entrada em português, perdeu o prefixo nominal e adaptou-se a forma do plural da língua de partida]; “elefantíase”; “inflamação dos pés ou das pernas”.

Mbaku:[do kimbundu, *mbaku*; na entrada em português, manteve a forma da língua de partida]; “infecundo/infecunda”.

Mbangi:[do kimbundu, *mbanji*; na entrada em português, manteve a forma da língua de partida]; “costela”; ganhou o sentido de “parceiro/parceira” ou “lar”.

Mbica:[do kimbundu, *mubika*; na entrada em português, perdeu o prefixo nominal, adaptou-se a nasal /m/, substituiu-se o grafema do constituinte prefixal -u-, mas manteve o radical e a vogal temática da língua de partida]; “escravo”.

Mbumbi:[do kimbundu, *mbumbi*, na entrada em português, manteve a forma e a semântica da língua de partida]; “hérnia”.

Milongo:[do kimbundu, *milongo*; na entrada em português, manteve a forma e a semântica da língua de partida]; “medicamento”; “remédio”.

Missanga:[do kimbundu, *misanga*; na entrada em português, adaptou-se à grafia

portuguesa, devido à divergência fonética entre as duas línguas na posição V-V do grafema /s/]; “pequeno fio usado no pescoço feito de utensílios circulares de plástico”.

Mivo:[do kimbundu, *muvu* (pl. *mivu*); na entrada em português, adotou-se duas formas do plural; a da língua de partida e da segunda língua, mantendo o prefixo nominal *mi-*]; “ano” (pl. anos).

Monangambé:[do kimbundu *mona wa ngamba*; na entrada em português, perdeu o prefixo de concordância *-wa-* e adaptou-se a forma aglutinada para conformar-se à língua de chegada]; “filho de escravo”; “expressão pejorativa, que designa a pessoa que se faz transportar na carroceria de um veículo automóvel”.

Muadié:[do kimbundu, *mwadié*; na entrada em português, manteve a forma da língua de partida]; “mais velho”.

Muamba:[do kimbundu, *mwamba*; na entrada em português, adaptou-se para a forma da língua de chegada]; “jinguba triturada, que forma uma massa usada na culinária para temperar”.

Muangolé:[do kimbundu, *mukwa ngola*; na entrada em português, adaptou-se a forma aglutinada, com a supressão do apelativo *-kwa-* para conformar-se à língua de chegada]; “de Angola”, “angolano”; “que pertence a Angola”.

Mucanda:[do kimbundu, *mukanda*; na entrada em português, manteve a forma e a semântica da língua de partida]; “carta”.

Mucotó:[do kimbundu, *mukoto*; na entrada em português, manteve a forma da língua de partida]; “ossos da perna”.

Mujimbo:[do kimbundu, *njimbu*; na entrada em português, adicionou-se a sílaba *um*, manteve o radical e substituiu-se a vogal final da língua de partida, por *o*, da língua de chegada]; “mensagem”.

Mulumba:[do kimbundu, *mulumba*; ao ser incorporada ao português, manteve a grafia da língua de partida, não obstante a ausência do tom, que é característica da língua de origem]; “corcunda”; “corcova”.

Musseque:[do kimbundu, *museke*; na entrada em português, adaptou-se para a forma da língua de chegada, com a substituição da grafia “s” por “-ss-“, bem como “k”, por “qu”]; “areia”; designação dos bairros periféricos das cidades em Angola.

Mutungo:[do kimbundu, *mutungu*; na entrada em português, manteve a forma e a semântica da língua de partida]; “ânus”.

Muxima:[do kimbundu, *muxima*; na entrada em português, manteve a forma e o sentido da língua de partida]; coração; no quotidiano, é utilizado para designar um pedido ou

favores a alguém.

Muxoxo:[do kimbundu, *kuxoxa*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal *ku-* e adotou-se o prefixo *mu-*]; “escarnecer”; “chio de boca, como manifestação de desprezo, produzido por compressão do ar nas bochechas³³”.

Muzongué:[do kimbundu, *muzongé*; na entrada em português, adaptou-se, tomando a grafia “gue”]; “caldo”.

Muzumbo:[do kimbundu, *muzumbu*; na entrada em português, adaptou-se a última vogal da língua de partida]; “lábio”; “beicho”; “focinho”.

Muzumbueta:[do kimbundu *muzumbu*; na entrada em português, adaptou-se o sufixo *-eta*, mudando-lhe a classe gramatical, de substantivo para adjetival]; “pessoa de lábios grandes, ou deformados”.

Ndengue:[do kimbundu, *ndenge*; na entrada em português, adaptou-se a forma “ge” para “gue”]; “criança”; “menor”.

Ngana:[do kimbundu, *ngana*; na entrada em português, manteve a forma da língua de partida]; “senhor”; “homem casado”.

Ngongwenha:[do kimbundu, *ngongwenya*; na entrada em português, adotou-se a grafia da língua de chegada]; “preparação de farinha com açúcar e água ou leite”.

Nguzu:[do kimbundu, *nguzu*; na entrada em português, manteve a forma e o sentido da língua de partida]; “força”.

Quibeto:[do kimbundu, *kibetu*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo nominal, e adaptou-se à forma portuguesa]; “porrada”; “tareia”.

Quibua:[do kimbundu, *kubwa*, ao ser incorporada ao português, perdeu a vogal do prefixo nominal *ku-* e adaptou-se para a forma da língua portuguesa]; “queda”.

Quibuto:[do kimbundu, *kibútu*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo nominal *ki-* e a adaptou-se para a grafia da língua portuguesa]; “saco de grandes dimensões”; “fardo”; “volume”.

Quibuzo:[do kimbundu, *kibúzu*; na entrada em português, perdeu o prefixo nominal *ki-* e adaptou-se para a forma do português]; “fedor”; “mau cheiro”.

Quifutes:[do kimbundu, *kifute*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo nominal *ki-* e adaptou-se para a grafia do português, com a adição do morfema *-s*]; “suador”; suscetível de ser tapado ou coberto para provocar calor.

Quimbanda:[do kimbundu, *kimbanda*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo nominal *ki-* e adaptou-se para a forma da língua de chegada]; “pessoa que trata de

³³ Ribas, *op. cit.*

doenças”; “mágico”; “bruxo”.

Quipupo:[do kimbundu, *kipupu*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo nominal *ki-* e adotou-se para a grafia da língua portuguesa]; “grande número”; “molho”, “atalho”.

Quissoco:[do kimbundu, *kisóko*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo nominal *ki-* e adaptou-se para a grafia da língua portuguesa]; “tratado entre pessoas ou entidades”.

Quitaba:[do kimbundu, *kitaba*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo nominal *ki-* e adotou-se “qu” da língua de chegada]; “ginguba torrada e pitada com pimenta e sal”.

Quitutes:[do kimbundu, *kitutu*; ao ser incorporada ao português, adotou-se a forma do plural desta língua e adaptou-se o prefixo nominal *ki-* para *qu*]; “panela”; “arca”; “caixa”; “baú velho ou outro vaso rachado”; “iguaria”; “pratos típicos de Angola”.

Sabular:[do kimbundu, *kusabula*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal *ku-*, manteve a vogal temática e adaptou-se a desinência *r* do infinitivo português]; “adivinhar”; “bisbilhotar”.

Saluquinha:[do kimbundu, *kusaluka*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal *ku-*, a vogal temática e adotou-se o sufixo da língua de chegada *-inha*]; “endoidecer”; “maluca”.

Sanguelar:[do kimbundu, *kusangela*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal, manteve o radical e a vogal temática, mas adotou-se a desinência *r*, característica do infinitivo da língua portuguesa]; “agredir”.

Sanzala:[do kimbundu, *sanzala*; no seu uso num enunciado português, manteve a forma da língua de partida]; “povoação”.

Sanzaleiro:[do kimbundu, *sanzala*; na entrada em português, manteve o radical e adotou-se o sufixo *-eiro*]; “arruaceiro”, “barulhento”.

Semar:[do kimbundu, *kusema*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal, manteve o radical, a vogal temática e adaptou-se a desinência *r* da língua de chegada]; “ter desejos”; “ter vontades”.

Sengar:[do kimbundu, *Kusenga*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal *ku-*, manteve o radical e adotou-se o sufixo *-ar*]; “divorciar-se”; “divórcio”, “separar-se de uma relação”.

Sukula zuata:[do kimbundu, *kusukula nyi kuzwata*; ao ser usada no português, a expressão perdeu os prefixos verbais, manteve os radicais e as vogais temáticas]; “diz-se

da pessoa que lava a roupa para vestir no mesmo dia”.

Sungar:[do kimbundu, *kusunga*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal *ku-*, manteve o radical, a vogal temática e adaptou-se a desinência *r* do portuguesa]; “puxar”; no vernáculo angolano, diz-se do “carro ou pessoa que anda rápido”.

Tambular:[do kimbundu, *kutambula*, ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal, manteve o radical e adaptou-se a desinência *r* da língua de partida]; “receber”.

Tequetar:[do kimbundu, *kuteketa*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal, manteve o radical e adotou-se a desinência portuguesa *-ar*]; “tremar”.

Totolar:[do kimbundu, *kutotola*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal *ku-*, manteve o radical, a vogal temática e adaptou-se a desinência portuguesa]; “triturar”.

Tucutar:[do kimbundu, *kutukuka*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal *ku-*, manteve a vogal temática e adaptou-se a desinência *-ar* do português]; “esfregar”.

Tundar:[do kimbundu, *kutunda*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal, manteve a vogal temática e adaptou-se a desinência portuguesa]; “sair”; no quotidiano angolano, significa “expulsar”; “enxotar”.

Tutubar:[do kimbundu, *kututumba*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal, manteve o radical, a vogal temática e adotou-se a desinência portuguesa *-ar*]; “andar com dificuldade”; “andar com custo”; “andar de um lado ao outro”.

Vuzar:[do kimbundu, *kuvuza*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal *ku-*, manteve a vogal temática e adotou-se a desinência *-ar* do português]; “arrancar”; no quotidiano angolano designa “fazer as coisas sem cuidado”; “fazer mal uma determinada tarefa”; “fazer às pressas”.

Xidi:[do kimbundu, *kuxixima*; ao ser usada em português, adaptou-se uma forma simplificada na língua de chegada]; “azar”; “pouca sorte”; “sofrimento”.

Xinguilar:[do kimbundu, *kuxingila*; ao ser usada em português, perdeu o prefixo verbal *ku-*, manteve o radical e adotou-se a desinência *-ar* do português]; “entrar em transe” ou “invocar os espíritos”.

Zangular:[do kimbundu, *kuzangula*; ao ser incorporada ao português, perdeu o prefixo verbal *ku-*, manteve o radical e adaptou-se a desinência *-ar* do português]; “tirar”.

Zequeno:[do kimbundu, *kuzeka*; na entrada em português, adotou-se a forma do imperativo da língua de partida]; “dormir”; “durmam”.

Zongola:[do kimbundu, *kuzongola*; na entrada em português, perdeu o sufixo verbal *ku-*, manteve o radical e a vogal temática]; “espiar”; “espreitar”.

Zongolice:[do kimbundu, *kuzongola*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal

ku-, a vogal temática e adaptou-se o sufixo *-ice*]; “espiar”; “espreitar”; “trata-se de alguém que interfere em assuntos alheios”.

Zucar:[do kimbundu, *kuzuka*; na entrada em português, à semelhança de outros verbos, este perdeu o prefixo verbal, manteve o radical e adotou-se a terminação *-ar* da língua portuguesa]; “esmagar”; “pisar”; “triturar”.

Zunga:[do kimbundu, *kuzunga*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal *ku-*, manteve o radical *-zung-* e a vogal temática *-a*]; “atividade de venda ambulante em Angola”.

Zungar:[do kimbundu, *kuzunga*; na entrada em português, perdeu o prefixo verbal *ku-*, manteve o radical e adotou-se a desinência *r* do infinitivo da língua portuguesa]; “girar”, “percorrer”, “passear”.

CONCLUSÃO

O português, língua românica, e o kimbundu, língua bantu, são duas línguas em contacto no território angolano, situação que desencadeia interferências de vários tipos. Visando responder às hipóteses que lançámos à partida deste trabalho, a saber, H1: se existem diferenças entre o português falado e o português escrito em Angola; H2: se o contacto entre o kimbundu e o português contribui para a criação de um padrão linguístico angolano; H3: se a população menos escolarizada demonstra maior incidência do léxico kimbundu no português; H4: se a população jovem (estudantil) usa o léxico kimbundu de forma consciente ou inconsciente; H5: se o Português “luandense” atesta uma elevada incidência de quimbundismos, julgamos que o nosso estudo confirmou, em maior ou menor grau, todas essas hipóteses, revelando a importância do kimbundu no português falado e escrito em Angola. Ora, sendo o léxico o nível linguístico que mais reflete, de forma imediata, a realidade social e cultural em que uma língua é assimilada, consideramos que os dados trazidos por esta tese demonstram a aclimação do português ao contexto específico de Angola e de uma das suas línguas nacionais.

Embora a norma do português de Angola ainda se encontre em fase de elaboração e consolidação, os dados deste estudo apontam claramente para a integração, relativamente estável, dos quimbundismos recenseados no glossário, que foram recolhidos mediante inquérito e por outros meios, atendendo inclusive às redes sociais (Facebook). Mostrámos, igualmente, os mecanismos de incorporação e as adaptações fónicas, gráficas e mórnicas de que as palavras do kimbundu são objeto ao entrarem no português angolano, o que poderá contribuir não só para um futuro dicionário do português de Angola como também para uma futura gramática da variedade angolana do português.

Assim, com o propósito de contribuir para o estudo desta variedade, em processo de elaboração e de uma futura normalização, em particular, esta tese terá também contribuído para os *corpora* do português de Angola.

Entre outros aspetos, os inquéritos realizados mostraram que a incorporação do léxico kimbundu, especialmente em Luanda, no português advém do facto de, devido a inúmeros fluxos e movimentos migratórios, a capital ser a maior aldeia linguística do país. Partimos do traçado da situação linguística de Angola e do seu contexto histórico, expusemos uma caracterização do kimbundu no quadro das línguas bantu em África, de maneira a compreender-se como o léxico de uma língua tão distinta do português está a

ser integrado nesta, registando alterações fonético-fonológicas, gráficas, morfológicas e semânticas de vária ordem. Conforme se observou, um dos aspetos mais distintivos é, por um lado, a ausência de prefixos verbais e nominais no léxico kimbundu incorporado no português e, por outro, a pluralização das palavras do kimbundu por meio da flexão dos substantivos, verbos e adjetivos, conforme a regra do português, não obstante estes últimos serem raríssimos, ou, ainda, a preservação do radical do kimbundu.

O presente estudo mostrou igualmente que todos os verbos incorporados ao português mantêm o radical e o tema verbal da língua de origem. Os verbos do kimbundu, quando se incorporam ao léxico português, mantêm o radical e o tema verbal da língua de partida.

Embora não seja uma singularidade, visto acontecer com muitas outras línguas, é um facto que o português em Angola, em matéria de léxico, adquiriu contornos culturais muito próprios – uma feição africana, por assim dizer –, cuja diversidade permitirá futuros estudos diatópicos, diastráticos e diafásicos, assim como estudos sobre uma variedade normativa que surgirá como parte do processo de elaboração social da língua.

Com todas as suas limitações, esta caminhada de investigação linguística procurou trazer à luz parte da singularidade do que alguns autores já chamam de Variante Angolana do Português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza (2011). “A Lexicologia e Teoria dos Campos Lexicais”. *Caderno do CNLF*, vol. XV, nº. 5, UNEB/UCSAL, pp.1332-1342.

_____ (s/d). *Filologia e estudo do léxico*. UNEB/UCSAL, pp. 716-720.

ÁLVAREZ LÓPEZ, Laura, GONÇALVES, Perpétua & AVELAR, J. Ornelas de (eds.) (2018). *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin.

ANDRADE, E. de (2007). *Línguas Africanas. Breve Introdução à Fonologia e à Morfologia*. Lisboa: Editora A. Santos.

ANTÓNIO, Júlio (2008). *Dicionário Português-Kimbundu/Kimbundu-Português*. Luanda, Edição do Autor.

AGUALUSA, José Eduardo, 2002, “A cabeça com muitas línguas: breve reflexão sobre a literatura angolana.” *In Política Internacional* n.º 25, Primavera/ Verão. Lisboa.

BAGNO, Marcos (2009). *Preconceito linguístico, o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola.

BAIÃO, Domingos Vieira (1946). *Gramática Popular de Kimbundu*. Porto: Porto Editora/Imprensa Moderna Lda.

BANZA, Ana Paula (2014). “O Português em Angola: uma questão de política linguística”. In: Alexandra Fiéis, Maria Lobo & Ana Madeira (orgs.), *O Universal e o Particular. Uma vida a comparar. Homenagem à Maria Francisca Xavier*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 29-38.

BATALHA, Ladislau (1891). *A língua de Angola*. Lisboa: Companhia Nacional Editora.
Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/429367622/A-língua-de-Angola>>

[Ladislau-Batalha-pdf](#) > .

BAZENGA, Aline Maria (2012). “Sufixos avaliativos-inh/-zinh- em português: da morfologia à pragmática da ironia verbal”. *Pensardiverso*. Funchal, nº 3, pp. 115-130.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.13/1729>>

BERGSTRÖM, Magnus & REIS, Neves (1999). *Prontuário ortográfico e guia da língua portuguesa*, 36ª ed. Lisboa: Editorial Notícias, Lda.

BERNARDO, Ezequiel Pedro José & SEVERO, Cristine G. (2019). “Políticas linguísticas em Angola: sobre as políticas educativas in(ex)cludentes”. *Revista da ABRALIN*, vol. 17, nº. 2 <DOI 1.25189/rabralin.v17i2.498>. Londres: Oxford University Press.

BRINTON, Laurel J. e TRAUGOTT, Elizabeth Closs (2005). *Lexicalization and Language Change*. New York: Cambridge University Press.

CAMARA, Jr. J. Mattoso (1959). *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Académica.

CARRASCO, Agnelo (1988). *Subsídios para o estabelecimento da norma do Português em Angola* (Monografia de licenciatura). Lubango: Instituto Superior de Ciências da Educação.

CASANOVA, Isabel (2009). *Dicionário Terminológico*. Lisboa: Plátano Editora, S.A.

CAVACAS, Fernanda & GOMES, Aldónio (2004). *A Vida das Palavras - Léxico*. Lisboa: Clássica Editora.

_____ (2006). *A Língua não é Traíçoeira - Morfologia*. Lisboa: Clássica Editora.

CHATELAIN, Héli (1888). *Eme ué ngatanga! Karivulu pala ku rilonga kimbundu*. Genève: Typ. de Charles Schuchardt.

_____ (1888-89). *Gramática elementar do kimbundu ou Língua de Angola*. Genebra: Typ. de Charles Schuchardt.

COELHO, Micaela Pafume & MONTES, Henriques Stefania (2014). “A fala em Ferdinand de Saussure: um conceito relacional, opositivo e negativo”. *Domínios de Lingu@agem*, v.8, nº.1, pp. 645-663. DOI: <<https://doi.org/10.14393/DL15-v8n1a2014-36>>.

COELHO, Virgílio (2015). “A classificação etnográfica dos povos de Angola” (1ª parte). *Mulemba: Revista angolana de Ciências Sociais*, v. 5, nº. 9, pp. 1-15.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DE ANGOLA (2010). I Serie – Nº. 23 (AO).

COSTA, Almeida e MELO, A. Sampaio (1952). *Dicionário da Língua Portuguesa*, 6ª ed., corrigida e aumentada. Porto: Porto Editora.

_____ (1999). *Dicionário da Língua Portuguesa*, 8ª ed., revista e atualizada. Lisboa: Porto Editora.

COSTA, António Fernandes da (2006). *Rupturas Estruturais do Português e Línguas Bantu Em Angola. Para uma análise diferencial*. Luanda: Universidade Católica de Angola.

COSTA, Teresa M. C. José da (2013). *Os Empréstimos das Línguas Bantu no Português*. – Um estudo Lexicológico da Variante Angolana. Luanda: Gráfica Lda.

Dicionário Terminológico, Ministério de Educação e Ciência. <<https://dt.dge.mec.pt/>>

FARACO, C.A. (2007). “Por uma pedagogia da variação linguística”. In: D.A. Correia (org.), *A relevância social da Linguística: linguagem, teoria e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial/ Ponta Grossa: UEPG, pp. 21-50.

FARIA, Isabel Hub *at. al.* (1996). *Introdução à Linguística Geral*. Lisboa: Editorial Caminho.

FERNANDES, Gonçalo (2015). “Primeira descrições das línguas africanas em língua portuguesa”. nº. 49, 2º. Sem., pp.43-67.

FERNANDES, João & NTONDO, Zavoni (2002). *Angola: Povos e Línguas*. Luanda: Editorial Nzila.

- FERREIRA, Isabel José Vieira (2005). *Fernando D'Aqui*. São Paulo: S. Paulo Editora.
- FERREIRA, Kimavuidi & OSÓRIO, Paulo (2018). “A variedade angolana do Português: contexto histórico e (sócio)linguístico”. *Vertentes e Interfaces II: Estudos Linguísticos e Aplicados*. Covilhã, pp. 382- 407.
- FERREIRA, Aurélio B. de Olanda (1975). *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, S.A.
- FONSECA, Dogoberto José (2012). “As línguas nacionais e o prestigioso português em Angola”. *Anais do SIELP*, vol. 2, nº. 1. Uberlândia / UNESP, pp.1-9. Disponível em http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_083.pdf.
- GARMADI, Juliette (1983). *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- GANHÃO, Fernando (1979). “O papel da Língua Portuguesa em Moçambique”. *I Seminário Nacional sobre o Ensino da Língua Portuguesa*. Maputo.
- Disponível em: <https://catedraportugues.uem.mz/storage/app/media/docs/Ganhao1979.pdf>.
- GERHARDT, Tatiana Engel e SILVA, Denise Tolfo org. (2009). *Métodos de pesquisa*. Rio Grande do Sul, Edição eletrónica, Universidade do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213838/000728731.pdf>
- Gil, António Carlos (1989). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 2º edição. São Paulo: Ed. Atlas. Disponível em: <https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social-1989.pdf>
- GIL, António Carlos (1994). *Métodos e técnicas de pesquisa Social*. 4º edição. São Paulo: Ed. Atlas. Disponível em: <https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>

- GONÇALVES, Perpétua (1990). *A Construção de uma Gramática do Português em Moçambique – Aspetos da estrutura argumental dos verbos* (Tese de Doutoramento). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- GREENBERG, Joseph Harold (1963). *The Languages of Africa*, vol. 25. Indiana University.
- GUTHRIE, Malcom (1948). *The Classification of Bantu Languages*. London: Oxford University Press/International African Institute.
- HAUGEN, E. (1974). “Línguas nacionais e internacionais”. In: A. A. HILL, *Aspetos da linguística moderna*. 2ª. ed. São Paulo: Cultrix, pp. 106-116.
- HEINE, Bernd e NURSE, Derek (2000). *African Languages: An Introduction*. New York: Cambridge University Press.
- INE (Instituto Nacional de Estatística) (2016). *Censo 2014: Recenseamento Geral da População e Habitação* (Resultados Definitivos). Luanda: INE.
- _____ (2021). *Anuário de Estatísticas Sociais 2015 – 2019*. Luanda: INE.
- INSTITUTO NACIONAL DE LÍNGUAS NACIONAIS (1980). *História Sobre a Criação dos Alfabetos em línguas Nacionais*. Luanda: INALD.
- INVERNO, Liliana (2008). “A transição de Angola para o Português: uma história sociolinguística”. In: Luís Reis Torgal, Fernando Tavares Pimenta & Julião Soares Sousa (coords.), *Comunidades imaginadas. Nação e nacionalismos em África*.
- _____ (2018). “The Angolan Portuguese. Its historical development and current sociolinguistic setting” In: Laura Álvarez López, Perpétua Gonçalves & Juanito Ornelas de Avelar (eds.), *The Portuguese Language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 111-133.
- ISQUERDO, Negri Aparecida & ABBADE, Celina Márcia de Souza (org.) (2020). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande. Editora: UFMS.

ISQUERDO, Negri Aparecida & KRIEGER, Maria da Graça (org.) (2004). *As Ciências do Léxico–Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*, vol. II. Campo Grande: Universidades Federal de Mato Grosso, Editora: UFMS.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*, 5ª. ed. São Paulo: Atlas.

LUSAKALALU, Pedro (2005). *Línguas e Unidades Glossonímicas*. Luanda: Editorial Nzila.

MAHO, Jouni Filip (2009). *NUGL Online. The version of the New Updated Guthrie List, a referential classification of the Bantu languages*.

<<https://docplayer.net/37436787-Nugl-online-the-online-version-of-the-new-updated-guthrie-list-a-referential-classification-of-the-bantu-languages-compiled-by-jouni-filip-maho.html>>.

MAIA, António da Silva (1964). *Lições de Gramática de Quimbundo (Português e Banto)*, Dialecto OMUMBUIM, 2ª Edição, corrigida e aumentada: Cucujães: Editora: Escola Tipográfica das Missões.

_____ (1994). *Dicionário Complementar – Português – Kimbundu – Kikongo* (língua nativa do centro e norte de Angola, 3ª. ed. Luanda: Editorial Nzila.

_____ (2010). *Dicionário Complementar Português- Kimbundu- Kikongo*. Luanda: Editorial Nzila.

MARTINET, André (1970). *Elementos de Linguística Geral*. Lisboa; Livraria Sá da Costa.

MENDONÇA, Abílio de (2014). “As interferências das línguas negroafricanas na língua portuguesa e crioulas de base portuguesa”. *Núcleo de Estudos Africanos e Afribrasileiros de Línguas e Cultura da UNEB*, pp.1-

13. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/16364576-As-interferencias-das-linguas-negroafricanas-na-lingua-portuguesa-e-crioulas-de-base->

[portuguesa.html#google_vignette](#)>.

MICHAELIS, Henriette e VASCONCELOS, Carolina Michaelis (2001). *Dicionário prático da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos.

MIGUEL, Maria Helena (2004). *Dinâmica da Pronominalização no Português de Luanda*. Luanda: Editora Nzila.

MINGAS, Amélia Arlete (2000). *Interferências do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*. Luanda: Editora Chá de Caxinde.

_____ (2004). “Multiplicidade linguística: A língua portuguesa em Angola. *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp.73-77.

_____ (1998). “O Português em Angola: Reflexões”. In: *VIII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa*, vol. 1. Macau: Centro Cultural da Universidade de Macau, pp. 109-126.

MOUNIN, Georges (1997). *Introdução à Linguística*. Lisboa: Editora Livros Horizonte.

MONTEAGUDO, Henrique (2012). *Línguas, sociedade e política: Un debate multidisciplinar*. Santiago da Compostela: Ed. Conselho da Cultura Galega.

NGUNGA, Armindo (2004). *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária.

Novo Dicionário da Língua Portuguesa (2007). Lisboa: Porto Editora.

NTONDO, Zavoni (2006). *Morfologia e Sintaxe do Ngangela*. Luanda: Editorial Nzila, Lda.

_____ (2009). *A Contribuição para uma Normalização Ortográfica da Toponímia Angolana*, nº 4. Luanda: Edições Kulonga.

NZAU, Domingos Gabriel Ndele (2011). *A Língua Portuguesa em Angola: Um Contributo para o estudo da sua nacionalização*. (Tese de Doutoramento). Covilhã: Universidade da Beira Interior.

NZAU, Domingos Gabriel Ndele, VENÂNCIO, José Carlos & SARDINHA, Maria da Graça d'Almeida (2013). “Em torno da consagração de uma variante angolana do português: subsídios para uma reflexão”. *Limite*, nº 7, pp. 159-180.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de & ISQUERDO, Negri Aparecida (orgs.) (1998). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Editora: UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso, Campo Grande.

PEDRO, José Domingos (1993). *Étude Grammaticale du Kimbundu (Angola)* (Thèse de Nouveau Régime pour l'obtention du Doctorat en Linguistique). Paris: Université René Descartes.

PEPETELA (2004). *O cão e os caluandas*. Luanda: Editorial Nzila.

PETTER, Margarida Maria Taddoni (2016). *Introdução à Linguística Africana*, 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto.

PERFEITO, Abílio A. A. Bonito *at. al.* (2013). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Bloco Gráfico, Lda.

PINTO, Paulo Feytor & PFEIFER, Sílvia Melo Org. (2018). *Políticas Linguísticas em Português*. Lisboa: Edições Lidel.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *at. al.* (orgs.). (2013). *Gramática do português*, vols. I, vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

_____ (2021). *Gramática do Português*, vol. 1, 2ª. ed. Lisboa: Ed. Calouste Gulbenkian.

REDINHA, J. (1969). *Distribuição Étnica da Província de Angola*, 5ª. ed. Luanda: Centro de Informação e Turismo de Angola.

RIBAS, Óscar (2014). *Missosso III*. Lisboa. Edição do Ministério da Cultura.

RIBEIRO, Helga *at. al.* (2021). *Gramática Moderna da Língua Portuguesa*, 5ª edição. Lisboa,

Escolar Editora.-

ROCHA, N. Aparecida & ROBLES, A. Maria de P. Altamirano (2017). "Interferências linguísticas na interlíngua em alunos hispanofalantes de português como língua estrangeira". *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, vol. 2, pp.641- 680.

ROSA, Maria Carlota (2020). Um brasileiro, um angolano e uma Gramática do Quimbundo: *Elementos gramaticais da língua nbundu*, edição do exemplar da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Vila Real: CEL. 136 p. (Linguística, 18). Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/18801>>

SANTIAGO, Joane de Lima (2013). "Zoonímia histórico-comparativa: denominação dos antílopes em bantu". *Revista Eletrónica Língua Viva*, nº. 5 pp.1-317. Disponível: <http://www.rhinoresourcecenter.com/pdf_files/140/1403765149.pdf>

SANTOS, Eduardo Ferreira dos (2018). "Aspetos da língua portuguesa em Angola". *PAPIA*, nº. 28(1), pp. 25-49.

SAPIR, Edward (1969). *Linguística como Ciência*, vol.1. Rio de Janeiro. Livraria Académica.

SEVERO, Cristine G. (2015), "Políticas linguísticas e racismo / Language policy and racism". In: A. Regea, (ed.), *Actas del VII Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas* (Córdoba, Spain, Facultad de Lenguas, Universidade Nacional de Córdoba), pp. 403–409.

SEVERO, Cristine G., SASSUCO, D. P., BERNARDO, E. P. J. (2019). "Português e línguas bantu na educação angolana: da diversidade como problema". *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, nº 49, pp. 290-307.

<<https://doi.org/10.20396/lil.v0i43.8658374>>

SILVA, Ana P. Grós Martins da (2015). *Lexicografia Bilingue de Especialidade: E-Dicionário Português Kimbundu no domínio da saúde* (Tese de Doutoramento). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.-

UNDOLO, Márcio (2016). *A Norma do Português em Angola, Subsídios para o seu estudo*. Bengo: Escola Superior Pedagógica do Bengo.

VENÂNCIO, J. Carlos (1996). *A Economia de Luanda e Hinterland no século XVII; Um Estudo de Sociologia Histórica*. Lisboa: Editorial Estampa.-

VILELA, Mário (1997). *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.

VILLALVA, Aline e SILVESTRE, João Paulo (2014). *Introdução ao estudo do léxico. Descrição e análise*. Petrópolis: Editora Vozes.

VILLALVA, Aline (2008). *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

ANEXOS 1

1-Estudantes



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 22

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Estudante

Província de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

II-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- aiembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabebo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba diki ndar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-quina quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucar xidi xinguilar zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais? Wey, Monenque, Pulo, Camula, Diculo,
 kibaca, Casóio, Lonamingar, Nguemo, Ngenda
 Ngaxi, aquele pai, Fatigan, bombo molhou,
 Tô paiado, Mõ payé, Ifilingé, Fidalaixa,
 Caduico,



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 20

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Estudante

Província de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba diki ndar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-quina quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucar xidi xinguilar zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais? mbaca.



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 19

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Estudante

Provincia de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba dikiindar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-kinguila quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucar xidi xingular zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais?

Datar; Bazucuteiro.
 Titar; Popolar.
 Ngapa; Narte
 Quifufutula.
 Nedá
 Memha; Maza; Makamba,
 Semba; Malamba; Makumba.
 Loangada; Kimbombo.
 Xicuracão



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 20

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Estudante.

Provincia de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador

2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear

3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné

4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo

5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular

6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota

7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém

8- dicanza dicomba dikiindar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi langueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuza quifutes quilombo quimbanda
- 17-quiringuila quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucar xidi xinguilar zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais? mbandi, catototolo, ngapa,
quifute, matumbu, malembe, cuculo
cululo, jajao, gibar, xibar,
jumar.



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 34

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Estudante

Província de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba diki ndar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-ninguila quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucar xidi xinguilar zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais? *Mbaia, Tutucar, Falida, Falideiro, (tequetar)*
Matocha, Matocheiro, Jigolar, Mbeida, Nguvulu,
Bayú, Boiado, Fósado, Mboua, Mbalo, Mpata,
La muma, esta em dia, Bucar, San ralado,
Archa, Kumbó, Mamote, Papote, Sai grande



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 17

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Estudante

Província de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundú cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba diki'ndar dipanda diquelengo

- dissequetar dizumba fubulado funge inbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-quinquila quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucur xidi xinguliar zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais? KIZA PAXI JE. Milonga, difonga, zengó,
 Mbe lo, Gueto, Mbaaba, kifutaa, sembra,
 Gueta, kimegna, Jimbidila, kibetita, mguelo
 Nguelaja, digue, Bibidia, Ua zuola, Konga,



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 19

Sexo: Masculino Feminino

Profissão estudante

Provincia de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

1-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba dikir dar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifates quilombo quimbanda
- 17-quiringuila quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucar xidi xinguilar zequeno zanguiar zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais? Zambas, imbangala, kikulde, kitembro, kazoco-
la, Zanza, quibuto



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 24

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Estudante

Provincia de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba dikizidar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-quinquila quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucar xidi xinguilar zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais? Camaba, Pota, etc.



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade _____

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Estudante

Província de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba dikiindar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-quina quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucar xidi xinguilar zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais? *kiata, quibide, combelar, jiba, malute, xixilar*



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 18

Sexo: Masculino Feminino

Profissão estudante

Província de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba dikiindar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-tinguila quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucar xidi xinguilar zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais?

Bandeira, Salabueatar, Kuribota, Bazar,
Mozar, Mbole, Mbinji, Nsonji

2-Professores



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 32

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Professora

Província de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6-catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba dikiindar dipanda diquelengo



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 32

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Professor

Província de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba diki ndar dipanda diquelengo



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 26

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Professor

Província de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba diki ndar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-kinguila quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucur xidi xinguilar zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais? Bassula, bayular, bangão, boatalar, cama-
luim, candengue, candongueiro, coboiados, cotito,
dipanda, fopoca, gabarola, gatuno, jingar, gozar,
mbora, menqueleca, menami, mussulo, malka,
ngongoenha, n'gola, parauca, pirão, sabular,
salalcoatar, sungura, ximbleco, zombar, zuela, zum-
gar, etc.



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 47

Sexo: Masculino Feminino

Profissão professor

Provincia de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6-catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba dikimdar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-quinaquila quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucar xidi xinguilar zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais?

Banzelar; Trupunene; Bafula; Chinguilar;
Malaiké; Bumbur; Babulo; Balagto.



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 30

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Professor

Província de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6-catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba dikimdar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi langueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-tinguila quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucar xidi xingular zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais? Zuta, Kudibotar, Kasumbular,
Kudibotar, vumunar, biatar, kuambotar, et,
fumbear, catutular, Catuluki, ximbicar,
Kunanga, Kunanga, fundicar, bassulo,
bassular, Kuimbildr, tutumbar.

3. Jornalistas



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 26

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Jornalista

Província de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba diki.ndar dipanda diquelengo



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 28

Sexo: Masculino Feminino

Profissão jornalista

Provincia de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba dikindar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-quina quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucur xidi xinguilar zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais?



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 19

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Jornalista

Província de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba dikiindar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-quina quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucar xidi xinguilar zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais?



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 24

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Jornalista

Provincia de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta catumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba diki'ndar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-quiringuila quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucar xidi xinguilar zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais? Zemga, Ngolo, Banzela, Banzelar, Zebedeu.



INQUÉRITO LINGUÍSTICO

Este inquérito visa recolher informação sobre a utilização de palavras do kimbundu no português, com vista a obter dados para a nossa tese de doutoramento na área da Linguística, trabalho em curso na Universidade de Évora (Portugal).

Julgamos importante o seu contributo para o sucesso deste trabalho. Obrigado!

DADOS PESSOAIS

Nível de ensino: I Ciclo Médio Superior

Idade 37

Sexo: Masculino Feminino

Profissão Jornalista

Província de origem: Luanda Kwanza - Norte Malanje outra

Língua Materna: português kimbundu outra

I-Assinale, no quadrado, as palavras que conhece.

- 1- alembamento balumuca banga banzelar bazar boatador
- 2- bunda bungular bocoar boelo bombó cacusso cabombear
- 3- cacimbo cachimbicar camba chindar caculo calundu cafuné
- 4- camone caximbeco coxilo cassua cabobo cambuta cafumbo
- 5- candando canjojar canjica capanga carimbo cassule cassumbular
- 6- catinga catato cassumuna cazucuta cazumbi comba cota
- 7- cuata cucumbar cunanga cunga curibota cutucar dendém
- 8- dicanza dicomba dikindar dipanda diquelengo

- 9-dissequetar dizumba fubulado funge imbambas jingar jingongo
- 10-jinguba jipalo kandandu kianda kibeto kigila kitaba kitadi
- 11-kituxi lengueno liamba mangonha marimba marimbondo
- 12-mbaco mbanji mbica mbila mbumbi milongo missanga mucotó
- 13-monangambé muamba mucanda mucutu mujimbu musseque
- 14- mutungo muxima muxoxo muzongué muzumbo ndengue
- 15-ngombelagem ngombelar ngutu nguzu nguimbo nguimbola
- 16-nzanzar quibeto quibua quibuzo quifutes quilombo quimbanda
- 17-quiringuila quitaba quituxe kizomba tebuelado tequetar totolar
- 18- sabular sanzaleiro(a) saluquinha semar sungar tutumbar vuzumunar
- 19- vuzar zucar xidi xinguilar zequeno zangular zongola

II- De acordo com as palavras que assinalou, conhece outras do mesmo género?

Sim Não . Se sim.

Quais? *Jundar, cubeta, muamba, cuzeca, macongo, dilata, zequeno, galala, d'bitto, macongo, diaoe, mbigi, dicalo, cuzeca.*